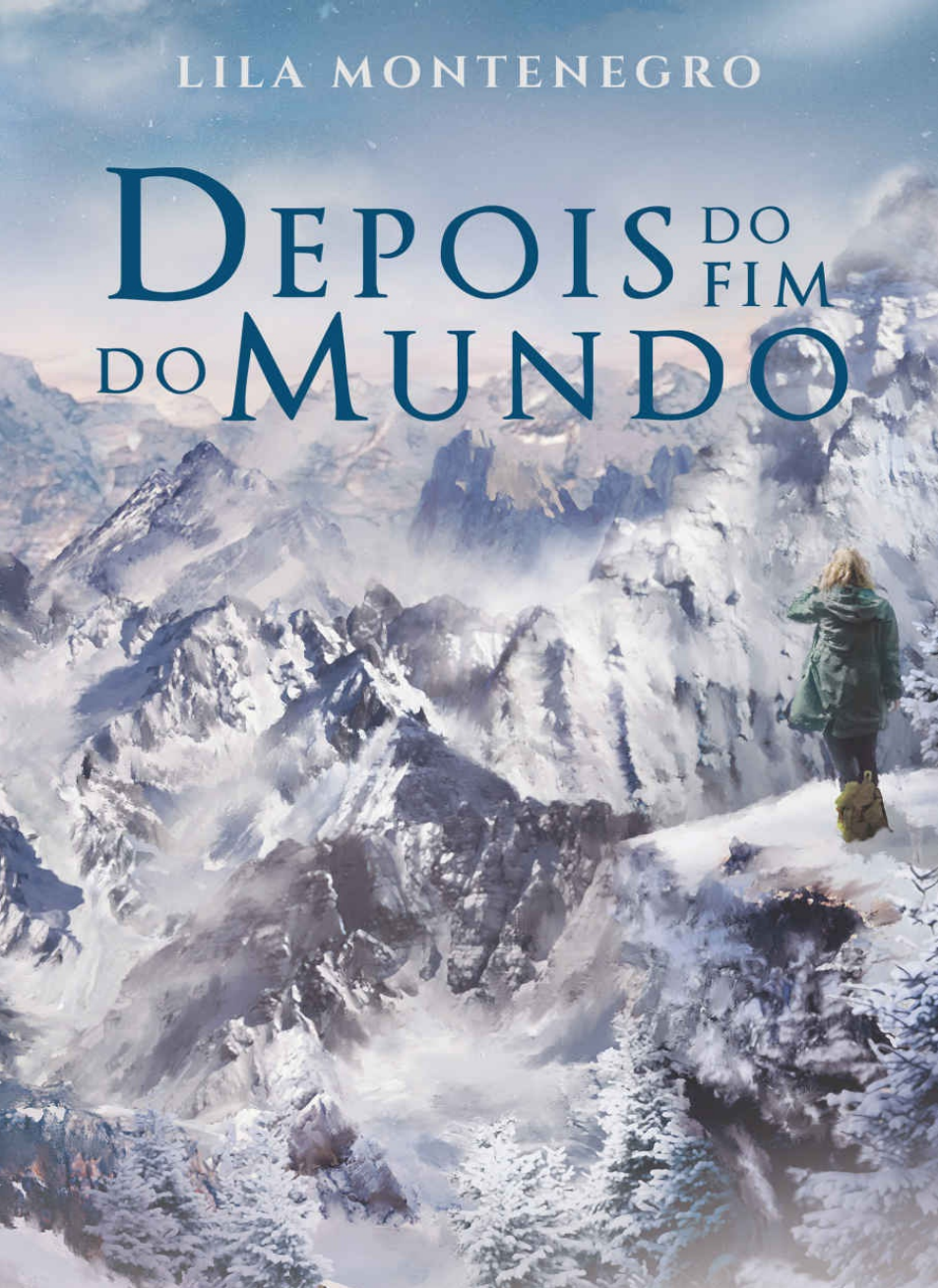


LILA MONTENEGRO

DEPOIS DO FIM DO MUNDO





LILA MONTENEGRO

DEPOIS DO FIM DO MUNDO



DEPOIS^{DO}_{FIM}
DO MUNDO

LILA MONTENEGRO

Copyright © 2017 Lila Montenegro

Capa: Fernanda Tális

Revisão: Ariane Lima

Diagramação Digital: Carla Santos

Todos os direitos reservados.

SUMÁRIO

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Sumário

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Agradecimientos

Biografía



CAPÍTULO 1

“Eu estava correndo. Mil coisas se passavam pela minha cabeça e tudo que eu conseguia fazer era correr, o mais rápido possível. Era como se tivesse uma energia dentro de mim querendo extravasar, estar livre. Passava por entre as árvores, sentindo o vento tocar meu rosto suavemente, passando por meus cabelos, que pareciam ainda mais loiros por causa do sol, e os jogando para trás, quase sendo impedidos de tocar as minhas costas. Já fazia um tempo que estava sendo acompanhada por uma única borboleta, que de certa forma me mostrava o caminho. Era tudo tão verde, tão lindo, mas eu não

queria parar para analisar a beleza do lugar, pois sentia uma vontade imensa de ir cada vez mais longe. Eu sabia que não estava sozinha, mas não tinha medo, pois sentia que de alguma forma estava sendo protegida. Como se a adrenalina que corria por minhas veias me pedisse para ir mais rápido, para me aventurar por lugares que nunca estive. Eu estava correndo por horas, sem me cansar, quase como se estivesse livre. Eu estava fazendo a coisa que mais gostava. Correr... E me sentia bem. De repente, ouvi alguém me chamando, uma voz que ecoava dentro da minha cabeça e vinha de um lugar bem distante, repetindo-se e ficando cada vez mais próxima e mais alta”.

— Lexi, Lexi! — Abri os olhos devagar, percebendo que a voz no meu sonho na verdade era James tentando me acordar. Balançando meu braço de leve, para que eu desse algum sinal de vida. — Levanta! Seu pai está aqui para falar com você.

Eu ainda pensava no sonho, não queria ter que voltar

pra realidade tão rápido assim. Pelo menos, não essa realidade em que eu vivia. Não consegui focar nas palavras dele logo que as ouvi, mas quando me dei conta do que ele havia dito, levantei, apoiando os cotovelos no colchão e sentando logo depois, ainda meio cambaleante por causa do sono.

— O que ele está fazendo aqui essa hora? — Minha voz deixava transparecer a confusão que sentia. Meus olhos agora conseguiam focá-lo, e aquela sensação de adrenalina do sonho estava voltando, mas não era algo bom. Sabia que alguma coisa estava errada.

— Eu não sei. — Ele me respondeu. — Mas parece urgente.

— O sol mal apareceu. — Afirmei, olhando por uma brecha que se formava na entrada da tenda em que eu dormia.

Observei James por um instante, percebendo que seu

semblante era tão preocupado quanto o meu devia estar. Os cabelos pretos estavam levemente arrepiados, mas era quase imperceptível devido ao comprimento dos fios, muito curtos. Pela sua voz sonolenta, havia acabado de se levantar da cama, ou nem tinha conseguido dormir, considerando o horário em que veio me acordar.

Eu não tinha certeza do horário exato, para falar a verdade, nos guiávamos apenas por uma pequena brecha na montanha que fazia com que o sol atingisse o chão a certas horas do dia. Podia dizer apenas que estávamos no começo da manhã e que meu pai nunca aparecia por aqui essa hora, ele dizia ser muito arriscado.

Além de relógio natural, a abertura na montanha era nossa única fonte de luz. Tirando pela luz da fogueira, é claro, que acendíamos durante a noite e durante o inverno, para que o frio da Montanha não nos atingisse tanto. Apesar de que tínhamos neve durante mais da metade do ano. Já estávamos tão acostumados que só sentíamos o frio quando as temperaturas estavam realmente baixas, ou

seja, no inverno.

— Fala para ele me esperar, vou tentar ser rápida. — Esperei que James saísse para que eu pudesse começar a me arrumar.

Ao levantar do colchão, me esforçava para fazer o máximo de silêncio possível. Sabia que Liz acordava por qualquer coisa e tinha o sono muito leve, não queria acordá-la tão cedo e estragar os seus sonhos assim como já fizeram com os meus. Eu caminhava bem devagar, tomando cuidado para pisar nos lugares certos ao atravessar a tenda, que não era tão grande assim. Na verdade, tínhamos espaço apenas para três colchões improvisados e uma pequena área onde colocávamos nossos pertences, que não eram muitos.

No buraco, forma como apelidamos o lugar onde morávamos, tínhamos três tendas iguais a essa e as dividíamos entre nós sete. As três meninas dormiam na mesma, enquanto os meninos dividiam as outras duas, dois

meninos em cada uma. Desde que as tendas chegaram, as deixamos em um canto, de frente para a fogueira, formando um semicírculo. Do outro lado da fogueira tinha um pequeno espaço aberto e uma parede de escalada, embaixo da abertura da montanha. Eram alguns suportes feitos de pedras e madeira, que acabavam muito próximos de onde a nossa janela natural começava. E logo depois da janela natural, podia-se ver o topo da montanha.

Eu tentava me arrumar o mais rápido possível, sem acordar as meninas. Coloquei minha nova calça preferida, que parecia ter se adaptado ao meu corpo depois de algumas lavagens, como sempre acontecia quando meu pai trazia roupas usadas para nós. Calcei as botas pretas por cima e vesti uma blusa verde simples, sem estampas, com uma jaqueta surrada do exército negro, que meu pai me dera quando fora promovido a chefe da guarda. A jaqueta era cinza escuro, com o emblema do exército negro do lado esquerdo do peito. O emblema vermelho e dourado tinha o desenho de uma arma cruzada na frente de um escudo, separando as iniciais E.N. do exército.

Fiz o caminho de volta, passando pelas mochilas que estavam jogadas no chão, espalhadas no canto onde eu estava. Nenhuma delas estava cheia, pois não costumávamos deixar nossas roupas dentro. Nós tínhamos um pequeno móvel de três estantes, onde colocávamos a maioria das nossas roupas, que não eram muitas. Dividíamos as prateleiras de acordo com nossa idade, e eu acabara ficando com a mais alta.

Passei entre o meu colchão e o de Vanessa, e abri a tenda o suficiente para que eu conseguisse passar, sem deixar muita luz entrar, e observei as meninas para ter certeza que ainda estavam dormindo, uma última vez antes de sair.

Não era à toa que chamávamos o lugar que vivíamos de buraco, pois literalmente, era o que se parecia. Morávamos em segredo no centro de uma montanha que tinha sido escavada há muito tempo, antes de os governantes e o resto do nosso povo terem se mudado para o leste e a abandonado. Meu pai diz que eles não

moram mais dentro de montanhas hoje em dia. Agora estão construindo iglus gigantes que parecem com grandes mansões feitas totalmente de gelo. Não duvido muito que isso seja possível.

Meu pai me esperava do lado de fora, a alguns metros de onde eu estava. Em pé com as mãos nos bolsos, perto da saída, que era uma porta de metal que dava para os túneis e para lugares que eram proibidos para nós se quiséssemos sobreviver.

— Desculpe por ter te acordado tão cedo. — Ele me abraçou de lado, como sempre fazia. Eu não esperava mais do que isso, afinal, ele sempre fora muito frio. — Precisava falar com você. — Ele parecia mais velho, o rosto tinha ganhado algumas rugas e os cabelos loiros alguns fios brancos.

— Não tem problema. — Tentei não parecer preocupada, pois de certa forma pensei que isso fosse me deixar mais responsável. Como se ele pudesse confiar

mais em mim. — O que aconteceu?

Não queria ser tão direta, mas a curiosidade sempre me vencia. Mil coisas passavam por minha cabeça, apesar de me sentir segura aqui, ultimamente tínhamos tido problemas suficientes para eu poder esperar o pior.

— Você já deve saber o porquê de eu estar aqui. — Ele começou a falar. E estava certo, eu já imaginava o motivo da visita dele e não gostava nem um pouco.

Nos últimos anos meu pai não tinha conseguido transportar tantos recursos para a gente, por isso precisamos diminuir consideravelmente a quantidade de alimentos que estávamos consumindo para poder sobreviver. Tivemos que começar a racionar, assim como o povo da montanha. Também começamos a receber menos roupas e tivemos que dividir ainda mais do que já tínhamos.

— Eu não sei quanto tempo poderemos continuar com

isso. — Ele disse e sua voz um pouco fraca, como se estivesse lutando para não arrancar aquelas palavras da própria boca, e não tivesse outro jeito. Isso me preocupava mais ainda, pois era um sinal de que já guardava aquilo por um tempo. Eu conhecia meu pai, ele sempre tentava resolver tudo sozinho antes de falar com a gente. — Anika descobriu sobre o desvio de recursos e está procurando o traidor.

— Você não pode estar falando sério.

— Eu também não queria que fosse verdade.

Sim, ele era o traidor. Mas nós éramos os culpados. Tremi, percebendo aonde ele iria chegar. Teoricamente, devíamos ter morrido ao nascer, pelo simples fato de não sermos primogênitos. Mas fomos escondidos e graças ao meu pai e aos nossos familiares que mantiveram o segredo, estamos vivos até hoje. Meu pai teve que fazer muitos sacrifícios para cuidar de nós e um deles era roubar os recursos da montanha. Era muito arriscado, mas

não teríamos sobrevivido se ele não fizesse isso.

— Então não temos muito tempo até que Anika descubra sobre nós. — Suspirei, tentando manter a calma.

— Eu sinto muito, filha. — Ele colocou a mão no meu ombro, tentando de alguma forma me reconfortar.

Anika era a pessoa mais importante e influente do Norte. Era a nossa líder desde que me conheço por gente. Ela vem de uma das famílias mais ricas que sobreviveram ao desastre e as guerras. Sua família fundou as montanhas de gelo, abrigando mais de oito mil pessoas na época e formando o povo do Norte. Ainda hoje, sua família ocupa os cargos mais influentes.

— O que vamos fazer? — Perguntei, enquanto lutava para que meus olhos não enchessem de lágrimas. Tudo que eu tinha vontade de fazer agora era voltar para aquele sonho e esquecer a minha realidade, mesmo que por alguns segundos. — Eles vão nos encontrar. — Tentei não

deixar transparecer o modo como eu me sentia. Como se o chão tivesse desaparecendo debaixo dos meus pés e eu pudesse cair a qualquer momento. Como se minha vida nunca mais fosse ser a mesma. — Você acha que iriam desconfiar de você? Talvez você consiga passar despercebido. Ninguém desconfiaria do chefe da guarda né?

— Eu não sei. — Foi tudo que ele respondeu.

O meu pai era o chefe do exército negro, e tinha a missão de proteger Anika e os outros governantes, ou seja, as pessoas mais importantes da montanha. O exército negro era formado por alguns soldados escolhidos a dedo para serem treinados desde os dezesseis anos e aprenderem a dar prioridade à vida dos seus representantes, colocando-as na frente da própria vida deles e protegendo-os como se fossem parte da família. Ainda agradeço por meu pai não ter aprendido tudo ao pé da letra, caso contrário nós não estaríamos aqui.

— Lexi, vocês vão ter que fugir. — Meu pai falou, depois de um momento de silêncio.

— Como assim? — Tentei manter o rosto neutro, mas sabia que estava falhando.

— Não podemos deixar que descubram sobre vocês.

Eu sabia que era necessário. Sabia que todas as suas palavras eram necessárias, mas não queria ter que acreditar.

— Não temos para onde ir. — Não sabia mais o que pensar. Apenas olhava para ele, imóvel. — Vamos morrer lá fora. — Queria que ele me ouvisse e de alguma forma encontrasse uma solução diferente. Mas era impossível. Não havia uma solução diferente.

Por conta da escassez de recursos, os Montanhesez tiveram que criar regras para que nunca faltasse nada para o seu povo. Uma delas foi a “regra do filho único”, em que só seria permitido um filho por casal e todos os filhos

que nascessem depois seriam mortos. Os pais que escondessem seus filhos passariam por um julgamento que decidiria entre pena de morte e prisão perpétua. Graças ao meu pai, nós sete estávamos vivos.

Todos os nossos pais e irmãos sabem da nossa existência, sendo confiado a eles esse segredo que poderia nos matar. Mas apesar disso, só existem duas pessoas que tem acesso a nossa montanha, e que sabem da nossa localização. Meu pai e a mulher que cuidou de nós até que tivéssemos capacidade de nos cuidar sozinhos. Porém, nunca soubemos sua verdadeira identidade.

Ela estava sempre usando tecidos sobre o seu rosto para que não pudéssemos reconhecê-la e nunca disse o seu nome, tudo que falava era que podíamos chamá-la de Jane. Mas sabíamos que aquele não era seu nome verdadeiro. Meu pai diz que ela é uma pessoa de confiança, mas seria muito arriscado se a descobrissem.

Principalmente por ter passado tanto tempo com a

gente, suas chances de ser descoberta eram maiores, diferente do meu pai. Mas apesar de nunca termos conhecido sua verdadeira identidade, nós a acolhemos como mãe, pois ela era a pessoa mais doce que já conhecemos. Sempre paciente com todos nós, se não fosse por ela, não estaríamos aqui.

— Precisam ir para as ilhas, é o único jeito. — Ele disse.

— Não pode ser o único jeito! — Meu tom era uma mescla de raiva e desespero. Já não conseguia mais fingir meus sentimentos. Não teríamos chance alguma lá fora.

— Você sabe o que acontecerá se ficarem. Todos morrerão. Vocês e as suas famílias. — Ele se lamentava por ter que falar aquelas coisas, pois ele sabia que não éramos realmente culpados.

— Se formos para as ilhas eles nos matarão! — Fui impulsiva, mas tentei falar o mais baixo possível. Não

queria que ninguém além do meu pai me ouvisse. — Você sabe disso!

Ainda não conseguia acreditar nas palavras do meu pai. Por mais que eu tivesse esperado esse dia por muito tempo, o dia em que finalmente sairíamos dali, eu não sabia que seria daquela forma, ou melhor, não queria acreditar que seria daquela forma. Mas não tínhamos outra opção. Se ficássemos, Anika nos descobriria. Ele estava certo.

Eu sempre quis conhecer o mundo. Meu pai sempre me falava sobre as árvores, sobre as montanhas de gelo, sobre os animais, sobre os aromas das flores quando se caminha pelas florestas, e os oceanos, que se arrastam até onde não se pode mais ver. Mas eu tinha sido muito ingênua, é claro que teria que ser daquele jeito. Era o único jeito.

— São eles ou o povo do deserto. — Ele não podia estar totalmente louco em nos lançar no meio do mundo.

Pelo menos eu ainda tentava me agarrar a isso. — Não podemos ter certeza de que o povo das Ilhas irá acolher vocês, mas sabemos que eles são os únicos que têm recursos suficientes para isso. — Ele parecia um pouco mais tranquilo, de certa forma. Talvez não quisesse mostrar como realmente estava se sentindo. Queria mostrar confiança. — Vocês precisam tentar. Precisam dizer que são inimigos das montanhas. Falem toda a verdade, quem vocês são exatamente. — A cada palavra dele eu sentia que a nossa situação ficava pior. Mas ao mesmo tempo, eu sabia que teria que encontrar coragem de onde não tinha para poder não preocupar tanto os outros. Afinal, me sinto responsável por eles, por ser a mais velha.

— Eu só espero que eles nos aceitem. — Falei, sem conseguir mostrar confiança naquelas palavras.

— É muito arriscado, mas é minha única esperança. — Falou olhando nos meus olhos.

— E se nos transformarem em escravos? Teremos que trabalhar para eles para o resto da vida! — Eu sabia que não precisava ter falado aquilo e que o meu pai não tinha controle sobre nada do que estava acontecendo, mas eu precisava mostrar a realidade e ainda tentava fazê-lo mudar de ideia, por mais que não tivesse como.

— Se falarem que são inimigos da montanha... Se falarem a verdade, eles poderão acolhê-los como amigos. E de qualquer forma, vocês estarão vivos. — Foi tudo que ele conseguiu responder, mas dessa vez, não me olhava mais nos olhos. Parecia estar procurando alguma coisa em sua mochila, que estava perfeitamente organizada com materiais de trabalho. Conhecendo ele, não foi o responsável por aquela arrumação. — Este é um mapa com todas as localizações dos três povos e te dará as melhores rotas, para que saiba qual caminho seguir. — Ele segurava um pergaminho, todo enrolado e preso por um elástico resistente, pelo que pude perceber. — Vocês têm uma semana para se preparar. Na próxima quarta-feira, será o discurso de Anika e todos estarão

concentrados na montanha principal. É sua chance. — Ele parecia sério.

— Como vamos manter contato? — Falei com um tom de preocupação. Eu teria que aceitar aquela loucura, ele não desistiria da ideia. Assim como a gente, ele não tinha escolha. — É possível?

— Tem um rastreador no mapa. — Ele abriu o mapa e me mostrou, no canto inferior direito dele, uma luz vermelha. — Quando essa luz estiver piscando, eu estarei acompanhando cada passo que derem. Tenho um mapa exatamente igual a esse e estão conectados. Sempre saberei onde estão. E quando chegarem as ilhas, eu estarei trabalhando em uma forma de chegar até vocês. Vai dar tudo certo. — Após me entregar o pergaminho, ele me abraçou novamente, mas dessa vez foi diferente. Ele colocou seus braços em volta de mim, como se tivesse o poder de me proteger do que estava por vir. — Lembre-se, eu te amo!

— Eu também! — Falei sentindo um nó na garganta.

Ficamos abraçados por algum tempo, coisa que meu pai nunca fazia por mais de um segundo. E então ele se despediu. Eu acompanhei os seus passos até passar pela porta da saída, sumindo por dentro dos túneis enquanto a porta se fechava atrás dele. Além daquela, havia apenas mais uma saída que provavelmente seria o lugar por onde iríamos fugir: a abertura da montanha, acima da parede de escalada.

Poderíamos usar a corda que liga a parede de escalada a abertura, pois não ficavam tão distantes um do outro. Quando meu pai nos ajudou a construir a parede, não pensamos nisso, afinal éramos crianças e queríamos apenas nos divertir com uma nova parede de escalada. Mas quando atingimos uma idade em que podíamos raciocinar sobre esse tipo de coisa, percebemos que seria um ótimo ponto para escapar, se um dia precisássemos. Nunca pensei que esse dia chegaria.

Eu não conseguia parar de pensar na conversa que tivera com o meu pai. Cada palavra. Nós iríamos ter que atravessar o Mundo Novo, de Norte a Sul, para chegar às ilhas. As palavras dele se repetiam em minha mente, cada vez mais rápido, e meu coração acompanhava o ritmo das palavras. Alguns minutos haviam se passado desde que o vi sumir pelo corredor, mas eu ainda estava no mesmo lugar, intacta. Precisava da única pessoa que conseguiria me acalmar.

Comecei a andar na direção da tenda do James, podia ouvir algumas vozes por dentro das outras tendas, o que me dizia que todos já estavam acordando. Pensava em cada um deles, em como faria para contar que suas vidas estavam prestes a mudar. Precisava falar sobre tudo que havia conversado com o meu pai, não havia segredos entre nós. Éramos como irmãos. Teria que avisá-los sobre a realidade, avisá-los que poderíamos não sair vivos dessa.



CAPÍTULO 2

Ao entrar na tenda dos meninos, deparei-me com James e Mitt conversando. Os dois pareciam tensos e se viraram para mim assim que apareci. Acredito que Mitt também já sabia sobre a visita inesperada do meu pai, e assim como o James, esperava uma resposta sobre o que havíamos conversado.

Pelo visto, os dois passaram um bom tempo especulando sobre o que estávamos falando. E pela minha cara, iriam descobrir que não era coisa boa.

A tenda que James dividia com o Mitt era mais ou menos do mesmo tamanho da nossa, mas conseguia ser muito mais bagunçada. Eles tinham uma mesa no canto, que quase não tinha espaço para nada, pois eles colocavam praticamente todos os seus pertences em cima. E a pequena estante no fundo, que servia para as roupas, ficava vazia na maioria das vezes. No máximo, podiam-se ver algumas meias. Normalmente, as roupas ficavam jogadas perto dos respectivos colchões, ou na própria mesa.

Mitt Clearwater era o terceiro mais velho, com dezessete anos, mas às vezes parecia ser bem mais novo. Talvez por ser brincalhão demais e por não conseguir levar nada a sério. Apesar disso, hoje parecia diferente, tinha um semblante mais sério. Ele tinha noção de que algo estava para acontecer.

— Eu preciso que você fale com todo mundo. Teremos uma reunião. — Falei para o Mitt, respirando fundo enquanto sentia meu pulso cada vez mais rápido.

— Nossa situação é muito ruim? — Ele perguntou, levantando-se do colchão onde estava sentado e caminhando na direção da saída da tenda. Os cabelos loiros e a franja na altura das sobrancelhas estavam mais bagunçados que o normal.

— Vai dar tudo certo. — Foram as únicas palavras que consegui dizer antes que ele saísse. As mesmas que o meu pai havia usado para tentar me acalmar, mas já sabia que não funcionava. Eu estava apenas tentando convencer a mim mesma de que aquela era a verdade. Sem muito sucesso, é claro.

James me observava, sabia que tínhamos um problema grande pela frente e que seríamos os responsáveis por ele. Por termos sido os primeiros a chegar, automaticamente recebemos esses títulos de liderança, simplesmente pelo fato de que, como mais velhos, sempre cuidamos de todos. Desde crianças, nos sentíamos responsáveis e assumíamos nossa responsabilidade quando havia algum problema, quase sempre com sucesso para resolver tudo,

formávamos um bom time.

Na verdade, Vanessa quase sempre nos ajudava. Apesar de ser dois anos mais nova, com dezesseis, era muito responsável. Mas dessa vez era diferente. Eu não tinha mais certeza de nada. Não queria estar nessa posição. Eu não sabia a solução para o que estava por vir.

— Temos um problema. — Não falei nada mais do que o óbvio. Acreditava que seria mais fácil começar assim, para ter mais tempo e conseguir falar a coisa certa. Apesar de achar que não tinha jeito fácil de falar isso.

Com o mapa em minhas mãos, caminhei até onde ele estava para que ficássemos mais próximos. De frente para ele, eu falei em um tom que sabia que os outros não escutariam, por mais que tivessem que ouvir a notícia mais cedo ou mais tarde.

— Na verdade... — Respirei fundo, tentando manter a calma, mas podia sentir meu coração batendo cada vez

mais rápido. Precisava passar a notícia da melhor forma possível, mas não sabia se realmente existia uma forma melhor do que a verdade. — É um problema muito maior do que qualquer outro que tivemos que enfrentar. Mas podemos dar um jeito. Sempre conseguimos... — Minha voz ficava mais fraca à medida que terminava a frase. Não conseguiria mentir pra ele.

— Pode falar. — Ouvia as palavras de James, que de certa forma me tranquilizavam, pois significava que podia contar com ele. James era o único que conseguia realmente me passar confiança e eu precisava disso antes de dar a notícia para os outros.

— O governo descobriu sobre o desvio de recursos. — Ele me escutava atentamente, absorvendo cada coisa que eu falava. E talvez como eu, quando meu pai me contara, não queria acreditar que fosse verdade. — É uma questão de tempo até que descubram o meu pai... — Fiz uma breve pausa. Era difícil falar em voz alta. Parecia que quando estava só nos meus pensamentos, não era

verdade.

— E então eles irão procurar o motivo desses desvios.
— James completou, com um breve suspiro entre suas palavras. — E nos acharão. — Ele sempre fora muito direto com tudo. E estava agradecida por ele ter falado aquilo, e não eu.

Por mais incrível que pudesse parecer, ele era muito otimista. Então, eu ainda tinha esperança de que fosse fazer com que eu me sentisse melhor.

— Teremos que fugir antes que isso aconteça. — Era uma tortura ter que tirar aquelas palavras da minha boca, assim como deveria ter sido para o meu pai. Mas ele estava certo, não poderíamos desistir tão fácil. Tínhamos que tentar alguma coisa, e nossa única opção de sobrevivência era manter a calma. Precisávamos pensar sobre como sairíamos dali. E tínhamos sete dias.

— Precisamos nos preparar. — James falou. Seu

semblante agora parecia mais pensativo do que cheio de preocupação. Como eu, ele não aceitava desistência. — E precisamos manter a calma. — Ele olhou nos meus olhos, transmitindo toda a confiança que ainda tinha.

— Tudo bem. — Era tudo o que eu conseguia responder, enquanto processava milhões de coisas ao mesmo tempo.

— Vamos lá conversar com os outros. Eles podem ajudar e precisam saber da verdade. — Seu tom ainda era tenso, mas tinha esperança em sua voz. Eu não sabia como ele conseguia manter a calma nessas horas. Ele tinha que estar explodindo por dentro, assim como eu.

— Certo. — Falei com um nó na garganta.

— Vai ficar tudo bem.

— Estou com medo.

Olhei para ele, meus olhos se encheram de lágrimas.

Eu não gostava de mostrar minhas fraquezas para ninguém, mas na frente dele, eu não iria conseguir. Não dessa vez. Ele era o mais próximo de mim e era como um irmão de verdade. Não que os outros não fossem como irmãos, mas ele era diferente. James realmente conseguia me entender. E para os outros, eu tirava coragem de onde não tinha para que eles se sentissem mais seguros. Eu sabia que era melhor assim. Eu tinha que parecer forte para eles, por mais difícil que fosse. Mas não aqui. Não agora.

— E tenho medo pelos outros. — Desviei o olhar. Não conseguia mais prender o choro. — E se não conseguirmos protegê-los lá fora?

— Lexi, nós sempre damos um jeito. — Ele tentava me convencer, mas eu não tinha certeza se conseguia convencer a si mesmo. — Eles não são tão indefesos assim. Vão nos ajudar também.

— Espero que não aconteça nada com ninguém.

— Eu também. — James parecia triste. Eu conseguia perceber, mesmo sem ele querer demonstrar. Nós nos conhecíamos a tanto tempo que eu simplesmente sabia. — Vou fazer o máximo possível para que nada aconteça. — Ele parou, pensou um pouco e completou. — Nós vamos conseguir. Estaremos todos juntos enfrentando mais um problema. Sempre foi assim.

Não sabia mais o que dizer. Esse não era um problema qualquer e ele sabia disso. Por mais que eu continuasse tentando me convencer que ia dar tudo certo, talvez eu acabasse acreditando em algum momento.

Sentia as lágrimas escorrerem pelo meu rosto, não conseguia contê-las e não queria ter que contê-las. Talvez, se não as deixasse cair, o meu corpo iria entrar em colapso por dentro. Eu não iria mais funcionar.

Pensava em cada um dos meus amigos, em como nossas vidas mudariam para sempre. Nunca mais poderíamos voltar para a montanha e a chance já quase

inexistente que tínhamos de conhecer nossas famílias, iria se perder.

Os braços de James me envolveram em um abraço forte, como ele sempre fazia comigo nas situações em que palavras não bastavam. Eu o abracei de volta, tentando não pensar em mais nada. Precisava daquele momento para poder parecer forte na frente dos outros, e com James, podia mostrar que a minha coragem muitas vezes não era real. Conseguíamos força um do outro e assim passávamos confiança aos mais jovens.

Foi então que comecei a pensar no sonho que tinha tido naquela manhã. Pensei na floresta, naquela borboleta que me guiava por todo o caminho. Em como tudo aquilo era lindo. E de repente aquele sentimento de segurança me atingiu novamente e por um momento consegui esquecer o que estava acontecendo. Eu me sentia protegida nos braços do James. Fechei os olhos e parei de chorar, limpando o resto das lágrimas e respirando fundo, deixando que minha pulsação voltasse ao seu ritmo

normal. Voltava à realidade, mas me sentia melhor.

— Todos estão prontos. — Mitt falou, aparecendo na tenda rapidamente e depois voltando para perto da fogueira.

Ele parecia tenso, eu mal pude reconhecê-lo. Após ouvi-lo, confirmei com a cabeça e andei em direção à saída, com o mapa em mãos. James vinha logo atrás de mim.

Todos estavam à nossa espera. Sentavam-se espalhados ao redor da fogueira, que no momento era formada apenas por alguns pedaços de lenha caídos, envolvidos por cinzas. Não falavam muito e se calaram assim que James, o último a sair da tenda, apareceu e se sentou.

Tínhamos bancos disponíveis para que todos pudessem se sentar, mas como sempre, Luke e Alex insistiam em sentar no chão. Os dois sempre foram melhores amigos,

apesar de serem muito diferentes um do outro. Luke era um garoto baixinho com cabelos pretos e meio ondulados, não muito longos. Já Alex era o mais alto entre nós e tinha os cabelos ruivos, cheios de cachos. Os dois tinham sido os últimos a chegar ao buraco, e Luke, que tinha quatorze anos, era um ano mais novo que Alex.

— E aí? — Luke não conseguia controlar sua curiosidade. — O que é que vocês têm para falar pra gente?

Mitt e Vanessa estavam em um canto conversando, mas logo pararam para nos ouvir também. Eles se sentaram perto do James, que parecia tranquilo, concluindo com êxito a tarefa de não demonstrar o que realmente sentia. Ele era mestre nisso. Apesar de que não conseguia me enganar. Estava tão preocupado quanto eu e também não queria ter que estragar o dia de todos.

Me juntei a eles, sentando ao lado de Liz. Ela era a mais nova das meninas, com quinze anos, apesar de ter só

um ano de diferença com relação à Vanessa. Ela tinha a pele muito branca e os cabelos pretos, que iam até a cintura. Na maioria das vezes, estavam soltos. Nós éramos muito próximas, pois a via como uma irmã mais nova que nunca tive. Ela era a última pessoa que eu queria ter que enfrentar nessa hora para dar a notícia que estava prestes a dar.

— Está tudo bem? — Os grandes olhos castanhos de Liz me encaravam. Tentei não encará-la de volta.

Eu olhava para Vanessa, que estava bem de frente para mim, enquanto respirava fundo. Na maioria das vezes, nós não nos entendíamos muito bem. Talvez por termos visões muito diferentes sobre o mundo e quase nunca concordarmos em nada. Estávamos sempre discutindo e eram discussões que quase sempre se tornavam brigas. Mas por mais incrível que parecesse, às vezes achava que essas discussões nos deixavam mais próximas uma da outra. E de qualquer forma, sabia que poderia contar com ela para tudo, assim como ela poderia contar comigo. Eu

sabia que ela era sincera comigo independente de qualquer coisa. Na verdade, era muito sincera com todos e talvez por isso que discutíamos também, pois ela nem sempre falava o que as pessoas queriam ouvir. Mas sempre tínhamos certeza de que estava sendo verdadeira.

— Meu pai veio aqui de manhã cedo... — Comecei a falar, minha voz ficando gradativamente mais alta. — E ele não trouxe notícias muito boas com ele.

Ainda olhava para Vanessa enquanto falava e ela confirmava com a cabeça para cada palavra que ouvia. Seus cabelos eram castanhos e seu rabo de cavalo usual acompanhava o ritmo da sua cabeça. Não queria ter que olhar para Liz em nenhum momento, então tentava me controlar para que não o fizesse. Esperava continuar com a mesma confiança até passar a mensagem inteira. Não queria ver sua reação.

— Descobriram que tem alguém desviando recursos da montanha. — Alex e Luke começaram a murmurar entre si,

falando baixinho. Continuei. — Eles ainda não sabem quem é. Mas... — Fiz uma breve pausa, respirando fundo para manter a calma enquanto falava. — Se descobrirem o meu pai... O povo do Norte tentará descobrir o porquê dos desvios. E então, seremos os próximos.

— Eles vão nos descobrir também. — Luke interrompeu, mas não parecia estar com medo.

— Vamos morrer! — Alex veio logo depois, fazendo alarde, mesmo que sem querer. Ele sempre fora muito medroso e se desesperava antes de todo mundo.

Todos começaram a falar na mesma hora, uns com os outros, indignados. Assim como eu, quando ouvi do meu pai pela primeira vez. Era uma briga de vozes para ver qual se sobressaía. Eu não sabia se prestava atenção no todo, ou se focava em alguém em específico, então simplesmente me desliguei, esperando que aquilo tudo acabasse.

— CALEM A BOCA! — James finalmente resolvera dar o ar da graça e todos o ouviram em alto e bom tom, calando-se em questão de segundos. — Precisaremos trabalhar juntos se quiserem sobreviver. E teremos que manter a calma para isso.

— O que podemos fazer sobre isso? — Alex havia se levantado e mantinha as mãos na cabeça. Ele andava de um lado para o outro, incansável. — Teremos que fugir daqui, certo? Isso é óbvio. Não teremos chance alguma se ficarmos. A probabilidade de sermos encontrados é...

— Estão pensando em fugir para onde? — Vanessa perguntou, interrompendo o Alex e olhando diretamente para mim. E então percebi que todos os olhares se concentravam no mesmo lugar.

— Vamos para as ilhas. — Falei.

Eles voltaram a falar, todos ao mesmo tempo. Menos Liz. Só agora eu tinha tomado coragem para observá-la.

Estava quieta. Não se mexia. Não falava uma palavra. Comecei a sentir aquele desespero de novo. Aquele sentimento de confiança que o James tinha me passado começava a sumir. Virei a cabeça a tempo para não deixar que aquilo tomasse conta de mim. Meus olhos voltaram a se concentrar em Vanessa. Lembrava a mim mesma que precisava manter o foco e ser objetiva.

— É a nossa única opção. — James completou, querendo me apoiar.

— Eles não vão nos aceitar. — Mitt rebateu.

— Vão querer nos matar. Assim como fizeram com aqueles que tentaram entrar nas ilhas. Vocês não se lembram das histórias que o Peter nos contava? — Vanessa falou. Alex e Mitt pareciam concordar com ela, pois pararam com as conversas paralelas para prestar atenção no que ela dizia.

Ela estava certa. Meu pai nos contava histórias sobre

como o povo do Deserto estava sempre tentando entrar nas ilhas, famílias inteiras que tentaram fugir da fome e da vida terrível que viviam. Inclusive, houve uma história que ele contara a um tempo atrás, de três homens que tentaram fugir do Norte para as ilhas. Mas até hoje não entendo porque alguém iria querer fugir daqui do Norte. Enfim, ninguém nunca conseguiu entrar nas ilhas. Aqueles que tentaram não foram aceitos. E não só isso, todos foram mortos para servir de exemplo para os próximos que fossem ter a mesma ideia. Apesar disso, eu tinha que me manter firme, pois querendo ou não, realmente estávamos sem opção.

— Você não acha que iríamos conseguir viver lá fora por conta própria, não é? — James a questionou, direto como sempre. — Precisamos deles para sobreviver. — E então olhou para mim, esperando que eu continuasse.

— Ou vocês preferem ficar com o povo do deserto? — Perguntei. Aos poucos, percebia que eles mudavam de opinião, aceitando que não tinham escolha. Vanessa não

falava mais nada e eu sabia que ela não tinha sido convencida ainda. Ou talvez, não queria demonstrar que tinha sido. — Além do mais... Nós somos diferentes. Não fazemos parte de povo algum. Temos que falar que somos inimigos do povo das Montanhas do Norte.

— E o Peter sempre nos falou que as pessoas recusadas eram da região do Deserto de Hailak... Faz até um pouco de sentido o fato de que eles não querem aceitar o inimigo em suas terras. — Alex se levantava para falar.

— Isso é verdade. — Mitt comentou as palavras do Alex.

Os Nativos, ou Povo das Ilhas, moravam em um complexo de ilhas no sul e essas ilhas formavam um círculo mal feito, com uma ilha enorme no centro, a chamada ilha Central, onde morava o seu povo. Eles eram os mais ricos em recursos, porém não eram muito amigáveis. Já o povo do Deserto, era muito pobre em recursos. Depois que seus rios secaram, a maior fonte de

recursos deles agora eram as águas do Sul. Mas para colocar as mãos nas águas dos rios do Sul, o povo do Deserto tinha que invadir as fronteiras das ilhas, o que acabou gerando uma guerra que já se arrasta por muito tempo.

— Nós não somos inimigos deles. Só precisamos saber o que vamos falar. — Falei, tentando usar um pouco mais da confiança que o James tinha me passado. — Eu acredito que nós temos chance de sermos aceitos. — Ou pelo menos tentava acreditar.

— E se a gente contar a nossa história? — Luke falou e ele não parecia tão preocupado quanto os outros. Apesar de ser o mais novo, era um dos mais corajosos. — Podemos explicar nossa situação.

— Se falarmos de onde nós viemos, mas falarmos que o povo da montanha não sabe que existimos, eles podem nos aceitar como iguais. Apesar de termos crescido aqui, nunca fizemos parte desse povo. — Alex completou.

— É o que esperamos... Que eles nos aceitem simplesmente por sermos quem somos. — Vanessa comentou, e pela primeira vez, parecia ter aceitado a minha opinião e não foi tão cabeça dura. — Mas eu ainda acho que poderíamos ter um plano B caso eles não nos aceitem. — Tirei conclusões cedo demais.

— Se não nos aceitarem, não vamos viver para um plano B. — Alex falou, e podíamos sentir o medo em sua voz.

— O pior é que ele está certo. — James continuava. — Temos que nos agarrar a esse único plano e esperar que eles aceitem que somos inimigos do Norte. Afinal, é a mais pura verdade. — Ele voltou a se sentar.

Eu observava a todos, inclusive Liz, que ainda parecia indiferente. Parecia que ela não estava presente no local, pois apesar de estar ali fisicamente, estava distante. Imune a tudo que ouvia. Como tivesse se fechado ao que estava acontecendo. Simplesmente não podia acreditar. Todos

nós sabíamos que esse dia ia chegar, mas assim como eu, ninguém acreditava.

— O Peter falou mais alguma coisa? — Mitt quebrou o silêncio, que se arrastara por alguns segundos.

Olhei para o mapa em minhas mãos e me lembrei do que o meu pai falara, sobre o rastreador. Aquele mapa era nossa esperança de chegar às ilhas a salvo, desviando das rotas inimigas. Com isso, poderíamos saber exatamente por aonde ir, e com o rastreador saberíamos que não estávamos sozinhos. Meu pai seguiria todos os nossos passos.

— Ele nos deixou isso. — Tirei o elástico do mapa e comecei a desenrolá-lo, abrindo-o para que todos vissem. — É um mapa do Mundo Novo. Tem um rastreador aqui no canto. — Apontei para o canto do mapa onde tinha uma luz vermelha redonda. — E sempre que o meu pai estiver nos acompanhando pelo mapa dele, essa luz ficará piscando.

— Por que demorou tanto para falar algo tão importante? — Alex perguntou, parecendo um pouco mais aliviado. — Essa informação muda tudo.

— Uma coisa de cada vez. — James respondeu por mim e então piscou rapidamente na minha direção, com um sorriso. Eu não sabia como ele conseguia ficar tão tranquilo em uma situação dessas. Talvez ele estivesse feliz, por finalmente podermos sair do buraco.

Coloquei o mapa aberto no chão a minha frente, e nós nos aproximamos para estudá-lo. Estávamos sentados no chão, observando o mapa curiosamente, em silêncio. Alex tinha razão, eu podia ter falado sobre o mapa antes. Era uma notícia que de certa forma servia para tirar um pouco o peso da outra. Saber que não estávamos completamente às cegas. Tínhamos um caminho mais seguro a trilhar, o que era mais provável que conseguiríamos chegar às ilhas.

Depois de algum tempo, percebemos que cada ponto

laranja no mapa era um ponto de perigo, ou seja, provavelmente seriam pontos onde poderíamos encontrar o Povo do Deserto. Eles ficavam espalhados pelo centro do mapa, onde estava localizado o Deserto de Hailak. Podíamos ver as ilhas ao Sul e as Montanhas no Norte. Tinham mais algumas terras, como o extremo oeste ou alguns pontos no leste que não eram ocupados por nenhum dos povos.

O mapa era feito de um material envelhecido para que parecesse um pergaminho quando fechado. Mas na verdade, quando estava aberto, podia-se ver pela frente dele sua parte elétrica que fazia com que tudo funcionasse.

— Como funcionam esses emblemas? — Luke perguntou curioso, apontando para os emblemas do exército negro que estavam no mapa.

Podíamos ver dois emblemas de cores diferentes, iguais ao do casaco que eu estava vestindo, com uma arma cruzada na frente de um escudo. Um era dourado e o outro

vermelho, cores que representavam o exército, junto com o preto, que estava presente nos dois emblemas. No momento, os emblemas estavam muito próximos um do outro, porém o dourado estava mais a leste, na montanha principal, que era onde o meu pai ficava.

— Eles indicam onde nós estamos. — Vanessa explicou, apontando para as montanhas. — Ou melhor, onde o nosso mapa está. — Ela franziu as sobrancelhas e continuou. — Acredito que os emblemas irão se mover junto com o mapa e é dessa forma que o Peter saberá onde estamos.

— E poderemos saber onde ele está também. — Alex completou.

Eu não tinha parado para pensar nisso, mas o mapa era a resposta para quando eu iria encontrar o meu pai de novo. Afinal, eu saberia quando ele estivesse em missão, ou quando passasse perto das ilhas.

— Precisamos encontrar o melhor caminho para seguir. — Liz falou finalmente. Todos se viraram para ela, que tinha estado calada até o momento. — Vamos evitar ao máximo qualquer tipo de conflito com o povo do Deserto. — Ela parecia imparcial a tudo que estava ouvindo. Não sentia nada, mas eu sabia que por dentro ela estava explodindo.

— Será que... — Alex apertou a luz vermelha, que aparentemente era um botão. Várias linhas surgiram pelo meio do mapa, linhas prateadas que pareciam flutuar no papel, como uma espécie de holograma. — Como imaginei! Essas aqui são as rotas que podemos seguir. Esse botão é a fonte do mapa, onde toda a parte elétrica está concentrada!

— E algumas dessas linhas estão sofrendo interferências pelos pontos laranja. — Vanessa continuou. — Mas nós poderíamos mudá-las. — Eu não sabia como eles conseguiam pensar nesse tipo de coisa sem nunca ter visto antes. Talvez tenham sido as conversas extras com

meu pai, depois das lições. Os dois sempre estavam interessados em aprender sobre qualquer assunto.

Alex e Vanessa sempre foram muito inteligentes, e quando se interessavam por algum assunto, gostavam de aprender o máximo possível sobre aquilo. Eu costumava pensar que eles passavam mais tempo com meu pai do que eu. E meu pai estava sempre trazendo livros, dos mais variados temas, para que eles pudessem estudar. Tudo que ele conseguia pegar na montanha sem que ninguém desse falta.

Durante a tarde, discutimos todas as possíveis rotas e traçamos uma rota própria, combinando as duas melhores. A rota que havíamos criado com a ajuda de Alex e Vanessa era a mais segura, apesar de não ser totalmente livre dos pontos laranja. Apesar disso, havíamos concordado que iríamos mudando à medida que nos aproximássemos dos locais, para que não precisássemos bater com ninguém que quisesse nos matar durante nossa trajetória às ilhas.

Quando terminamos de discutir as rotas, Vanessa me pediu para ficar com o mapa, pois queria estudá-lo. Entreguei a ela e levantei. Dei uns tapinhas na minha calça para tirar a terra e caminhei em direção a minha tenda. Eu ainda precisava de um momento para absorver tudo aquilo, e descansar, pois apesar de ainda estarmos no fim da tarde, o dia tinha sido longo.

Eu já tinha passado por muita coisa. E apesar de não termos comentado isso durante a discussão, um pensamento ainda ficava preso em minha cabeça, e com certeza, na cabeça de todos eles. Estaríamos perdendo a chance mínima que tínhamos de poder ver nossas famílias. E apesar de sabermos que seria quase impossível conhecê-los, mesmo morando aqui na montanha, quando saíssemos daqui nossas chances seriam ainda menores. Iríamos abandonar nossas famílias para sempre.

Eles nunca tinham tido a oportunidade de conhecer os pais e a única esperança que tinham de que isso poderia um dia acontecer estava sendo arrancada. Talvez seja por

isso que ninguém tinha comentado nada sobre o assunto.
Só tornaria tudo mais difícil do que já estava sendo.



CAPÍTULO 3

Naquela tarde o céu estava nublado e o sol ainda não havia aparecido. Era assim que sabíamos que o inverno estava se aproximando. Nos meses mais frios, tudo que podíamos ver eram as nuvens, que eram acinzentadas na maior parte do tempo. Aquela era a pior época do ano para mim.

Tínhamos mais três dias na montanha, até termos que fugir, em direção às ilhas. Eu parecia ter me acostumado com a ideia, assim como os outros. Apesar de que quando ouvia falar sobre isso, a ansiedade tomava conta de mim.

Mas não tinha mais medo. Minhas conversas com Alex e Vanessa, que estavam fazendo planos para que ficássemos a salvo, estavam me deixando mais tranquila.

Era isso que eu pensava enquanto andava em direção aos dois, que conversavam encostados na parede de escalada, com o mapa ao seu lado. Eu podia perceber que o mapa estava ligado, pois conseguia ver os trechos que se sobressaltavam do papel. Os dois discutiam sobre alguma coisa, enquanto moviam as rotas de lugar.

Quando éramos crianças lembro que eles sempre se juntavam para fazer planos e imaginar uma vida fora daqui. Os dois e o Luke. E até onde consigo lembrar, Alex sempre falava que não ia dar certo e que deveriam parar de sonhar. Isso era só porque ele tinha medo de sair. Pelo menos era o que Luke e Vanessa diziam nas discussões entre os três.

Alex parecia entusiasmado, mas não tanto quanto a Vanessa. Seus olhos chegavam a brilhar. Assim que me

aproximei dos dois, ela começou a falar.

— Eu sei que já tínhamos preparado uma rota segura, mas nós a mudamos e...

— Estamos livres dos pontos laranja! — Alex a interrompeu antes que ela pudesse terminar.

Ela olhou para ele com as sobrancelhas franzidas, como fazia quando alguém a interrompia. Mas estava com tanto bom humor que apenas sorriu. Eles estavam felizes por terem cumprido a missão que lhes foi dada: estudar o mapa e escolher o melhor trajeto. Eu apenas confirmava com a cabeça enquanto os ouvia.

— Nós descobrimos que poderíamos manipular as rotas pré-determinadas até criar uma rota que antes era inexistente. — Alex parecia empolgado ao falar. — Por onde houver terras, podemos clicar duas vezes aqui... — Ele deu dois toques rápidos no mapa. — E voilà. — Uma rota nova surgiu, saindo do emblema vermelho, que

indicava a localização do nosso mapa. E então ele começou a movê-la como queria na direção das ilhas.

— Então estaremos fora de perigo? — Perguntei.

— A probabilidade de acontecer alguma coisa será baixa. — Vanessa respondeu.

— Passaremos pelo caminho mais seguro. Mas não podemos esquecer de que os pontos laranja são acampamentos fixos e que podem ter pessoas fora deles. — Alex nos deu um choque de realidade. — Não teremos como saber a localização exata de cada pessoa.

Eu não sabia se ficava feliz por termos uma rota pronta, livre do povo do Deserto, ou triste, por não saber se essa rota era realmente segura. Restava apenas esperar que não encontraríamos ninguém que quisesse nos matar. Era nosso único desejo: chegar vivos às ilhas.

— Vamos tentar ser otimistas. Não devemos sofrer por antecedência... — Quebrei o silêncio, apesar de não

acreditar muito no que tinha falado. Otimismo não era meu forte.

Nós três passamos mais da metade da tarde conversando. Falamos sobre como achávamos que seria o mundo fora do buraco. Sobre como seriam as florestas e os oceanos. Tudo que tínhamos eram ideias, ou coisas que o meu pai dizia. Ele falava muito sobre os animais. Que poucos animais sobreviveram ao apocalipse, apenas os mais aptos. E foram surgindo espécies novas, cada vez mais fortes. Quando ele saía em missões, era isso o que mais gostava de observar. Os animais marinhos eram seus favoritos.

Uma vez, quando eu tinha doze anos, escalei tão alto que consegui chegar ao poço de iluminação. Eu saí da montanha por cinco minutos e fiquei parada olhando para a imensidão de montanhas e árvores congeladas à minha frente, sem dar um passo. Esse foi o tempo necessário para o James ver o que eu estava fazendo e quase subir até onde eu estava e querer me puxar pra baixo, com tanta

raiva que ficou de mim. Ele passou uma semana falando que eu não ligava para a nossa segurança e que eu tinha sorte por ninguém da montanha ter me visto. Realmente, tive muita sorte. E aqueles foram os melhores cinco minutos da minha vida. Eu pude ver pela primeira vez as montanhas de gelo, que se arrastavam por quilômetros, até onde os olhos não alcançavam mais. E a claridade. Eu mal podia abrir os olhos com tanta claridade. Mas ela parecia diminuir aos poucos e quando o James me viu, eu já tinha me acostumado e já podia ver tudo quase que perfeitamente.

Acho que parte de nós estava feliz por finalmente podermos sair daqui e outra parte estava com medo, porque estaríamos sozinhos lá fora. A sensação de segurança que tínhamos aqui na montanha, não existiria mais. Todos nos sentíamos da mesma forma. Eu não precisava nem sequer conversar com eles sobre isso para saber. Apesar de que Liz tinha mais medo do que curiosidade. Foi o que pude perceber quando conversamos, no dia seguinte à visita do meu pai. Mas até

ela já estava se acostumando com a ideia aos poucos.

— Vamos fazer uma última corrida. Eu e James. — Luke falou, quando veio animadamente ao meu encontro, junto com o James.

— Não sem mim. — Eu sorri.

Fazia algum tempo que eu não corria, mas sentia que tinha que fazer parte dessa vez, por não saber quando teria essa oportunidade de novo. E talvez o Luke estivesse certo. Essa seria a última corrida.

— Tem certeza que vai querer comer poeira? — Luke brincou.

— Você sabe que é ela quem vai fazer você comer poeira, não é? — James me defendeu, mantendo o tom brincalhão do Luke.

— Pra uma criança você consegue tirar alguém do sério bem rápido. — Ironizei, sabendo que ele odiava ser

chamado de criança.

— Eu não sou criança! — Ele bufou.

— Claro que não. — James foi sarcástico.

Caminhamos até o local da partida que era sempre o mesmo, ou seja, a parede oposta à parede de escalada. Apesar de a corrida vertical ser três vezes maior do que a corrida no chão, nós insistíamos em começar dali. A sensação de velocidade, por mais que passasse rápido, valia a pena.

Basicamente, tínhamos que correr até a parede de escalada e amarrar uma corda o mais rápido possível em nossa cintura, proteção que serviria para diminuir um pouco o impacto da queda, caso algum de nós caísse, e então começávamos a subir. Nosso objetivo era chegar ao ponto mais alto e tocar a parede em cima do último suporte de escalada. Depois, fazíamos o caminho de volta. Quem fosse o mais rápido a voltar para o ponto de

partida, seria o vencedor.

Liz, que tinha passado a tarde desenhando, saiu da sua tenda para nos assistir. Ela e Alex sentavam juntos enquanto Mitt e Vanessa conversavam perto das tendas. Pareciam ainda estar falando sobre o mapa, pois tinham o mesmo aberto em frente a eles. Pareciam bastante concentrados, talvez até demais.

Voltei a focar na corrida, Luke tinha aquele sorriso confiante no rosto, que sempre provocava raiva em seus competidores, como se ele já tivesse ganhado antes mesmo de começar. Eu não conseguia entender como ele tinha tanta confiança em si mesmo, sendo que não era ele que ganhava na maioria das vezes. Esse era o papel do James. Que por sinal, parecia tranquilo e descontraído enquanto esperava para que déssemos o sinal de que estávamos preparados.

Quando James olhou para mim e para o Luke, confirmamos com a cabeça para que ele soubesse que

estávamos prontos. E então nós três olhamos para o Alex, que havia deixado Liz por alguns segundos para vir para o nosso lado.

— Preparados? — Alex mantinha sua mão na frente do corpo, como sempre fazia ao começar uma corrida. Eu estava pisando em uma linha imaginária com o pé da frente, assim como os outros dois competidores. — Largar. — Alex falou, levantando a mão acima da cabeça, e nós partimos antes que ele terminasse a palavra.

Luke partiu um pouco na frente, com James logo atrás dele e eu vindo depois. Eu tentava correr o mais rápido possível até a parede de escalada, mas parecia ter perdido um pouco da prática. Apesar disso, conseguia me aproximar deles. Minha respiração estava em ritmo com os meus pés e mãos, como se meu corpo estivesse em harmonia para que eu conseguisse me movimentar mais rápido.

Chegamos à parede de escalada ao mesmo tempo, até

agora eu estava indo melhor do que esperava. Peguei a corda em forma de oito, e a vesti, amarrando-a na cintura, com a ajuda de outro pedaço de corda. Em seguida, amarrei-me a uma das cordas que saíam de cima do ultimo suporte e chegavam ao chão. Eu e James terminamos o nó exatamente na mesma hora, e sem pensar muito, começamos a subir.

Ele correu e pulou na parede, agarrando dois suportes com as mãos, e então procurando mais dois para colocar os pés. Enquanto isso, eu começava colocando primeiro um dos pés e então procurando suportes para as mãos. Por causa do pulo do James no começo, ele havia tomado à liderança. Mas agora seguíamos o mesmo padrão, colocando primeiro os pés e então nos impulsionando para cima.

Senti uma gota de suor escorrer pelo lado do meu rosto e continuei subindo. Tentava não perder o ritmo e seguir incansável, mas pela falta de prática, isso parecia quase impossível. Ajustava minha respiração para tentar manter

o ritmo, inspirando pelo nariz e expirando pela boca. Minha concentração era imensa, talvez por ser a última corrida, nós três estávamos dando tudo que tínhamos.

Havia me concentrado tanto em mim, que não percebi Luke se aproximando. Ele já estava ao meu lado, e estávamos brigando pelos mesmos suportes. Eu tentava ao máximo não colocar os pés no mesmo lugar que ele, pois se isso acontecesse um de nós cairia, como já havia acontecido antes com o Alex. E foi por isso que ele parou de competir. Na verdade, quando ele caiu, foi de um dos pontos mais altos. Ele quebrou as duas pernas naquela queda.

Apesar de saber dos riscos, eu não iria desistir tão fácil. Muito menos ele. Continuávamos subindo e eu tentava ignorar o cansaço. Respirava fundo e olhava para cima, calculando o tempo para chegar ao topo. Não faltava muito.

— Sinto muito. — Luke falou num tom irônico,

passando de mim, aproveitando-se de uma fração de segundo em que eu havia diminuído o ritmo por causa do cansaço.

Eu ainda não sabia por que insistia em competir com ele, pois toda vez ele agia dessa forma. Era a pessoa mais competitiva que eu conhecia. E com certeza se ganhasse a corrida, iria se gabar disso por uma semana. Eu tinha que fazer alguma coisa sobre isso.

Meus braços tinham começado a queimar pela força que estava fazendo, tentando subir cada vez mais rápido, mas não iria parar. Começava a pular alguns suportes tentando me lançar um pouco mais alto do que o normal, apesar de saber que isso poderia me derrubar, e considerando a altura que estava não seria uma queda muito bonita.

Olhei para cima a tempo de ver James tocando a parede e começando a descer. Luke estava logo atrás dele e eu me aproximava dos dois rapidamente. Mal sentia a

dor nos braços agora, pois já tinha começado a me acostumar. Sabia que iria sentir no dia seguinte, mas agora procurava não pensar nisso. Estava feliz por sentir que nada havia mudado, mesmo que fosse uma breve ilusão. Gostava de me lembrar da época em que corríamos quase todos os dias, quando éramos mais jovens.

Toquei a parede em cima do suporte e comecei a descer, a adrenalina começava a tomar conta de mim. Começava a pensar que era realmente a última corrida e não teria essa chance novamente. Começava a pensar que não queria o Luke se vangloriando por uma semana depois que vencesse. E começava a pensar que queria ter essa honra de ser a última pessoa a vencer a corrida.

Eu descia tão rápido que em segundos havia chegado perto dos dois novamente. Começava a dar pequenos pulos, soltando apenas uma das mãos dos suportes, para não cair lá embaixo. Nunca tinha descido dessa forma, talvez por medo. Mas hoje, não me importava com a altura e não tinha mais medo. A vontade de vencer era mais

forte.

Tudo estava dando certo, eu estava quase ao lado dos dois, quando escorreguei. Meu pé simplesmente não encontrou onde pisar, e talvez pelo cansaço, o resto do corpo acabou indo junto. Mas como mantinha uma das mãos presas, consegui me recompor e voltar a descer. Eles ainda estavam na minha frente. E o meu esforço para descer mais rápido acabara sendo em vão.

O James estava um pouco na frente do Luke, mas quando chegaram ao chão e começaram a desamarrar a corda, os dois se igualaram. Eu cheguei logo depois deles. E na mesma ordem que chegamos ao chão, conseguimos desamarrar as cordas. Era menos de um segundo de diferença entre os três.

Começamos a correr novamente, Luke havia passado o James e se aproximava da linha de chegada. Eu estava ao lado do James agora e corríamos quase como um só. Acreditava que os dois tinham o mesmo objetivo: não

deixar o Luke ganhar. Simplesmente sabíamos o que aconteceria depois e como ele ficaria se gabando.

Meus pés imploravam para que eu diminuísse o ritmo, mas eu fazia o contrário e minha respiração estava ofegante. Eu puxava ar de onde quase não tinha mais. Só pedia para os meus pulmões para que conseguissem chegar ao final.

Então, já sem esperança, comecei a parar, vendo que o Luke já estava muito próximo da vitória. E foi quando aconteceu. Ele olhou para trás, provavelmente queria saber se eu e o James estávamos muito próximos. Mas esse foi o seu maior erro. Assim que ele se virou, seu pé de trás demorou em perceber essa virada brusca e acabou chutando o pé da frente, fazendo-o cair no chão.

Logo depois disso, eu e o James passamos quase na mesma hora pela linha imaginária, que marcava o fim da corrida. Eu não saberia dizer quem passou primeiro, por mais que achasse que ele tivesse ganhado a corrida. Mas

eu nunca iria admitir isso. Esperaria pela decisão do Alex, que estava com os olhos fixos na linha de chegada.

Quando conseguimos recuperar o fôlego, fomos até o Luke para ajudá-lo, segurando o riso.

— Está tudo bem? — Perguntei, quando James o ajudou a se levantar. Nós dois tínhamos um sorriso no rosto, mas ainda nos segurávamos para não rir.

— Não doeu. — Luke respondera, tirando a poeira do corpo com as mãos. Seu rosto branco tinha uma tonalidade vermelha, como acontecia quando estava envergonhado.

— Você literalmente comeu poeira. — James falou, após saber que estava tudo bem e todos começaram a rir. Inclusive Alex e Liz que também tinham se aproximado para ajudar. Nós ríamos tanto que eu me apoiava nos joelhos para buscar forças.

Naquele momento eu conseguia esquecer tudo que estávamos vivendo. Conseguia esquecer as notícias

inesperadas do meu pai e todas as preocupações. Era um dia comum no buraco e eu quase acreditava nisso. Um dia tão leve quanto qualquer um dos outros que vivemos aqui. Eu olhava para eles, todos pareciam sentir a mesma coisa. Aquela segurança que sempre sentíamos quando estávamos juntos estava de volta.

— Vamos fazer uma revanche. — Luke falou quando estávamos parando com as gargalhadas. — Eu poderia ter ganhado dessa vez...

— Foi você mesmo que falou que essa era a última corrida. — Respondi, ainda sorrindo.

— E quem ganhou? — James perguntou para Alex e todos se viraram ansiosos.

— Bom, foi um final de corrida bem acirrado. James e Lexi não estavam nos seus melhores condicionamentos físicos e admito que essas não foram as suas melhores performances, porém... — Alex começou com o discurso

e revirei os olhos, impaciente.

— Alex! — Reclamei.

— Tudo bem.. Tudo bem. — Ele falou, dando risada. Ele adorava fazer esses discursos e falar sobre a corrida e o desempenho dos três, mas ninguém tinha muita paciência para ouvi-lo. Nós sempre falávamos isso para ele, mas ele insistia nos discursos. — Quem ganhou a corrida, de acordo com a minha pessoa, que trabalhou honestamente para...

— Alex! — Eu e James falamos impacientes.

— Quem ganhou a corrida foi...

Olhávamos para ele ansiosos quando ouvimos Vanessa e Mitt, e nos viramos automaticamente para os dois. Eles pareciam estar discutindo e brigavam para ver quem falava mais alto. James foi à direção deles correndo, vendo que a coisa começava a ficar feia e Vanessa empurrara Mitt. Nós o seguimos, para tentar resolver a

situação.

— O que está acontecendo aqui? — James falava, com raiva.

— Ele só sabe criticar. — Vanessa estava irreconhecível, parecia que todo seu estresse sobre o que estava acontecendo, sobre a fuga para as ilhas, estava aparecendo ali. Ela estava jogando tudo em cima do Mitt. Tudo que antes parecia estar sob controle começava a se despedaçar.

— Eu vou criticar quando eu achar que alguma coisa está errada. — Mitt se defendeu. — E eu tenho direito de criticar.

— Se você gosta tanto de falar mal, porque não tenta fazer melhor? — Vanessa o provocava e ele se aproximava dela. Eu tinha medo do que poderia acontecer.

Eu sabia que eles nunca tinham sido muito próximos, mas nunca os tinha visto desse jeito. Talvez, a tensão de

tudo que estava acontecendo tinha realmente mexido com eles e essa era a forma de mostrarem.

James empurrou o Mitt para longe de Vanessa, antes que trocassem as palavras por socos. Os dois estavam extremamente irritados e continuavam discutindo enquanto os outros agiam para separá-los.

— Essa é a hora de se unir! Não o contrário! — James esbravejou. — Todos estamos passando pela mesma coisa e não é por isso que estamos nos matando.

— Eu não tenho culpa que ele é um idiota. Ele nunca faz nada para ajudar. — Vanessa falou, seus olhos demonstravam a raiva que sentia.

Acreditava que eles estavam falando sobre o trajeto feito por Alex e Vanessa mais cedo, pois o mapa estava no chão em um canto e eu tinha os visto conversando com o mapa aberto, antes da corrida.

— Eu só estava falando que vocês não estão prestando

atenção no terreno! — Mitt continuava. — Vocês não podem se preocupar só com os pontos laranja! Tem muito mais lá fora do que o povo do deserto!

Aquelas afirmações de Mitt me assustavam, pois não deixavam de ser verdade. Não havíamos pensado sobre o terreno, e pelo mapa, não teremos muito que fazer sobre isso. Mas talvez fosse por esse motivo que Vanessa não tinha se preocupado com o terreno. Era uma coisa que teríamos que enfrentar, afinal não tinha nenhuma arma contra isso.

— Eu disse que estávamos pensando nisso também. — Vanessa retrucou, ela era incansável. — Da próxima vez, você pode fazer alguma coisa. E talvez acabe tendo uma ideia genial para nos salvar. Até lá, você não tem direito de criticar.

— Que seja. — Mitt falou se soltando do James que ainda o segurava. Mas todos nós sabíamos que ele não iria bater na Vanessa, e que a Vanessa não bateria nele.

Apesar de que dessa vez chegaram muito perto disso. — Da próxima vez, você me inclui nos seus planos brilhantes! — Ele foi sarcástico. Uma coisa que ela odiava. E agora meu medo de que eles fossem se matar voltava. Ele tocou no pior ponto e ele sabia disso.

— Eu estou tentando salvar a gente! Você tem noção disso? — Vanessa perguntou. Começando a ir para cima dele novamente, e então eu agi, segurando-a. Ela me olhou com raiva. — Eu passei os últimos dias trabalhando nesse mapa! Porque ninguém me deixa em pa... — Ela parou.

Ela parecia ter congelado no tempo por alguns segundos, estava estática. Então fui levada a olhar na mesma direção em que a Vanessa olhava enquanto parecia ter visto um fantasma. Aos poucos, todos se viraram para ver o meu pai, na entrada do túnel, curvado em busca de ar. Engoli em seco. O ambiente era tão silencioso que tudo que podíamos ouvir agora era a respiração ofegante do chefe do exército negro que estava ali diante de nós. *Antes do esperado.*

— O que aconteceu? — Perguntei preocupada, correndo até ele e ajudando-o a se recompor.

— Eles já sabem sobre mim. Não temos muito tempo até que me encontrem. — Ele falou, assim que recuperou o fôlego. — Vocês precisam ir agora!



CAPÍTULO 4

Eu não podia acreditar. Eu sabia que estávamos nos acostumando com a ideia, mas isso levava tempo e eu deveria saber que esse era um luxo que não tínhamos. Meu coração acelerava e minha mente estava a mil. Pensava em várias coisas ao mesmo tempo. Apesar disso, meu corpo estava intacto, em uma espécie de transe. Não conseguia fazer nada. Apenas olhava para meu pai, falando de novo para fugirmos. E dessa vez era real, não tinha escapatória. Tinha que ser naquele momento.

Respirei fundo e tentei acalmar os nervos. Eu sabia

que se não me movesse ninguém mais iria. Tínhamos que correr e não tínhamos mais tempo. Olhei para o James, ele também parecia ter tido a mesma reação: nenhuma.

— Vocês o ouviram. Temos que ir andando! — Falei como se tivesse acordado de vez de um pesadelo. Percebendo que esse pesadelo não se resolveria quando eu acordasse.

Mitt balançou a cabeça, concordando. Então virou as costas, começando a andar em direção à tenda dele. Aos poucos, todos foram fazendo o mesmo, seguindo-o.

Depois que todos tinham ido para suas respectivas tendas, fiz o mesmo. Deixando o meu pai sozinho, agora que já havia se recuperado. Ele deveria ter corrido muito, pois como chefe da guarda, seu condicionamento era impecável. Não seria qualquer corridinha que ia derrubá-lo.

Assim que entrei na tenda, fui direto para o fundo para

procurar a mochila que estava juntando poeira por debaixo de algumas roupas. Era uma mochila verde, um verde bem escuro. Meu pai a tinha me dado no meu aniversário de dezesseis anos. Essa era uma idade que significava muito para o meu... Para o povo da montanha. Era um aniversário especial na montanha, pois era quando nos tornávamos jovens adultos. A mochila tinha uma estampa de flores que só podia-se ver quando chegava mais perto, pois era quase da mesma cor que a própria mochila. Na verdade, fora um dos únicos presentes que ganhei, além do pingente da minha mãe, que agora eu colocava em um pequeno bolso na frente da mochila. Era um pingente retangular, que de um lado tinha a foto da minha mãe, com um sorriso enorme, e do outro a do meu pai, esboçando o que poderia ser o começo de um sorriso. O pingente não fora um presente de aniversário, na realidade, minha mãe me dera assim que nasci. É uma lembrança de que ela um dia pôde me ver e que eu nunca poderia esquecer isso. Esse pequeno objeto, era tudo o que me restava dela.

Peguei todas as minhas roupas: duas calças, algumas blusas e casacos, roupas de baixo e meias. Era tudo que eu tinha para falar a verdade. Joguei tudo dentro da mochila e peguei o resto dos meus pertences, além de um canivete velho que eu nunca tinha usado, mas que poderia ser muito útil, e o resto da comida que estava na nossa tenda, que meu pai havia trazido uma semana antes. Não levei muito tempo para pegar as minhas coisas e a mochila nem sequer chegou a ficar totalmente cheia.

Ao meu lado, Liz e Vanessa também arrumavam suas coisas. Ninguém falava uma palavra. Apenas fazíamos movimentos repetitivos, quase que automáticos, tentando pegar tudo o mais rápido possível.

Então, uma a uma, andávamos em direção a fogueira, onde todos se preparavam para sair. Pouco antes de sairmos da tenda, coloquei as mãos nos ombros de Liz, segurando-a enquanto deixávamos Vanessa continuar na direção da fogueira. Eu precisava ter certeza de que ela estava encarando essa situação do melhor jeito possível.

O que era mais difícil ainda para ela.

— Tá tudo bem? — Eu sabia a resposta, e agora que pensava nisso, sabia que não era uma boa ideia ter perguntado, pois não era uma resposta que eu queria ouvir.

— Nós vamos sair finalmente... Certo? — Apesar do medo, que consumia a menina meiga que eu conhecia, ainda podia ver que ela estava se esforçando para ver um lado bom nisso tudo.

— Certo. — Sorri, sem vontade alguma. Mas queria fazê-la se sentir melhor. — Vamos ficar bem.

— Como será que vai ser? — Ela parecia meio confusa, não conseguia decifrá-la. Não sabia se estava fingindo estar ansiosa para sair, ou se realmente sentia tudo que estava falando. Uma coisa era certa: ela não escondia o medo. Ou não tinha sucesso em escondê-lo.

— Acho que vai ser melhor do que imaginamos. — Eu

sabia que seria lindo. Pelo menos a parte das montanhas que eu tinha visto seria.

— Quero ver os animais. As baleias e as tartarugas gigantes... Os pássaros que caminham entre nós. — Meu pai havia nos contado as mesmas histórias.

Ele dizia que tinham áreas que eram muito poluídas para que os pássaros pudessem voar então eles não voavam acima dos dois metros de altura. Nessas áreas, preferiam caminhar, como os humanos. Mas é claro, ele contou a parte romântica para nós. Sei que poluição não é algo que teríamos vontade de ver.

— Acho que ainda não consigo acreditar que vamos sair. — Ela confessou, depois de alguns segundos de silêncio. — Foi tudo o que sempre quis. Mas não pensei que seria assim.

— Também não...

— Pensei que voltaríamos para nos juntar ao povo do

Norte... Que voltaríamos para as nossas famílias. Não que fugiríamos para ainda mais longe. Estou cansada de me esconder. Não quero mais fugir. — O brilho dos seus olhos, enquanto falava sobre estar ansiosa para ver o mundo, havia sumido. — Estamos correndo em direção ao perigo. É como se não existisse mais lugar seguro para a gente...

Percebi que ela começava a demonstrar o que realmente estava sentindo. Vi que uma lágrima escorreu pelo seu rosto e a parei antes que chegasse ao seu queixo. Recolhi a Liz em meus braços, no abraço mais acolhedor que pude dar. A vontade que eu tinha era de chorar junto com ela. Mas não podia me dar ao luxo. Ainda estávamos sem tempo. Tínhamos que fugir agora. E eu tinha que ser forte. Demonstrar ser forte, pelo menos.

— Vamos encontrar um lugar seguro. — Esperei que ela parasse de chorar. — A gente vai ficar bem.

Eram palavras que nem eu conseguia acreditar. Não

agora, que tudo era mais real e tínhamos que sair rumo ao desconhecido. Mas eu tinha que dizer que estava tudo bem. Tinha que me forçar a acreditar que estava tudo bem. Estava tudo bem.

Saindo da tenda, fui em direção ao Alex. Perguntei se ele estava com o mapa. Queria me certificar. Não poderíamos esquecer a coisa mais importante. A única coisa que poderia nos manter vivos.

— Vocês precisam ir. Vocês sabem o que fazer. — Meu pai falou e todos o olhamos. Ele estava certo. Não podíamos ficar prolongando o que era iminente. Uma hora ou outra iríamos ter que sair dali.

— Vou sentir falta desse lugar. — Mitt falou enquanto nos certificávamos que estávamos levando tudo o que precisávamos.

— Todos nós vamos. — Vanessa comentou, corrigindo o comentário do Mitt.

— Vou sentir falta das corridas. — Luke disse, olhando para a parede de escalada. Como se estivesse memorizando o lugar. — Eu ainda tinha esperança de ganhar mais uma...

— Você poderia ter ganhado a última, se não tivesse caído de cara no chão. — James não resistiu.

Sorri. O Luke soltou um riso um pouco sem graça. Por um momento, consegui me sentir um pouco mais leve, mas logo aquela sensação horrível voltou. Aquela sensação de que tudo estava prestes a mudar e que nós teríamos que nos virar sozinhos em um mundo que não conhecíamos. O clima era pesado ali e os sorrisos não demoraram muito a cessar.

— Alex, quem ganhou a corrida? — Perguntei, como se aquilo ainda tivesse alguma importância.

— Foi o James. — Ele deu de ombros, pela primeira vez nem se incomodou em fazer discurso. Ainda parecia

muito abalado com a situação.

Olhei para o James e ele deu o seu sorriso convencido. Conhecendo-o, sabia que o sorriso só servia para me estressar. Afinal, ele não era tão competitivo. Dessa vez, apenas sorri de volta. Não me importava por ter perdido a última corrida para o James. Apenas ficava feliz por ter corrido. Estava feliz porque apesar de estarmos em um momento de tensão, eles ainda faziam eu me sentir bem. Por alguns segundos, faziam com que eu me esquecesse do que estava por vir.

— É melhor vocês irem logo! Não têm muito tempo.
— Meu pai logo nos lembrou do que tentávamos esquecer.
Era hora de ir.

Nós começamos a andar em direção à parede de escalada com nossas mochilas nas costas, prontos para o que iríamos enfrentar. De certa forma, os mais preparados que poderíamos estar. O que não significava muito. Meu pai havia nos ensinado um pouco de defesa pessoal, caso

precisássemos algum dia. Mas não sei como nos sairíamos quando realmente fôssemos precisar.

Eu evitava ao máximo olhar para meu pai. Talvez, tornaria as coisas um pouco mais fáceis. Mas não sei se estava funcionando muito bem. Concentrei-me nos outros. Precisávamos subir a parede de escalada e chegar ao poço de iluminação. Como só tínhamos quatro cordas, Vanessa, Alex, Mitt e Liz foram primeiro. Ajudei Liz a amarrar a corda, ela não era a pessoa mais atlética entre nós e não costumava participar muito das corridas. Preferia assistir. Por mais que conseguisse subir a parede tranquilamente, pois já tinha subido algumas vezes.

Nenhuma palavra era dita. Éramos robôs fazendo o que tínhamos sido mandados para fazer. Nós nos movíamos automaticamente, esperando que alguém, ou alguma coisa, fosse aparecer nos falando que não precisávamos mais fazer nada daquilo. Na minha cabeça, estávamos andando em direção à nossa morte. Mas ainda tinha certa esperança de que essa loucura fosse dar certo. Talvez

fosse esperar demais.

Queria não ser tão pessimista sobre isso. Mas nesse caso, todos nós éramos um pouco, com certeza. Pelo que havia conversado com o James naqueles dias, a pessoa mais otimista que conheço, poderia saber disso. Era um fato. Existiam mais lados ruins do que bons nessa história.

Os quatro começaram a subir. Alex levava mais tempo. Ele não parecia muito bem e olhava para baixo a cada segundo. Eu havia esquecido. Ele não subia aquela parede desde o dia do acidente. Alex tinha caído de um dos pontos mais altos daquela parede. Quebrou as duas pernas, bateu a cabeça. Tivemos que cuidar dele por uns dois meses até que se curasse por completo. Mas ele tinha que continuar subindo e sabia disso. Por isso não falava nada.

Quando olhei para os outros, todos o olhavam. Acredito que estavam pensando na mesma coisa que eu. Mas ninguém falava nada, pois sabiam que era algo que

ele teria que fazer sozinho. Não tínhamos muito no que ajudar. Tudo que poderíamos fazer era incentivá-lo para subir. Realmente, nos conhecíamos como irmãos. Esse era um exemplo de que teríamos uns aos outros nessa jornada, e era um dos pontos reconfortantes, o que me deixava um pouco mais tranquila.

Alex parou, e todos paramos com ele. Ele já tinha percebido os olhares. Não eram mal intencionados. Queríamos apenas dar força a ele. Vanessa estava praticamente ao seu lado agora.

— Você consegue! — Ela falou.

Ele olhou mais uma vez para baixo. E por mais que ele tivesse vontade de subir, e nós sabíamos que tinha, era como se o seu corpo não permitisse. Recusava-se a subir, isso era o que o medo fazia.

— Alex! Você estava no meio de uma corrida quando caiu. Qualquer um de nós poderia ter caído. — James

gritou do chão. — Se você for devagar, nada vai acontecer.

— Chegue até aqui, sem olhar para baixo. — Mitt, que já estava quase no topo, falou. — Olhe para mim.

E então, Alex olhou para cima e voltou a subir. Uma mão no suporte de cima, outra mão, depois um pé, e o outro. Continuou subindo. Não olhava mais pra baixo. Parecia um pouco mais confiante. Rapidamente, chegou até onde o Mitt estava e então os dois conseguiram chegar ao topo juntos.

Assim que chegaram, o Mitt colocou as mãos na beirada do poço de iluminação, que se parecia bastante com uma janela, e com as duas mãos se impulsionou para cima, com facilidade. Ele continuou segurando sua corda, que estava presa a dois ganchos enfiados no gelo pelo lado de fora do poço. Seria assim que passaríamos. Com a ajuda do Mitt, todos chegariam à saída. Alex era o próximo.

Mais uma vez, todos o olhavam. Seria uma tarefa difícil para aqueles que não tinham costume de fazer isso, mas com ajuda, todos conseguiriam chegar lá em cima.

Teríamos que ficar com os pés no penúltimo suporte e com as mãos nos últimos. Então, soltar as mãos com cuidado e levá-las ao poço de iluminação, que estaria um pouco à cima das nossas cabeças. Segurando pela beirada do poço, nós nos impulsionamos para cima. Mas para quem não tivesse muita prática, Mitt os ajudaria a subir.

Para mim, para o Mitt, ou para o James, não seria uma tarefa muito difícil, pois costumávamos nos desafiar quando menores para saber quem conseguia chegar ao poço de iluminação e quase sempre nós três conseguíamos. Nunca tínhamos caído, mas chegávamos bem perto disso. Logicamente, depois que o Alex caiu, nós paramos. Talvez o medo tivesse afetado a todos, apenas por saber das consequências.

Alex segurou a corda e colocou os pés nos penúltimos

suportes. Todos nós estávamos nervosos, por ele e por quem seriam os próximos. Ele segurou as mãos do Mitt, que começou a puxá-lo para cima. Por um segundo seu pé escorregou, mas se recuperou rapidamente. Todos olhamos para ele, assustados. Mas estava tudo bem. Eu continuava tentando me forçar a acreditar nisso.

Um por um, os quatro chegaram à saída e agora olhavam para baixo, liberando três cordas para que o resto de nós pudesse subir. Ironicamente, os três que disputaram a última corrida. Talvez aquela não tenha sido a última afinal. Mas eu não queria falar nada. Dessa vez, não estava com humor suficiente para isso. Queria ir o mais devagar possível e aproveitar a última vez que eu escalaria aquela parede. Era a segunda coisa que eu mais gostava de fazer. A primeira era correr.

Eu sentiria falta do buraco, das corridas, das noites que ficávamos acordados até mais tarde conversando, dando risada, das brincadeiras que inventávamos quando crianças, ou até mesmo na adolescência, quando não

tínhamos nada para fazer.

Eu subia devagar, olhava para cada ponto daquele lugar, tentando memorizá-lo. Assim como o Luke estava fazendo antes. Ainda evitava olhar para o meu pai, tentando deixar as coisas mais fáceis. Não queria esquecer onde morei até completar dezoito anos. Mas não seria difícil. Afinal, foi o único lugar em que já estive. Além da sala onde nasci e o caminho até aqui.

Eu não sabia o que estava por vir, nem o que imaginar. Eu não sabia se estava sentindo nervosismo, ansiedade, medo. Mas uma coisa era certa, eu queria conhecer o mundo.

Continuei subindo. Estava quase no poço de iluminação. Os outros dois meninos já haviam chegado lá. Eu era a última. Estava nos últimos suportes quando olhei para baixo. A porta que dava para os túneis se abriu. Três homens armados entraram e olharam para nós, antes de olharem na direção do meu pai. Ele estava desarmado e

eu sabia disso. Não estava em horário de trabalho, não estava com seu uniforme de chefe da guarda. Tudo que poderia fazer era tentar se defender com suas próprias mãos, mas era três homens com pelo menos o dobro do seu tamanho.

Comecei a descer. Eu não sabia o que estava fazendo, mas tinha que tentar ajudar. Ouvi a voz do James me falando para parar e o escutei. Olhei para ele. E então um barulho que ecoou pelo buraco me fez voltar minhas atenções de novo para o chão, mesmo que não quisesse. Sabia o que tinha acontecido. Mas eu não conseguia não olhar.

Meu pai estava de joelhos. Seu peito estava manchado de sangue. Congelei. Sua camisa estava começando a ficar vermelho vivo. Eu não conseguia respirar. Ele me olhava, seus olhos aos poucos foram perdendo o foco. Ele caiu.



CAPÍTULO 5

Meu rosto estava molhado de lágrimas e a imagem do meu pai se repetia na minha cabeça, várias e várias vezes. Por um momento, minha cabeça esvaziou. Não conseguia pensar em nada. Meu corpo começou a tremer. Queria que o tempo voltasse, para que eu tentasse ajudar de alguma forma. Para que eu tentasse impedir o que acabara de acontecer. Mas eu ainda não acreditava. Nada disso poderia ser verdade. Não era real. Não era real.

Eu insistia em continuar olhando para o corpo, imóvel, enquanto tentava perceber algum movimento vindo do meu

pai, mas ele não se mexia. Os homens começaram a correr em nossa direção e eu continuava parada. Não tinha reação alguma. Lágrimas escorriam pelo meu rosto, que já estava molhado com elas. Era como se eu tivesse congelado no tempo, esperando que meu pai se levantasse e tudo fosse uma grande mentira. Eu não entendia porque aquilo tinha que ter acontecido. Não com o meu pai. Não com a única pessoa que realmente podia chamar de família.

Ouvi mais um tiro. Olhei para a parede ao meu lado onde a bala havia se alojado. Eles continuavam atirando, mas eu ainda não conseguia me mover. Senti uma mão me puxando para cima. Era o James. Ele havia descido novamente do poço. De repente, toda a adrenalina voltou ao meu corpo de vez. Voltei a subir rapidamente, ao lado dele. Senti uma dor aguda no braço e acabei deixando um grito escapar. Tentei continuar subindo. James me puxou para fora do poço de iluminação.

Assim que pisei na neve, a claridade invadiu meus

olhos e por um breve instante fui forçada a fechá-los, pois apesar de estarmos quase no fim da tarde, não estávamos acostumados a ter contato direto com o sol. Ouvi mais alguns tiros vindos de dentro da montanha. Aos poucos, meus olhos se acostumavam e eu podia ver com mais nitidez. Nós estávamos quase no topo de uma montanha coberta por neve e para qualquer lugar que eu olhasse tudo que podia ver eram mais montanhas como a nossa.

Eu estava correndo, meus pés estavam pesados por causa da neve que subia quase até as canelas e eu me esforçava para ir cada vez mais rápido. A sensação de pisar na neve era muito estranha, pois apesar de termos tido neve no chão da montanha algumas vezes, nunca tivemos aquela quantidade. Era como se pisássemos nas nuvens, ou pelos menos, era o que eu imaginava que seria pisar nas nuvens.

O medo tomava conta de mim e havia um único pensamento que não conseguia tirar da cabeça agora, mesmo depois de alguns minutos correndo sem olhar para

trás. Eu tinha plena e absoluta certeza de que ainda estávamos sendo seguidos.

O medo era tanto, que eu me forçava a olhar somente para o que estava a minha frente e correr. Eu tinha que fugir e não podia olhar para trás. Meus cabelos estavam molhados com uma mistura de neve e suor. Estava nevando muito forte, mas não deixava que isso me impedisse de ir mais rápido. O ar preenchia meus pulmões em maior quantidade à medida que descíamos a montanha. E a adrenalina era maior a cada passo.

James ainda segurava a minha mão, mas de certa forma eu não queria que ele largasse. Era reconfortante, apesar do medo que eu estava sentindo.

Quando eu e James nos juntamos ao grupo, Vanessa e Alex estavam atrás, pois sempre foram os mais lentos. Apesar disso, Alex estava correndo muito mais do que o normal, e acabava tropeçando algumas vezes na neve pesada. Sua pele estava rosada, como sempre ficava

quando ele fazia muito esforço. Mas eu sabia que não importaria o quanto ele corresse, ele não seria o primeiro a parar por cansaço. Assim como Vanessa e Liz, que mantinham um ritmo não tão rápido para conseguirem acompanhar os outros sem se cansar muito.

Aos poucos Alex começava a diminuir um pouco o ritmo e as meninas conseguiam alcançá-lo novamente. Luke estava correndo ao lado de Mitt e começava a correr mais devagar, deixando que Mitt liderasse.

Estávamos correndo há horas e nenhum de nós havia se certificado se ainda estávamos sendo seguidos. Talvez estivéssemos tomados pelo mesmo medo. Ou simplesmente não conseguíamos acreditar que estávamos finalmente livres e precisávamos parar o mais longe possível da nossa prisão, que fora por tanto tempo o que chamamos de lar.

Eu tentava correr com o máximo de cuidado para não cair, mas toda vez que eu corria um pouco mais devagar,

minha mente voltava ao que tinha acontecido. Ainda via o meu pai caindo. Ainda olhava nos seus olhos.

Então, rapidamente forçava meus pés a continuar, movidos somente pela adrenalina de não querer pensar em nada. E quando eu acelerava novamente, era como se minha mente não estivesse realmente ali. Não sentia nada, apenas corria. Eu descia cada vez mais rápido, aproximando-me dos outros. Olhava para o Alex que estava alguns metros à frente. Eu e Vanessa éramos as últimas, logo atrás de James. Mas aos poucos, eu ultrapassava um por um.

A neve ficava cada vez mais alta à medida que descíamos a montanha. Começamos a diminuir o ritmo. Ficava cada vez mais difícil correr, a cada passo tínhamos que fazer um esforço enorme para tirar o pé que se afundava quase até os joelhos na neve.

Eu continuava acompanhando eles, que já começavam a mostrar sinais de cansaço, mas tudo que conseguia ver

era a imagem do meu pai, sem vida, no chão da montanha. E foi quando um pensamento estranho me atingiu. Eu parei. Minhas pernas tremiam e só agora eu sentia o cansaço me atingir. Eu não tinha noção do quanto eu havia corrido, mas os meus pulmões queimavam e o meu coração estava a mil.

— Lexi! — Mitt olhou para trás e parou também, até que os outros perceberam e fizeram o mesmo.

— Temos que voltar. — Eu falei, lutando contra as lágrimas que insistiam em descer. Continuava tentando parecer forte, apesar de não saber se estava dando certo. Apesar da confusão que sentia dentro de mim, eu tentava manter meu tom de voz calmo. — Vamos voltar agora.

Eu não conseguia deixar de pensar que ele poderia estar vivo. Meu pai não poderia ter morrido assim. Ele tinha que estar vivo. Ele estava só desacordado. Poderíamos voltar para buscá-lo.

— Não podemos voltar agora. — James falou, enquanto caminhava em minha direção. Eu sentia que todos me olhavam. — Vamos continuar... Eles podem ter vindo atrás de nós. — Ele colocou uma das mãos em meu ombro, para que eu continuasse andando. Mas eu resisti, eu tinha que explicar pra ele o que eu estava pensando.

— Falta muito pouco para a gente chegar à base da montanha. — Mitt comentou. — E já está escurecendo, temos que encontrar um lugar pra passar a noite.

— É verdade, estamos chegando às clareiras. Não tem como nos encontrarem se passarmos a noite por lá. — Vanessa apontou para a base da montanha, mostrando que a quantidade de árvores aumentava bastante lá embaixo, formando-se um tipo de clareira entre as montanhas. Não tinha como ver nada por fora. — E não tem como voltar agora. Seria loucura.

— Ele está vivo. — Sussurrei para o James. — Temos que voltar para buscá-lo. Meu pai... Ele... — Minha voz

ficava mais fraca à medida que eu falava. Olhei para os olhos dele, mas ele desviou o olhar, como se quisesse evitar ter que me olhar nos olhos. Engoli em seco, reprimindo uma lágrima que tentou aparecer.

Entendi a mensagem. A pessoa mais otimista que eu conhecia não tinha esperança alguma que o meu pai estivesse vivo. Realmente, não tinha como. Eu tinha o visto morrer. Eles sabiam disso, eu podia ver nos rostos de cada um. Eles poderiam sentir a falta do meu pai tanto quanto eu. Afinal, foi ele que cuidou de todos nós por tanto tempo. Foi um pai para todos nós. E eu não podia pensar nisso, não agora. Tinha que me manter forte, por eles.

— Vamos continuar andando. — Liz se aproximou de mim, sua voz tinha um tom meigo e reconfortante, típico dela. — Vai ficar tudo bem. Nós estamos aqui por você também.

Ela me conhecia bem demais, pois apesar de não

deixar transparecer totalmente o modo como estava me sentindo, ela conseguia ver. Assim como o James, que ainda me olhava preocupado. Na verdade, eu começava a me dar conta de que todos eles me conheciam muito bem, e sentiam por mim. Ela tinha razão, nós tínhamos que continuar andando. E eu tinha que continuar acreditando que tudo ia ficar bem, tinha que me forçar a acreditar naquela mentira.

— Sangue? — Todos se viraram para o James instantaneamente, assim que o ouviram. Ele acabara de tirar a mão do meu ombro e sua luva estava manchada de sangue. — Você está machucada?

Talvez a adrenalina de tudo que havia acontecido tivesse feito com que eu não sentisse o meu braço no momento, mas começava a me lembrar de que havia sido atingida. E me lembrava do pior jeito, a dor começava a voltar agora que tínhamos parado de correr.

Tirei o casaco do lado direito, onde a bala tinha me

acertado e afastei o casaco de baixo e a camisa para mostrar o ombro. A camisa estava suja de sangue no local do ferimento, mas havia apenas algumas manchas nos casacos.

— Não está muito profundo. — Alex se aproximou, tocando o meu ombro de leve. — Passou de raspão, só fez um corte pequeno.

— Está doendo muito? — Liz me perguntou, com um olhar preocupado. Apenas balancei a cabeça, com um sinal negativo. Era a menor das minhas dores no momento.

— Vamos cuidar disso antes que fique infectado. — Alex falou, ainda observando meu ombro. Acho que ele estava feliz por termos decidido parar e não parecia mais estar com tanto medo. O vermelho do seu rosto, devido ao esforço físico, já havia sumido quase todo, dando lugar ao seu tom de pele mais branco que o da Liz. — Além do mais, precisamos parar um pouco mesmo.

— E se eles ainda tiverem seguindo a gente? — Mitt parecia um pouco resistente à ideia do Alex.

— Não acha que estamos muito vulneráveis aqui? — Vanessa completou. — Poderíamos tentar chegar até a clareira antes de parar.

— Nós estamos correndo há quase duas horas e não ouvimos tiros desde que deixamos a montanha. — Alex falou e todos nós concordamos.

— Ele tem razão. — James falou, finalmente. — Vamos parar um pouco.

— Podemos parar por alguns minutos e depois andamos até a clareira para passar a noite. — Vanessa falou e então se virou para mim. — Vamos dar uma olhada nesse ferimento aí.

Na verdade, concordamos por saber que mesmo Alex sendo o mais medroso, ele queria parar. Então, ele devia realmente acreditar no que estava falando. E fazia sentido.

Nós estávamos correndo por puro medo. Mas todos nós sabíamos que não havia mais ninguém atrás de nós. Apesar disso, eu continuava me perguntando se os três homens já haviam voltado para Anika para falar sobre a gente. E agora todo o exército negro estava saindo para nos encontrar. Talvez fosse esse o motivo real para que ninguém quisesse parar agora. Mas seria uma parada rápida, assim como Vanessa tinha proposto.

Todos se acomodaram na neve, sentando-se em alguns galhos e usando árvores como apoio para se recostar. Vanessa e Alex me ajudaram a fazer o curativo, usando um pedaço de uma camisa velha do Mitt, que ele havia oferecido. De alguma forma, a briga que ele tinha tido com a Vanessa acabou servindo de alguma coisa. Ele parecia estar um pouco mais prestativo.

Vanessa jogou um pouco de água no meu ombro para limpar o corte. Como a garrafa de água estava dentro da sua mochila, a temperatura estava um pouco mais agradável, ou seja, não tão gelada. Eles rasgaram o tecido

em dois, um de tamanho menor que usaram para enxugar a água e tirar o resto do sangue que ficara, e o maior que Alex usou para enrolar no meu ombro.

Assim que terminaram de fazer o curativo improvisado, vesti novamente o casaco mais grosso e me levantei. O frio estava começando a incomodar muito e eu estava feliz por poder colocar o casaco de novo. Os outros começaram a se levantar, assim que perceberam que tínhamos terminado e aos poucos estavam prontos para sair.

Nós estávamos tão esgotados da corrida que não trocamos muitas palavras durante o tempo de descanso. Algumas vezes Vanessa ou Alex tinham algum comentário sobre o curativo que estavam fazendo, mas não passava disso. Tinha sido um dia muito cheio e só agora podíamos processar cada detalhe, por mais que eu não quisesse pensar em nenhuma parte dele, apenas apagá-lo e continuar como se nada tivesse acontecido, o que seria impossível.

Na caminhada para a base da montanha, o tempo havia passado incrivelmente rápido. Talvez porque já estávamos perto de onde queríamos chegar e não passamos muito das primeiras árvores da clareira. Liz tinha percorrido todo o percurso ao meu lado, e eu sabia que essa era a forma dela de me dar força pelo que tinha acontecido com meu pai, sem precisar falar uma palavra.

Não conseguíamos ver muita coisa a nossa frente. Toda a luz que tínhamos era uma lanterna antiga que o Mitt havia trazido, mas que já estava com a bateria gasta e com a luz muito fraca.

Assim que chegamos ao nosso destino, demos uma boa olhada ao redor para ver se estávamos realmente sozinhos. E então, começamos a improvisar lugares para dormir, usando as próprias árvores como apoio para as costas.

— Vamos preparar a fogueira por aqui. — Mitt falou colhendo alguns gravetos do chão.

— Tem certeza que é seguro? — James perguntou, podíamos ouvir sua boca batendo com o frio. — Quer dizer... Não seria quase um sinal de fumaça para nos encontrarem?

— É verdade. — Vanessa se sentou, parando automaticamente de ajudar na colheita dos gravetos. — Não podemos acender a fogueira aqui.

— E porque podíamos acender dentro da montanha? — Liz perguntou, e assim como James, podíamos ouvir o frio pela sua voz.

Nós todos estávamos congelando a esse ponto. Afinal, não estávamos acostumados àquele frio que era trazido cada vez mais forte por causa do vento. Dentro da montanha, além de termos a fogueira, quase não tinha vento. Então, conseguíamos nos manter mais aquecidos.

— Peter já me explicou isso uma vez. — Vanessa falava devagar e passava uma mão na outra numa tentativa

falha de se aquecer. Eu sabia que era falha, pois tentava o mesmo. — Ele falou que quando estávamos na montanha e acendíamos a fogueira... A fumaça ia toda para o poço de iluminação e saía por lá.

— Mas a neblina não deixava que a fumaça fosse vista. — Eu completei e então lembrei de que quando saímos tudo que podíamos ver quando olhávamos alguns metros acima era a neblina. Isso era fantástico.

— Podemos tentar bloquear o vento. — Alex falou e todos pararam para ouvi-lo. Talvez ele tivesse uma de suas ideias loucas para nos salvar. Era o que todos estavam esperando. — Alguém trouxe cobertores?

Nós começamos a olhar nossas mochilas, em busca de qualquer coisa que pudesse ajudar. Mesmo que fossem peças de roupa velhas. Eu não tinha nada. Mas aos poucos foram aparecendo alguns cobertores que poderíamos usar, e enquanto eles entregavam os cobertores, encontrei na minha mochila o pingente dos meus pais. Estava escuro

ali, mas ainda conseguia ver a foto deles, a silhueta dos dois sorrindo para mim. Eu estava sozinha agora, mas sempre iria lembrar e sentir orgulho deles. Meus pais me olhavam sorrindo, através daquelas fotos que eu mal conseguia ver por causa da escuridão, e uma lágrima escorreu pelo meu rosto.

Guardei o pingente no bolso da frente da mochila quando Alex começou a nos explicar sua ideia, e apesar de ser bem simples agradecemos por ele ter pensado naquilo, pois nenhum de nós pensou. Ele falou que primeiro teríamos que descobrir de onde estava vindo o vento, o que não seria difícil, e então fazer um tipo de parede com aqueles cobertores, usando cordas para prendê-los nas árvores. Uma proteção contra o vento, simples e brilhante.

Quando terminamos, já estávamos um pouco mais aquecidos por causa do trabalho que tínhamos tido. Mitt já tinha desligado a lanterna e nós sete estávamos sentados, um do lado do outro, no lado dos cobertores que não batia

vento. Não mudava tanto assim, mas agora já conseguíamos comparar mais com o frio que sentíamos dentro da montanha. Não seria tão ruim assim.

— Alex, você é um gênio. — Vanessa comentou e todos a olhamos surpresos. Era muito raro ela elogiar alguém assim.

— Não acredito, um elogio saiu da boca dela. — Mitt falou. — Você deve estar com hipotermia.

— Cala a boca. — Vanessa deu um tapa nas costas do Mitt e todos riram. Ela ficou irritada, claro. Mas acabou cedendo e rindo também.

O James estava certo quando ele falou que tínhamos uns aos outros. Eu não sei o que faria sem eles aqui. Eu não estaria sozinha, em nenhum momento estive sozinha. Eles iriam me ajudar também, já tinham me provado isso hoje. Seria um desafio chegar às ilhas, mas eu começava a pensar que seria possível.



CAPÍTULO 6

“A borboleta me mostrava o caminho e eu atravessava as árvores o mais rápido que podia, desviando de galhos que passavam na altura da minha cabeça, pulando outros. Eu tinha a estranha sensação de que podia sentir as batidas do meu coração, pulsando por todo o meu corpo. Eu corria cada vez mais rápido. Eu não podia deixar a borboleta ir embora, não podia perdê-la de vista. Alguma coisa dentro de mim me dizia para segui-la. As árvores começavam a ficar menores e davam lugar a pequenas plantas. Eu observava tudo ao meu redor, até o mais simples movimento. O verde das

folhas, as plantas que tinham cores diferentes, e as flores que se fechavam com um mínimo contato. E foi quando ela parou como se tivesse chegado ao seu destino final. Olhei para os lados e tudo que eu via era verde. Mas de repente, as árvores começaram a perder a cor e o tempo ficou mais frio. Procurei a borboleta novamente. Congelei. Meu pai estava de pé ao meu lado e ele tinha uma expressão que eu nunca tinha visto antes. Não nele. Ele nunca sentia medo. E agora, estava aterrorizado. Tinha uma faca em suas mãos e ele me olhava nos olhos. Minhas mãos tremiam e eu caminhei em sua direção. Eu tinha que tirar aquela faca da mão dele, antes que o pior acontecesse. Mas quando dei o primeiro passo, ele levantou as mãos. Gritei para que ele parasse, dando mais alguns passos. O sangue começou a descer pela sua camisa. Sua garganta estava cortada e eu sentia que tinha provocado aquilo.”

Acordei com a respiração agitada, ofegante. Apesar do frio, eu estava suando. Já era dia, bem no começo da manhã. O sol ainda estava fraco, como se estivesse

acabado de aparecer. Sentei-me, com cuidado para não acordar ninguém, tentando não fazer barulho.

— Você chorou dormindo. — Liz, que havia dormido ao meu lado, estava sentada com os olhos arregalados, olhando para mim.

— Eu te acordei? — Perguntei, tentando mudar o foco da conversa. Não queria ter que falar sobre o meu sonho, ou pesadelo, melhor dizendo.

— Não, eu não consegui dormir direito, estava acordada há um tempo. — Ela parecia preocupada.

— Ficou fazendo o que? — Perguntei.

Então ela me entregou seu caderninho, mostrando o lindo desenho que havia feito. Tinha um pequeno lápis em suas mãos, que já estava muito usado, mas ainda resistia. Eu mal conseguia acreditar que ela tinha feito àquilo sozinha. Era um desenho perfeito das montanhas de gelo, com sete pássaros grandes, voando por cima delas.

— Somos nós? — Apontei para os pássaros.

— Representa nossa liberdade. — Ela falou, fazendo que sim com a cabeça. Então ela voltou a olhar para mim com preocupação. — Você sabe que pode conversar comigo, não é?

— Eu tive um sonho ruim, só isso. — Respondi, respirando fundo e devolvendo o caderno dela. Tentava não pensar no sonho. Meu coração ainda estava acelerado.

— Você sonhou com o Peter? — Ela insistiu.

— Você acha que foi nossa culpa? — Minha garganta parecia tentar segurar as palavras para que não saíssem. Parecia mais apertada do que o normal. — Quer dizer... A gente demorou demais para sair de lá. Poderíamos ter sido mais rápidos.

— Lexi, não tinha como saber que nada daquilo ia acontecer. Você não pode se culpar por coisas que fogem

do seu controle. — Ela falava baixo para não acordar os outros. — Nós não pedimos para nada disso acontecer.

— Mas no sonho... — Minha voz falhou, assim que pensei no sonho terrível que tinha me acordado. Não sabia se deveria falar para ela ou não.

— Foi só um sonho. — Ela olhou nos meus olhos, mas virei o rosto rapidamente.

— Não foi só um sonho. — Aconteceu mesmo. Ele realmente tinha morrido. Mas não parecia real. Ainda havia algo dentro de mim que me dizia que se voltássemos à montanha, meu pai estaria esperando por nós.

— Eu sinto muito. — Eu sabia que ela também estava triste com a morte do meu pai, todos nós estávamos.

— Eu também. — Foi tudo o que consegui dizer.

— Você quer falar sobre o seu sonho? — Ela perguntou com a voz tímida, depois de alguns minutos de

silêncio. — Talvez melhore.

Apenas balancei a cabeça, afirmando. Então comecei a falar desde o começo, passando por cada detalhe. Falei sobre as árvores da floresta, o calor, as folhas. Tudo parecia muito real. Não gostava de pensar nisso. Eu não costumava ter sonhos tão vívidos e esperava não tê-los com frequência, eram os piores.

— Que horror. — Liz comentou assustada, após ouvir o final do pesadelo. — Mas ainda assim.. Você não pode se culpar pelo que aconteceu, saiba disso.

— Eu sei. — Confirmei com a cabeça.

De uma forma estranha, eu me sentia um pouco melhor. Porque ela estava certa, apesar de tudo, nada daquilo fora minha culpa. Não que isso me deixasse mais feliz, apenas um pouco mais leve, se é que fosse possível me sentir leve depois dos últimos acontecimentos.

— Bom dia. — Ouvi Vanessa, que estava na ponta,

logo ao lado de James. Ela se sentou, se espreguiçando.

— Dormiu bem? — Perguntei e antes que Liz falasse mais alguma coisa, tentei mudar de assunto.

Eu não queria falar sobre o sonho com mais ninguém e não teria falado com a Liz se ela não tivesse me visto chorar. Na verdade, Liz seria a última pessoa para quem eu me abriria dessa forma. Talvez contasse para o James, mas já sabia o que ele iria dizer. Iria simplesmente falar que o sonho tinha vindo pelo trauma de ontem, mas que não tinha sido culpa minha de forma alguma. E iria tentar me consolar depois. Falar com ele não seria uma ideia tão ruim assim, mas no momento eu só queria esquecer aquele sonho. Apagar da memória.

— Dormir bem nesse frio é meio complicado. — Vanessa esticou os braços acima da cabeça. — Mas fiz o melhor que pude.

— Complicado demais. — Liz comentou. — Não

dormi nada.

Quando olhei para ela pude perceber que os seus olhos tinham umas marcas de cansaço embaixo deles, mostrando que ela realmente tinha dormido mal. O pior é que ela teria que esperar até a próxima noite para recuperar o sono perdido, pois o plano para hoje era caminhar o dia todo.

— Hoje à noite você tenta dormir mais. — Falei no meio de um bocejo. Eu mesma não tinha dormido tão bem.

— Acho que hoje eu vou dormir bem, mesmo que a gente durma por cima das pedras.

Por um segundo, a antiga Liz estava de volta. Sorridente, falando as besteiras de sempre. Poderia continuar assim. Ela tinha andado bem triste ultimamente. Claro, devido a tudo que estava acontecendo. Todos nós estávamos um pouco diferentes. Todos nós estávamos abalados.

— A caminhada vai ser bastante cansativa. — Vanessa olhava para o céu, procurando sinais do sol que insistia em se esconder por entre as árvores. — Acho que você ainda poderia tentar dormir um pouco mais.

— Verdade, Liz. — Falei, e ela concordou com a gente, se deitando novamente.

Não demorou muito até que os outros acordassem também, e como sempre, Mitt fora o último a se levantar. Nós improvisamos um café da manhã com algumas das barras de cereais que tínhamos trazido na mochila e bebemos um pouco de água, com cuidado para que sobrasse água para pelo menos mais três dias. Alex falou que seria o tempo ideal para que tentássemos conseguir mais.

— Acho que devíamos ir andando. — James falou, assim que acabamos de comer.

Estávamos meio espalhados pelo pequeno espaço que

não era ocupado pelas árvores. Vanessa, Alex e Mitt, que resolvera tomar partido das decisões do grupo depois da discussão perdida na montanha, estavam sentados de frente para um mapa aberto em cima das suas mochilas. Provavelmente, porque não queriam deixá-lo em contato com a neve para não molhar.

— Pelos meus cálculos, temos uma viagem de três dias pelas montanhas até chegar à floresta. — Comecei a levantar e arrumar a mochila enquanto Alex falava, e James, que estivera sentado ao meu lado, fazia o mesmo.

— Isso se a gente seguir o caminho mais tranquilo... — Vanessa falou enquanto olhava para Mitt, como se estivesse prestes a voar em seu pescoço.

— Seria o caminho onde as montanhas são menos íngremes. — Mitt se justificou. — Vamos cansar menos.

— E cansando menos, cobriremos mais chão. — Alex concluiu. — Ou seja, o outro caminho poderia até ser

menor, mas demoraríamos mais pra chegar à floresta.

Vanessa deu de ombros.

Todos pareceram concordar com o plano, afinal, ninguém mais se manifestou. Eu estava feliz pelo simples fato de que iria me cansar menos. Apesar de já saber que seria uma viagem muito cansativa.

Com as mochilas prontas, começamos a caminhar em direção ao sul usando uma bussola que Vanessa tinha trazido para nos guiar e o mapa, que agora estava guardado na mochila do Alex. O início da manhã parecia ainda mais claro do que ontem, e apesar de estarmos a pouco mais de um mês do início do inverno, não tinha quase nenhuma nuvem no céu e o sol fazia um ótimo trabalho em nos deixar mais aquecidos, mesmo com o vento frio.

Tínhamos concordado em subir quase todas as montanhas para cortar caminho, pois se fossemos rodeá-

las levaríamos pelo menos o dobro do tempo. E assim, começávamos a subir a primeira de muitas.

Por sorte, as montanhas que enfrentaríamos não eram tão altas quanto a nossa. Graças ao Alex e ao Mitt, não teríamos que subir montanhas muito íngremes.

— E aí? — Mitt caminhava ao meu lado e nós caminhávamos à frente do grupo. — Como você tá se sentindo?

— Estou bem. — Ou pelo menos ainda tentava acreditar nisso.

— Foi bom ter saído, não é? — Eu não sabia se ele estava perguntando aquilo para mim, ou para si mesmo. — Acho que foi melhor para todos nós.

— Eu só espero que a gente chegue às ilhas. — Confessei.

— A gente vai sim.

— Queria ter tanta certeza disso. — Respondi.

Ele fez uma pausa, parecia pensativo. Observei-o por alguns segundos, seus cabelos pareciam mais loiros por causa da intensidade do sol e estavam mais bagunçados do que o normal. Ele olhava para baixo. Estava sério.

— Lexi — Eu podia senti-lo olhando para mim assim que desviei o olhar dele.

— Que foi? — Arqueei uma sobrancelha.

— Eu sinto muito pelo que aconteceu com o Peter...

— Eu sei. Ele era como um pai para todo mundo aqui.

— Engoli em seco.

Eu não estava esperando aquelas palavras, muito menos dele, e elas me atingiram da pior forma. A gente nunca conversava sobre nada sério e ele era a última pessoa que eu pensei que viria falar comigo sobre o meu pai.

— É sério, se você precisar se abrir e...

— Tá tudo bem. — Só queria que ele mudasse de assunto. Eu estava prestes a cair no choro, mas tentava resistir.

— Eu estava conversando com o James... E sei lá. — Ele parou novamente, estava tomando cuidado com as palavras. — A gente tá meio preocupado com você... Porque apesar de ele ter sido um pai para todo mundo. Ele era seu pai, você sabe... De sangue.

— Eu estou bem. — Meus olhos estavam lacrimejando, mas virei o rosto antes que ele visse.

— Lexi. — Ele pigarreou como se estivesse se esforçando de verdade para falar comigo sobre aquilo. — Se você quiser um ombro amigo, saiba que...

— Eu não vou ficar chorando pelos cantos, tá bom? Temos outras prioridades agora. Outras coisas que são motivos de preocupação. E se não tomarmos cuidado, nós

também podemos acabar morrendo! Você sabia? — Aquelas palavras ríspidas escaparam da minha boca antes que pudesse segurá-las. Senti um clima estranho pairando no ar. Eu realmente não estava pronta para falar sobre o meu pai, mas não precisava ter falado tudo àquilo para ele.

Nós caminhamos em silêncio por alguns minutos. Eu era orgulhosa demais, mas dessa vez sabia que tinha ido além. Apesar do estresse de tudo que estava acontecendo, o Mitt não era o culpado dessa história toda. Ele só estava tentando me ajudar.

— Mitt... Eu sinto muito. — Não era algo que eu falaria normalmente, mas iria me arrepender se não falasse. — Não era pra eu ter falado aquilo.

— Sem problemas, eu entendo. — Ele falou com sinceridade.

—Eu tenho andado muito estressada com tudo que tá

acontecendo.

— Vanessa que o diga. — Ele brincou.

— Mas ela estava certa na primeira vez. E você mesmo percebeu isso. Começou a ser mais prestativo...

— Certo, mas ela não precisava agir daquele jeito. E eu estava certo sobre o relevo. — Ele se defendeu. — Eu pensei que ela ia me bater. Fiquei até com medo.

E então ele riu, e eu o acompanhei com um sorriso. Ele tinha mania de fazer brincadeiras com qualquer coisa, por mais sério que fosse. Mas eu gostava disso, ele sempre me fazia rir.

— Você e o James têm mania de jogar a responsabilidade para cima de vocês, sempre.

— Porque nós somos os mais velhos. — Era a lógica. Eu e o James cuidamos deles desde antes de podermos cuidar de nós mesmos. — Sempre foi assim.

— Mas se você perceber. Todo mundo já cresceu.

Dei de ombros. Eu sabia que seria uma mania difícil de largar, principalmente agora, que estávamos nessa situação. Eu ainda me sentiria responsável por eles, não importaria o quanto crescessem.

— Alex e Vanessa, por exemplo, estão sempre ajudando. — Ele começou. — Não sei o que faríamos sem eles.

Eu era orgulhosa demais para concordar com ele, mesmo sabendo que poderia estar certo.

— Mitt, você acha que vamos conseguir? — Perguntei depois de algum tempo pensando se deveria. Não sabia se gostaria da resposta dele.

— Acho que sim. — Ele parecia um pouco pensativo.

— Eu espero que sim. — Eram as palavras mais verdadeiras que eu podia ter dito.

— Vamos viver um dia de cada vez... E quando menos esperarmos, estaremos morando nas ilhas. — Eu podia jurar que seus olhos azuis chegavam a brilhar, mas a luz do sol não me deixava ter certeza sobre isso.

— Se eles receberem a gente, claro. — Acabei pensando alto, mas não deixava de ser verdade.

— Lexi, como você aprendeu a ser tão pessimista? — James falou de repente. — Eles não têm porque nos recusarem.

— Quando você chegou aqui? — Perguntei surpresa.

— Ainda bem que chegou! — Mitt passou o braço por cima do ombro do James, e falou em um tom brincalhão. — A gente precisa tomar cuidado. Acho que o pessimismo dessa jovem é contagioso.

James sorriu, era o máximo que podia fazer com relação às brincadeiras fora de hora do Mitt. Apenas olhei para ele séria e dei de ombros. Eu não achava que o meu

pessimismo não podia ser explicado, não depois de tudo que havia acontecido. E não sabia como eles ainda conseguiam ser otimistas.

— Como está o braço?

— Está ótimo. — Respondi a pergunta do James, movendo um pouco o braço para que ele visse que não tinha sido nada demais.

— Verdade! Eu tinha me esquecido de perguntar isso. — Mitt comentou, batendo na própria testa de leve, como se estivesse se castigando pelo esquecimento.

— Que bom que não está sentindo mais dor. — James falou e apenas concordei com a cabeça.

— Isso aí. — Mitt comentou. — Pronta pra outra.

— Não, obrigada. — Acabei rindo.

Nós já estávamos andando por horas quando Luke nos

alcançou para falar que os outros tinham concordado em fazer uma parada para comer. Depois de subir e descer duas montanhas, e chegar ao topo da terceira, seria realmente uma boa hora para isso.

Como dividíamos a comida assim que o meu pai trazia do Norte, todos tínhamos trazido comida individualmente e quase na mesma quantidade. Então teríamos como nos alimentar por pelo menos dois dias ainda.

— Não vejo a hora de chegarmos à floresta. — Vanessa falou, enquanto abria sua mochila em busca de alguma coisa para comer.

— Vamos finalmente ficar livres do frio! — Luke comentou empolgado.

Formamos uma espécie de círculo, sentados na neve para comer. Vasculhei pela minha mochila encontrando algumas frutas e decidi que seria o melhor que podia comer no momento, pois conseguiria pelo menos me

manter com energia.

— Gente, vocês sentem falta do buraco? — Liz perguntou quando todos nós fizemos silêncio.

— Claro né. — Luke respondeu, com tom de deboche.

— Luke. — Vanessa o repreendeu, olhando-o com desprezo.

— Acho que todo mundo sente... — Comentei.

—Seria difícil não sentirmos falta daquele lugar. Praticamente nascemos e vivemos lá. — Mitt falou.

— Foi a nossa casa por tanto tempo. — E Liz completou pensativa.

— Mas foi bom sair. — James se pronunciou.

— Também acho. — Alex e Vanessa falaram ao mesmo tempo e então sorriram um para o outro como se tivesse

sido uma grande coincidência.

Estava quase acabando de comer, mas provavelmente ainda teria que esperar um pouco, pois Liz e Alex comiam muito devagar. Ou talvez, o resto de nós comia rápido demais.

— Vocês lembram aquela vez que Alex e Luke derrubaram a tenda deles? — Mitt falou, com um sorriso enorme no rosto.

— Sim! Eles estavam dentro. — Vanessa falou, rindo.
— Todo mundo teve que levantar a tenda para eles saírem.

— Foi o Alex, ele que tropeçou no colchão quando foi levantar. — Luke se intrometeu, dando risada e olhando para o amigo.

— Eu não tenho culpa se você colocava todas as suas coisas em volta do meu colchão. — Alex se defendeu, ficando vermelho aos poucos, quase da cor dos seus cabelos. Isso sempre acontecia quando ficava sem graça.

— Você nunca ficava no seu próprio espaço.

— Mas o seu espaço era muito maior do que o meu. —
Luke retrucou.

— Eu sou mais velho, preciso de mais espaço. — Alex comentou e continuou comendo. Mas nós ainda estávamos rindo.

Acho que esse era aquele tipo de história que sempre que fosse lembrado, arrancaria risadas.

Fiquei calada pelo resto do almoço, apenas escutava as conversas que variavam entre as últimas corridas que disputamos, ou tópicos de discussões entre Mitt e Vanessa. Ela parecia sempre arrumar motivos para brigar com ele, e vice e versa. Mas na maioria das vezes, Vanessa tinha razão. Mitt podia ser irritante quando ele queria.

À noite, já havíamos passado por uma boa parte do caminho e Alex chegou à conclusão de que em menos de

dois dias estaríamos na floresta. O que era ótimo, tirando pelo fato de que nenhum de nós conseguia sentir os pés de tanto andar. O lado bom era que a neve já não estava mais tão densa e isso facilitava bastante para que a gente se movesse um pouco mais rápido.

Caminhávamos quase na escuridão total, pois o Mitt não queria gastar a bateria de sua lanterna antes de chegar à floresta. Ele insistia em dizer que lá seria muito mais “legal de usar”. Eu não entendia o porquê, mas nenhum de nós tinha energia o suficiente para discutir com ele.

— Silêncio! — James sussurrou para Alex e Luke que conversavam a alguns metros de distância dele.

Nós paramos. Ninguém se movia. Demorei um pouco para entender o que estava acontecendo, pois ninguém falava uma palavra e eu podia ouvir respirações ofegantes que lutavam para não serem ouvidas.

Comecei a ouvir vozes, vindo em nossa direção, e não

tinha como saber quantas pessoas era, mas já havia escutado pelo menos três vozes diferentes. Por causa da escuridão, não tínhamos como nos comunicar nem por gestos. A única coisa que sabia, era que ainda estávamos todos parados, pensando em uma saída que não fosse nos matar.



CAPÍTULO 7

As vozes estavam se aproximando, cada vez mais altas. Eu tinha a leve impressão, talvez por medo, de que vinham exatamente em nossa direção. Meus pés tremiam e eu tentava decidir às pressas se deveríamos correr ou simplesmente tentar nos esconder. Não sei se tínhamos tempo para a segunda opção, mas ainda assim, parecia mais segura do que a primeira. Estava escuro demais para correr e iríamos nos perder facilmente uns dos outros.

— Abaixem! — Vanessa falou o mais baixo que pôde, num tom que todos nós poderíamos ouvir.

Em uma fração de segundos, eu me atirei no chão, o mais silenciosamente possível. Ouvi barulhos de galhos se quebrando. Eles estavam muito perto agora.

Comecei a impulsionar meu corpo na direção da árvore mais próxima, com os joelhos e as mãos, rastejando e tentando não emitir som algum. Minha testa estava molhada de suor e eu fazia força para me mover rápido sem nenhum fazer barulho, nem movimentos muito bruscos.

— Lexi? — Ouvi alguém sussurrar perto de mim, era Vanessa.

— Aqui. — Sussurrei de volta e me juntei a ela, atrás da árvore.

Tínhamos tido a mesma ideia, o que não era uma coisa tão boa assim, considerando que as árvores das montanhas não eram grossas o suficiente para esconder as duas. Por sorte, a escuridão estava ao nosso favor.

— Você soube dos guardas? — Uma voz masculina podia ser ouvida a poucos metros de onde nós estávamos.

— Sim, foi brutal. — Uma mulher falou, podia ouvir claramente a sua voz.

— Foram assassinados terrivelmente. — A mesma voz masculina falava de novo. — Nenhum deles sobreviveu.

— Precisarão eleger um novo líder. — Outra mulher participava da conversa. Ela tinha uma voz rouca, diferente da voz fina da primeira.

Eu não podia ter plena certeza do que estavam falando, mas diria que o assunto daquelas pessoas era o meu pai. Principalmente quando a mulher falou que precisariam eleger um novo líder, pois meu pai era o líder do exército negro. Mas algo soava muito estranho, não estavam falando só sobre o meu pai. Estavam falando sobre mortes, no plural. Não pude deixar de pensar naqueles guardas que foram atrás de nós. Mas eu estava muito

confusa, nada fazia sentido. Será que eles tinham morrido? Não, eles tinham que estar falando sobre outros guardas.

Pela quantidade de passos, diria que eram mais de quatro pessoas. Minha respiração ainda estava ofegante, por causa do esforço que tinha feito para chegar até a árvore. Coloquei a mão na frente da boca, para não deixar que me ouvissem.

— Têm seis deles. — Vanessa sussurrou, perto do meu ouvido.

— Shh! — Eu respirava com cuidado, meu coração acelerava e quase podia ouvi-lo bater.

Vanessa observava os homens enquanto eles passavam e assim que as vozes se tornaram um pouco mais distantes, virei para observá-los também.

Não conseguia ver muita coisa, mas como eles tinham lanternas, podia me aproveitar disso para ver aqueles que estavam na frente da luz. Vanessa estava certa sobre a

contagem, eram exatamente seis. Duas mulheres entre eles. Eram adultos e todos usavam o mesmo uniforme, um que me era bem familiar. Eram do Exército Negro. Três deles estavam com as lanternas e iluminavam o caminho para os outros três que andavam na frente. A altura deles variava entre o Alex e o James, ou seja, eles eram altos.

Cada um carregava duas armas, pelo que pude notar. Tinha uma arma maior nas costas, amarrada por um suporte para que não precisassem ficar segurando, e uma menor, que alguns deles carregavam na mão. Imaginei que aqueles que não estavam com as armas em mãos, provavelmente estariam com elas nos bolsos. E não acho que só tinham essas duas. Meu pai sempre falava que o exército negro tinha armamento pesado e só agora eu realmente entendia o que ele queria dizer.

— Ouviu isso? — Uma voz mais grossa, que não tinha ouvido antes.

Eles pararam de andar.

Já estavam um pouco mais à frente, mas eu não tinha noção de onde os outros estavam. Eu não fazia ideia de que o meu coração podia bater tão rápido. E apesar do frio, eu ainda estava suando. Pensei em Liz. Ela devia estar desesperada.

Os homens desviaram um pouco do seu curso e começaram a vasculhar as árvores por perto de onde eles estavam. Apenas dois deles andavam por entre as árvores, com armas e lanternas em mãos. Os outros esperavam parados, apontando suas armas para as árvores, na expectativa de verem alguém.

Vanessa se mexeu, dando a intenção de que ia se levantar. Segurei o seu braço com força, puxando-a de volta para o chão. Mexi a cabeça devagar, sinalizando para que ela não fizesse nenhuma loucura. E ela parou.

Voltei a olhar para o grupo, um dos que estava vasculhando entre as árvores estava parado, como se tivesse visto alguma coisa. Não se movia. Sua arma

apontando diretamente para a árvore. Meu coração parou.

— Não tem nada aqui. — O outro homem falou e então eles continuaram sua caminhada.

Respirei fundo, nunca tinha me sentido tão aliviada. Apesar de ainda estar com medo, sabia que eles não voltariam mais. E aos poucos, minha pulsação se acalmava e voltava ao normal. O frio indesejado retornava ao meu corpo, expulsando o calor do nervosismo. Nenhum de nós falava uma palavra e nos mantivemos no mesmo lugar por alguns minutos. Esperamos até que não pudéssemos ouvir mais nenhum som e que tivéssemos certeza de que aqueles guardas estavam bem longe de nós.

— Ele me viu! — Luke foi o primeiro a quebrar o silêncio.

O Mitt já tinha acendido a lanterna, talvez para ter certeza de que todos ainda estavam ali, e bem.

— Eu tenho certeza. — Luke continuou. — Ele olhou nos meus olhos.

— Se ele tivesse te visto mesmo, não estaríamos mais aqui. — James respondeu, tirando a neve do seu casaco.

— O James está certo. — Eu me assustei um pouco com a minha voz, que estava trêmula e pigarreei antes de continuar. — Eles teriam nos matado.

— Ele pode ter olhado na sua direção, mas não ter te visto. — Vanessa comentou. — Você só acha isso porque estava com medo.

Mitt voltou a desligar a lanterna, pois a bateria estava tão fraca a ponto de não fazer mais tanta diferença termos a lanterna ligada ou desligada. E agora, no segundo dia no escuro, começávamos a acostumar mais a nossa visão. Sem contar que a luz da lua ajudava um pouco.

— Eu estou falando a verdade. — Luke insistia. — Ele me viu mesmo.

— Eu acho que a Vanessa está certa. — Liz falou e sua voz também mostrava o nervosismo que estava sentindo. — Foi impressão sua.

— É, estava escuro demais para ele ter te visto. E estávamos muito bem escondidos. — Mitt falava enquanto guardava sua lanterna de volta na mochila.

— Não tem como terem te visto. — Alex argumentou. — Ele nem sequer olhou na sua direção.

— Claro que olhou! — Luke argumentou.

Eles provavelmente tinham se escondido juntos, pois a última vez que lembro, antes de o James falar para a gente fazer silêncio, os dois vinham conversando atrás de nós. E realmente, o Mitt tinha razão, estava muito escuro para terem os visto escondidos. Além do mais, se tivessem nos encontrado, teriam nos matado na hora. No máximo, eles nos levariam de volta para o povo do Norte e nos matariam junto às nossas famílias. Que seria a pior opção

possível.

— Eles não iriam te poupar. — Liz ainda tinha o mesmo tom de voz assustado.

— Luke, não tem como ele ter te visto. Fim da história. — Vanessa comentou e Luke pareceu convencido depois dos argumentos que todos tinham contra ele. — Acaba com essa besteira.

Eu estava feliz por termos conseguido nos esconder a tempo e por todos estarmos bem. Era só isso que importava. Dessa vez, tudo tinha dado certo. Estava tudo bem.

— Vocês ouviram o que eles falaram sobre os guardas que morreram? — Perguntei. — Acho que estavam falando sobre aqueles três guardas que...

— Não sei se era sobre eles. — James comentou. — Mas também achei estranho.

— Para falar a verdade, não entendi nada. — Mitt confessou. Mas acabei ficando com aquele pensamento rondando minha cabeça. Quem teria matado aqueles guardas se o meu pai já tinha morrido. Não fazia sentido nenhum. Talvez eles estivessem falando sobre outros guardas.

Nós concordamos em andar mais um pouco, para ficar o mais longe possível deles e não correr perigo novamente. Não tínhamos como saber se eles voltariam, então simplesmente rodeamos a montanha em busca de uma clareira que fosse mais segura para passarmos a noite.

O nervosismo ia deixando os nossos corpos depois de um tempo e tínhamos conversas esporádicas durante o caminho. Alex e Luke andavam na frente e eu ainda pude ouvi-lo algumas vezes insistindo sobre o fato de ter sido visto. Alex não respondia, sabia que não valeria a pena. Eu e as meninas caminhávamos juntas atrás deles, trocando algumas palavras entre os passos.

— Você ia mesmo levantar àquela hora? — Perguntei para Vanessa, olhando diretamente para ela.

— Não sei. — Seu rabo de cavalo estava levemente bagunçado e mal podia vê-lo por causa do escuro. — Só se eles vissem alguém.

— Não teríamos chance alguma. — Liz comentou. — Ainda bem que não aconteceu nada.

— Será que eles viram o Luke mesmo? — Indaguei, apesar de saber que seria loucura, não sabia por que ainda pensava isso.

— Eles me viram sim! — Luke, que estava a poucos metros de nós, acabou se intrometendo.

— Óbvio que não. — Vanessa respondeu alto o suficiente para que ele ouvisse também. Liz deu uma risadinha abafada.

O frio estava começando a incomodar e apesar de

estar com três casacos, estava dificultando bastante a nossa caminhada. Meus pés já tinham começado a doer há algum tempo e eu começava a andar no automático, tentando ignorar a dor. Pelo simples fato de ser competitiva, não queria ser a primeira a parar. Mas não iria aguentar por muito mais tempo.

Por sorte, Liz e Alex decidiram parar quase na mesma hora, o que me fez suspirar de tão aliviada que fiquei. Não aguentaria dar mais um passo. Todos estávamos muito cansados e não falamos muito aquela noite. Tive tempo apenas de checar como Liz estava depois de tudo aquilo, pouco antes dela dormir. Por ser a mais nova, não sei como ela realmente estava levando toda aquela situação, pois apesar de não parecer mal, ela é um pouco fechada com relação aos sentimentos. Assim como eu.

Nos ajeitamos em meio as árvores, um do lado do outro, usando a tática do Alex para diminuir o vento, que naquela noite não estava tão forte. Alguns comeram alguma coisa rápida antes de desmaiar de sono e outros

nem sequer tiveram energia para tal. Eu estava começando a me acostumar com as barras de cereais, dos mais variados sabores. Barras de carne, frutas, e chocolate, que era a melhor de todas.

No outro dia, acordei ainda mais cansada, como se tivesse sobrevivido a uma avalanche durante a noite. E pelas expressões dos outros, estavam se sentindo dessa forma. Com exceção do James, que tinha o físico impecável e poderia correr por dias sem se cansar. Eu precisava pegar um pouco daquele entusiasmo emprestado.

Acordamos bem mais tarde do que o normal, talvez por estarmos tentando recompor as energias depois de ontem. E no café da manhã, eu havia comido as últimas duas fatias de pão que tinha na mochila. Não me arrependi nem um pouco, pois aquelas fatias me ajudaram bastante a recuperar a energia.

Continuamos andando assim que todos terminaram de comer, mantínhamos um ritmo mais lento do que o dia anterior, para que conseguíssemos andar pelo menos metade do que pretendíamos.

Estávamos na metade da primeira montanha e o sol insistia em se esconder atrás das nuvens escuras. Apesar disso, a paisagem não decepcionava. Estando próximo ao topo, podíamos ver todas as montanhas vizinhas, que se estendiam por quilômetros.

— O que é isso?! — Nós andamos em direção ao Luke, que já estava do outro lado do topo.

— Motos de Neve! — Mitt falou alto, correndo na direção das motos.

Eles estavam de frente para três máquinas enormes, que tinham um tipo estranho de roda própria para a neve, com umas correntes em volta, e um banco com espaço para pelo menos três pessoas. As três tinham a mesma cor

acinzentada, com alguns detalhes em verde.

— Vamos usá-las! — Mitt estava realmente empolgado.

Eu não o via assim desde que o dia em que o meu pai fora ao buraco para nos dar a notícia de que teríamos que fugir. Mitt era apaixonado por todo tipo de veículos e meu pai sempre levava fotos ou livros para que ele aprendesse mais sobre eles. Então, se ele estava falando que eram motos de neve, não tinha porque duvidar.

— A gente não pode simplesmente roubar as motos. — James olhava para os lados, como se esperasse que os donos chegassem. — Você está louco?

— Na verdade... — Alex começou. — ganharíamos pelo menos um dia de viagem com essas motos. Não vejo porque não levar.

— Gente, como assim? — Vanessa parecia indignada. — Não podemos roubar. O James tá certo.

— Vamos virar alvos fáceis... — Liz comentou.

— Sem contar que os donos virão atrás de nós! — Vanessa completou.

— Qual a diferença? — Resolvi brigar pelas motos também. — Eles já estão nos perseguindo. Não vai mudar muita coisa.

— E agora poderemos fugir muito mais rápido. — Mitt andava ao redor das motos fascinado, como se as estudasse.

Meu lado racional apoiava o que o James e a Vanessa estavam falando, mas aquelas motos iriam facilitar tanto a nossa vida, que eu não conseguia simplesmente dizer não a elas. Além do mais, não faria diferença alguma, pois já estávamos sendo perseguidos.

— Certo, eles já estão nos perseguindo. — James falou. — Por isso temos que continuar nos escondendo.

— Imagina o barulho que essas coisas fazem?

— Elas são o modelo mais silencioso que existe. — Mitt rebateu o argumento de Vanessa e ela o repreendeu com o olhar. Ele continuou sorrindo, apesar disso.

— Vamos levar, não temos nada a perder! — Luke resolveu brigar pelas motos também, éramos quatro contra três.

James, Liz e Vanessa pareciam não querer aceitar a ideia, de forma alguma. Enquanto isso, Mitt estava procurando por alguma coisa, abrindo e fechando os bancos, e umas espécies de caixas que tinham atrás das motos. De repente, seus olhos se encheram de brilho e ele levantou três cartões dourados, presos um ao outro por um tipo de ímã. Os cartões tinham o emblema do exército negro desenhado no meio deles.

— Não tem mais nada nos impedindo. — Alex sorria, olhando para o objeto que Mitt estava segurando.

— São as chaves. — Mitt falou finalmente.

Ele entregou um dos cartões para Alex e caminhou em direção a uma moto, observando que tinha um pequeno compartimento na frente do banco onde as chaves se encaixavam perfeitamente. Alex colocou a chave delicadamente e então apertou um botão ao lado, que fez com que o cartão pulasse de volta para a sua mão.

— Isso é um sinal. — James comentou, depois da tentativa falha de Alex de ligar a moto.

Então, ouvimos uma das motos funcionando. O som que saía dela era tão baixo que só pudemos ouvi-lo porque estávamos em silêncio. Mitt estava certo, as motos realmente eram silenciosas.

— Sinal de quê? — Mitt riu. Ele já estava sentado em uma das motos e pronto para ir. — Só se for sinal de que o Alex não sabe ligar uma moto.

Alex estava da cor do seu cabelo quando subiu na

outra moto, colocando o cartão novamente e apertando o botão em frente ao outro que tinha apertado antes, de ejetar a chave. A moto ligou facilmente dessa vez e Luke subiu atrás dele, segurando na parte de trás da moto.

— Vamos deixar essas motos e continuar a pé. — Vanessa parecia um pouco impaciente. — Vocês não acham estranho que as chaves estejam aí?

— Tem razão. Está fácil demais. — James concordou.

Mitt me deu a outra chave para que eu controlasse a outra moto, então andei até lá e liguei-a, da mesma forma como tinha visto os dois fazerem. James, Vanessa e Liz ainda se olhavam, pensando se deveriam subir nas motos ou tentar nos convencer do contrário.

— Não temos nada a perder. — Falei finalmente, para que eles subissem nas motos. — E vocês têm razão. As chaves realmente estavam fáceis de achar, mas pode ser porque eles não imaginaram que alguém iria roubá-las.

— E vamos devolvê-las. Só precisamos chegar até a última montanha antes da floresta. — Alex falou, esperando que os outros subissem nas motos.

— Vamos logo então. — James falava enquanto subia na minha moto. — Antes que os donos dessas motos voltem.

— Essa ideia só poderia ter sido sua. — Vanessa olhou diretamente para o Mitt e subiu na moto dele.

Liz subiu logo atrás de Vanessa, e por mais incrível que fosse, tinha ficado muito confortável para os três. Teria espaço até para mais alguém se precisasse.

— O acelerador é esse botão embaixo dos seus pés. É só pisar, mas cuidado para não pisar forte demais. Tentem controlar a velocidade. — Mitt orientava a mim e ao Alex. — E o freio é essa alavanca embaixo do guidão, que é a parte de segurar. É só puxar pra trás quando precisarem parar.

— Como faço para virar? — Perguntei, aproveitando a explicação do Mitt.

— É só puxar o guidão para o lado que você quer fazer a curva.

Assim que ele terminou de falar, ele abaixou o pé direito em cima do acelerador e saiu com a moto, como se estivesse fazendo aquilo há anos. Seu semblante era o mais feliz que eu já tinha visto. Eu e o Alex fomos logo atrás, percebendo que não era tão difícil assim, pois aos poucos conseguimos ir quase tão rápido quanto o Mitt.

O vento frio atingia meu rosto com força, por causa da velocidade com que estávamos indo. Eu tentava colocar o casaco na frente do rosto, para que o frio não incomodasse tanto, mas já podia sentir as bochechas e o nariz congelando. Quando passei por Alex, percebi que ele passava pela mesma situação, pois suas bochechas estavam rosadas por causa do frio.

Apesar disso, estávamos felizes por ter uma forma muito mais rápida de nos movimentar, e por não precisar andar mais. O Mitt estava a metros de distância e eu sabia que ele estava fazendo esforço para nos esperar. Mesmo assim, conseguíamos alcançá-lo algumas vezes, porém assim que chegávamos perto, ele acelerava e voltava a se distanciar. Ele era realmente bom naquilo.

Havia poucas árvores nas montanhas, então não estávamos tendo problemas quanto a isso. Não era tão difícil andar em linha reta. E eram poucas as vezes que tínhamos que desviar de alguma coisa.

— Você não está preocupada? — James perguntou atrás de mim. Mas a moto era tão silenciosa que apesar de ter falado baixo, eu o ouvi como se estivéssemos caminhando lado a lado.

— Considerando tudo que está acontecendo... Acho que não.

— Acabamos de roubar três motos. — Ele continuou.

— Quando eles derem conta, estaremos bem longe.

Eu entendia as preocupações do James, obviamente. Mas realmente acreditava que aquela deveria ser a menor delas. Talvez, menos perigoso do que se continuássemos andando. Afinal poderiam aparecer mais guardas como aqueles de ontem à noite. E com essas motos, pelo menos teríamos uma chance de fuga.

— Espero que você esteja certa. — Apenas confirmei com a cabeça, sem muita certeza se ele poderia ver e continuei me concentrando no caminho.

Depois de quase três horas, já estávamos passando pelo topo do que parecia ser a antepenúltima montanha. E eu estava feliz por termos escolhido o caminho menos íngreme. Não acho que seria possível andar com essas motos nas montanhas mais altas.

Com o tempo, eu conseguia adquirir mais confiança,

assim como o Alex. E já conseguíamos andar na mesma velocidade que o Mitt. Andávamos lado a lado, descendo a montanha e desviando das poucas árvores que apareciam.

— Vamos mais rápido! — Mitt nos desafiou.

— Acho melhor não. — Alex falou, e ele não parecia inseguro, mas também não estava tão confortável assim para correr.

— Deixa o Luke pilotar então. Ele toparia uma corrida. — Mitt falou sorrindo e então acelerou. Alex não teve tempo de responder.

Pisei mais forte no botão, até que não fosse possível apertar mais. Eu não iria deixar o Mitt falar daquela forma com o Alex. Se ele queria uma corrida então eu daria isso a ele. Assim que pisei fundo no botão, a moto deu um solavanco, nos forçando a segurar mais forte para não cair. Quando percebi que havia sido uma péssima ideia,

lembrei-me de puxar o freio, como o Mitt tinha ensinado.

Puxei a alavanca, primeiro suavemente, como tinha feito no começo com o acelerador. Mas nada acontecia. Então puxei com mais força. Ainda nada. Tentei manter a calma, mas não conseguia pensar em nada. Na verdade, não tinha tempo para pensar em muita coisa enquanto desviava das árvores em alta velocidade.

— O freio não funciona! — Gritei para o James. — Não tá funcionando!

Meu coração disparou. Descíamos cada vez mais rápido e eu não sabia como parar.



CAPÍTULO 8

— Mitt! — James gritou e sua voz ecoou montanha abaixo.

Continuei me concentrando no caminho. Ainda tentava manter a calma, mas era em vão. Minhas mãos suavam frio, mas eu não soltaria o guidão por nada. Por mais que ficasse cada vez mais difícil de virar, continuava me esforçando para não batermos em alguma coisa.

Eu realmente não tinha ideia do que podia fazer naquela hora. Tudo que conseguia pensar era na base da

montanha e na quantidade de árvores que esperava por nós. Eu não via outra saída. Só podia imaginar a moto batendo nas árvores e a cena se repetia várias vezes em minha cabeça. Quanto mais eu tentava não pensar nisso e procurar uma solução, mais esse pensamento insistia em continuar me seguindo.

James continuava gritando o nome do Mitt, cada vez mais alto, mas nem sinal dele. Ele poderia já estar na base da montanha. Comecei a gritar também, não via outra solução. Nossos gritos formavam um coro, que apesar de alto, ninguém parecia ouvir.

— Lexi, tenta de novo. — James insistiu. — Não é possível que esteja quebrado!

— Estou tentando fazer o que o Mitt falou. — Puxei novamente a alavanca do freio e nada aconteceu. — Não funciona!

Comecei a apertar botões diferentes, todos que eu

batia o olho. Botões que eu não sabia para que serviam, mas que poderiam ajudar. Na verdade, qualquer botão que parasse aquela moto seria válido.

— Vamos bater. — Falei e virei para trás, antes de ouvir o grito dele me dizendo para olhar para frente.

— Continue desviando das árvores! — Podia ouvir o nervosismo na voz dele, assim como na minha. — Preciso pensar.

— Eu não sei se você percebeu... — Eu falava quase gritando agora. — Mas não temos muito tempo para pensar!

— Vamos pular. — Tive que me controlar para não olhar para o James. Tinha que ter certeza de que ele estava falando sério.

— Tá louco? — Dentro de mim eu sabia que era a única opção, mas não queria admitir.

— Você tem uma ideia melhor?

Fiquei calada por alguns segundos e então comecei a gritar pelo Mitt de novo, dessa vez ainda mais alto. Mal parava para respirar. Eu não iria pular daquela moto naquela velocidade. Não mesmo.

— Lexi, ele não vai ouvir. — James continuava com a mesma ideia maluca. — Teremos que pular!

— Mitt! — Ele era a minha última esperança.

Tínhamos mais ou menos três minutos até a base da montanha, com sorte. A quantidade de árvores só iria aumentar e eu não sabia nem se chegaríamos até a base. Talvez as árvores nos parassem antes.

— A gente tem que pular agora.

— Pensa em outra coisa! Não vou pular! — Eu insistia, mas não o culpava, pois eu mesma não conseguia pensar em mais nada.

De repente, vi a moto do Mitt surgindo do meio das árvores e vindo em nossa direção. Ele estava sozinho. Talvez já tivesse nos escutado antes e já tinha o plano perfeito para nos salvar. Eu nunca quis tanto que um pensamento se tornasse realidade.

— Mitt! — Eu e o James gritamos ao mesmo tempo.

— O freio não está funcionando! — James gritou, apesar de a distância estar diminuindo enquanto o Mitt chegava mais perto de nós.

— Vocês vão ter que pular! — Ele gritou.

Não acreditei. Queria pedir para o Mitt repetir aquilo, pois ainda tinha esperança de ter escutado errado. Não era possível que aquela seria a melhor ideia dele. Ele era a minha última esperança e agora falava a mesma loucura que o James havia falado antes.

— Vamos Lexi. — James confirmou as palavras do Mitt. — No três.

Respirei fundo para tentar me acalmar um pouco. Parecia que realmente teríamos que pular. Nós não podíamos ficar evitando o que era iminente, ainda mais quando tínhamos menos de um minuto até chegar à base. E chegando lá, seria impossível desviar de todas as árvores. Iríamos bater.

— Um! Dois! — James começou a contagem. Olhei para os lados para ver o melhor lugar para cair. — Três!

Ele pulou.

Não consegui nem soltar as mãos do guidão. Eu não teria coragem o suficiente para pular e não podia olhar para trás, para ver se o James estava bem.

As árvores se aproximavam em uma velocidade muito grande e já não havia muito que fazer. Se eu pulasse, poderia não ter mais espaço para cair. Iria me bater nas árvores de qualquer jeito.

— Lexi! — Ouvi uma voz meio distante. — Tente virar

um pouco o guidão na minha direção.

Era o Luke! Ele estava alguns metros atrás de mim e se aproximava com velocidade maior que a minha. Alex estava no carona, segurando firme para não cair, pois os dois estavam indo muito rápido.

— Tire o pé totalmente do acelerador! — Alex gritou.

— Já fiz isso há muito tempo. — Falei, como se aquela tivesse sido a pior ideia do Alex.

Eu tinha no máximo trinta segundos até entrar no meio das árvores, mas fiz o que o Luke tinha falado e virei o guidão de leve para onde ele estava. Tentei não fazer movimentos bruscos para que a moto não virasse, seria a pior coisa que poderia acontecer agora.

Ele vinha muito rápido e em poucos segundos estava ao meu lado, acelerando na direção das árvores.

— Você vai ter que pular! — Luke falou.

Olhei para o lado e o Alex fazia um sinal como se fosse me segurar. Andávamos lado a lado. Não parecia uma ideia tão ruim assim.

— Lexi! — Ele gritou.

Eu coloquei os dois pés em cima do banco da minha moto e fechei os olhos, pulando para a moto deles, segurando com todas as minhas forças no banco atrás do Alex. Enquanto isso, o Luke puxava o freio e virava totalmente a moto para que não tivesse o mesmo fim que a minha moto acabara de levar: destruída no meio das árvores.

Alex me ajudou a subir no banco e aos poucos o Luke ia desacelerando a moto. Desci na mesma hora que paramos e não pretendia voltar. Eu ainda suava frio e minhas mãos tremiam.

— Você está bem? — Luke me perguntou, tirando uma garrafa de água da mochila dele e me dando um gole.

— Agora estou! — Minha respiração voltava ao normal aos poucos. — Você salvou a minha vida. Muito obrigada.

Alex pigarreou e acabei corrigindo minhas palavras.

— Vocês salvaram minha vida. — Agradei, abraçando os dois.

Toda a adrenalina agora deixava o meu corpo e eu começava a pensar no James. Precisava saber se ele estava bem. Não demorou muito até que o Mitt aparecesse, com o James atrás da moto dele. Corri na direção dos dois assim que pararam.

— James! — Falei preocupada quando os alcancei. — Se machucou muito?

— Quebrou todos os ossos. — Mitt brincou como sempre e eu revirei os olhos.

— Eu estou bem. — James sorriu com a brincadeira

do Mitt. — Só arranhei o braço. Dei sorte de cair na neve macia. Acabou amortecendo a queda.

— Que bom. — Suspirei aliviada. — Poderia ter sido muito pior.

Vanessa e Liz chegaram correndo de repente, também preocupadas com o que tinha acontecido. Devem ter se guiado pelo barulho da moto batendo nas árvores.

— Vocês estão bem? — Elas perguntaram juntas.

— Sim, vão sobreviver. — Alex respondeu a pergunta por nós.

— Eu avisei que era uma péssima ideia. O que você tem na cabeça? — Vanessa começou a caminhar na direção do Mitt com uma mão levantada. O rosto dela estava vermelho de raiva. — Você quase os matou! — Ela avançou como se fosse bater nele e conseguiu arrancar algumas tapas antes de ser segurada por Luke e Alex.

— Eles estão bem! — Mitt falou sem ter tanta certeza, olhando para o James que segurava o braço, com dor.

— Você não cansa de ser tão irresponsável? — Vanessa continuou falando.

— A ideia não foi só dele. — Luke defendeu o Mitt.

— Como você consegue defender ele?

— Nós ganhamos bastante tempo. — Alex comentou, mas se afastou um pouco de Vanessa antes de arriscar aquelas poucas palavras.

— Foi uma votação, todos sabiam os riscos. — James falou e acabou com a discussão.

Vanessa não parou de discutir porque ela concordava com o James, mas simplesmente porque viu que não valeria a pena. Ela apenas revirou os olhos e se calou, com um semblante irritado. Mas eu entendia o lado dela, pois apesar de ter ficado do lado do Mitt na votação pelas

motos, agora sabia que tinha sido uma péssima ideia. Eu poderia não estar mais aqui se não fosse pelo Luke e pelo Alex.

— Gente, não é por nada não... — Liz começou a falar e todos nós nos viramos para ela. — Mas acho que devíamos ir andando. A batida da moto nas árvores fez muito barulho e se tiver alguém por perto, vai ser fácil nos encontrar aqui.

— Tem razão. — Alex respondeu.

— Vamos andando então. — Eu disse, ajeitando a mochila nas costas e começando a caminhar.

Eu ainda estava nervosa pelo que tinha acabado de acontecer e mal podia acreditar que tinha ficado tudo bem.

Liz e Vanessa caminhavam ao meu lado, enquanto o resto do grupo ia logo atrás de nós. Vanessa improvisou uma faixa para o James colocar no pescoço e imobilizar o braço na mesma posição, para que ele não sentisse mais

dor. Mas como ele mesmo disse, não parecia ter quebrado nenhum osso.

— Você tá bem mesmo? — Vanessa me perguntou.

— Acho que sim, tô viva né? — Peguei no meu braço como se quisesse saber se ainda era de carne e osso.

— Ficamos muito preocupadas. — Liz falou.

— É verdade... — Vanessa continuou. — Quando o Mitt ouviu vocês gritando, ele nos deixou perto da base da montanha e sumiu montanha acima.

— Não sabíamos ao certo o que estava acontecendo. — Liz parecia ainda estar preocupada, mesmo depois de ver que estávamos bem. — Só estou feliz porque vocês estão bem.

Ela me abraçou carinhosamente, um abraço apertado como se me segurasse numa tentativa de me proteger. Não pude evitar o sorriso. Então, seguindo o exemplo de Liz,

Vanessa me abraçou também.

— *Estamos* felizes porque vocês estão bem. — Ela corrigiu Liz, dando ênfase no “estamos”. Vanessa não era de abraçar, então ela devia ter ficado realmente preocupada com a gente.

— Obrigada. — Eu continuava sorrindo.

Assim que paramos de nos abraçar, ouvimos os garotos sussurrando alguma coisa e dando risada. Não tinha como saber o que era, mas suspeitava que as risadas fossem consequência dos abraços, pois eles também não eram muito de abraçar. Na verdade, nenhum de nós era muito de abraços, mas essa era uma ocasião especial considerando que eu e o James quase morremos.

— Também quero um abraço! — Mitt falou, quando as risadas pararam.

Então ele se aproximou de nós e abraçou as três ao mesmo tempo, puxando a gente em um abraço de urso.

Mas não foi carinhoso como a Liz, e sim, completamente desajeitado.

— Sai daqui! — Vanessa empurrou o braço dele irritada. — Você não merece abraço nenhum, quase causou um acidente!

— Eu sinto muito. — Mitt falou, ficando sem graça.

— Suas intenções eram boas. — Comentei, tentando tirar um pouco a culpa de cima dele. — E ficou tudo bem no final.

Não demorou muito até que os meus pés comessem a doer novamente, mas nem por um segundo desejei que estivéssemos de volta nas motos. Seria uma experiência única, que eu não fazia questão alguma de repetir.

Por sorte, meus sapatos eram bastante confortáveis, então não tinha bolhas nos pés. Mas sei que o Luke não poderia dizer o mesmo, pois estava se queixando dos sapatos desde o primeiro dia.

A hora do almoço já tinha passado há algum tempo e eu podia sentir minha barriga roncando, tínhamos combinado de chegar ao topo da última montanha antes de parar. De acordo com o Alex, aquela seria a última antes da floresta.

— Vou morrer de fome. — Luke reclamou pela milésima vez.

— Falta pouco. — Alex já estava ficando sem paciência quando respondeu.

— Estamos todos com fome, mas falta pouquinho para chegar. — Liz tentava consolá-lo.

— É sério gente, não vou aguentar não. — Luke continuava reclamando.

— Falta muito pouco. — Repeti as palavras do Alex.

— Porque a gente não pode parar agora? — Luke perguntou.

— Queremos ver a floresta. — Vanessa respondeu entusiasmada.

— Vê depois. — Luke insistia. — Vamos comer.

— Se você não quiser ver, você para aqui e come sozinho. — James já estava começando a se irritar.

Eu estava dividida entre os dois, mas não tinha energia suficiente para opinar. E apesar da fome, também queria muito ver a floresta. Seria a primeira vez que a veríamos. Nunca pensei que chegaríamos tão longe. Meu pai falava muito sobre a floresta e sobre os animais, eu mal podia esperar para presenciar tudo o que ele mencionava. Mal podia esperar para ver que era tudo real, não só coisas que eu imaginava através de fotos que ele trazia às vezes, das viagens com o exército negro.

— É sério, vão lá... — Luke reclamou pela última vez, mas ninguém o deu ouvidos. Então, ele continuou andando.

De repente, Vanessa começou a correr. Faltava muito

pouco para chegarmos ao topo e pelo visto ela não teria paciência para continuar andando até lá. Como todos nós, ela mal podia esperar para ver a floresta. E quando a vi começar a correr, fiz o mesmo, correndo atrás dela, e então os outros vieram também.

Ela chegou ao topo, curvando-se de leve por causa do cansaço. Seus olhos estavam arregalados, como se acabasse de ver um fantasma, mas a expressão era de felicidade. Cheguei logo depois e entendi rapidamente o motivo para os seus olhos estarem daquele jeito, como se quisessem captar tudo ao mesmo tempo. Era assim que eu me sentia também.

Eu me senti muito pequena, como nunca tinha sentido, comparado à imensidão à frente. Nós éramos nada. Era assustador e ao mesmo tempo impressionante. Meus olhos se encheram de lágrimas enquanto encarava o que estava à minha frente. E quando olhei para os lados vi que Vanessa e Mitt derramavam algumas lágrimas disfarçadamente.

Aquele era o sinal mais forte da nossa liberdade. Significava muito mais do que a paisagem em si. Além de a paisagem ser muito bonita, o que estava por trás conseguia ser mais bonito ainda. Estávamos nos aproximando cada vez mais das ilhas, nos tornando livres.

A quantidade de árvores à nossa frente poderia cobrir todas as montanhas atrás de nós e o verde se espalhava pelas árvores perfeitamente, como um lençol que não às deixava sentir frio. Depois da imensidão da floresta, podíamos ver o deserto, que fazia um contraste perfeito de cores.

— Nossa! — Luke falou quando finalmente chegou ao topo da montanha e sua expressão imitava a do James.

— Estamos finalmente livres. — Mitt falou.

— Esse aqui é o verdadeiro símbolo da nossa liberdade. — Liz comentou emocionada.

— Estamos conseguindo. — Falei. — Acho que vai

dar tudo certo.

Eles me olharam surpresos, pois eu não costumava ser nem um pouco otimista. Mas diante daquela imensidão, eu sentia que havia esperança para nós. Os olhares duraram poucos segundos, ninguém queria desviar os olhos do que esperaram a vida inteira para ver.

— Vamos continuar. — Mitt falou.

— Você tá brincando né? — Nesse momento pensei que Luke ia começar a chorar. Ninguém podia brincar com a fome dele.

— Ele está sim. — James falou, rindo um pouco do desespero do Luke. — Vamos comer.

Então nos sentamos para comer, observando a vista que não teria como ficar mais bonita. Apesar disso, uma preocupação ainda nos cercava: estávamos ficando sem comida e aquela seria nossa última refeição fácil.



CAPÍTULO 9

À medida que descíamos a montanha, a quantidade de neve começava a diminuir. No começo da floresta ainda havia alguns resquícios da neve e alguns lugares estavam molhados, ou com pedras de gelo no chão. Por isso, andávamos com bastante cuidado para não escorregar.

As árvores por ali eram bem diferentes das árvores das montanhas. Os troncos eram mais grossos e suas folhas pareciam mais vivas, mais verdes. A quantidade de folhas e galhos era tanta que tapava a maior parte do sol. Mas não o suficiente para deixar a floresta escura, era

como um meio termo, como se estivéssemos no fim da tarde, enquanto na verdade estávamos no meio dela.

— Precisamos nos certificar de que ainda estamos seguindo a rota certa. — James falou, pedindo o mapa que estava com o Alex.

— Tem razão, precisamos dar uma olhada no mapa. — Alex puxava o mapa de sua mochila bagunçada.

Como era feito de um material um pouco mais resistente, o mapa não estava amassado.

— Quantos dias nós ainda temos pela frente? — Perguntei.

— Acho que não tem como saber... — Luke começou a responder.

— Talvez uns seis ou sete dias caminhando até o deserto. Depois que chegarmos lá, mais cinco dias até o oceano. De lá, teremos que pensar em algum meio de

chegar às Ilhas. — Alex disse.

— Vamos pegar um barco pirata. — Luke falou, animado.

— Não existem piratas! — Liz riu.

— Eles existiam no passado, não se lembra das histórias? — Luke falava com os olhos brilhando. — Eles eram caçadores de tesouros.

— E eles namoravam as sereias. — Mitt completou. — As mulheres lindas que tinham cauda de peixe.

— Tenho certeza de que as sereias nunca existiram. — Vanessa disse com um tom sério.

— Se você acredita em piratas, pode acreditar em sereias. — Luke respondeu à Vanessa.

— Não acredito em nenhum dos dois. — Vanessa sempre fora muito cética. Acreditava somente naquilo que

podia ver. — Além do mais... Isso não faz sentido nenhum. As sereias são seres mágicos!

— E se o Luke tiver certo e encontrarmos piratas por aí? — Perguntei, sem acreditar de verdade que aquilo seria possível.

— Espero que ele não esteja. — Alex respondeu. — Os piratas não são seres amigáveis. Eles são basicamente saqueadores, ladrões do mar.

Alex colocou o mapa no chão de terra, quase que totalmente coberto por folhas caídas. No começo, eu tentava tomar cuidado para não pisar nessas folhas, mas depois acabei desistindo. Seria uma tarefa impossível, já que o chão estava coberto por elas. Andar por cima daquelas folhas caídas era uma sensação muito estranha. Muito diferente de andar na terra batida, ou na neve. E quando pisávamos nelas, faziam um barulho como se estivessem se quebrando. Nossos pés faziam um ritmo com as folhas, que era muito perceptível quando

estávamos caminhando em silêncio. Eu poderia passar um bom tempo só ouvindo aquilo, era bem relaxante.

Eu me ajoelhei no chão para observar melhor o mapa. Alex apertou o botão no canto do mapa e as rotas apareceram, enquanto o emblema vermelho, que representava a localização do nosso mapa, mudou de posição, indo até o lugar exato onde estávamos: a parte norte da floresta. A rota que estávamos seguindo estava cinza escuro, enquanto as outras rotas possíveis tinham um tom entre o branco e o prateado.

— Vamos continuar seguindo a rota principal. — James falou e nós até discutimos um pouco, mas no final todos concordaram. Ou estavam cansados demais para continuar falando. As outras rotas não eram muito melhores.

Observei o mapa por mais alguns instantes, antes do Alex o guardar. Olhava fixamente para o emblema que representava o mapa do meu pai, a cor dourada do

emblema estava apagada, o que provavelmente mostrava que o mapa dele estava desligado. Talvez algo dentro de mim ainda tivesse a esperança de que quando eu abrisse o mapa, poderia ver o emblema dele ligado e saber que ele estaria nos vigiando, ou melhor, cuidando de nós. Ainda não podia acreditar que ele havia nos deixado. Tudo aconteceu rápido demais.

Tentei tirar aqueles pensamentos da cabeça e comecei a andar na direção que o James tinha apontado. Os outros vieram logo atrás de mim. Podia ouvir alguns comentários sobre a floresta aqui ou ali, mas na maioria do tempo estavam calados, apenas caminhando quase que no automático.

Aquele lugar me lembrava do sonho que eu tivera antes de deixar a montanha. E apesar de eu nunca ter visto a floresta antes, exceto pelas fotos que meu pai levava das viagens dele, a floresta do sonho não era tão diferente do que eu podia ver aqui.

Depois de algumas horas de caminhada, as árvores haviam aumentado de quantidade e o encontro das folhas na copa das árvores agora tapava quase toda a luz do sol, que já estava fraca, considerando que devíamos estar no fim da tarde.

— Chuva? — Alex perguntou.

Todos olharam para ele um pouco confusos.

— Também senti uma gota. — Liz comentou.

Olhei para cima, assim como os outros, esperando mais gotas. Nunca tínhamos sentido a chuva de fora da montanha. Quando chovia lá no buraco, éramos obrigados a coletar toda a água para tomar banho, então não podíamos exatamente curtir a chuva que passava pelo poço de iluminação.

Luke correu para um tipo de clareira, a alguns metros de onde estávamos. Era uma área aberta no meio das árvores, formava uma espécie de círculo.

— Boa ideia. — Mitt disse, indo logo atrás dele.

As gotas começavam a cair com mais intensidade, mas não conseguíamos sentir muito a chuva de onde estávamos, pois as árvores não deixavam muitas gotas passarem. Então, todos nós andamos na direção que o Luke tinha ido, para a clareira, onde poderíamos sentir mais a chuva.

— Ah! — Ouvimos um grito e corremos na direção do Luke.

— O que aconteceu? — Perguntei, gritando para ele.

— É ácido! — Ele falou, puxando o gorro do casaco para se proteger da água.

Todos nós fizemos o mesmo. Aqueles que não tinham o gorro no casaco usaram as próprias mochilas para não se molhar, e então começamos a correr atrás de um lugar coberto.

— Por aqui! — Gritei, correndo na frente, ao avistar uma pedra grande o suficiente para nos proteger da chuva.

Minhas mãos começavam a queimar, enquanto eu segurava o gorro em cima da cabeça. Era como se estivessem arrancando minha pele. Eu podia sentir bolhas se formando e a dor era insuportável.

Eu corria cada vez mais rápido, pois a dor ficava cada vez pior. Se eu soltasse o gorro, a água viria diretamente para o meu rosto. Então eu lutava para manter as mãos firmes, segurando o casaco no lugar. Podia ouvir os outros logo atrás de mim, alguns gritos e gemidos de dor, vindos de pessoas diferentes.

— Cadê o Luke? — Alex gritou.

— Estou com ele.

Assim que o James respondeu, fiz um esforço para olhar para trás enquanto corria. Luke estava com as mãos no rosto para se proteger e James fazia o seu melhor para

proteger a si mesmo e ao Luke, usando sua mochila.

Chegamos à rocha que eu tinha visto, e por sorte, era maior do que o esperado. Logo, todos nós conseguimos nos abrigar nela sem muito esforço.

— Luke! — Gritei, quando ele e o James chegaram.

— Como ele está? — Liz perguntou, preocupada.

Ele ainda mantinha uma das mãos no lado direito do rosto, onde a água aparentemente tinha tocado primeiro. Não dava pra ver o estrago que a chuva tinha feito, mas eu suspeitava que não tivesse sido pequeno.

Os olhos do Luke estavam molhados, algumas lágrimas apareciam. Mas não o culpava, afinal, se minhas mãos estavam doendo do jeito que estavam eu não podia imaginar a dor que ele estava sentindo. Nos reuníamos ao redor dele quando ele finalmente tirou as mãos do rosto. Pude ouvir alguns sussurros e o espanto estampado nos olhos de todos.

Várias bolhas se formavam desde o seu pescoço até a sua bochecha, ocupando quase todo o lado direito do pescoço, uma pequena parte do queixo e maxilar. Estava horrível. Talvez essa fosse a melhor palavra para descrever.

— Precisamos cuidar disso. — Sentei ao lado dele tentando pensar em alguma coisa que pudesse ajudar. Eu ignorava a dor que estava sentindo nas mãos e tentava me concentrar no Luke.

— Alex. — Mitt perguntou. — Alguma ideia?

Olhamos para o Alex, esperando que fosse salvar o dia mais uma vez. Mas tudo o que ele fez foi balançar a cabeça negativamente, lamentando não poder fazer nada para ajudar o amigo.

— Vamos colocar um pouco de água. — Liz falou, pegando o resto da água que tinha e me entregando.

— Vai aliviar um pouco. — Vanessa comentou.

Então peguei uma camisa na minha mochila e derramei o resto da água da Liz em um pedaço da camisa. Separei uma ponta molhada da camisa e levei ao rosto de Luke com o maior cuidado possível. Passando levemente o tecido em seu ferimento, enquanto ele respirava fundo, gemendo de dor. Eu quase não respirava apreensiva de que pudesse machucá-lo ainda mais.

— Obrigado. — Luke falou com dificuldade, assim que terminei de passar a água em seus ferimentos.

— Acho melhor você descansar um pouco. — Vanessa falou.

— É verdade. — James se sentou no chão.

— Além do mais, já está ficando escuro. Vamos acabar passando a noite aqui mesmo. — Sugeri.

Nos acomodamos pelo chão tentando encontrar espaço suficiente para todos deitarem sem se molhar. Enquanto tentava me acomodar pelo chão, entre a Liz e o Alex, senti

minhas mãos arderem novamente. Eu havia ficado tão preocupada com o Luke, que acabei esquecendo que a chuva também queimou minhas mãos. Elas estavam avermelhadas e com algumas bolhas aparecendo na parte de cima. Acreditava que fossem deixar algum tipo de cicatriz.

— Vocês estão bem? — Alex perguntou com um tom de voz baixo.

— Sim. — Liz respondeu. — Só queimei um pouco a mão.

— Eu também. — Falei, mostrando as mãos. — E você?

— Só alguns dedos... — Alex falou. — Liz, me passa sua garrafa de água.

— Mas tá vazia. — Liz respondeu confusa.

— Eu sei. — Alex tirou a garrafa de água dele da

mochila. Estava na metade. — Achei muito legal você ter dado o resto da sua água para o Luke, quero dividir a minha com você.

— É verdade. Você não pode ficar sem água. — Comentei, tirando a minha garrafa da mochila. — Também quero dividir a minha.

— Muito obrigada. — Ela sorriu, agradecida.

Então, eu coloquei as três garrafas lado a lado, e passando água de uma para a outra fiz com que tivessem a mesma quantidade. Menos da metade, para os três. Precisaríamos encontrar água logo.

— Lexi. — Liz me chamou, depois de alguns minutos de silêncio. Alex já tinha ido dormir.

— Fala. — Murmurei para que ela soubesse que eu estava ouvindo.

— Você ainda pensa no seu pai?

— Claro. — Olhei para ela, um pouco confusa com a pergunta. Não estava esperando que ela perguntasse aquilo.

— Eu também penso muito nele... — Ela olhava para cima enquanto falava, encarando a rocha que nos servia de abrigo. Agora que eu estava aqui dentro, podia perceber que na verdade eram três rochas, uma servindo de suporte para a outra. — Ele era como um pai pra mim também.

— Eu sei. — Ela olhou para mim.

— Ele salvou a gente. — Liz pensou por alguns segundos e continuou. — A gente nunca agradeceu.

Aquilo me faz parar um pouco para refletir, e por um momento pensei que ela tivesse razão em falar que não agradecemos. Mas não era verdade. Estávamos sempre agradecendo. Talvez não do jeito convencional, com palavras. Mas com gestos. Ele sabia a importância que

tinha para nós.

— Nós sempre agradecemos. — Sorri, mas era um sorriso nitidamente triste. Eu sentia um nó na garganta ao falar, como se estivesse prestes a chorar. — Nós nunca falamos isso para ele. Mas tenho quase certeza de que ele sabia o quanto ele foi... É importante para a gente.

— É verdade. — Ela concordou. — Sempre agimos como se fôssemos gratos a ele. Mas eu gostaria de ter dito alguma coisa...

— Eu também. — Engoli em seco. — Tem muitas coisas que queria ter dito.

Eu nunca fui muito boa em lidar com meus sentimentos. Simplesmente não sabia como expressar o que realmente estava sentindo, então podia dizer que às vezes acabava passando uma mensagem errada para as pessoas, de que não me importava muito com elas, como se fosse uma pessoa fria. Vanessa me falara isso um dia, depois de uma

discussão que tivemos no buraco. Ela achava que eu não gostava dela, pelo meu modo de agir. Depois disso, tentei mudar e mostrar um pouco mais o que sentia, mas ainda era bem difícil. Apesar de tudo, acho que meu pai sabia o quanto ele era importante para mim.

— Gente. — Vanessa falou, aproximando-se.

Eu mal conseguia vê-la, considerando que o sol já havia dado lugar a lua há algum tempo e a maior parte do nosso abrigo já estava quase que completamente na escuridão.

— Oi. — Eu e Liz falamos juntas.

— Vocês acham que o Luke vai ficar bem? — Podíamos ouvir os meninos conversando perto de nós, mas não ouvíamos a voz do Luke. Ele devia estar dormindo.

— Acho que sim. — Liz respondeu, com um tom de incerteza em sua voz.

— Espero que sim. — Falei.

— Acho que a queimadura vai deixar uma cicatriz grande no rosto dele... — Vanessa falou um pouco triste.

— Quanta falta de sorte. A primeira chuva que a gente pegou foi ácida. — Falei, indignada.

— É verdade. Quase não tínhamos chuva ácida no buraco. — Vanessa concordou comigo.

— E se toda chuva que pegarmos por aqui for assim? — Liz parecia preocupada.

— Deve ter sido só essa. — Tentei ser otimista. Mas esse era o papel do James, eu não engava ninguém.

— O que vocês acham que espera a gente se chegarmos às ilhas? — Vanessa perguntou.

— Você quer dizer “quando” chegarmos. — Liz a consertou.

— Eu não faço ideia se chegaremos lá. Tudo que quero é que eles nos aceitem se conseguirmos chegar. — Eu disse. Ainda não tinha confiança nenhuma de que seríamos aceitos, mas tentava esperar pelo melhor.

— Eles vão nos aceitar sim. — Liz tentou nos convencer.

Eu sempre pensava nisso. O que será que iria acontecer quando chegássemos às ilhas. Se eles nos receberiam, e receberiam bem, o que era ainda mais difícil de acontecer. O povo das ilhas era conhecido pela sua hostilidade, apesar de que eles não eram tão hostis quanto o povo do Deserto, que era para onde estávamos indo agora. Eu imaginava como seria a vida quando chegássemos lá. Mas a minha cabeça ficava praticamente em branco. Não sabia muitas histórias sobre as ilhas e as que eu sabia já tinham acontecido há muito tempo. Histórias de guerra e de pessoas que tentaram ir para lá antes. Poucas conseguiram. Tentava me agarrar à ideia de que seríamos parte dessas “poucas pessoas”, mas era uma

ideia difícil de segurar.

Nós fomos dormir cedo àquela noite. Depois de vasculhar as mochilas atrás dos últimos restos de comida que pudemos encontrar. Tivemos que nos contentar com duas barras de arroz e uma barra de cereal, que foram divididas entre os sete, pois guardamos dois pedaços para o Luke e para o Alex que já estavam dormindo.

Quando acordei, meu estômago roncava como se eu não tivesse comido há meses e tudo que eu conseguia pensar era em como encontrar comida. Aparentemente, todos pensavam o mesmo, pois os primeiros comentários do dia foram sobre isso.

— Eu acho que tem um buraco no meu estômago. — Mitt falou, pouco tempo depois de abrir os olhos.

— Porque ninguém pensou que uma hora iríamos ficar sem comida antes de ficarmos sem comida? — Vanessa

perguntou, e para a surpresa de todos, ela não estava com o péssimo humor que costuma ter quando está com fome.

— Vamos atrás do que comer então. — Falei, cansada de ouvir todos reclamando.

— O que acham de nos separarmos para conseguir achar comida mais rápido? — James mantinha o tom alto para que todos conseguissem ouvir apesar dos comentários paralelos.

— Vamos formar três grupos. — Alex complementou.

— Lexi? — Mitt sugeriu.

Mitt olhou para mim, como se quisesse que eu fosse com ele. Apenas fiz que sim com a cabeça, achando um pouco estranho ele ter me chamado em vez de ter chamado o James, mas estava com muita fome para pensar mais sobre isso.

O frio não estava mais tão rigoroso quanto nas

montanhas e eu acreditava que só sentiríamos frio à noite. Por isso, antes de ir até o Mitt, tirei o casaco mais grosso, ficando apenas com uma blusa e um casaco mais fino por cima. Deixei o outro casaco no chão, peguei a mochila e coloquei nas costas.

Assim que os grupos se formaram, saímos de dentro do pequeno abrigo e partimos pela floresta. James estava com Liz e Vanessa estava com Alex e Luke, que insistira em ir com eles, mesmo ainda sentindo um pouco de dor. Pelo menos seu rosto estava um pouco melhor do que ontem. Ele estava com a cicatriz da queimadura e a maioria das bolhas já haviam sumido.

Eu e o Mitt rapidamente nos distanciamos dos outros, chegando a uma parte da floresta que era tão densa que mal podíamos ver a luz do sol. Apesar de termos passado um bom tempo caminhando, não havíamos falado uma palavra. E para falar a verdade, eu estava bastante tensa em saber o porquê de ele ter me escolhido como sua dupla. Afinal, ele sempre colocava o James em primeiro

lugar para tudo.



CAPÍTULO 10

A floresta começava a ficar cada vez mais escura e ainda não tínhamos visto nenhum animal, muito menos algum tipo de comida. Meu estômago estava gritando dentro de mim, depois de quase uma hora de caminhada.

— Acho que eu nunca fiquei com tanta fome na vida.
— Mitt falou suas primeiras palavras desde que saímos de perto dos outros. Nós dois sabíamos que aquilo era só um exagero, já tínhamos passado mais de um dia sem comer dentro do buraco.

— Nem me fale. — Concordei. — Eu só espero que a gente consiga encontrar alguma coisa para comer.

— Você lembra o que o Peter costumava dizer sobre as cores das frutas?

— Acho que era alguma coisa sobre nunca comer frutas roxas. — Tentava me lembrar, sem muito sucesso.

— Roxas são para os trouxas. Acho que era assim. — Ele falou.

— Vamos passar longe dessas então. — Acabei rindo.

Confirmei com a cabeça. Meu pai dizia que algumas frutas eram altamente venenosas e que tínhamos que ficar longe delas. Eu nunca questionei o porquê disso, apenas aceitei que não deveríamos comer essas frutas. Alex provavelmente sabia o motivo, por ser tão questionador.

— Lexi, eu andei pensando no que você falou sobre não ficar pelos cantos chorando pela morte do seu pai. —

Mitt foi bem direto e eu não estava esperando por isso. — Às vezes é bom chorar.

Olhei para ele, sem entender muito bem onde ele queria chegar. Ele não costumava ser tão direto.

— Quando soube dos meus pais, apesar de eu nunca ter conhecido eles... Foi muito difícil. Porque, você sabe né? Todo mundo tem esperança de se encontrar com a família um dia e eu ainda achava que esse dia ia acontecer para mim. Mas não vai mais.

Os pais do Mitt haviam morrido em um acidente há cinco anos. Eles estavam voando em um dos planadores, um tipo de nave redonda que funciona com oito hélices e que pode voar com muita velocidade se o piloto for experiente. Também era conhecida como octacóptero. O pai do Mitt era piloto e inclusive já trabalhou com o meu pai em algumas missões, mas ele estava fora do serviço quando aconteceu o acidente. Na verdade, só estavam ele e a mulher no planador quando caíram.

— Eu sei. — Ele realmente tinha ficado muito mal e não saiu da cama por dias. Apesar de ele ser conhecido como preguiçoso, nós sabíamos que não era apenas por preguiça.

— Então... Está tudo bem se quiser se abrir. — Ele falou meio sem jeito.

— Obrigada. — Foi tudo o que consegui dizer.

Eu não tinha certeza se queria falar para ele tudo o que sentia, mas realmente me identificava com o que ele estava falando. Fiquei alguns minutos em silêncio, enquanto caminhávamos lado a lado. Dentro da minha cabeça havia um turbilhão de pensamentos e eu sentia que ia explodir, mas me segurava para tentar não mostrar nada daquilo.

— Às vezes eu acho que vocês estão certos. — Falei me referindo ao Mitt e aos outros. — Mas você sabe que eu me sinto responsável por todo mundo e sempre foi

assim.

— Não precisa mais. — Ele rebateu. — Nós precisamos ajudar uns aos outros. Você não tem que nos carregar nas costas.

— Eu só não quero que nada de ruim aconteça com ninguém. — Segurei as lágrimas o melhor que pude. — Queria não sentir esse peso de ter que carregar todos nas costas, mas não consigo evitar. Não consigo parar de pensar que estamos em perigo desde o minuto em que decidimos deixar o buraco. E estaremos em perigo até depois de chegar às ilhas.

— Lexi, nós sempre estivemos em perigo. — Mitt estava calmo enquanto falava. — Nós estamos em perigo desde que nascemos. Fomos escondidos dentro de uma montanha e sempre tivemos aquela sensação dentro de nós de que alguma hora, algo de muito ruim iria acontecer. Apesar disso, sempre tivemos uns aos outros, mesmo nas horas mais difíceis.

— Você tem razão. — Aceitei o argumento dele. — Só não quero que nada de ruim aconteça.

Ele apenas confirmou com a cabeça, concordando comigo, e continuamos andando. Era bom desabafar de vez em quando. Liz tinha me ensinado isso quando tive o pesadelo no primeiro dia fora do buraco. É bom poder falar as coisas ruins que pensamos, para que elas possam ir embora mais rapidamente.

Eu tentava desviar dos galhos que começavam a surgir em nosso caminho, a floresta estava ficando ainda mais densa. Não tínhamos encontrado absolutamente nada para comer, já estávamos andando há um bom tempo e eu sentia que iria desmaiar se continuasse. Eu realmente precisava comer, mas não tínhamos como nos afastar mais ainda. Não valeria a pena.

— Vamos voltar. — Falei, fazendo um sinal para darmos meia volta e caminharmos na direção contrária.

— Espera. — Mitt falou. Ele parecia estar um pouco nervoso agora.

— O que foi? — Arqueei as sobrancelhas, parando de caminhar para poder ouvir o que ele tinha a dizer.

— Teve um motivo para eu ter te chamado para vir comigo.

— Eu imaginei. — Respondi.

Sabia que ele tinha alguma coisa para me dizer e estava curiosa para saber o que era desde que saímos de perto dos outros. Normalmente, ele teria chamado o James. Por isso eu tinha achado tão estranho ele ter me chamado. Eu não fazia ideia do que era e só queria que ele falasse logo e acabasse com toda aquela tensão.

— Então... Eu queria te dizer uma coisa. Na verdade, queria te pedir um conselho. — Ele começou a falar. Eu não era a melhor pessoa para dar conselhos, mas iria me esforçar para ajudá-lo no que quer que fosse. — Eu acho

que...

— Fala Mitt! — Eu queria saber logo o que era.

— É difícil falar isso. Não falei nem para o James. —
Eu estava ficando apreensiva sobre o que poderia ser. —
Acho que você vai rir.

— Por quê? — Aquele último comentário me deixou
um pouco mais tranquila sobre o que poderia ser.

— Lexi... — Ele estava vermelho. O Mitt nunca ficava
com vergonha e agora ele estava totalmente envergonhado.
— Eu acho que estou gostando de alguém.

— Quem? — Perguntei surpresa com o que ele tinha
dito.

— Acho que gosto da Vanessa.

— Você tá brincando? — Sorri. Uma mescla de alívio
e vontade de rir, me segurei. Não acreditava no que tinha

ouvido. — É sério?

— É muito sério. — Ele continuava falando. Eu não sabia que uma pessoa podia ficar tão vermelha. — Eu gosto muito dela.

— Mas vocês brigam o tempo todo! — Eu não estava conseguindo compreender aquilo. — Como acha que daria certo?

— Era esse o conselho que eu queria te pedir. — Ele continuava sério, o que não era o normal do Mitt. — Você acha que daria certo?

— Eu não sei. — Eu realmente era péssima em conselhos. — Mas acho que você poderia tentar conversar com ela.

— Vou tentar. — Ele falou, parecia mais tranquilo agora que já tinha me falado tudo. — Não conta para ninguém, tá?

— Tá bom. — Acabei rindo, mas ria por alívio mesmo. Eu estava esperando que ele fosse me contar algo muito mais sério. — Não vou contar para ninguém.

— Por isso que eu não queria contar para o James. Ele iria rir também. — O Mitt quase nunca ficava sério e pela seriedade com que ele estava falando aquilo, eu podia acreditar nele. O Mitt gostava da Vanessa.

— Desculpa, não vou rir. — Coloquei a mão na frente da boca, tentando parar de rir.

— Vamos voltar agora. — Ele também sorria.

— Tudo bem, vamos lá. — Respondi já me virando para que pudéssemos fazer o caminho de volta, quando ele segurou meu braço.

— Lexi! — Ele olhava para frente, parecia ter visto alguma coisa por trás das árvores. — Olha isso!

Mitt andou até uma barreira de galhos, não podia ver

exatamente o que tinha atrás deles, mas assim que ele abriu espaço entre as folhas, eu me espantei. Quase caí para trás na verdade, sem ter muita certeza se foi pelo efeito do que estava vendo, ou simplesmente a fome que me consumia inteira.

— Uma cidade! — Ele falou animado enquanto passava pela barreira de galhos.

Era uma cidade aparentemente abandonada. Uma das últimas que sobreviveram aos desastres naturais que acabaram com tudo no passado. Obviamente, a maior parte dela estava no chão. Mas ainda podíamos ver algumas construções de pé, lutando contra as árvores por espaço. Meu pai tinha me falado um pouco sobre as cidades quando me contava sobre a história do Novo Mundo. Logo, eu podia reconhecer alguns tipos de construção e podia diferenciá-los. Eu sabia quais eram prédios, casas, e até lojas, mas no estado que se encontravam era difícil saber realmente até onde as ruas costumavam ser. Algumas árvores que haviam crescido

por dentro das construções e seus galhos invadiam as janelas.

Meu pai dizia que um dos maiores motivos para os desastres naturais que destruíram o mundo antigo foi uma briga entre a natureza e os humanos. E tudo que a natureza fez foi tomar tudo de volta. Por isso, hoje em dia, temos uma relação mútua de respeito.

— Vamos ver se encontramos alguma comida lá dentro. — Mitt correu na minha frente e fui logo atrás dele.

Passávamos por dentro dos prédios que não estavam totalmente destruídos e mais uma vez eu me sentia pequena. Aquele lugar era muito grande em relação a nós dois. Eu não imaginava que uma cidade seria assim.

— Nossa. — Mitt estava de boca aberta.

— Nunca pensei que veria uma cidade na minha vida.
— Olhava para alguns móveis ao redor, cheios de poeira,

dentro do prédio que estávamos. — Mesmo estando nesse estado, ainda é uma cidade.

— É inacreditável. — Mitt se sentou em uma poltrona cheia de poeira, quase se arrependendo quando a poeira subiu, atingindo-o em cheio. Ele riu.

— Imagina as pessoas que viveram aqui. — Peguei um objeto que não conseguia exatamente distinguir o que era, mas parecia uma caixa retangular, cheia de botões. — Será que foram felizes?

— Não faço ideia. — Mitt respondeu, ainda limpando-se da poeira que tinha subido quando sentou no sofá. — Mas acredito que sim.

— Também acho. — Sorri, imaginando como teria sido a vida se eu tivesse nascido ali.

— Qual desastre você acha que atingiu essa cidade? — Ele perguntou enquanto examinava alguns objetos estranhos.

— Terremoto. — Respondi rápido.

— Definitivamente. — Ele olhou em volta.

Andamos um pouco mais pela cidade, já se aproximava do meio da tarde e tínhamos que voltar antes que escurecesse, ou seria impossível encontrar o caminho de volta.

— Acho que encontrei alguma coisa. — Mitt entrou em uma casa que só tinha três paredes em pé.

— O que foi? — Segui os seus passos.

Enquanto caminhava na direção do Mitt, fui surpreendida por um barulho estranho. E o mais estranho ainda, era o fato de que nós dois estávamos juntos e eu sabia que Mitt não sabia fazer aquele barulho. A não ser que tivesse vindo da minha barriga, teríamos um problema. Parei de andar na hora, ouvindo o barulho novamente e dessa vez um pouco mais alto.

— Mitt? — Falei baixo, com medo.

— Não vem aqui. — Mitt respondeu, com a voz trêmula, expressando o nervosismo que sentia. — Temos um problema.

Eu não ia deixar ele sozinho e sair correndo, por mais que tivesse muito tentada a fazer isso. Seria a opção mais fácil, mas ao mesmo tempo, não era uma opção que eu tinha mesmo. Era óbvio que não o deixaria e ele sabia disso também, pois faria o mesmo por mim.

Respirei fundo, caminhando muito devagar até ele. Tomava cuidado para pisar onde não houvesse galhos que se quebrassem, para não fazer nenhum barulho. Assim que entrei na casa, comecei a me arrepender por não ter escolhido a opção que já havia excluído.

— Por favor, me diga que você tem um plano. — Falei olhando para o animal que estava a alguns metros de nós.

— Se o plano for correr para sempre... — Mitt

respondeu.

— Eu estava pensando nisso agora.

Estávamos parados, tentávamos controlar o ritmo das nossas respirações e eu ainda me perguntava o porquê disso, pois não achava que iria mudar nada. Iríamos ser atacados de qualquer forma.

O animal rugiu novamente, dessa vez mais alto que nas anteriores. Senti um arrepio subindo por minhas costas, até o pescoço. Ele estava parado, como a gente. Mas exibia confiança e mostrava os dentes, como se pensasse que éramos o jantar mais fácil que já encontrara. Eu não saberia dizer exatamente o tipo de animal que estava em nossa frente, mas sabia que era enorme. Parecia um gato, mas em um tamanho muito maior. Ele era todo preto, exceto pelos olhos, que eu tinha impressão de que eram verdes. E nos encaravam.

— À propósito, acho que encontramos a comida que

estávamos procurando. — Comentei, olhando para o banquete de frutas que tinha na frente do animal.

— É melhor a gente...

Mitt começou a falar enquanto dava um passo para trás, mas assim que o fez, o animal rugiu muito forte e começou a vir em nossa direção. Puxei o Mitt, correndo para fora daquela casa e na direção contrária à que viemos. Não tinha a intenção de levar o animal na direção dos nossos amigos.

Corríamos pela cidade em ruínas em uma velocidade que nem eu sabia que conseguia alcançar. Talvez o medo ajudasse bastante. Com tanta poeira e entulho no chão, ficava meio difícil de ver em que eu estava pisando, por isso acabamos tropeçando algumas vezes. Mas fazíamos o máximo de esforço para não cair.

— Lexi, por aqui!

Mitt me puxou por uma rua que estava em melhores

condições, agradei mentalmente por ter feito aquilo. Corremos por poucos minutos na maior velocidade que podíamos alcançar, e apesar disso, o animal faminto continuava se aproximando cada vez mais. Ele era muito mais rápido de que nós dois juntos. Eu precisava encontrar outra saída.

— O prédio, vamos para lá! — Apontei para um dos prédios abandonados, um dos que estavam em melhores condições.

Imaginei que poderíamos subir o mais alto possível, para que o animal não pudesse nos alcançar. Talvez fosse uma péssima ideia, mas era a única que tinha no momento. Nós mudamos de direção um segundo antes de a fera tocar no lugar que eu tinha acabado de pisar, estava muito próxima agora.

Eu tentava pensar em formas de nos salvar, mas nada vinha à minha mente. Entre o desespero de correr sem tropeçar nos entulhos do chão e observar a distancia que

aquele animal mantinha de nós, eu não conseguia pensar direito. Mas de repente, uma luz veio à minha cabeça. Consegui me lembrar do canivete que eu tinha trazido. Estava no bolso da frente da minha mochila. Enquanto eu corria, tentei puxar a mochila para frente e abrir o bolso. Era uma tarefa muito difícil e me deixava um pouco mais lenta na corrida. Demorei alguns segundos para abrir o bolso, rapidamente puxei o canivete de lá de dentro. Eu corria com o canivete na mão, segurando firme para que não caísse.

Conseguimos entrar no prédio, mas o animal já nos alcançava novamente. Minhas pernas começavam a se cansar, eu tentava ignorar a dor e continuar correndo. Mitt corria na minha frente e começava a escalar para o segundo andar, subindo em alguns móveis e em alguns galhos de uma árvore que havia nascido por dentro daquele prédio.

Assim que olhei para cima para ver por onde o Mitt estava escalando, o que eu estava evitando desde o

começo aconteceu. Meu pé acabou prendendo em um fio e não tive tempo de evitar a queda, fui com tudo para o chão. O animal voou em cima de mim. Congelei.

— Mitt! — Gritei, encarando o animal a centímetros do meu rosto.

A fera parou novamente, como se tivesse pensando sobre a forma que iria me dilacerar. Ele abriu a boca para me morder, fechei os olhos e coloquei o braço na frente. A mordida atingiu meu braço esquerdo, gritei. Então, partiu para outra mordida, mas assim que o fez, coloquei o canivete na frente e acho que o atingi, pois o animal se afastou um pouco e sua boca sangrava.

Ele voltou a me encarar, com mais fúria em seus olhos. Tentei me afastar, sem mexer o braço machucado. Tentava me levantar para continuar correndo. De repente alguma coisa atingiu o animal, que olhou para cima. Acompanhando o olhar da fera, encontrei o Mitt.

— Opa. — Ele falou, começando a correr novamente.

O gato gigante agora voava na direção do Mitt, subindo para o segundo andar pelas árvores com a maior facilidade do mundo. Mitt continuava escalando, mas a fera era muito mais rápida que ele. Eles sumiram andares acima e eu só conseguia pensar no Mitt. Alguns segundos em silêncio, meu coração disparado, quase podia ouvi-lo. De repente, ouvi um grito. Tinha vindo do último andar e não parecia ter vindo de um animal.



CAPÍTULO 11

Assim que ouvi o grito do Mitt, eu me levantei, tentando não usar o braço que tinha sido mordido pelo animal. A mordida estava bem feia, podia ver a marca dos dentes afundados no meu braço e eu sentia muita dor. Por sorte, se é que poderia chamar alguma coisa que tinha acontecido de sorte, não pegou em nenhuma veia e não sangrava tanto assim.

Comecei a escalar as árvores, fazendo o máximo que podia para ir rápido considerando que só podia usar um braço. Apesar da dor, tentava focar no Mitt, tinha que

ajudá-lo. Não conseguia parar de pensar no que poderia ter acontecido com ele, ainda mais porque depois do seu último grito, não conseguia ouvir mais barulho algum. Havia um silêncio total no lugar, e meus passos, cada vez mais rápidos e desajeitados eram o único barulho que podia ser ouvido, além da minha respiração ofegante.

Com muita dificuldade, consegui chegar ao último andar. Meu coração disparava e minhas mãos estavam trêmulas, em uma mistura de cansaço, medo e apreensão. Não sabia exatamente o que encontraria ali em cima.

— Mitt? — Falava baixo, ainda com medo de que o animal estivesse por perto.

O último andar estava quase que completamente destruído e acima dele não havia mais teto. Quase todas as suas paredes já estavam pela metade e o chão tomado por entulhos e pedaços de metal, provavelmente vindos do teto caído.

— Mitt? — Perguntei novamente.

Eu pisava nos espaços onde o chão não estava coberto por entulhos e tentava fazer silêncio, por puro medo de que o animal ainda estivesse por ali. Eu caminhava devagar, procurando sinais do Mitt ou do animal por todos os lados, mas não via nada. Nem sinal de sangue de nenhum dos dois.

Entrei em um corredor à esquerda, o único que ainda estava de pé na verdade. Assim que olhei para o final dele, um grito escapou da minha garganta, coloquei a mão na frente da boca para reprimi-lo. Eu olhava para o corpo do Mitt deitado no chão, imóvel. Meus olhos se encheram de lágrimas. Comecei a me aproximar mais rapidamente e tentava não me desesperar. Ainda.

Assim que cheguei mais perto, vi que havia algo atrás do corpo dele, outro corpo que reconheci rapidamente: era o animal. Uma onda de alívio me atingiu e corri na direção do Mitt. Ele estava acordado e suava frio. Tinha

um pedaço de metal em sua mão direita, metade do objeto coberto por sangue.

— Você está bem? — O abracei. — Pensei que estivesse...

— Tá tudo bem. — Mitt respondeu com a voz meio fraca. Eu podia ver que ele não falava a verdade.

Ele tentou se levantar e eu vi que sua camisa estava rasgada, também manchada de sangue. Havia três cortes fundos no seu peito, provavelmente causados pelas garras da fera que deitava ao nosso lado, sem vida. Mitt estava pálido e se sentou fazendo algumas caretas, que indicavam que estava com dor.

— Pensei que fôssemos morrer. — Meu tom de voz ainda mostrava o medo que eu sentia.

— Foi por pouco. — Ele falou. — Por muito pouco. Ainda não acredito que consegui matá-lo... Tudo aconteceu muito rápido. Ele veio para cima de mim,

peguei a primeira coisa afiada que vi na frente e quando percebi, já estava dentro dele.

— Tivemos muita sorte.

— É verdade, muita sorte. — Ele concordou.

Mitt parecia ainda estar meio atordado e tinha dificuldades para se levantar por causa dos cortes no seu peito. Pareciam bem profundos, olhando novamente.

— Vamos sair daqui. — Foi tudo que ele conseguiu falar.

Ele começou a se levantar e acabei ajudando-o, vendo que estava com dificuldades. Parecia estar sentindo muita dor, mas assim como o James e eu, não era muito de admitir essas coisas.

— Lexi, seu braço! — Ele reparou na mordida que eu tinha levado, enquanto eu o ajudava.

— Tive sorte por não ser minha cabeça. — Tentei brincar, mas sem sucesso.

— A gente devia levar para comer. — Mitt falou quando começamos a descer do último andar pela árvore.

— Nós mal estamos conseguindo levar a nós mesmos. — Respondi, apesar de a ideia dele não ter sido ruim. — Mas... Podíamos levar as frutas que ele estava juntando.

— Boa ideia. — Mitt falou enquanto descia, tentando não fazer muito esforço, para que não doesse ainda mais.

Chegamos ao primeiro andar novamente e minhas mãos tremiam. Eu estava me sentindo muito fraca e agora que a adrenalina e o medo tinham ido embora, a dor no meu braço só aumentava. Sem contar que não tínhamos comido nada desde aquela manhã, o que não ajudava nem um pouco.

— Você sabe que animal era aquele? — Perguntei ao Mitt, curiosa.

— Não tenho certeza... Às vezes acho que deveria ter prestado mais atenção nas aulas do Peter. — Apesar da resposta, ele parecia um pouco pensativo.

— Também acho.

— Pode ter sido um jaguar. — Ele falou, depois de um tempo. — Ou uma pantera.

Mitt estava começando a ficar mais pálido, mas se esforçava para se manter alerta enquanto andávamos o caminho de volta para a casa onde tínhamos encontrado a comida. Eu tentava dar o meu melhor para me lembrar do caminho, pois não estávamos com tempo para nos perder. O sol já estava se pondo, o que era um grande problema para nós.

— Você acha que a gente devia tentar voltar hoje? — Ele me perguntou como se tirasse as palavras da minha boca.

— Eu ia perguntar isso agora. — Falei.

Mas aquela não era uma coincidência boa. Nós dois sabíamos que seria perigoso voltar hoje. Na verdade, todas as opções a nossa frente se mostravam perigosas. Afinal, ficar por ali não era exatamente uma opção segura.

— Vamos procurar um lugar seguro e passar a noite.
— Apenas confirmei com a cabeça à sugestão dele.

— Amanhã cedo podemos voltar. — Eu disse, assim que chegamos à casa onde tínhamos encontrado o animal.

Abrimos nossas mochilas e colocamos todas as frutas que cabiam nelas. Dentro da casa tinham frutas dos mais variados tipos, cores, e tamanhos. Era como se a pantera, ou jaguar, tivesse juntado aquele banquete durante todos os dias da sua vida.

Mas todo o tempo que estávamos ali dentro, eu não conseguia deixar de pensar que aquele animal poderia não estar juntando toda aquela comida sozinho. E aquele pensamento me fazia pegar a comida o mais rápido

possível, pois eu definitivamente não queria outra companhia daquelas.

— Pronto? — Ele falou já se levantando.

Devia estar com o mesmo pensamento que eu, pois conseguiu ser ainda mais rápido. Fechei o zíper da mochila com um pouco de dificuldade devido à quantidade de frutas que tinha colocado ali dentro. Eu só esperava que minha roupa não ficasse cheirando a comida, mas aquela seria a menor das preocupações. O importante era que tínhamos comida. E era muita comida, para pelo menos o resto dos nossos dias na floresta.

— Vamos embora antes que tenhamos outra companhia desagradável. — Coloquei minha mochila nas costas e o Mitt veio logo atrás de mim.

— Já basta a primeira. — Ele falou enquanto comia uma manga como se fosse a coisa mais deliciosa do mundo.

Peguei quatro maçãs que ainda estavam no chão do local, e saí comendo a primeira, colocando as outras nos bolsos do casaco. Eu comia rapidamente e devorei as quatro maçãs em poucos minutos. Por hora, eu me sentia satisfeita.

— Não acredito que não trouxe meu casaco comigo. —
Falei, me lembrando de que seria uma noite fria.

— Também não acredito. — Ele parecia arrependido.
— Tenho um cobertor na mochila. É meio fino, mas vai ser melhor do que nada.

— Que bom. — Primeira notícia boa do dia.

Não nos distanciamos muito da casa das frutas, mas para tentar ter mais segurança, decidimos ficar no ponto mais alto de algum prédio por perto, pois seríamos alvos mais difíceis de alcançar, caso houvesse mais algum animal naquela área. Entramos no primeiro prédio que vimos e começamos a subir para o último andar. Mais

uma notícia boa no dia: esse prédio tinha escadas.

Estávamos exaustos quando chegamos ao topo, mas fizemos questão de pelo menos lavar os machucados antes de dormir. Não podíamos usar muita água, mas concluímos que seria muito pior se as feridas ficassem infeccionadas. Por isso, peguei metade do que restava na minha garrafa e usei para os dois, usando uma camisa minha para ajudar a limpar as feridas.

— Olha essa vista. — Mitt comentou, no meio dos suspiros de dor enquanto eu passava o tecido por seus machucados.

— As pessoas que viveram aqui devem ter sido muito felizes. — Parei um pouco para que pudesse observar a vista também.

— Acho que eram muito ricos. — Mitt voltou a falar, sua voz ecoava por dentro da sala em que estávamos.

— Esse é um dos prédios mais altos daqui. — Falei.

— Eu nem tinha percebido isso.

Havia um buraco imenso no meio da parede à nossa frente, que provavelmente fora uma janela um dia, mas agora era simplesmente um buraco, esquecido como aquela cidade.

Podíamos ver a maior parte da cidade de onde estávamos e apesar de estar de noite, a lua e as estrelas faziam um bom trabalho para que fosse possível ver através da escuridão. O céu estava muito iluminado e parecia que todas as estrelas existentes resolveram brilhar aquele dia. Era uma noite muito bonita. As casas e os prédios se estendiam por um bom tempo antes de a floresta aparecer de novo, por mais que ela se fizesse presente pelo meio da cidade, brigando com as construções por espaço. Era uma mistura de verde e cinza, e eu nunca tinha percebido isso, mas aquelas cores realmente combinavam.

— Você consegue imaginar como era esse lugar antes?

— Ele me perguntou.

— Imagino que esse aqui era um quarto. — Apontei para uma parte do recinto que havia sido destruído pelo desabamento do teto. — Ali devia ficar a cama.

— É verdade. — Mitt olhou para o único móvel que restou no local: um guarda roupas. — Olha só aquilo. O armário sobreviveu para contar a história.

Sorri, ainda imaginando como aquele lugar era há quase trezentos e sessenta anos atrás, antes dos desastres. Como poderiam ter sido as pessoas que moravam aqui. Com certeza os móveis eram luxuosos e eu podia ver isso simplesmente olhando para o armário que eles tinham. Provavelmente tinha mais valor do que todos os meus bens juntos.

Eu terminei de limpar a ferida do Mitt e finalmente ele parou de reclamar da dor, o que era um bom sinal. Eu já estava começando a ficar muito preocupada com ele, mas

aparentemente ele iria ficar bem. Depois que o Mitt dormiu, eu peguei a mesma camisa que tinha usado nos ferimentos dele, virei ao avesso e enrolei no meu braço como uma espécie de atadura para a mordida que eu tinha levado. Esperava que fosse ajudar.

Usávamos a única parte do quarto que não tinha sido atingida pelo desabamento do teto, e estava incrivelmente intacta. O chão era mais liso do que qualquer outra coisa que eu já tinha visto e parecia até ter sido feito de mármore, mas eu não tinha certeza sobre isso. Apesar de ser um chão muito liso, ainda era o chão e bem desconfortável. Por isso, eu tinha pegado algumas roupas de dentro da minha mochila e feito um colchão improvisado, usando nossas mochilas como travesseiro.

Antes de dormir, um pensamento cercava a minha mente. Essa era a primeira noite que passávamos separados e eu não conseguia imaginar o quanto eles estavam preocupados com a gente agora. Eu só esperava que fôssemos conseguir nos reencontrar amanhã. Não

conseguia imaginar mais nem um dia sem os outros.



CAPÍTULO 12

“Eu estava no deserto. Para todo lugar que eu olhasse tudo o que podia ver era areia. Um mundo de areia e eu parecia ser o único elemento dele. Apesar do calor indescritível, eu me sentia bem. Não parecia estar com sede, e nem me sentia cansada. A borboleta que gostava de me acompanhar nos meus sonhos, não estava presente. Por isso, algo me dizia que eu estava perdida. E todas as direções pareciam levar para o mesmo lugar, mais areia. Comecei a andar em uma direção aleatória, e segui em frente, esperando que fosse chegar a algum lugar. De repente, James estava do meu lado e agora

caminhava comigo. Ele sorria como se eu tivesse seguindo o caminho certo. Liz havia aparecido também e andava na nossa frente. Vanessa, Luke e Alex estavam atrás de nós, e eles conversavam e riam. Mitt fora o último a aparecer e ele estava do outro lado de James, com um olhar tranquilo, feliz. Mas aquele olhar durou poucos segundos, pois assim que parei para encará-lo novamente, ele parecia tenso e andava como se estivesse com medo. Observei os outros, todos exibiam o mesmo comportamento. Eles agora estavam calados e andavam observando algo a frente deles. Todos pareciam ver alguma coisa que estava os deixando com medo, pois olhavam para o mesmo lugar. Eu era a única que não conseguia ver o que eles estavam vendo. E quanto mais eu tentava entender aquela situação, mais eles se irritavam, como se não quisessem que eu visse. Alex parou de andar e começou a me encarar, e então, um por um, eles pararam e começaram a sumir, viraram areia e se misturaram ao deserto. Então, o mais estranho aconteceu: olhei para as minhas mãos e eu mesmo estava virando areia, primeiro as minhas mãos, depois

os braços e então o meu corpo inteiro”.

Acordei com um susto e olhei para as minhas mãos, só para ter certeza de que ainda estavam ali e que fora só um sonho. Meu coração aos poucos voltava ao ritmo normal e aos poucos eu me dava conta de onde estávamos. Aquele sonho me deixou com uma pequena dúvida sobre o que iríamos enfrentar em seguida: o deserto. Era como se fosse um pequeno aviso de que o nosso caminho ainda não tinha terminado e que ainda não estávamos a salvo nas ilhas. Longe disso.

— Bom dia. — Mitt estava sentado ao meu lado, encarando a janela sem vidro a nossa frente.

— Bom dia. — Respondi. — Conseguiu dormir bem?

— Mais ou menos.

Ele me mostrou os cortes no peito dele e pareciam ainda mais feios do que ontem. Talvez fosse parte do processo de cicatrização, ou talvez fosse um início de

infecção. Eu não fazia ideia, mas realmente esperava que fosse o primeiro caso. Não saberíamos como lidar com uma infecção e aquilo me preocupava. Só esperava que ele ficasse bem logo.

— Tomara que isso aí cure logo. — Falei, pegando um pedaço de tecido de uma blusa dele, que já estava rasgada, e molhando o tecido com o resto da minha água. — Tá bem feio mesmo.

— Pelo menos o rosto ainda tá bonito. — Ele comentou com um tom brincalhão. Dei risada.

— Só você mesmo. — Comecei a limpar o machucado dele novamente, para ver se melhorava um pouco a situação.

— Não resis... — Ele parou de falar. — Ouviu isso?

Virei o rosto como se adiantasse de alguma coisa, tentando ouvir o que ele dizia ter ouvido. Pensei que tinha funcionado, até perceber que na verdade o som

simplesmente tinha ficado mais alto.

— Lexi?! Mitt?! — Pelo menos duas vozes se misturavam para gritar nossos nomes. — Lexi?!

— Eles vieram atrás da gente. — Mitt comentou com um enorme sorriso no rosto.

Levantei, quase pulando de felicidade e comecei a descer as escadas com Mitt. Ele teve um pouco de dificuldade para se levantar, ainda dolorido, mas parecia bem para caminhar. Chegamos lá embaixo com as mochilas nas costas e ainda ouvíamos os gritos que nos procuravam.

— James? — Gritei, esperando ouvir alguma resposta.

Nós andamos na direção das vozes enquanto gritávamos por eles.

— Lexi! — Alex foi o primeiro a nos ver, correndo na nossa direção.

Os cinco estavam lá e assim que viram o Alex correr, viraram-se e vieram logo atrás, como se tivéssemos ficado afastados por meses. Na verdade, aquele foi o maior tempo que já ficamos sem nos ver. Era normal sentir saudade. Eu mesma estava morrendo de saudades de todos.

— Onde vocês estavam? — Vanessa parecia estar com um pouco de raiva, mas acho que era uma raiva que servia apenas para esconder a preocupação. — A gente rodou por quase três horas até chegar aqui.

— Estamos bem, obrigado. — Mitt respondeu. Eu não precisei acrescentar nada. Não teria conseguido responder melhor.

— Que bom que estão bem. — Liz me abraçou apertado, retribuí com um sorriso.

— O que aconteceu? — Luke perguntou. Ele parecia surpreso ao ver os cortes no peito do Mitt, por trás de sua

camisa rasgada, e o pano manchado de sangue no meu antebraço. — Que foi isso?

— Fomos atacados. — Desenrolei o pano manchado do meu braço e mostrei para eles a mordida, já estava muito melhor hoje. Não havia sido tão profundo quanto eu pensava. — Não sabemos ao certo qual foi o animal, só que parecia um jaguar.

— Era um animal grande e preto. Eu consegui matar... — Mitt levantou a camisa, mostrando o ferimento. — Mas ganhei um presente em troca.

— Vocês lavaram para não infeccionar? — James perguntou. — Esses cortes foram fundos.

— Onde está o animal? — Alex falou e seu rosto perdeu um pouco a cor ao ver os cortes do Mitt. Ele não lidava tão bem com sangue. — Podemos esfolar para comer, li um pouco sobre caça em um livro que o Peter me deu. Entendo, na teoria.

— Está em um prédio para lá. — Aponte para o lado de onde viemos ontem à noite, depois do incidente com a fera. — Acho que reconheceríamos o prédio se voltássemos naquela rua.

— Como vocês encontraram essa cidade aqui? — Vanessa perguntou. Ela parecia mais calma agora.

— Mitt acabou vendo alguns prédios atrás das árvores quando estávamos andando. — Falei. — Encontramos por acidente.

— É verdade que vocês andaram três horas antes de achar a gente? — Mitt perguntou, ainda pensando no que Vanessa tinha dito.

— Verdade. Combinamos de acordar bem cedo para procurar vocês. — James começou. — Porque assim não haveria desencontros. E se saíssemos muito cedo daria tempo de andar por uma longa distância procurando vocês e depois voltar, caso vocês voltassem para lá.

— E se vocês voltassem para aquela pedra já estaríamos lá esperando por vocês. — Liz completou.

— Eu já estava quase desistindo da busca, vocês deram sorte. — Vanessa falou enquanto observava a cidade em ruínas, ainda impressionada com o que via.

— Ela está brincando. — Luke olhou para ela, com um olhar de reprovação.

Eu sorri, porque sabia que ela nunca abandonaria a gente, não importava o que dissesse. Na verdade, acho até que seria uma das últimas a querer parar.

— Vamos andando? — James começou a caminhar na frente, mesmo sem saber exatamente o caminho.

Eu e Mitt tentávamos nos lembrar do caminho exato que tínhamos usado ontem para fugir da fera que nos atacava, e tivemos algumas dúvidas ao virar umas ruas, mas no final acabamos chegando ao prédio e tínhamos certeza que era aquele, pois era o único da rua inteira que

não tinha o teto, e nem metade do último andar de pé.

— É aqui. — Mitt falou, entrando no prédio.

Nós o seguimos, e um por um fomos subindo numa mistura de escadas e galhos até chegar ao último andar. Aquele lugar me dava calafrios agora, só por lembrar o que havia acontecido ontem. E repetir aquele mesmo trajeto, me fazia lembrar de que por pouco não perdemos Mitt. Era como se eu estivesse revivendo tudo de novo. Lá estava a fera, no mesmo lugar que a deixamos, sem vida.

— Definitivamente uma pantera negra. — Alex falou ao se aproximar do animal, cutucando-o com um pedaço de entulho. — Vocês deram muita sorte de sair vivos dessa.

— Ainda bem que conseguiram. — Liz não se aproximou muito da pantera, falava de longe e meio assustada. — Esse animal é enorme.

— Eu me lembro de ter lido um pouco sobre esse

animal... — Alex começou. — Mas só o básico. Não sei se seria uma boa ideia comê-lo. Não é comum comer esse tipo de animais... E dependendo da idade dele, os filhotes podem estar por perto. Ficam até os dois anos.

— Mas nós estamos morrendo de fome. — James falou.

— Não encontramos nada para comer — Vanessa completou.

— Ah, é verdade! Vocês não comeram nada. — Mitt abriu a mochila cheia de frutas.

Depois que vi o Mitt abrindo a mochila, acabei me lembrando de que eu também tinha frutas na minha mochila. E então, mostrei as frutas assim como ele tinha feito. Eles pegaram um pouco menos da metade das frutas que tinham nas nossas mochilas, devorando-as como se não comessem bem há dias. O que não deixava de ser verdade.

— É melhor sairmos daqui logo. — Liz comentou ainda nervosa por estar na presença daquele animal, mesmo que ele já estivesse sem vida. — Não quero estar aqui quando os filhotes aparecerem.

— Vamos continuar andando? — James perguntou.

— Acho que a gente devia parar para reabastecer. — Comentei.

— Espera aí! — Luke falou empolgado. — Tem mais?

Eu e Mitt nos olhamos e sorrimos. A noite de ontem pode ter sido desastrosa, mas acabou nos salvando de morrer de fome.

Assim que todos terminaram de comer as frutas que tinham nas mãos, nós começamos a descer o prédio. Essa hora Mitt já parecia muito melhor, dizia apenas que ainda estava um pouco dolorido. Mas a aparência dos cortes estava muito diferente de quando ele acordou e não pareciam mais que iriam infeccionar.

Nós chegamos até a casa das frutas e eles terminaram de pegar o que tinha por lá, até o último cacho de uva no chão. Enquanto isso, eu e Mitt ficamos esperando na porta, tínhamos decidido deixar o resto para os outros, afinal nós já tínhamos pegado muitas frutas ontem. No final, mesmo depois de eles pegarem todas as frutas, as mochilas mal se encheram até a metade. E eu e o Mitt acabamos oferecendo algumas das nossas para que todos tivessem uma quantidade parecida. Não sabíamos quando encontraríamos mais.

— Agora sim, vamos continuar andando? — Alex perguntou, colocando a mochila nas costas.

— Ainda temos alguns dias até chegar ao deserto. — Vanessa completou. — Pouco menos de uma semana.

— Acho que meus pés vão cair. — Luke falou, já começando a resmungar.

— Nem começamos a andar ainda, já está reclamando?

— James perguntou.

— A gente tá andando há três horas! — Ele respondeu, ainda resmungando.

— Luke, imagina que quando você chegar às ilhas nunca mais vai ter que andar para lugar nenhum. E vai viver uma vida perfeita, na beira da praia... — Liz tentou ajudar. — Imagina viver como um deles? Ter toda a comida que quiser na hora que quiser. Eles são os mais ricos em recursos, não se esqueça disso.

— Só espero que nos aceitem. — Vanessa estragou todo o otimismo da Liz. — Seria horrível chegar lá e não ser aceito. Ou pior...

— Vanessa! — A repreendi.

Apesar de ela estar certa em pensar daquela forma, pois eu mesmo pensava assim, não era a hora para tal comentário. Estávamos todos exaustos, só que queríamos que tudo desse certo. E todos tínhamos essa dúvida de que

isso poderia não acontecer, mas precisávamos ter esperança para não desistir no meio do caminho. Tínhamos que continuar seguindo em frente, e para isso, precisávamos de um pouco de otimismo. Não que eu acreditasse nisso. Mas o Luke poderia acreditar.

Após sair da casa das frutas, nós caminhamos por mais ou menos uma hora e saímos da cidade em ruínas. No meio do caminho, o James acabou lembrando de que tinha trazido o meu casaco de neve e o devolveu, mas agora ele tinha cheiro de manga, por causa da sua mochila cheia de frutas. Por sorte, não acho que precisaria mais dele. O clima esquentava mais um pouco a cada hora que andávamos. Não que estivesse tão quente, mas não sentíamos mais aquele frio da montanha.

Andamos por mais algumas horas, caminhando entre as partes mais densas da floresta, e até alguns lugares que eram quase impossíveis de se caminhar, ladeiras extremamente escorregadias de tão inclinadas, árvores gigantes que provavelmente caíram na época dos

desastres e agora só serviam como obstáculo para nós. E durante todo o trajeto complicado que passamos, só podíamos escutar a voz da Vanessa e do Mitt. Eles brigavam por causa das rotas do mapa, de novo e de novo. Mitt continuava insistindo que ele tinha razão sobre os relevos e que Vanessa só se importava em ver as rotas em que não daríamos de cara com nenhum povo hostil. Mas dessa vez, estando aqui e tendo que passar por esse trajeto que estava me matando, eu começava a concordar com o Mitt.

— Chega, vamos parar. — Vanessa falou estressada.

— Alguém aqui concorda comigo que o trajeto está horrível? — Mitt provocou. Ela apenas revirou os olhos, não queria ter que admitir o erro.

— Acho que todos concordam. — Liz tinha lama até os joelhos e parecia exausta.

— Gente, espera aí. — Luke parecia estar procurando

alguma coisa.

— O que foi? — Perguntei, eu também já estava um pouco estressada com o trajeto que a Vanessa insistia em continuar.

O Alex, que estava com o mapa em mãos, parecia pensativo e não falava nada. Nem sequer participava da discussão. Talvez já estivesse preparando uma rota diferente para seguirmos.

— Vocês não estão ouvindo isso? — O Luke perguntou a todos, fazendo com que Vanessa e Mitt parassem a discussão para tentar ouvir também.

Na floresta não havia silêncio completo, pois sempre havia alguma coisa para se ouvir, como o barulho de alguns animais assustadores que podíamos ouvir de vez em quando e arrepiava até os pelos da nuca, ou o barulho do canto de pássaros que nunca víamos, mas estavam sempre lá, ou barulhos aleatórios do vento ao bater nas

árvores. Mas com esse tipo de barulhos, já estávamos acostumados. Eu não conseguia entender o que havia de diferente que o Luke poderia estar ouvindo.

— Eu estou escutando também. — Alex falou alguma coisa, finalmente.

— É água? — Liz perguntou.

Assim que a palavra água foi falada, comecei a ouvir também. Não que tivesse alguma coisa a ver, apenas uma mera coincidência. Ou talvez, a palavra água fez com que eu imaginasse o som e aquilo me ajudou a ouvir na realidade. Não faço ideia do processo, mas sei que conseguia ouvir agora. Era o som de água batendo em alguma coisa, como se estivesse chovendo em algum lugar perto daqui, mas era uma chuva muito forte.

— Vamos lá. — Luke falou empolgado e começou a correr na direção do som que ele ouvia.

— Será que ele só tem dores nos pés quando não quer

andar? — James provocou, mas o Luke já estava longe para ouvir aquilo.

— Você já viu o pé dele? — Liz o defendeu. — Está horrível.

Nós corremos atrás do Luke, curiosos para saber a fonte daquele barulho. Eu corria tão rápido que por pouco não caí quando o chão acabou. Olhei para baixo com medo, havia encontrado o que estava fazendo aquele som.

— É uma cachoeira!



CAPÍTULO 13

— É uma cachoeira! — Vanessa repetia entusiasmada, parecendo ter mudado de humor depois de ver toda aquela água.

Abaixo dos nossos pés havia uma queda d'água de pelo menos dois andares, muito menor do que o prédio que tínhamos dormido, mais ainda era meio assustador. O Luke já estava quase lá embaixo, descendo pelo lado da cachoeira, onde tinha um pequeno caminho por entre as árvores.

— Vão ficar aí mesmo? — Luke gritou ao chegar lá embaixo.

Nós começamos a descer pelo mesmo lugar que ele tinha ido, estava bastante escorregadio, mas não tão escorregadio quanto às outras ladeiras que descemos durante a caminhada na floresta. Tínhamos ficado tão presos à beleza do lugar que não nos importamos em simplesmente observar a cachoeira por alguns minutos antes de pensar em descer para onde o Luke estava. Em contrapartida, Luke só pensava na parte divertida da coisa. Não parou nem um minuto para observar a paisagem e o lugar maravilhoso que tínhamos encontrado.

Quando cheguei lá embaixo, percebi que a água era quase transparente e a queda d'água era um pouco menos assustadora quando observada do chão. Eu me aproximava da água com cuidado, afinal de contas, nenhum de nós sabia nadar. O vento que batia nos meus cabelos não era suficiente para bagunçá-los, mas refrescava bastante. O clima era perfeito, o mais quente

que eu já havia sentido em toda a minha vida. Era um dia perfeito, em um lugar perfeito.

— Eu nem acredito que esse lugar é real. — Mitt comentou, tocando na água.

Eu fiz o mesmo, tocava na água e ela se moldava aos meus dedos. Passava pela minha mão e a empurrava de leve na direção de uma correnteza fraca, na direção oposta a queda d'água.

— A gente poderia ficar aqui para sempre, né? — Liz perguntou ainda maravilhada com aquilo tudo.

— Eu não sei o que vocês estão esperando. — Vanessa começou a tirar a blusa de manga comprida como se estivesse se preparando para pular na água.

— Vanessa, a gente não sabe nadar. — Tentei impedir que ela entrasse na água.

— Você quer uma oportunidade melhor que essa para

aprender? — James tirava a camisa.

— Não tem oportunidade melhor! — Luke já estava tirando a calça.

— Gente? — Perguntei, vendo que estavam todos empolgados para entrar na água. Eu também estava empolgada, mas acho que o medo era mais forte do que a vontade de nadar. — Eu estou falando sério, não é arriscado?

— Olha só, a gente sobreviveu aos guardas do exército negro, às motos defeituosas deles... — Luke começou. — Sobrevivemos até a uma pantera! Isso aqui é um grande nada comparado a todo o resto.

— Tecnicamente, esse não é um argumento muito bom. Um obstáculo não deixa de ser perigoso simplesmente porque você passou por outro mais perigoso... — Alex rebateu. — Mas quem se importa, vamos aprender a nadar.

Acabei cedendo durante a conversa, pois a vontade de nadar conseguiu superar o medo. Iria dar tudo certo e eu não poderia deixar o medo interromper os momentos bons que teríamos. Afinal, não sabia quantos momentos bons teríamos. E desde que saímos do buraco, tinham sido poucos.

— Vamos com cuidado, mesmo assim. — Falei, já tirando a camisa.

Nós todos estávamos de roupas íntimas, os garotos de cueca e nós de calcinha e sutiã. Fazia um pouco de frio ainda, mas era irrelevante comparado ao frio que já passamos. Estávamos em um pequeno dilema para saber quem pularia primeiro, até que o James se candidatou. Luke já tinha se candidatado, mas não o deixamos ser o primeiro, por ser muito novo. Apesar de saber que ficaria tudo bem com ele.

— Certo. — James pensava alto. — É só pular. Não parece muito fundo.

Ele correu até a última pedra e pulou, caindo com os dois pés primeiro e levantando muita água. Ele ficou submerso por algum tempo enquanto olhávamos atentos para o lugar onde ele tinha pulado, tentando rastrear onde ele poderia estar. Mas segundos depois ele levantou, jorrando mais um pouco de água.

— Tudo certo!

O James estava de pé e não precisava nadar para se manter na superfície. A água devia ser pelo menos da minha altura, pois sua cabeça estava toda fora da água.

— É fundo? — Liz perguntou.

— Não. — James respondeu. — Não muito.

Assim que ele respondeu, Vanessa e Luke pularam também, quase na mesma hora. Por pouco Luke conseguia ficar submerso, mas ele tinha que ficar na ponta dos pés. Considerando que ele era o mais baixo entre nós, perdendo por pouco para a Liz, a água realmente não era

funda. Vanessa não precisava se esforçar nem um pouco para ficar na superfície.

— Acho que vou ficar por aqui mesmo. — Liz olhava para a água, um pouco assustada. — Vão lá.

— Não sei se eu devia ir também. — Mitt mostrou o machucado no peito dele, ainda estava bem feio.

— Na verdade, talvez melhore o machucado. — Alex sugeriu. — Vai lavar e proteger das infecções. Mas vai arder muito. Você que sabe...

— Vai curar mais rápido, né? — Mitt fazia uma careta de dor.

— Para de sofrer por antecipação. — Sorri.

— Eu vou ficar por aqui mesmo. — Liz começou a se afastar da água e eu segurei o braço dela.

— Liz? — Falei numa voz calma, tentando convencê-

la. — Ninguém aqui vai deixar nada acontecer com você.

— Sabe o dia que a gente teve que deixar o buraco? — Alex perguntou. — Aquele dia eu tive que escalar aquela parede que eu não escalava há anos, por causa do meu acidente...

Liz apenas fez que sim com a cabeça, não tinha certeza onde ele queria chegar com aquilo.

— Então, eu não tenho muitos problemas com os significados das palavras ou definições específicas de um objeto. Mas, há poucas palavras que eu ainda não consigo entender completamente. Uma delas era a palavra família. — Ele deu ênfase naquela palavra. — Eu não entendia aquele significado, e achava que nunca iria entender, justamente por não ter vivido com uma. Mas eu estava errado.

Alex não costumava ser muito bom para dar conselhos, ou sequer demonstrava que tinha um lado emocional. Ele

era feito de razão. Mas pela primeira vez, eu estava vendo esse lado diferente dele. Um lado que eu não sabia que existia.

— Naquele dia no buraco, eu finalmente entendi o significado da palavra família. E vocês são a minha. — Ele parou. Apesar de estar falando coisas tão bonitas, não parecia estar sentindo elas. Ele falava como se estivesse explicando um teorema matemático.

— É verdade. — Completei. — Nós somos uma família, Liz. E nunca vamos deixar nada de mal acontecer com você.

Ela sorriu, não havia mais medo em seus olhos. Dentro dela, ela sabia que não aconteceria nada, pois estava sendo protegida por pessoas que a amavam.

— Não vamos deixar nada acontecer com você. — Mitt falou, também completando as palavras do Alex.

— Tudo bem. — Liz respirou fundo ao responder. —

Eu vou.

— Vamos lá. — Falei.

Dei a mão à Liz, para que se sentisse mais segura. Olhei para a água me preparando por mais alguns segundos e então andamos na direção da última pedra. Pulei, com os olhos fechados, ainda com um pouco de medo da sensação de estar rodeada por tanta água. Senti a água correr por meu corpo em uma fração de segundos e de repente, eu estava totalmente submersa. Era como se todo o barulho externo tivesse se apagado. Eu só podia ouvir a corrente e a calmaria daquela cachoeira. Era uma sensação estranha, como se estivesse voando. Parada no meio do espaço, sem sentir o meu próprio peso. A água me acolhia e me carregava, moldando-se ao meu corpo. Eu me sentia leve, como se pudesse ficar ali para sempre. Até que meus pulmões começaram a me avisar que eu não podia. Empurrei os pés na pedra embaixo de mim e subi, ficando de pé, com a cabeça na superfície.

— Agora eu concordo com vocês. — Falei. — Seria estupidez não ter pulado.

— Verdade. — Liz estava nas pontas dos pés. Podia perceber isso, pois seria a única forma para ela estar da mesma altura que eu.

Mitt reclamou algumas vezes de dor ao entrar na água, mas com poucos minutos ele falou que já nem ardia mais. Eu só esperava que o Alex tivesse certo e que o machucado dele melhorasse com a água.

— Como a gente faz para aprender a nadar agora? — Luke perguntou.

— Experimenta tirar os pés do chão. — Vanessa respondeu.

Logo depois que ela falou isso, tirei meus pés do chão e me deixei levar um pouco pela água, mergulhando. Apesar de saber que uma hora eu teria que aprender a nadar, eu gostava muito mais da sensação de ficar

embaixo da água imóvel, deixando que a água que me carregasse. Eu ainda sentia que estava voando. Era a melhor sensação que já tinha tido.

— Acho que é só bater as mãos e os pés... — James falava, enquanto tentava demonstrar, um pouco desajeitado no início. — Tem que tentar ficar na superfície.

Mergulhei novamente. Tentava fazer o que ele falou, movendo os braços e as pernas para que eles impulsionassem o meu corpo. Meu braço ainda estava muito dolorido por causa da mordida. Eu tentava ir pra frente, e não era tão difícil. Na verdade, embaixo da água era muito fácil. A parte mais complicada era fazer o que o James estava falando. Tentar ficar na superfície.

— Vamos pular dali? — Luke apontou para um galho, em cima das nossas cabeças.

Ele vinha de uma árvore grande, enraizada perto da

água. A árvore estava meio inclinada na direção do rio.

Assim que o Luke deu a ideia, os garotos começaram a sair da água para descobrir alguma forma de subir no galho. Enquanto isso eu, Liz, e Vanessa ficamos na água. Vanessa já tinha conseguido nadar se mantendo na superfície o tempo todo, Liz e eu ainda tentávamos.

Quando finalmente consegui, levantei a cabeça e Luke estava bem cima de mim, tentando chamar minha atenção porque ele queria pular. Saí de baixo dele e fui para perto das meninas, para assisti-los.

— Preparados? — Luke perguntou a todos.

— Pula logo. — James esperava impaciente, logo atrás dele.

Assim que ouviu o James, ele soltou as mãos que o estavam ajudando a manter o equilíbrio e ficou de pé com um pouco de dificuldade, pois o galho era muito fino. Logo depois, o Luke pulou, voando de cima do galho e

depois caindo no rio, fazendo um estrondo. Jogando água para todos os lados.

— Eu vou antes de você. — Mitt discutia com Alex sobre quem iria depois do James.

— Você está machucado. — Alex rebatia. — Melhor ficar com as meninas lá embaixo.

— Vocês estão atrapalhando minha concentração. — James falou brincando, para os dois que brigavam.

Então, ele começou a subir no galho pelo mesmo lugar que Luke tinha ido. Assim que subiu, o galho abaixou e se entortou. Continuei observando. Não achei que iria acontecer nada. Mas quando ele ficou de pé, preparado para pular, o galho se partiu. James foi para a água junto com o galho inteiro.

— James! — Falei, indo até o lugar que ele tinha caído.

— Que droga de árvore. — James saía de perto da árvore enquanto resmungava alguma coisa sobre ela.

Quando percebemos que ele estava bem, e que não tinha acontecido nada demais, começamos a rir. Ele ainda estava irritado, mas ao ver que estávamos rindo, ele riu também.

— O James devia ter ido por último! — Mitt voltava para a água.

— Cala boca. — James respondeu a provocação do Mitt.

Continuei rindo. A forma como ele caiu tinha sido muito engraçada, agarrado ao galho e gritando com o susto.

— Agora eu entendi porque falam que você é um quebra galho. — Mitt provocou novamente. Apesar da piada ruim, eu acabei rindo mais ainda.

Depois da queda do James, fiquei mais um pouco na água e acabei saindo para descansar. Apesar de ser um lugar relaxante, a parte de tentar aprender a nadar era bem exaustiva. Mas eu estava conseguindo. Não era tão difícil assim.

— Vou dar uma olhada no mapa. — Alex falou, saindo do rio quase na mesma hora que eu.

— Também vou. — Vanessa e Mitt falaram na mesma hora. E depois, ela olhou para ele com desdém.

Por um momento fiquei com pena dele, principalmente por causa do que ele tinha me falado ontem. Não entendia como o Mitt podia gostar da Vanessa. Eles nem se davam bem.

Nós quatro acabamos saindo da água no mesmo momento e ficamos nos secando por um tempo antes de vestir as roupas. Estava muito frio do lado de fora e agora eu entendia o porquê dos meninos estarem brigando para

ver quem iria pular primeiro. Eles só queriam entrar na água novamente para não morrer de frio.

Comecei a vestir minha roupa antes de me secar por completo, caso contrário iria ter uma hipotermia. Ao terminar, avisei ao resto que ainda estava na água sobre o frio, para que eles saíssem logo antes que o sol fosse embora, e assim fizeram. Saíram na hora que eu falei. Talvez já estivessem pensando em sair antes de eu falar, pois não costumavam me escutar assim.

—Estamos aqui. — Alex falou após apertar o botão vermelho no canto do mapa, apontando para o nosso emblema.

Nós quatro sentamos em uma roda, assim que acabamos de nos vestir, para tentar descobrir qual rota usaríamos agora, considerando que a atual estava péssima.

— A rota mais rápida seria essa. — Vanessa mostrou

uma rota prateada no mapa. — Mas o relevo é ruim.

Mitt olhou para ela como se estivesse feliz por estar certo, por ela ter finalmente prestado atenção no relevo. Mitt era bem inteligente quando queria, mas na maioria das vezes escolhia ser preguiçoso e não ajudar em nada. Porém, isso vinha mudando bastante.

— Como é que vocês olham o relevo? — Perguntei interessada, para poder ajudar também.

— Você tem que observar a tonalidade da terra. — Alex começou a me explicar.

— Quanto mais escuro, mais alto. — Vanessa apontou para as montanhas de gelo. — Por exemplo, essa cadeia de montanhas aqui é a mais alta do Novo Mundo. Atrás dela fica o Povo do Norte. Perceba como o topo dessas montanhas é mais escuro que o das outras, tá vendo?

— Sim, entendi. — Observei o emblema dourado do mapa do meu pai, envolto naquelas montanhas que ela me

mostrava. — E aqui onde a gente está, é uma parte baixa não é?

— Isso, é uma parte clara. Mas não é uma das mais claras. — Vanessa respondeu. — Olha como as Ilhas do Sul são a parte mais baixa do mapa. O deserto também é bem baixo. Lugares que estão no nível do mar são os que têm menos altitude.

Observei o mapa por um tempo, tentando pensar em uma rota que se desviasse das partes mais escuras do mapa. Uma rota que fosse limpa e sem muita mudança de relevo. Os outros três faziam a mesma coisa.

— Já sei. — Alex tocou duas vezes onde ele queria fazer a rota e uma linha prateada surgiu, saindo do emblema vermelho que representava onde nós estávamos. Ele esticou a rota até as ilhas. — Considere que a nossa rota anterior era boa. A melhor possível, se não existir o problema do relevo.

— Basta usar como referência. — Vanessa pensou alto, parecia já ter entendido o que Alex queria fazer.

— Isso. — Alex então começou a moldar a nova rota a partir da antiga. Alguns pontos eram os mesmos, mas nos pontos escuros, ele desviava da melhor forma que encontrava. — Unindo as duas coisas... Acredito que esta seria a melhor rota.

— Vocês tão vendo a mesma coisa que eu? — Vanessa olhava para o mapa, como se tivesse algo de diferente nele.

— Não. — Eu e Mitt respondemos juntos.

— O botão vermelho... — Ela apontou para o rastreador e só então me dei conta do que estava acontecendo. — Está piscando.

— Como assim? — Mitt parecia muito confuso.

— O botão só ficaria piscando se o outro mapa

estivesse ligado. — Alex mostrou o botão vermelho. Ele o apertou duas vezes, para ver se o mapa estava com algum problema.

— O que isso significa? — Apesar de que eu só conseguia pensar em uma resposta.

— Seu pai falou para você que ele era o único com o mapa, certo? — Alex me perguntou. Apenas confirmei com a cabeça.

— Não tem mais ninguém que poderia ter esse mapa.
— Vanessa falou.

— Meu pai me falou que se essa luz piscasse, eu saberia que ele está acompanhando nossos passos. — Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Pode ser um problema técnico. — Alex falou, sua voz tinha um tom de preocupação. — Lexi... Todo mundo viu o que aconteceu. Seu pai morreu... Não tem como ele ter sobrevivido.

— Não tem como saber. — Vanessa comentou.

Eles continuaram especulando, tentando descobrir porque a luz do botão estava piscando, tentando dar sentido a tudo aquilo. Mas nada parecia se encaixar. Levantei do chão, caminhando para longe deles. Lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto e eu não conseguia controlá-las, e nem queria. Minha cabeça estava jogando mil pensamentos em cima de mim, quando tudo que eu queria era que o mundo se calasse. Eu havia aceitado a morte do meu pai há pouco tempo. E agora, tudo se revirava novamente. Lá no fundo, eu só conseguia imaginar uma coisa: meu pai podia estar vivo.



CAPÍTULO 14

Sete dias tinham se passado desde que criamos a nova rota, e dessa vez não tínhamos tido problema algum com relevos, nem com qualquer outra coisa. E embora eu tivesse checado o mapa todos os dias pelo menos duas vezes, o botão vermelho não tinha voltado a piscar. Ainda me prendia a ideia de que o meu pai poderia estar vivo, mas duvidava cada vez mais e agora já começava a pensar que poderia ter sido um problema na parte elétrica do mapa. Todos os outros já haviam se convencido de que foram problemas técnicos, não teria como meu pai ter sobrevivido. Eu ainda tentava me convencer disso.

Estávamos no deserto há três dias. Nossa comida tinha acabado há pelo menos dois. A situação ficava cada vez mais complicada e o calor agora era mais um problema. Estávamos ficando sem água e não estávamos acostumados com temperaturas tão quentes. Como não tínhamos muita água, estávamos utilizando o mínimo possível enquanto esperávamos a próxima chuva.

Depois dos desastres naturais, que mataram mais da metade das pessoas na terra, o clima ficou cada vez mais severo. Nos lugares frios, como as montanhas, poderia nevar até no verão. Enquanto nos lugares quentes, mal chovia durante o ano.

Alex nos dizia que ainda estávamos na parte mais fria do deserto e ainda sentiríamos frio durante a noite, o que realmente aconteceu nas últimas noites. Mas só estávamos sentindo calor porque viemos de um dos lugares mais frios do Novo Mundo e nossos corpos ainda não haviam se acostumado àquelas temperaturas. Ele nos disse também que uma pessoa do Deserto acharia que o lugar

que estávamos muito provavelmente ainda era considerado um lugar um pouco frio.

Não conseguíamos andar tanto no deserto quanto andávamos nas montanhas ou na floresta, por causa das condições ruins e da falta de recursos. Por isso, parávamos pelo menos quatro vezes ao dia para descansar. Muitas vezes não tínhamos energia para muita coisa na última parada, então simplesmente caíamos no sono.

Ao contrário da floresta, no deserto não tinha muito para ver. Era areia para todos os lados. Poderíamos passar um dia inteiro sem ver uma simples árvore, e mesmo quando avistávamos alguma, não era tão bonita quanto as árvores da floresta.

Também havia as tempestades de areia. Era a pior parte. Nós tínhamos pegado duas no caminho: uma no primeiro dia e outra pela manhã. Normalmente tínhamos tempo de nos cobrir inteiros com casacos ou cobertores,

mas depois da tempestade todos os nossos pertences ficavam imundos e carregados de areia.

Meus lábios estavam começando a se rachar e eu não vestia mais nenhum casaco. Tudo que vestia era uma calça, agora suja de areia, e uma blusa branca de alça que mostrava a mordida no meu braço esquerdo, já quase que totalmente cicatrizada, e o pequeno corte no meu ombro direito, do tiro de raspão que tinha levado, mas este já tinha cicatrizado há alguns dias. Mantinha meu casaco de neve amarrado na cintura, pois não sabia quando a próxima tempestade de areia viria, e queria estar preparada para ela.

— Minha água acabou. — Mitt virava as últimas gotas de água em sua boca.

— A minha acabou ontem. — Liz respondeu.

— A gente ainda tem muito tempo pela frente. Acho que não vai... — Vanessa começava a falar.

— Vai dar tudo certo. — James cortou. Provavelmente não queria ouvir nenhum tipo de pessimismo.

Talvez eu fosse concordar com o que Vanessa tinha a dizer. Mas dessa vez, era difícil negar que estávamos com problemas. Mais do que o normal. Todos sabíamos, lá no fundo, que talvez aquela jornada não tivesse o final que queríamos. Mas precisávamos ter esperança. Não poderíamos nos considerar derrotados e desistir. Não ainda.

— A gente precisa pensar. — Alex parou de andar. — Vamos ser realistas.

— Certo, precisamos fazer alguma coisa para mudar essa situação. — Falei, parando de caminhar e me juntando ao Alex. — Precisamos achar comida em algum lugar.

— Vocês já sabem onde tem comida. — Luke comentou, já estava sentado em cima da sua mochila,

aproveitando o tempo que tinha para descansar.

— Não mesmo! — Liz parecia nervosa. — Vocês sabem que é suicídio. Vocês falaram, antes de sair do buraco, que iríamos passar longe das vilas do deserto!

— Liz... — James falava, passando a mão na cabeça.

— É o único jeito. — Comecei. — As vilas do deserto são a nossa única forma de encontrar comida e água. Vocês sabem que sozinhos não vamos conseguir encontrar nada.

— Os recursos do deserto acabaram há muito tempo. — James completou. — Por isso que eles roubam das ilhas. Eles não têm mais nada por aqui.

— E nós vamos morrer se não tentarmos alguma coisa. — Evitava olhar para Liz.

— Eu concordo com a Liz. Acho que é suicídio... — Vanessa se intrometeu. — Precisamos pensar em outra

solução.

— Vanessa, você sabe que não existe outra solução. —
Sentei ao lado de Luke. Minhas mãos tremiam depois de
dois dias sem comer nada. — Se a gente não tentar pegar
comida deles, vamos morrer.

— Você sabe que vamos morrer se eles nos virem. —
Vanessa rebateu. — É o povo mais hostil. Eles roubam
das ilhas e matam para terem o que querem. Não podemos
simplesmente roubar deles.

— Eles vão matar a gente. — Liz parecia estar com
medo, eu finalmente voltava a olhar para ela agora. —
Vocês sabem que não é uma boa ideia. Tem que ter outra
saída.

— A única forma de sobreviver é roubando a comida
deles, não temos opção. As vilas são os únicos lugares do
deserto que tem comida. — Todos olhavam para o James
enquanto ele falava. — Não tem jeito e vocês sabem

disso. Eu também não queria ter que fazer isso. E Liz, eu sei, a gente tinha combinado de passar longe das vilas deles. Mas teremos que fazer isso pra sobreviver.

— Infelizmente, eu me sinto forçado a concordar. — Alex falava. — Eu poderia até passar um dia inteiro tentando pensar em outra saída, mas não acho que é possível.

— Vocês estão certos. Não tem jeito. — Mitt colocou a mão na barriga. — E eu não cheguei até aqui para morrer de fome.

— Não precisa ir todo mundo. — Luke se levantava, apontando para o Alex. — Você, Liz e Vanessa podem ficar.

— Então está certo. James, Mitt, Luke e eu vamos sozinhos. — Apontei para eles, pensando naqueles que tinham a opinião mais forte sobre aquela ideia suicida. — Vamos partir agora mesmo e chegaremos lá assim que

escurecer.

— Não mesmo! — Alex se opôs e eu podia ouvir o nervosismo em sua voz. — Não vou deixar vocês irem sozinhos. Vamos fazer algo arriscado. Mas vamos juntos.

— Tudo bem. — Vanessa ainda não parecia concordar com a ideia. — Vamos todos. Mas ainda acho que é loucura.

Então nos viramos para a Liz. Ela ainda parecia nervosa com a ideia, mas eu sabia que ela não deixaria de vir.

— Você vai ficar bem. — Olhei nos olhos dela. — Ninguém vai deixar nada te acontecer.

— Tudo bem. — Ela ainda parecia desanimada, mas respondeu. — Vamos todos.

Coloquei a mochila nas costas e respirei fundo, voltando a caminhar depois que o Alex localizou a vila

mais próxima no mapa. Ele tinha feito uma rota alternativa e achava que conseguiríamos chegar lá rapidamente.

Depois de andar por algum tempo, comecei a entender a realidade do que estávamos indo fazer, e que podíamos não voltar vivos. Mas eu tinha que continuar acreditando que tudo ia dar certo, pelo menos me forçar a acreditar nisso. Tudo que precisávamos fazer era esperar eles irem dormir, invadir a vila e procurar por comida. Claro. Tudo ia dar certo.

— É por ali. — Alex falou apontando para um morro de areia que praticamente tapava o que estava à frente. — Acredito que descendo esse morro de areia...

— Melhor fazer silêncio. — Falei, enquanto nos aproximávamos.

Ao chegar mais perto, tentei olhar lá para baixo, deitando na areia e mostrando o mínimo possível caso tivesse alguém olhando do outro lado. Não parecia ser

uma vila muito grande, mas eu não tinha muita noção do tamanho das vilas do deserto.

Eu podia ver pequenas casas quadradas, feitas de materiais muito simples. Não eram muitas e não pareciam estar em nenhum tipo de organização específica. Era como se tivessem sido construídas aleatoriamente pelas próprias pessoas que viviam por ali. E as pessoas pareciam ser muito humildes. Na verdade, vestiam roupas muito velhas e cheias de areia.

— Agora esperamos. — Vanessa comentou.

Então, não muito ansiosa para o momento da invasão da vila, deitei de costas na areia e fiquei encarando o céu por um bom tempo. Eu pensava em todos os finais para o que estávamos prestes a fazer e só um era bom, mas seria o mais difícil de acontecer: sair de lá com tudo que precisávamos e sem ninguém nos ver. Cada final alternativo era mais assustador que o outro. Tentei me desligar um pouco e voltei a olhar para o céu. Nenhuma

nuvem, apenas o sol queimando acima de nós.

O tempo passava muito rápido e nenhum de nós falava muito. Era como se toda a tensão a nossa volta nos deixasse quietos. Não havia muito que falar, tínhamos dito tudo o que precisávamos.

Assim que o sol se pôs, levantei parcialmente. Ainda estava agachada quando olhei para baixo do morro de areia novamente. Havia poucas luzes acesas, uma média de uma luz por casa, mas havia uma quantidade maior de pessoas circulando pela vila. Eu não via nenhum guarda por ali. Por sorte, poderíamos não nos bater com eles.

— Quem são vocês? — Tomei um susto ao ouvir aquela voz estranha e me virei na hora.

Um garoto estava parado de frente para nós e nos encarava como se fôssemos totalmente estranhos, o que não deixava de ser verdade para ele.

— Quem é você? — James se levantou, partindo para

cima dele como se ameaçasse bater no garoto.

— Calma! — O garoto de cabelos pretos e lisos, jogados para o lado direito, levantava as mãos para o James. — Não sou inimigo.

— Fala logo quem você é! — Mitt falou, indo para o lado do James. Os dois pareciam intimidar um pouco o garoto, que estava nervoso. Ele parecia ter a idade do Luke ou do Alex, mais ou menos quinze anos.

— Eu... Eu sou Tiago. — Ele tentava explicar. — Eu sei que vocês não são daqui e que não confiam em mim, mas precisam vir comigo agora. Meu pai me pediu para vir até aqui chamar vocês. Os guardas estão chegando para revistar esta vila, hoje é dia de pagamento. Vão ser vistos se ficarem aqui.

Fui para o lado do James e do Mitt, que pareciam confusos. Nos olhamos, eu não tinha certeza se deveria acreditar naquele garoto.

— Dia de pagamento? — Perguntei. Nós praticamente o cercávamos agora.

— Eles trocam água e comida por trabalho. — Ele respondeu. — Mas nem sempre os guardas são amigáveis e às vezes não pagam o que foi cumprido. Muitas vezes roubam das pessoas... Revistam todas as casas para ver se está tudo em ordem e levam coisas de valor. Esta vila é um exemplo do que chamamos de vilas de base, essas pessoas são praticamente escravos. A maioria das vilas do deserto é assim.

— Isso é horrível. — Liz se levantava, tirando a areia do corpo.

— Você não nos conhece. Por que quer nos ajudar? — Vanessa falou primeiro para ele e então se direcionou a nós. — Não acho que ele seja confiável... Eu não confio nesse garoto.

— Eu acho que confio nele. — Liz contestou. — Além

do mais, prefiro ir com ele a seguir com o plano suicida.

— Peter sempre falou que não deveríamos confiar em ninguém. — Alex parecia pensativo. — Mas não sei se temos opção.

— Como ele sabe que a gente não é daqui? — Luke perguntou.

— Olá! Eu ainda estou aqui. — Tiago arqueou as sobrancelhas, enquanto falávamos dele.

— Acho que somos diferentes. — Mitt respondeu. — Olha o nosso estilo, nossas roupas.

— Ele tem roupas parecidas, isso não tem nada a ver. — Alex respondeu.

— Mas olha as roupas daquele povo lá embaixo. — Falei. — Eles estão vestindo trapos.

— Mas isso é porque são escravos. — Tiago

finalmente se pronunciou, apesar de que as roupas dele não eram muito melhores do que a das pessoas lá embaixo. Ele estava vestindo uma camiseta rasgada e uma calça meio velha. — E eu sei que vocês não são daqui porque ouvi vocês conversando mais cedo. Estavam falando “povo do deserto” como se não fizessem parte do nosso povo. Como se não fossem daqui. Além do mais, nunca os vi por aqui antes.

— Como assim nos ouviu conversando? — Perguntei desconfiada. — Porque você estava escutando nossa conversa?

— Eu não estava... — Tiago tentava se explicar. — Bom... Estava, mas por pouco tempo. Eu vi vocês passando de longe e me aproximei um pouco. Quando voltei para casa, falei sobre vocês com meus pais. E meu pai deu a ideia de eu vir aqui chamar vocês... Parece loucura, mas só queremos ajudar. Prometo.

Olhei para o James e ele balançava a cabeça,

desconfiado. Ainda não sabia se podia confiar naquele garoto que aparecera ali do nada. Mas assim como eu, James também não via muitas opções que envolvessem menos risco. Nenhum de nós queria invadir uma vila do deserto para roubar comida e o Tiago parecia ser uma boa pessoa.

— Não confio nele. — Vanessa falava baixo atrás de nós.

— Vamos dar uma chance. — James falou finalmente. Mas não pareceu convencer a todos.

— Eu tenho comida e água. — Ele falou e todos pareciam concordar em ir com ele agora. Estávamos mortos de fome afinal.

Pelo menos quase todos, Vanessa ainda não achava uma boa ideia. Na verdade, eu podia ver que nem todos tinham realmente concordado, e de fato eles só tinham se convencido de que aquela seria uma forma mais fácil de

conseguir comida do que a que estávamos prestes a tentar. Todos nós estávamos com fome. Eu mesma havia concordado por isso.

No caminho até a casa do Tiago, Vanessa ia se convencendo aos poucos que poderia ter sido uma boa ideia ter vindo com ele. Ainda mais depois que ele falou que não morava dentro de nenhuma vila, ou seja, sua casa era longe de qualquer outra. Então, não haveria perigo para nós se fôssemos para lá.

Tiago nos contou um pouco sobre sua família, seus pais e sua irmã, Victoria. De fato, ela que atendeu a porta assim que chegamos e nos olhava com muita curiosidade, apesar de não falar muita coisa além de um cumprimento casual. Parecia mais tímida que o irmão, mesmo sendo mais velha. Ela tinha falado ter dezessete anos quando nos apresentamos, e seu irmão dezesseis.

Victoria era uma garota de altura mediana e cabelos curtos que pareciam ter sido picotados com uma tesoura.

Mas o corte não era tão ruim. Na verdade, era até legal. Eu nunca tinha visto nada do tipo, nem em fotos. E seu rosto parecia combinar com seus cabelos curtos. Mitt e James comentaram algo baixinho assim que a viram. Devem ter comentado sobre como ela era muito bonita.

— Então... Nós vimos vocês passando mais cedo e falamos para o Tiago ir até vocês. — Kamil Neustadt, a mãe deles, falava enquanto olhava com orgulho para os filhos. — Ficamos preocupados porque hoje é dia do pagamento.

— Venham para cá. Não tenham medo! — Isaiah, um homem moreno de meia idade, fazia sinal para que nos aproximássemos.

Nós estávamos parados dentro da casa. Era a primeira vez que tínhamos contato com pessoas que não fossem o meu pai ou Jane, a mulher que colocava um tecido na frente do rosto quando nos visitava. Nós nunca tínhamos visto ou falado com pessoas fora do buraco. Era estranho

estar na casa deles agora.

— Não precisam ter medo. — Kamil falava, puxando uma cadeira da mesa de jantar que tinha vários pães e biscoitos em cima. — Nós preparamos um lanche para vocês.

— Obrigada. — Luke foi o primeiro a andar em direção à mesa.

Nós o seguimos, apesar de que havia só quatro cadeiras ao redor da pequena mesa de jantar. Então alguns de nós sentaram em um pequeno sofá perto da mesa. Mitt estava no braço do sofá, pois era um sofá para dois e eu e Liz o ocupamos.

A casa dos Neustadt era muito pequena. Só tinha um andar e o maior cômodo era a sala. Pelo que eu podia ver, a sala era um pouco mais do que suficiente para caber todos nós confortavelmente. Além disso, eu só conseguia ver três portas que levavam a outros cômodos,

provavelmente um banheiro e dois quartos.

— Vocês são do povo das montanhas, não é? — Eu já estava no segundo sanduíche quando Tiago perguntou.

— Não exatamente. — Respondi. — Mas posso dizer que viemos de lá.

Eles pareciam não ter entendido a resposta. Então me virei para James, como se mentalmente perguntasse para ele se era seguro falar. James balançou a cabeça de leve, como se me mostrasse que não devíamos confiar naquelas pessoas ainda. Meu pai sempre me ensinou a não confiar em pessoas que não conheço e apesar de já estar dentro da casa deles, acho que iria seguir os conselhos do meu pai.

— Vocês sabem sobre a regra do filho único certo? — Mitt começou a falar. Olhei para ele, repreendendo-o na hora.

— Mitt! — James falou, tentando manter o tom baixo. Mitt parou de falar.

— Não conhecemos nenhuma regra assim. — Isaiah respondeu.

— Mas não ouvimos falar muitas coisas sobre os outros povos também. Não sabemos muito sobre vocês. — Tiago comentou enquanto pegava um biscoito na mesa.

— Nós não morávamos com o Povo da Montanha... Morávamos em uma montanha a oeste deles. — Alex tentava melhorar a situação sem entregar quem nós realmente éramos. Não podíamos falar para eles que éramos fugitivos.

— Eu achava que o povo do deserto era hostil. — Vanessa comentou.

Nós todos olhamos para ela, apesar de que eu não estava surpresa com o comentário. Principalmente vindo de Vanessa. E eu também estava com essa dúvida, só não tinha perguntado nada.

— Os guardas são hostis. — Victoria finalmente se

pronunciou. — Nas vilas de base não têm pessoas ruins. Quer dizer... Não tem muitas pessoas ruins. Alguns ladrões... Mas a maioria da população é boa.

— Por que vocês não moram numa dessas vilas? — Alex perguntou. Ele e Liz já tinham parado de comer.

— Nós morávamos lá antigamente. — Kamil começava a tirar os pratos da mesa, levando-os para a cozinha.

— Meu pai trabalha para o governo agora. — Tiago respondeu e seus pais pareciam meio tensos com a resposta.

— Vocês querem comer mais alguma coisa? — Kamil perguntou.

— Acho que estamos satisfeitos. — Falei, terminando meu último biscoito. — Muito obrigada.

— Muito obrigada. — Liz repetiu.

— Mas o que você faz para o governo? — Alex estava meio intrigado. — O governo do deserto é um governo tirano. O rei Yosef é quem escraviza aquelas pessoas, eu estou errado?

— Espera aí, você tem alguma ligação com a escravização daquelas pessoas que a gente viu lá embaixo? — James parecia confuso.

— Acho melhor irmos andando. — Vanessa comentou, já se levantando. O clima começou a ficar tenso dentro da casa, de uma hora para outra.

— Muito obrigado pela comida, estava uma delícia. — Luke se levantava também.

— Pai? — Tiago agora parecia confuso. Eu não entendia o motivo. — Você não faz nada de errado, faz?

Não houve resposta.

— Pai? — Victoria perguntou, preocupada.

— Vocês não têm mesmo noção das coisas que a gente passa aqui no deserto para sobreviver. — Enquanto Isaiah falava, suas feições pareciam se transformar. Ele se enchia de raiva. — Você precisa ser cruel em uma terra cruel. É assim que tem que ser. Não fui eu que fiz as regras, mas se eu não seguir... É a minha família que vai parar lá embaixo com todas aquelas outras! Não vou voltar a ser escravo. Tenho que fazer o que é melhor para os meus filhos. Mesmo que isso signifique acabar com a vida de outras pessoas.

Nós o olhávamos, sem reação. Eu não fazia ideia do que estava acontecendo e quando olhei para Tiago e Victoria, eles pareciam estar tão confusos quanto nós. Não estavam reconhecendo o próprio pai.

— Eu não podia ser escravo a vida toda. — O pai deles andava de um lado para o outro, com raiva. — Esse é o preço que se paga. Eu sou inocente, os escravos são inocentes... Mas alguém tem que entregar os novos escravos, não é?

Olhei para o James e ele me olhou de volta. Seus olhos verdes demonstravam o medo que ele estava sentindo. Eu sabia que alguma coisa ruim estava por vir.

— Vocês não sabem o que é ser escravo desse governo. Fui escravo desde os quatro anos de idade! Fui forçado a trabalhar o dia inteiro para poder comer um prato de comida por dia! — Isaiah olhou diretamente para mim. — Tudo que eu fiz, foi para que os meus filhos não tivessem a vida que eu tive. E que se danem os outros!

— Nós vamos andando. — James manteve a voz firme e não demonstrou medo ao falar.

— Ninguém vai a lugar algum. — Isaiah praticamente gritou em resposta. — Vocês acham que desperdicei toda essa comida com vocês para ser um bom anfitrião?

— Pai? Do que você está falando? — Victoria tinha lágrimas escorrendo por seu rosto, mas chorava em silêncio.

— Cala a boca! — Seu tom de voz era estridente enquanto ele gritava com a própria filha. — Você acha que suas roupas são de graça? E toda essa comida? É tudo de graça?

Nós começamos a andar até a porta, o clima estava muito tenso dentro daquela pequena casa. Apesar de estarmos caminhando em direção à saída, Isaiah não se mexia.

— Os guardas já estão chegando. — Kamil comentou, e assim como o pai dos irmãos, ela não mostrava ressentimento algum. Era como se ela já soubesse de tudo, diferente dos filhos que estavam em choque. — Vocês não têm mais tempo para fugir. A porta está aberta. Podem tentar.



CAPÍTULO 15

Primeiro, senti meu coração batendo forte por todo o meu corpo, como se quisesse acordar cada músculo e encher de adrenalina. Comecei a correr e eu me esforçava para ir muito rápido. Apesar disso, eu nunca conseguia me sentir rápida o suficiente e o medo era constante. Eu não olhava muito para trás, pois não queria saber o quão perto eles estavam. Eu só queria conseguir me salvar e salvar os outros. Tentava manter isso em mente enquanto corria.

O surto de adrenalina depois da loucura que presenciei fazia com que eu corresse o mais rápido que pudesse,

mesmo tendo entendido muito bem o recado. Não havia mais tempo.

— São eles. — Falei quando ouvi um barulho de motores, que aumentava à medida que corríamos e nos dava a sensação de que eles estavam cada vez mais próximos. Mas ainda não conseguíamos ver nenhum tipo de automóvel atrás de nós.

— Eles vão nos alcançar. A gente precisa se esconder!
— James gritou.

Ele correu na direção de um monte de areia que estava próximo. Era a última esperança. Esperar que eles passassem direto por nós. Que não nos vissem atrás da pequena montanha de areia. Era uma péssima ideia, mas era a única que tínhamos.

— Esperem! — Ouvimos uma voz que infelizmente já não era mais tão desconhecida assim. Era o Tiago. Ele e Victoria vinham logo atrás de nós.

— Vocês nos traíram! — Luke foi para cima de Tiago, assim que passamos pelo morro de areia.

— Não! A gente não sabia de nada. — Tiago tentava se defender. — Eles são loucos, mas não sabíamos de nada!

— É verdade! — Victoria estava muito ofegante. — Assim que vocês saíram de lá, brigamos com eles também.

— Eles falaram que se a gente reclamasse eles iriam nos entregar para os guardas. Eles estão fazendo isso há anos! Desde que saímos das vilas de base, quando eu e a Vic éramos crianças. — Tiago parecia desnortado. — Estão completamente loucos!

— Não podemos fazer parte daquela loucura. — Victoria falou. — Queremos ajudar vocês!

— Eu prefiro virar escravo a transformar outras pessoas em escravos. — Tiago falou, ainda tentando se justificar.

O barulho dos motores continuava ficando mais alto e eu sentia que estávamos perdendo muito tempo ali parados, esperando que Tiago e Victoria explicassem o inexplicável.

— Ajudar como? — Vanessa estava vermelha de raiva e gritava com os dois irmãos. — Aceitamos sua ajuda da primeira vez e olha só o que aconteceu! Olha o que está acontecendo!

— Não foi nossa culpa! — Victoria tinha os olhos cheios de lágrimas. — Eu juro! Só queremos ajudar...

— Conhecemos um lugar perto daqui. — Tiago completou as palavras da irmã. — É um galpão, podemos nos esconder lá.

Ele começou a correr na nossa frente, não esperou muito tempo por respostas. Afinal, ele também estava fugindo dos guardas agora e não queria ser pego. Começamos a segui-lo, mas vi que Vanessa não se mexia.

— Vanessa! — Parei de correr, olhando para trás.

— Não vou confiar de novo! — Vanessa parecia estar com muita raiva. — Duas vezes não, Lexi! A gente não pode confiar neles. Não podemos ir com eles.

— Vem logo! — Puxei a mão dela. — Não temos escolha. E além do mais, eles não sabiam de nada.

— Eu não consigo acreditar nisso. — Ela começou a correr ao meu lado, apesar de ainda não ter se convencido de que deveria confiar nos irmãos.

Eu podia ver duas luzes bem fortes apontadas para a nossa direção, como dois faróis de um carro. Mas acreditava que ainda estavam muito longe para conseguirem nos avistar. E por sorte, já estava de noite, seria mais fácil conseguirmos nos esconder.

Entramos no galpão voando, eu mal conseguia respirar de tanto que eu tinha corrido. Assim que adentrei o lugar, tentei ver se estávamos realmente sozinhos ali dentro.

Vanessa estava certa, não podíamos confiar duas vezes. E apesar de eu ter vindo atrás do Tiago por falta de escolha, não iria confiar nele dessa vez.

— Rápido! Se escondam! — Falei, procurando um lugar para me esconder assim que confirmei que estávamos sozinhos ali.

Havia muitos possíveis esconderijos no local. Era um galpão, cheio de máquinas e móveis velhos. A maioria de nós tinha se escondido dentro das máquinas ou automóveis. Eu e Liz estávamos atrás de um sofá velho, bem no fundo do galpão. Ela segurava minha mão e eu podia sentir que tremia de medo.

— Não vai acontecer nada, não vai acontecer nada, não vai aconte... — Liz sussurrava, repetindo aquela frase várias vezes.

— Fecha os olhos. — Ela parou de falar para me ouvir. — Imagina que a gente está no buraco, na frente da

fogueira, horas e horas conversando... Como sempre fazíamos. Mitt fazendo piadas, Alex tentando planejar suas novas invenções que nunca davam certo.

— James nos contando histórias sobre os povos antigos... — Liz parecia um pouco mais calma agora.

— As melhores histórias. — Sorri. James sabia muito sobre os povos antigos, e os atuais também. — Luke sempre se gabando das suas poucas vitórias nas corridas. Vanessa... Sendo Vanessa.

Nós duas sorrimos. Mas sabíamos que não era bem assim, por mais que Vanessa sempre estivesse brigando ou discordando de alguém, ela tinha um bom coração e faria de tudo por qualquer um de nós.

— Eu achei muito legal o que o Alex falou... Naquele dia da cachoeira. — Liz comentou, depois de pouco tempo de silêncio. — Eu nunca tinha visto esse lado dele. Ele nunca demonstra isso... Mas se importa com a gente,

né?

— Com certeza. Também fiquei surpresa. — Olhei para o lado ao perceber que um lado do galpão estava mais iluminado que o outro. Eram os faróis apontando na nossa direção. Tentei ignorar, apesar de diminuir ainda mais o tom de voz. — Mas ele estava certo. Somos uma família.

— É. Somos uma f...

— Eles estão aqui. — Alguém sussurrou, interrompendo a fala da Liz. Meu coração deu um salto, como se quisesse fugir também.

Apertei forte a mão da Liz, que me respondeu com um aperto mais forte ainda. Não tínhamos o que fazer. Agora era só esperar que não nos vissem. Por mais que fosse quase impossível que isso acontecesse.

Os motores estavam em silêncio. Mas agora, eu podia ouvir vozes. Ouvia pés batendo no chão, descendo do

carro. Pés caminhando em nossa direção. Entrando no galpão. Podia ouvi-los conversar, mas não conseguia escutar muita coisa além de palavras soltas. Eu me esforçava ao máximo para não emitir nenhum som, nem mesmo o som da minha respiração.

— Será que eles estão por aqui? — Uma voz de deboche, eu podia ouvir o sarcasmo nela.

Eles já sabiam. Meu corpo gelou por inteiro.

— Vocês não precisam perder tempo se escondendo.
— Outra voz masculina.

— Vai ficar mais fácil para todos se vocês aparecerem logo. — A mesma voz de deboche.

Ouvi uma porta se fechando com força logo em seguida. Eles estavam procurando dentro das máquinas. Mas ainda não pareciam ter encontrado ninguém.

Os guardas continuavam caminhando pelo local e eu

me esforçava para controlar o ritmo da minha respiração, tentava respirar baixo para que eles não me ouvissem. Podia ouvir Liz tentando reprimir o choro, continuava apertando a mão dela.

— Parece que encontramos alguém.

Ao ouvir aquilo, olhei por trás do sofá ainda tentando me esconder. Não sabia se eles estavam falando a verdade. Procurei pelo lugar, contava o número de guardas. Consegui contar quatro. Quatro guardas armados contra nove adolescentes. Voltei a me esconder.

Mas assim que me sentei, olhei para cima com um susto. Havia um homem enorme na minha frente, olhando diretamente para mim.

Eu tinha errado as contas. Eram *cinco* guardas.

Ele levantou a mão e a levou em minha direção para me segurar, chutei o joelho dele e puxei a Liz, ele caiu com um joelho no chão, nós corremos.

— Encontrei duas! — O guarda que eu havia confrontado agora apontava para nós para que os outros nos vissem.

Tinham dois guardas na nossa frente, tentando evitar nossa passagem. James e Luke saíram de uma das máquinas à frente e começaram a correr na direção dos guardas que nos impediam de passar. James voou no pescoço de um deles, puxando-o para trás enquanto Luke tentava tomar conta do outro.

Luke chutou a parte de trás da perna do guarda e ele caiu de joelhos. Aproveitei o momento de fraqueza e bati no seu rosto, o mais forte que pude. Senti que tinha batido em uma parede, minha mão doía muito. Apesar disso, o murro não parecia ter tido efeito, pois o guarda se levantou e na mesma hora me atingiu na barriga com um soco. Caí no chão, sem ar. Não conseguia respirar, lutava para me levantar. E quando estava prestes a conseguir, levei outro chute. Caí novamente. Olhei para o lado, James estava caído também. Os outros tinham saído dos

esconderijos para ajudar.

Empurrei as mãos no chão, procurando forças para me levantar e lutar. Eu já conseguia respirar novamente, mas sentia muita dor na barriga, onde tinha sido atingida duas vezes. Um guarda veio por trás de mim, ele me segurava pelo pescoço e me levantou do chão, eu sentia que minha cabeça ia explodir. Então, minha memória muscular fez por mim o que o meu pai já tinha me ensinado. Bati o cotovelo na barriga dele e consegui tirar o braço do guarda de cima de mim.

Saindo de perto dele, eu passei o olho rápido para ver a situação dos meus amigos. James já estava de pé novamente e brigava com o mesmo guarda que o tinha levado para o chão, enquanto Vanessa o ajudava. Mitt e Luke tentavam derrubar um guarda, mas mal conseguiam atingi-lo. Tiago e Victoria também estavam ajudando, tentando tomar conta de outro guarda e até Alex tinha saído do esconderijo para tentar ajudar em alguma coisa. Ele segurava uma barra de ferro e a balançava na frente

de um dos guardas para acertá-lo. E até parecia estar funcionando, pois o guarda estava com a mão na cabeça e tinha sangue escorrendo por ela.

— Liz, cuidado! — O homem que tinha se agarrado em meu pescoço agora a segurava, tirando-a do chão e carregando-a. Ela gritava em desespero.

— Só dois! — O guarda que estava com a cabeça machucada agora saía do galpão correndo e indo na direção do carro.

Outro guarda segurou Tiago enquanto eu corria atrás da Liz. Senti um chute nos pés e caí no chão com tudo. Olhei para frente e agora James lutava com outro guarda, tentando evitar que levassem a Liz, mas não conseguia desferir um golpe sequer.

— Estão levando a Liz. — Gritei para Luke e Vanessa que estavam por perto.

— Não! — Luke gritou, também correndo atrás dela

antes de ser parado pelo mesmo guarda que tinha me parado.

Eu não conseguia ver muita coisa no meio daquela confusão. Mas ainda podia ver que pelo menos dois guardas ainda estavam no galpão. Um desses guardas brigava com o James, o outro brigava com o Mitt e o chutou tão forte, que fez com que ele caísse no chão e seu corpo se arrastou por pelo menos um metro antes de parar.

Eu me levantei apesar de não ter mais forças para isso. Os guardas corriam na minha frente, saindo do galpão. Um deles tentava levar o Alex, que lutava para se defender com a barra de ferro que tinha em mãos. O guarda foi para cima dele e com um reflexo rápido, ele se abaixou e bateu no guarda com a barra de ferro, no meio das costas. O guarda, que pareceu ter ficado com raiva ao levar o golpe do Alex, puxou uma arma pequena do seu cinto e apontou para o Alex, fechei os olhos, foi tudo muito rápido. Eu não estava esperando aquilo, ninguém estava.

— Alex! — James gritou ao ouvir o barulho estridente do disparo.

Alex caiu no chão com a mão no seu lado esquerdo, onde tinha sido atingido, ele ainda estava respirando. O homem que atirou no Alex já tinha sumido junto com o que lutava com o James. Voltei a procurar pela Liz e pelo Tiago.

Ouvi o barulho do motor ligando novamente e vi um jipe enorme na frente do galpão. Todos eles entraram no carro de três fileiras, que nem sequer tinha portas. Em uma fração de segundos, o carro partiu. Antes que pudéssemos fazer alguma coisa para ajudar nossos amigos. Antes que pudéssemos evitar que os levassem.

Eu corri atrás do carro que levava Liz e Tiago para longe. Os outros corriam ao meu lado, mas nossa velocidade não chegava nem a metade da velocidade daquele automóvel e eles se distanciavam muito rápido.

Eu não podia ver Tiago, ele estava na fileira da frente. Liz estava virada para nós, no último banco do jipe, que ficava virado para trás. Ela estava sentada junto com um guarda que a segurava prendendo suas mãos, ela não desistia de lutar para se desvencilhar. Eu continuava correndo, por mais que o carro se distanciasse com muita velocidade. Liz olhava para nós, podíamos ver o desespero estampado em seu rosto.

— Lexi! — Ela gritou, olhando para mim.

— Nós não vamos desistir de você! — Gritei de volta, segurando o choro.

Eu corri até não poder mais ver o carro, até perder a Liz de vista. Depois disso, eu caí na areia de joelhos. Gritava para eliminar a dor que eu estava sentindo. James me abraçava forte. Eu não conseguia acreditar, não aceitava aquilo que tinha acabado de ver. As lágrimas escorriam pelo meu rosto sem parar, minha respiração estava sem ritmo, sentia falta de ar.

— Eles a levaram! — Eu gritava. Podia ouvir os outros chorando também. — Não consegui fazer nada!

— Não foi nossa culpa. — James tentava me consolar.

— Claro que foi! Eu prometi que não ia deixar nada acontecer com ela. Eu não consegui... Eles a levaram! Levaram a Liz! — As lágrimas continuavam descendo. Eu não me importava mais em chorar na frente deles. Eu só conseguia pensar na Liz. — Ela não queria se arriscar! Olha o que aconteceu!

James tentava me acalmar e não parecia estar chorando, mas eu sabia que ele estava sentindo a mesma dor que eu sentia agora. Era como se uma parte de mim tivesse ido com ela, uma parte que não descansaria enquanto eu não conseguisse salvá-la. Precisávamos resgatar a Liz.

— Deveriam ter me levado! — Eu mal conseguia falar por entre as lágrimas.

Eu tinha tentado ser forte, até agora. Eu sentia que meu peito estava explodindo e expelindo todo tipo de sentimento que tinha dentro de mim. Eu não tinha capacidade mental para nada daquilo e havia chegado ao meu limite.

— É tudo culpa sua! — Vanessa começou a caminhar na direção de Victoria, que também chorava pelo irmão. — A gente nunca devia ter pisado os pés na sua casa! Olha o que você fez.

— Eu não fiz nada! — Victoria se defendia aos prantos. — Eu não tenho mais família, briguei com meus pais e sei que eles nunca vão me aceitar de volta. E eles também levaram meu irmão! Você realmente acha que eu tenho culpa?

— Acho que... — Vanessa parou e respirou fundo. Ela parecia pensativa e até um pouco arrependida. — Não, eu não acho que você teve culpa, sinto muito.

Vanessa, pela primeira vez na vida, mudou sua opinião sobre alguma coisa. Ela finalmente tinha entendido o lado da Victoria e agora nós todos entendíamos também.

— Temos que voltar lá para ver o Alex! — Luke correu na direção do galpão com um semblante muito preocupado. — O Mitt está lá com ele.

Nós todos fizemos o mesmo, voltando para o galpão para ver o Alex. Eu precisava ver como ele estava, e mais uma vez, não queria ter que esperar pelo pior, mas não conseguia mais pensar de forma positiva. Não depois de tantas coisas ruins acontecendo ao mesmo tempo, uma atrás da outra. Minhas mãos tremiam pela adrenalina que sentia e meu coração parecia ter mudado de ritmo permanentemente. Estava acelerado desde o momento que os pais do Tiago revelaram toda a verdade, e eu não sentia que o meu coração iria voltar a bater normalmente depois de tudo aquilo.

Chegamos ao galpão, Mitt estava sentado ao lado do

Alex, que parecia estar com muita dor. Mitt derramava algumas lágrimas e pedia para que o Alex não falasse, para que se concentrasse em sua respiração. Ele mal conseguia respirar, eu não sabia que ele estava tão mal.

— Alex! — Sentei-me ao lado do Mitt. — Eu sinto muito. Eu sinto muito mesmo.

Enquanto aquelas palavras saíam de dentro de mim, meu coração se apertava cada vez mais e novamente, acabei não conseguindo conter o choro.

— Você... Não tem... Culpa. — Alex falava e podíamos ver que ele sentia muita dor.

— Nós sentimos muito. — James deixou escapar algumas lágrimas.

— Ninguém sabia... — Alex parou por um tempo. Mitt continuava tentando insistir para que ele não falasse. — Que tudo isso... Ia acontecer.

— Alex... Por favor, tenta respirar. — Luke insistia, mesmo sabendo que podia ser em vão. — Só se concentra na sua respiração.

— Nós precisamos estancar o sangue. Vamos procurar alguma linha de costura... Podemos lavar o ferimento com álcool. — Vanessa procurava alguma coisa pelo galpão. Qualquer tipo de material que pudesse ajudar. Mas era em vão. Todos nós sabíamos que era tudo em vão. — Peguem tecidos nas suas mochilas, rápido! Porque vocês estão parados aí?

Nós olhávamos para a Vanessa, sabíamos que não tinha mais o que fazer. Eu segurava a mão do Alex e ele ainda lutava para respirar, mal conseguia falar. Nós estávamos sentados em volta dele. Victoria nos olhava meio de longe, encostada na porta do galpão.

— Vanessa... — Alex se esforçava mais a cada palavra dita. — Está tudo... Bem.

Mais lágrimas escorreram pelo meu rosto, ele também sabia. Vanessa sentou no chão, de costas para a gente. Eu podia ouvir que ela estava chorando, mas chorava baixinho. Depois de poucos minutos, ela levantou e sentou ao lado do Luke, que chorava muito.

— Você sabe que você é meu irmão. — Luke começou a falar entre soluços. — Você sempre vai ser. Nós somos uma família e nunca vamos nos esquecer de tudo que você fez pra gente chegar até aqui. Eu sempre vou me lembrar do melhor amigo que tive... Do irmão que cresceu comigo. Muito obrigado por tudo. E desculpa por ter parado de te ajudar nas suas experiências.

Uma lágrima escapou dos olhos de Alex. Ele já não conseguia mais falar e aos poucos sua respiração ficava ainda pior. Mas ele não parecia mais estar com dor, ele tinha um semblante calmo e sereno na hora que fechou os olhos, pela última vez.



CAPÍTULO 16

Levantei, ainda chorava muito. Caminhei até Luke, que parecia inconsolável. Ele tinha saído do galpão e caminhado uma pequena distância na areia, Alex era o seu melhor amigo. Eu mal podia imaginar, considerando a dor que eu estava sentindo.

— Luke, espera! — Ele parou.

— Ele era meu irmão. — Luke falou assim que o abracei. — Era meu melhor amigo!

— Eu sei. — Minha voz saiu abafada dentro do abraço. — Sinto muito. — Minha camisa já estava molhada com as lágrimas dele.

— O que vamos fazer agora? — Ele falava, ainda soluçando de tanto chorar.

— Também não sei. — Foi tudo o que consegui responder. — Vamos ter que seguir em frente.

Eu tinha ficado abraçada com o Luke por alguns minutos e não conseguia imaginar o que ele estava passando. Ainda não conseguia acreditar que o Alex tinha morrido, não conseguia acreditar em nada do que tinha acontecido nas últimas horas. Eles tinham levado a Liz e eu só esperava que ela estivesse bem agora, e que ela soubesse que faríamos tudo para trazê-la de volta.

Voltamos para o galpão depois de um tempo. James e Mitt estavam lá fora e podíamos ouvi-los conversando. Victoria e Vanessa tinham encontrado algumas flores

dentro do próprio galpão e as juntavam em uma pilha.

- Acho que ele merece um enterro digno. — Vanessa parecia abatida.

- Eu concordo. — Respondi.

- Decidimos cavar atrás do galpão. — James voltava para perto de nós, guardando as pás que ele e o Mitt tinham usado. Mitt vinha logo atrás dele, limpando a areia da calça.

- Vamos começar? — Mitt perguntou.

Não houve uma resposta em forma de palavras. Apenas começamos a fazer o que tínhamos que fazer. James e Luke ajudaram a levar o corpo do Alex para fora, ao lado do lugar onde seria enterrado. Eu e o Mitt ajudamos as meninas a levar as flores para lá, Victoria havia nos contado que flores eram muito boas para lavar a alma de pessoas que morriam, e que o enterro da sua avó havia sido cheio delas, pegamos o maior número possível

de flores para o Alex.

— E agora? — Vanessa falou, assim que nos reunimos ao redor do corpo do Alex.

Não tínhamos experiência com aquilo, nunca pensamos que teríamos que enterrar um de nossos amigos, meu pai nunca havia falado sobre enterros com a gente. Tudo que eu sabia era que eu sentia que um pedaço do meu coração seria enterrado junto com o Alex, e eu nunca mais voltaria ao normal, sempre iria pensar naquele momento, sempre sentiria falta do Alex.

— Vocês podem falar alguma coisa sobre ele. — Victoria começou a falar ao perceber que estávamos um pouco perdidos. — O que vocês mais gostavam nele, de que vão sentir falta, e aí... Enquanto vão falando, podem colocar as flores.

— Tudo bem. — James pegou algumas flores do monte que nós tínhamos trazido e começou a falar. — O Alex foi

a pessoa mais inteligente que eu conheci... E vou sentir muita falta dele. Era como um irmão para mim, e para todos nós.

O James colocou algumas flores em cima do corpo do Alex e voltou para o seu lugar. O Mitt foi o próximo, pegando algumas flores e fazendo a mesma coisa que o James.

— Vou sentir muito a sua falta, irmão. — Mitt não era de falar muito em momentos difíceis, mas eu sabia que ele tinha dito aquelas palavras com muita verdade. Todos nós gostávamos muito do Alex.

— Eu não consigo acreditar que isso está acontecendo. E sinto muito por não poder ter feito mais. — Coloquei algumas flores em cima do corpo do Alex. — Vou sentir muito a sua falta, obrigada por tudo, principalmente ter nos ajudado a chegar até aqui.

Em seguida, Vanessa e Luke fizeram a mesma coisa.

— Nunca vamos nos esquecer de você. — Vanessa também não falou muito, assim como Mitt. Mas, mesmo falando só com aquelas palavras, ela não conseguiu segurar o choro. Nós todos chorávamos.

— Você foi como um irmão para mim, muito obrigado por tudo, nunca vou me esquecer de você. Você é... Era uma pessoa incrível, não importa quantas vezes a gente tenha brigado, sempre soube que você estaria ali para mim, e que isso nunca iria mudar. Eu não sei o que vou fazer sem você, eu... — Sua voz falhou e ele respirou fundo. — Eu sinto muito por não ter feito mais, vou sentir muito a sua falta. — Luke caiu no choro novamente.

James e Mitt terminaram de enterrar o Alex. Victoria também colocou algumas flores antes de começarmos a fechar o buraco. E então, colocamos flores por fora também. Para sempre sabermos onde ele estava, e nunca nos esquecermos dele.

Assim que terminamos, James acabou derramando

algumas lágrimas. Eu só tinha visto o James chorar uma vez antes de hoje, foi quando ele ficou sabendo que seu pai tinha morrido em um deslizamento de neve que destruiu uma parte dos iglus gigantes há alguns anos. Foi um acidente trágico que marcou a história do nosso povo, com muitas mortes.

Todos os outros já tinham entrado no galpão, mas o James continuou ali, encarando as flores bem organizadas em cima da terra, que marcavam exatamente a extensão do buraco que havíamos cavado.

— Vai ficar tudo bem. — Aproximei-me do James devagar, tentava consolá-lo, apesar de não acreditar mais nas minhas palavras.

— Antes de sairmos do buraco, conversamos sobre essa fuga. Você veio até mim, antes de ir aos outros. — James falava devagar, pausadamente. — E falei para você que não precisávamos ter medo, pois todos saberiam se proteger.

Abaixei a cabeça, já entendia mais ou menos onde ele queria chegar.

— Lexi, eu estava errado, nós falhamos. — Ele já não chorava mais. — Eu confiei demais no fato de que eles já tinham crescido o suficiente para se proteger. Mas... Olha o que aconteceu.

Eu não tive resposta, concordava com o James, tínhamos falhado com eles, devíamos tê-los protegido melhor.

— Nós fomos muito burros, fizemos tudo errado essa noite. Tudo errado... — James comentou, depois de um tempo.

— Fizemos tudo errado. — Concordei. — Eu sei.

— Eu achei que seríamos capazes de passar por tudo isso, e até de chegar às ilhas. Mas não sei se consigo mais pensar que as coisas vão dar certo. — Ele continuou falando. — Nunca devíamos ter saído do buraco.

— Não tivemos escolha. — Rebatí rapidamente. — Todos nós teríamos morrido se ficássemos. O governo teria nos descoberto. E a morte do Alex não foi nossa culpa, não podemos nos culpar por isso, não podemos nos culpar.

Aquelas palavras saíam da minha boca, mas eu não sabia até onde o que estava falando era só para fazer o James se sentir melhor. Porque não sentia que estava falando a verdade. Também me sentia culpada pela morte do Alex, pois de certa forma não fomos capazes de nos defender. Fizemos várias escolhas erradas, uma atrás da outra. Desde decidir roubar a vila do deserto, confiar no Tiago e ir até a casa dele, até nos escondermos no galpão.

Nós voltamos para dentro do galpão e sentamos em silêncio. Ninguém tinha muito que falar depois de tudo que tinha acontecido. Era um baque muito forte, precisaríamos de tempo para processar tudo aquilo.

— Temos que ir atrás da Liz. — Luke se levantou,

quebrando o silêncio.

— Não podemos ir atrás dela. — James tentava se mostrar indiferente, mas sem muito sucesso. — Não temos condições de enfrentar aqueles guardas.

— Eu não vou embora sem a Liz. — Rebatu sem acreditar no que o James estava falando. Ele não poderia deixá-la. — Não vou deixá-la para trás.

— Nem eu. — Luke parecia indignado ao ouvir o James, assim como eu.

— Vocês sabem o que vai acontecer se formos atrás deles, certo? — James insistia. — Vão nos escravizar, ou pior... Vão nos matar.

— Então tudo bem escravizarem a Liz? — Perguntei ironicamente.

— Claro que não. — James respondeu rápido.

— E se matarem o meu irmão? — Victoria se intrometeu na discussão.

— Você mora aqui, sabe que é impossível resgatá-los. — James continuava rebatendo. — Não vamos conseguir passar nem da primeira linha de guarda.

— O James tem razão. — Vanessa finalmente se pronunciava. — Não teremos chance alguma contra eles.

— E vamos simplesmente deixá-los? — Eu não conseguia aceitar o que eles diziam. — Eu não posso deixar a Liz aqui, nem que eu vá sozinha atrás dela, é minha responsabilidade.

— Vou com você. — Luke era o único que parecia estar concordando comigo.

— Não! — James começou a se irritar. — Se você for não vai nem conseguir chegar perto da Liz... Nem do Tiago. Eles estão lá como prisioneiros, devem estar muito bem escondidos.

— Nós não demos conta de cinco guardas. — Vanessa tentava argumentar a favor do James. — Vocês realmente acham que vão conseguir salvá-los?

Eu sabia a resposta para aquela pergunta, mas não queria respondê-la, pelo menos não em voz alta. Parei de falar, respirei fundo. Não tive coragem para encarar o Luke, que continuava tentando discutir. Victoria tentava ajudá-lo, mas eles falavam em vão, pois eles sabiam que não iriam conseguir salvar a Liz e o Tiago.

— A gente tem que tentar alguma coisa. — Luke falava. — Eu não estou acreditando que vocês não vão tentar nada!

— Eles têm razão, Luke... — Mitt falou pela primeira vez e todos pararam de discutir para ouvi-lo. — Não tem jeito, já era.

— Vocês têm certeza que não tem nada que possamos fazer? — Perguntei, tentando me agarrar em uma

esperança que até agora não existia.

— Não tem o que fazer. — Victoria se levantou. — Por mais que eu quisesse ir atrás do meu irmão, eles me matariam antes que eu conseguisse me aproximar. Pessoas das vilas de base não têm direito de se aproximar da vila principal, aqueles que tentam, são recebidos com tiros.

— E agora? — Luke ainda tentava dar um jeito.

— Vamos continuar nosso caminho. — Vanessa se levantou. — Chegaremos às ilhas e de lá a gente volta para salvá-los, com ajuda dos líderes das ilhas, é claro.

— Você tá louca? — Perguntei com raiva. — Não temos tempo para isso! Vamos deixar a Liz por lá? Todo esse tempo?

Não houve resposta, Luke ainda estava furioso, mas não falava mais nada. E foi ali que eu entendi: não tínhamos escolha, a única opção era seguir em frente. Apesar da frieza, Vanessa estava certa, James evitava me

olhar, pois também sabia que Vanessa estava com a razão.

Eu odiava o fato dela estar certa, não podíamos fazer nada. Meu coração se encheu de raiva e eu não estava conseguindo acreditar que deixaríamos os nossos amigos para trás. Fechei minhas duas mãos e bati na parede do galpão, tentando transferir o ódio que estava sentindo, ódio daqueles guardas. Um ódio que eu nunca havia sentido antes. Bati com tanta força na parede que os meus dedos ficaram vermelhos, aquilo não chegava a me incomodar, eu mal sentia a dor, pois a minha raiva era muito mais forte.

— Eu quero salvar a Liz tanto quanto vocês. — James falava e podíamos ouvir a tristeza em sua voz. — Mas não posso arriscar perder mais ninguém para salvá-la, e se formos atrás dela sozinhos... Não acho que sairemos vivos, é loucura, não podemos fazer isso.

Respirei fundo, saindo do galpão a passos firmes, só queria me distanciar de tudo aquilo. Meus pensamentos

estavam embaralhados, e eu precisava de quietude para organizá-los. Eu queria gritar, deixar que todas aquelas sensações ruins saíssem de dentro de mim, mas sabia que mesmo gritando quantas vezes fosse possível, não conseguiria extrair tudo.

Depois de caminhar o suficiente para me distanciar do galpão e ficar sozinha, acabei deitando em uma pequena montanha de areia, que era um pouco mais alta que as demais. Se eu tivesse espaço na minha cabeça para isso, diria que a paisagem era uma das melhores que já tinha visto, mas eu não tinha, a minha cabeça já estava cheia. Eu não queria pensar em mais nada, o sol começava a nascer ao longe e sentia os meus olhos pesados, não lutava contra a vontade de dormir e me desligar de tudo. Mesmo que só por algumas horas.

Apaguei.



CAPÍTULO 17

“Estava tudo escuro, no começo eu não fazia ideia de onde estava, mas aos poucos, algumas luzes começavam a se acender. A primeira acendeu bem longe de mim, e pude perceber que estava em um lugar fechado. A segunda, havia se acendido ao meu lado, pouco antes da terceira, a alguns metros de mim. Eu continuava andando, e à medida que eu andava mais luzes se acendiam, mas a maioria delas estava fraca, não iluminava muito. Eu conseguia perceber que estava em um tipo de túnel. Então, me lembrei de que eu já tinha visto aqueles túneis antes. Eram os túneis que meu pai

usava para ir do buraco até a montanha de Anika. Eu me sentia em casa. Assim que encontrei meu caminho, todas as luzes se acenderam de vez. Uma borboleta roxa começou a me guiar, levando-me até o buraco. Mas enquanto eu me aproximava do buraco, começava a sentir muito frio e percebia que eu não estava usando nenhum casaco, apenas uma camisa de mangas curtas. Assim que cheguei, vi que o buraco estava praticamente vazio e que havia apenas três pessoas no centro, ao redor da fogueira. Eram a Liz, o Alex e o Tiago, suspirei aliviada ao vê-los. Quando eles me viram, percebi que não estavam felizes pela minha chegada. Na verdade, pareciam sentir muita raiva, os três começaram a me falar coisas muito ruins, que eu não tinha conseguido cumprir meu dever e que havia os enganado. E enquanto eu ouvia tudo que eles tinham para me dizer, eu tentava falar para eles que não era verdade, que tudo iria ficar bem, mas as palavras não saíam da minha boca, eu não podia falar uma palavra sequer, não conseguia falar nada.”

Meu coração estava praticamente saindo pela boca quando acordei, aquele sonho tinha sido o reflexo mais puro da minha realidade, e eles estavam certos, tudo que os três falaram no sonho estava certo. Aquele sentimento de tristeza de ontem me atingia novamente. Nós não tínhamos conseguido proteger a Liz, nem o Alex, e eu não sei se algum dia conseguiria me perdoar por isso.

Quando olhei para o galpão, vi pouco movimento. Luke estava vindo ao meu encontro e seu rosto parecia estar bastante vermelho por causa do sol forte do deserto.

— Lexi, vamos continuar andando. — Luke chegara perto o suficiente para poder falar. — Você dormiu a manhã toda.

— Como você está? — Perguntei para ele, sentando-me enquanto percebia que metade do meu rosto estava coberta de areia, passei a mão na bochecha para limpar. — Desculpa, pergunta idiota.

Ele apenas confirmou com a cabeça, sim, era uma pergunta idiota, deixei que ele falasse, e me calei. Eu ainda estava pensando no pesadelo que acabava de ter e me esforçava para tirá-lo da cabeça. Não queria ter que pensar em mais nada, só queria que o dia anterior nunca tivesse existido.

— O James está acordando todo mundo. Vamos voltar a andar logo. Ele e a Vanessa acham melhor a gente sair daqui, porque os guardas podem nos encontrar novamente. — Luke sentou na areia ao meu lado.

— Você conseguiu dormir? — Perguntei a ele.

— Por alguns minutos. — Luke ainda parecia muito abatido. — Foi uma noite ruim.

— Eu sei... — Confirmei, ainda tentando não pensar na noite anterior.

— Vamos andando. — James gritou do galpão com minha mochila em suas mãos, nos chamando para começar

a caminhar.

Demorei um pouco para levantar, sentia que se eu fosse com eles, seria o mesmo que estar desistindo dos outros dois. Se aceitasse caminhar com eles na direção das ilhas, era como se desistisse da Liz e a deixasse lá nas mãos dos guardas. Eu iria tentar me agarrar ao fato de que tentaríamos voltar assim que chegássemos às ilhas, e tentaríamos pedir ajuda aos líderes de lá. Eu não conseguiria deixar de pensar neles durante todo o trajeto, só esperava que tudo desse certo.

Chegando ao galpão, percebi que todos ainda estavam bastante abatidos pelo que tinha acontecido ontem, ninguém se falava muito além do necessário.

— Vamos lá. — Minha voz lutou para sair quando peguei a mochila das mãos do James.

Eles já estavam se preparando para sair. Luke parecia um pouco melhor do que ontem, mas ainda tinha um

semblante muito triste.

— Todos prontos? — Vanessa perguntou, já com a mochila nas costas.

— Espera... — Victoria não parecia muito confiante ao falar. — Eu quero ir com vocês, posso seguir com vocês?

Nós nos olhamos, nos encaramos por um tempo. Eu não sabia se deveríamos levá-la, e não sabia se conseguiria deixá-la para trás, sua família estava praticamente destruída. E mesmo sem ter funcionado, ela e o irmão ainda tentaram nos ajudar ontem à noite.

— Eu não tenho para onde ir. — Victoria falou novamente.

E então, olhei para Vanessa, era a única que poderia ter alguma objeção. Afinal, eu tinha quase certeza de que os meninos não teriam problemas em trazê-la conosco. Vanessa me olhou de volta e confirmou com a cabeça, fazendo sinal de que não teria problemas em aceitar que

ela viesse também.

— Você é uma de nós agora... Sinto muito pelo seu irmão. — Coloquei minha mochila nas costas, começando a andar logo depois.

Partimos em direção ao Sul, a caminho das ilhas. Dei uma rápida olhada no mapa assim que comecei a andar, pois queria ter certeza de que estávamos indo na direção certa, e guardei novamente na mochila. A cada passo, eu me sentia mais distante de poder salvar nossos amigos, mas eu me esforçava para continuar seguindo em frente.

— Acho que em dois dias estaremos na praia. — Falei depois de algum tempo de caminhada.

— Ainda quero saber como a gente vai fazer para atravessar o oceano. — O pessimismo de Vanessa sempre falava mais alto.

Apesar disso, ela estava certa, não houve resposta. Ninguém sabia o que faríamos quando chegássemos à

praia, mas eu não me sentia mais tão pessimista quanto a isso, pois sabia que encontraríamos alguma solução. Da mesma forma que encontramos soluções até agora, e para falar a verdade, já não me importava tanto.

— Vamos descobrir assim que chegarmos lá. — James cortou o pessimismo dela.

O clima hoje era o mais quente que já tínhamos pegado e eu sabia que iria sentir isso daqui para frente. A cada dia que passava o tempo esquentava mais. Eu tentava ignorar o fato de que o calor nos dava mais sede, pois ninguém mais tinha água.

— A gente vai ficar quantos dias sem comer? — Vanessa perguntava preocupada, seu rosto estava vermelho por causa do calor.

— É verdade. — Concordei. — Daqui pra frente não teremos mais como conseguir comida.

Mitt, James e Luke se entreolharam como faziam

quando sabiam de alguma coisa que nós não sabíamos. Eu não tinha entendido muito bem os olhares, até o Mitt abrir a mochila.

— Será que isso aqui vai dar? — Mitt nos mostrava o interior de sua mochila que estava cheia de pães e biscoitos.

— Ou isso? — James falou, e ele e Luke abriram suas mochilas também. Todas as três mochilas cheias de pães, biscoitos e até algumas frutas.

— Espera aí. — Victoria parou. — Vocês roubaram isso da minha casa?

Os garotos apenas responderam que sim com a cabeça, não tinham como mentir.

— Muito bom! — Victoria sorriu.

E então eles sorriram, aliviados por ela não ter brigado com eles. Acabei sorrindo também, feliz por pelo

menos ter o que comer nos próximos dias.

— Foi tudo ideia do Mitt. — Luke falou, fechando a mochila. — Ele falou para irmos pegando coisas à medida que todos estavam comendo, assim ninguém iria perceber que a comida estava indo embora.

— Finalmente alguma ideia boa. — Vanessa comentou, pegando um pedaço de pão da mochila do Mitt.

— Enchemos nossas garrafas também. — James abriu o zíper da frente da sua mochila e mostrou uma garrafa cheia de água.

— Ótimo! — Falei aliviada.

Continuamos andando por toda à tarde e o sol agora era o obstáculo mais difícil a ser enfrentado. Tentávamos não falar muito para evitar o cansaço, apenas caminhávamos em um passo rápido. Tínhamos pressa em chegar às ilhas e então voltar para salvar os nossos amigos.

Nossas roupas não ajudavam em nada com aquele calor, eu só tinha duas calças, uma mais quente que a outra. Apesar disso, a minha blusa ajudava um pouco, era uma blusa branca de alças finas, que estava usando há quase dois dias, a única que ajudava a aliviar um pouco mais o calor.

Depois de muitas horas de caminhada, começava a escurecer, decidimos parar para descansar e renovar nossas forças para o dia seguinte. Minhas pernas pareciam estar em chamas na hora que me sentei, andar na areia era muito mais cansativo do que em qualquer outro lugar, quase tão cansativo quanto caminhar na neve pesada.

— Muito obrigada por me deixarem vir com vocês. — Victoria agradeceu, enquanto comia um biscoito que parecia estar delicioso.

— Claro. Sem problemas. — Vanessa respondeu por nós. As duas tinham se dado muito bem, como se elas já se conhecessem faz tempo, conversaram várias horas

durante a caminhada.

— Então... Vocês realmente vieram das montanhas do Norte? — Victoria perguntava, e parecia bastante curiosa.

— Mais ou menos. — Mitt respondeu.

— Como era lá? — Victoria perguntava novamente.

— Nós viemos de um lugar à oeste da montanha principal. Não sabemos exatamente como são as montanhas principais. Nunca fomos lá. — Expliquei.

— Existe uma regra no Norte que os casais não podem ter mais de um filho, se isso acontecer, os casais e os filhos sofrem consequências que poderiam chegar até a pena de morte. — James continuou a explicação. — Nossos pais desrespeitaram essa regra e nos tiveram, por causa disso, nós tivemos que ser escondidos.

— Vivemos dentro de uma montanha por toda a nossa vida. — Luke interrompeu. — Não podíamos sair e

tínhamos que fazer racionamento de tudo que você imaginar. Roupas, comida, água... Só podíamos tomar banho uma vez por semana, porque tinha pouca água. A água que usávamos para o banho era a água da chuva. Coletávamos e depois fazíamos o racionamento.

— Os banhos tinham que ser rápidos, para que todos conseguissem utilizar a água. — Vanessa contou, demonstrando o quanto odiava aquela situação. — E como ninguém podia saber sobre nós, tínhamos que fazer o máximo para nos manter escondidos. Não podíamos nem aparecer fora da montanha, nem sequer olhar para fora da montanha. — Ela olhou diretamente para mim ao falar isso, indiretamente tentando me ofender, por causa do dia em que resolvi subir até o poço de iluminação.

— Estamos vendo o mundo pela primeira vez. — Mitt parecia entusiasmado ao falar aquilo. — E eu estou gostando do que vejo.

— Nossa! Isso é incrível. — Victoria estava

impressionada com as nossas histórias. — Mas, como vocês conseguiram se esconder por tanto tempo? Como conseguiram sobreviver por tanto tempo?

— Nós tivemos ajuda. — Meus olhos se encheram de lágrimas ao me lembrar do meu pai, sempre seria grata a ele. — O meu pai nos ajudou, por todos esses anos. Ele e uma mulher, que nunca soubemos nem sequer o nome verdadeiro. Nós a chamávamos de Jane, sugestão dela mesmo, eles cuidaram de nós. Meu pai, por mais tempo que ela.

— O Peter, pai da Lexi, fez tudo por nós. — James abriu sua mochila para que pegássemos alguma coisa para comer, peguei duas laranjas. — Ele era chefe do exército negro, e por isso que conseguiu nos esconder por tanto tempo, ele era a própria guarda. Tinha um papel muito importante na montanha principal.

— Meu pai conseguiu nos esconder por dezoito anos. — Expliquei. Considerando que eu tinha sido a primeira a

chegar e tinha dezoito agora.

— Mas acabaram descobrindo sobre o desvio de recursos que Peter fazia para nos manter vivos e nos encontraram. — Vanessa completou. — Por sorte, conseguimos fugir.

— Mas, Peter acabou morrendo enquanto isso acontecia... — Mitt falou, parecia triste. Afinal, Ele era um pai para todos nós, não só para mim.

— Eu sinto muito. — Victoria falou, percebendo a nossa tristeza ao contar a última parte.

— Obrigada, Victoria. — James respondeu por todos nós.

— Pode me chamar de Vic mesmo. — Ela sorriu com o canto dos lábios, um sorriso meio tímido.

— E você? Como era no deserto? — Luke perguntou, parecia bastante curioso.

— Nunca gostei muito daqui, é um lugar muito pobre, as pessoas estão sempre tentando fugir. O rei Yosef é um homem muito ruim e ele escravizou a todos. Ele pede trabalho em troca de coisas básicas como comida, ou água. Passei a maior parte da minha vida trabalhando, desde que era muito pequena. — Ela tinha o olhar meio perdido, enquanto tentava nos contar sobre a sua vida.

Não sabíamos o que falar, apenas escutávamos o que ela tinha a dizer, nos sentíamos mal pelas pessoas do deserto. Todos sabiam que era um lugar muito pobre.

— Tínhamos que acordar muito cedo para trabalhar. Às vezes, ficávamos dias sem ver nossas famílias. Os líderes gostavam de colocar as crianças para trabalhar perto do Rei, assim não haveria perigo de revolta perto dele. E se as crianças se revoltassem com alguma coisa, seria muito mais fácil de controlar. Eles pensavam em tudo. — Ela parou um pouco. — Era um trabalho muito difícil, e quando meu pai nos falou que não teríamos que trabalhar mais, foi um dos melhores dias das nossas

vidas... Mas não sabíamos o que ele estaria fazendo para que pudéssemos parar de trabalhar. Ele só falou que ia trabalhar para o governo, devíamos ter imaginado que era algo ruim...

— Calma, está tudo bem. — Vanessa a confortou. — Você não sabia, não tinha como saber.

— Eles estavam sequestrando novas crianças. — James pensava alto. — Mas porque será que eles precisam de novas crianças?

— Eles estão sempre precisando de pessoas novas, eu sabia que existiam olheiros...

— Olheiros? — Perguntei.

— São pessoas que procuram por novos escravos. Eles escravizam outros, para que suas famílias sejam protegidas. Mas eu nunca pensei... Que meu pai tivesse a capacidade de ser tão ruim. — Vic deixou cair algumas lágrimas. — Eu sinto muito.

Vanessa sentou ao seu lado e a abraçou, tentando consolar Victoria.

— Nós sabemos que não foi sua culpa. — Luke falou, terminando de comer o pão que ele tinha pegado da própria mochila. Ele tentava não demonstrar muito o que estava sentindo, mas nós sabíamos que ele estava com raiva por tudo que tinha acontecido ontem. Todos nós estávamos.

— Acho melhor irmos dormir. — Falei, assim que a Vic se acalmou mais.

Eles concordaram, e então começamos a nos arrumar para dormir. Na verdade, não tinha muito que fazer. Apenas arrumar algumas coisas na areia para deitar em cima e colocar um casaco grosso como travesseiro, de forma que ficasse confortável o suficiente.

Todos nós estávamos exaustos, nos deitamos em silêncio, prontos para dormir. Eu tentava não pensar em

muitas coisas que fossem me tirar o sono e ultimamente qualquer pensamento era motivo para ficar acordada por horas. Eu mal conseguia relaxar, não tinha como. Fechei os olhos, tentando manter a cabeça tranquila, tentando pensar em momentos felizes, que estavam ficando cada vez mais raros.

Minha mente ia se afastando devagar, e logo quando eu estava prestes a cair num sono, algum barulho desconhecido me trazia de volta. Meu coração acelerava rapidamente e demorava um pouco para voltar ao ritmo normal. Eu realmente não gostava da sensação de ter que dormir ao ar livre. Isso era o que eu mais sentia falta desde que tínhamos deixado o buraco. Eu sentia falta da segurança de dormir cercada pelas paredes da montanha.

A última vez que ouvi um barulho estranho eu já não tinha me assustado tanto, pois estava começando a me acostumar e o sono já estava quase me vencendo. Até que percebi que não era só mais um barulho, era um daqueles que eu deveria me preocupar. Era um grito, que ficava

mais alto à medida que eu voltava à realidade. Abri os olhos me levantando, Vanessa estava de pé ao meu lado, e ela gritava muito, exalando medo.

— Cobras! — Ela tinha a mochila nas mãos e segurava-a de frente para um animal estranho, que eu nunca tinha visto nem em fotos. Não daquele jeito.

— Acordem! Levantem! — Peguei minha mochila e me levantei o mais rápido que pude.

As cobras saíam de baixo da areia, dançando enquanto apareciam para nós. Elas passavam por dentro dos nossos pertences e por cima dos nossos pés. Nós dançávamos enquanto tentávamos nos esquivar delas. Olhei para o James, ele estava batendo nas cobras com sua mochila, tentando jogá-las para longe. Comecei a fazer o mesmo, elas eram mais rápidas que nós, não tínhamos como correr delas. O Mitt havia tentado, umas quatro o seguiram. Ele estava cercado de cobras, a alguns metros de nós, também com sua mochila em mãos.

— Batam nelas com o que tiverem! — James gritou. — Elas são mais rápidas que nós, temos que fazer com que sintam medo. Temos que fazer com que queiram fugir.

As cobras que estávamos atingindo com as mochilas não estavam mais voltando, elas se escondiam novamente na areia, ou fugiam. Algumas delas, as mais destemidas, abriam uma espécie de asa para nós, como se mostrassem que não tinham medo. Elas tinham esse tipo de asa perto da cabeça e a abriam como um escudo. A primeira vez que vi uma delas fazendo aquilo, até os pelos da minha nuca se arrepiaram. Eram assustadoras.

Eu nunca tinha visto uma cobra, exceto nos livros. E até agora, era o animal mais assustador que já encontrara. Com certeza, mais assustadoras que a pantera que me atacou na floresta. Havia algo nelas que fazia com que eu me arrepiasse de tanto medo, mas tentava não deixar aquele medo me vencer. Tentava não congelar e continuava batendo nelas para que fossem embora.

— James! Ajuda o Mitt! — O Luke gritou, tentando bater com sua mochila em duas cobras que o atacavam.

Eu não conseguia contar o número exato de cobras que tinham ali, mas eu até acho que esse era um ponto positivo. Eram muitas. Eu teria medo até de saber a quantidade exata.

Assim que a última cobra que estava perto de mim foi embora, corri junto com o James para ajudar o Mitt. Ele tinha umas dez cobras em volta dele. E sem querer, nós mesmos tínhamos mandado algumas para o lado dele.

— Temos que bater nelas para irem para o outro lado! — Falei para o James, que já tinha atingido duas. Uma delas abriu seu escudo, e chegou tão perto dele que eu cheguei a pensar que ela poderia picá-lo. Congelei por alguns segundos.

Bati na última cobra que estava tentando atacar o Mitt, e agora, ao olhar em volta, todas as cobras já tinham ido

embora. Nós estávamos a salvo. Meus braços ardiam por causa do esforço que eu tinha feito. Eu estava ofegante e tentava recuperar o ar.

— Vasculhem suas mochilas e as roupas que deixaram na areia. Temos que ter certeza de que elas foram embora mesmo. — Victoria falou com a respiração pesada.

Começamos a revistar tudo, abri minha mochila com receio, mesmo tendo quase certeza de que não encontraria nenhuma cobra por lá. Minhas mãos ainda tremiam um pouco e eu tinha ainda mais medo agora que eu tinha entendido a gravidade da situação. Na hora eu não tinha conseguido pensar em quase nada. Mas parando pra pensar melhor, nós poderíamos ter morrido.

Eu comecei a abrir o zíper do meu casaco de neve, que eu tinha usado como travesseiro, e parei no meio. Olhei para frente, Vanessa estava bem de frente para mim e ela estava totalmente pálida. Ela não tinha reação alguma e parecia estar suando frio quando caiu de joelhos na areia.

Corri até ela, segurando-a para que não caísse de cara na areia, seu estava gelado. Deitei-a, gritando o nome dela para que ela reagisse. Nada. Ela começou a se tremer, seus olhos fechados.



CAPÍTULO 18

— O que aconteceu? — Luke perguntava, olhando fixamente para Vanessa, muito assustado. — Ela está morrendo?

— Acho que ela foi picada. — Victoria começou a olhar pelo corpo da Vanessa, como se procurasse por alguma coisa. E assim que puxou a calça da Vanessa para cima, para ver sua perna, acabou encontrando. — Ela foi picada!

A perna direita da Vanessa tinha uma marca enorme da

picada que uma das cobras tinha deixado. Tinha um furo quase do tamanho da palma da minha mão, e ao redor dele uma rede de veias inchadas que parecia estar ficando cada vez maior. Como se as veias da perna dela estivessem saltando e querendo sair, estavam ficando pretas.

— O que vamos fazer? — Mitt perguntava, eu podia ouvir o desespero em sua voz. Eles estavam em volta da Vanessa, tentando pensar no que fariam.

James se levantou, com as mãos na cabeça. Ele tinha a resposta, eu sabia que ele tinha, porque eu também tinha.

Uma vez, quando éramos mais jovens, meu pai nos contou a história de um dos amigos dele no exército negro. Esse amigo, um dos melhores amigos do meu pai, tinha sido picado por uma cobra, uma cobra do deserto. Meu pai estava muito triste no dia que nos contou isso, o amigo dele tinha acabado de morrer.

— Lexi, olha para mim. — James chegou mais perto

de mim, abaixei a cabeça. — Não podemos deixá-la morrer, já sabemos o que tem que ser feito.

— Não. — Mantive a cabeça baixa, não queria olhar para ele. Não queria ter que encarar aquela situação. — Não temos como fazer isso com ela...

— Você lembra aquele dia que o seu pai conversou com a gente sobre o Mark? Aquele colega dele do exército... — Apenas afirmei com a cabeça. — Você lembra que ele sabia o que fazer, não é?

— Mas ele não fez nada. — Respondi.

Meu pai havia nos contado tudo sobre a morte do amigo dele, e até agora, estávamos vendo a história dele se repetir. Apesar disso, ele também havia nos falado o que deveria ter sido feito para salvar seu amigo. E se ele estivesse lá com ele na hora, poderia tê-lo salvado.

— Não fez nada, porque ele não estava com o amigo na hora. — Minhas mãos ainda tremiam quando falei, mas

eu não sentia medo. O nervosismo e a preocupação tomavam conta de mim.

— E nós estamos aqui.

— Você tem razão. — Levantei a cabeça, decidida.

— É o único jeito. — Ele disse.

— Eu sei.

Meu pai havia falado que para salvar o seu amigo, ele teria que ter cortado a raiz do veneno. E era isso que teríamos que fazer. Tínhamos que dar um jeito de cortar a raiz do veneno da Vanessa, antes que se espalhasse. Antes que chegasse ao seu coração. Teríamos que cortar a perna dela.

Voltei a olhar para a Vanessa, ainda estava desmaiada. Ainda mais branca do que antes. Voltamos ao seu lado, os outros pareciam muito preocupados com ela. Dei uma olhada no veneno, estava se espalhando rápido, mas ainda

permanecia abaixo do joelho. A parte dominada pelo veneno estava ficando preta e iria se alastrar cada vez mais rápido se não fossemos ágeis.

— Acho que podemos salvá-la. — Comecei a falar, tentando pensar na melhor forma de dar a notícia que eu realmente não queria ter que dar. — Mas temos que cortar o veneno pela raiz.

— Calma... — Mitt parecia estar entendendo aonde iríamos chegar. — Vocês querem... Literalmente cortar o veneno pela raiz?

— Isso. — James respondeu.

— Querem cortar a perna dela? — Luke parecia indignado.

Ninguém respondeu. Eu sentia uma mescla de emoções, mas sabia que não tinha tempo para nenhuma delas se quisesse que a Vanessa sobrevivesse. Tínhamos que começar logo.

— Alguém tem uma faca? — James parecia meio pálido quando perguntou. — Alguma coisa que possa cortar mais rápido?

— Eu tenho. — Victoria se pronunciou, tirando uma faca de tamanho razoável da mochila. Ela parecia muito assustada, sua mão tremia quando ela me entregou a faca. — É a faca de caça do meu pai...

— Vocês não podem estar falando sério. — Mitt se levantou, ficando na frente da Vanessa como se a estivesse protegendo. — Não é possível... Eu não vou deixar vocês fazerem isso!

— Ela vai morrer se não fizermos isso logo! — James gritou de volta, ele estava muito nervoso.

— Não... Não... — Mitt não conseguiu falar mais nada.

— Vai ficar tudo bem. — Até aquele ponto da viagem, eu ainda tentava me convencer de que iria ficar tudo bem. Mas há muito tempo eu já tinha parado de acreditar nisso.

— Como assim tudo bem? — Mitt não conseguia acreditar. — Não vai ficar tudo bem!

— Vocês não podem cortar a perna dela! — Luke também tentava lutar contra o que era inevitável.

Minhas mãos tremiam à medida que eu percebia a realidade do que teríamos que fazer para salvar a vida da nossa amiga. James já não fazia mais questão de esconder o nervosismo, na verdade, nenhum de nós fazia.

— Eu preciso que vocês consigam fogo para esquentar a faca. — Pedi para Luke e Mitt.

— Isso não está acontecendo. — Mitt caiu de joelhos na areia.

— Precisamos fazer isso para salvar a vida dela. — Respondi friamente. — Se não, ela não vai sobreviver!

— Vou pegar o isqueiro. — Luke falou, indo até as mochilas.

Eu e o James ficamos ao lado da Vanessa. Tentei sentir a pulsação dela, e não estava muito forte, mas eu realmente esperava que ela fosse aguentar. Ela era muito forte, sempre foi. Peguei minha mochila que estava próxima, e tirei a camisa mais velha de dentro. Arranquei um pedaço da camisa e amarrei em volta da perna direita da Vanessa, um pouco abaixo do joelho.

— Você tem certeza do que está fazendo? — Mitt perguntou, ele estava ficando meio pálido.

— Nós sabemos o que pode acontecer se não fizermos isso... — Respondi. — Não temos escolha. Deixá-la morrer não é uma escolha para mim.

— O Peter poderia ter nos falado como fazer isso. — James comentou.

— Acho que ele nunca pensou que precisaríamos fazer isso mesmo.

Eu só esperava que desse tudo certo, queria que a

Vanessa ficasse bem. Não conseguiria suportar se o pior acontecesse.

— Lexi, ninguém está conseguindo encontrar o isqueiro. — Luke comentou e então se aproximou novamente.

— Como assim? — Coloquei as mãos na cabeça, já me levantando. — Não temos tempo para isso.

— Vamos continuar procurando.

Luke voltou correndo para as mochilas. Victoria atrás dele. Mas o Mitt tinha ficado parado, olhando para nós, e eu não gostava muito do olhar dele. Eu não conhecia aquele olhar. Mas ele parecia estar fora de si.

— Lexi, vai assim mesmo. — Luke estava muito inquieto enquanto procurava o isqueiro que usávamos para acender as fogueiras na montanha. — Tem que ser rápido!

— Temos que esquentar a faca.

Eu tentava pensar em alguma solução, mas minha mente estava vazia. Justamente agora, que eu queria que ela estivesse cheia de ideias.

Mas de repente, o Mitt fez o inesperado. Sem falar uma palavra, ele começou a se aproximar mais da Vanessa, tomando a faca das mãos do James. E com um golpe forte, começou a cortar a perna dela.

— Nós temos que salvá-la. — Ele continuava cortando sua pele, com golpes certos.

O James se levantou, estava ainda mais pálido agora. Precisava de um tempo. Não era algo fácil de assistir. Apesar disso, eu não sairia dali e iria ajudar no que precisasse.

O Mitt parecia concentrado em terminar a tarefa, e se apressava cada vez mais. Ele finalmente tinha entendido a importância daquilo que estava fazendo. Seus olhos

marcados com a determinação de salvar a Vanessa agora estavam assustados com o que viam. Podíamos ouvir alguns gemidos saindo da boca da Vanessa, apesar de ela ainda estar desacordada. Eu via a pulsação dela a cada minuto que se passava, tentando ter certeza de que ela estava bem, na medida do possível.

Quando terminamos, a pulsação dela estava muito fraca, e seu corpo já tinha perdido quase toda a cor. Seus cabelos pretos, presos em uma trança de lado, estavam molhados de suor, e ela continuava suando frio.

— Achei! — O Luke gritou assim que o Mitt me entregou a faca.

— Você só pode estar brincando. — Foi tudo que eu disse.

— Ainda podemos usar o isqueiro. — James parecia estar se sentindo um pouco melhor agora. — Esquente a faca com ele e passe em cima da ferida. Vai cicatrizar

mais rápido.

Logo depois que ouvi os comandos do James, comecei a esquentar a faca, deixando por algum tempo no fogo, e então coloquei a faca quente em contato com a perna dela, tentando fazer com que cicatrizasse mais rápido. Repeti o procedimento várias vezes, para ter certeza de que a ferida se fecharia. Então, peguei a camisa velha que havia tirado da mochila e cobri a perna dela, amarrando-a em volta do lugar que havia sido cortado, um pouco abaixo do joelho, para proteger a ferida de infecções. E tirei a camisa que tinha amarrado antes.

— Eu acho melhor nós andarmos um pouco e procurarmos um novo lugar para dormir. — James disse.

Arrumamos nossas coisas rapidamente. Troquei de blusa, pois a única blusa que me deixava quase livre do calor agora estava suja de sangue. Coloquei uma camiseta vermelha, de mangas curtas. Apesar disso, não consegui me livrar totalmente do sangue, pois minhas mãos também

estavam sujas.

O Mitt se ofereceu para carregar Vanessa, que ainda não tinha acordado, mas voltava a ter uma pulsação quase normal. Não andamos muito, apenas o suficiente para nos afastar de tudo que tínhamos acabado de viver, para nos afastar das cobras e de todo o sangue. Apesar de sabermos que aquilo ficaria em nossas mentes para sempre, e disso, não tinha como se afastar.

— Vamos nos revezar para olhar ela? — Mitt perguntou, colocando o seu casaco como cobertor para a Vanessa, assim que a deitou na areia.

— Se quiserem dormir, posso ficar com ela durante a noite. — James sugeriu.

— Vamos revezar. — Luke começou a se organizar novamente para dormir. — Podem me chamar na minha hora.

Nós acabamos concordando em revezar, e até a

Victoria também fez questão de ajudar e ficar um pouco com a Vanessa. A ordem seria Mitt, Vic, James, eu e depois o Luke olharia ela. Mais ou menos uma hora de cada. E caso a Vanessa acordasse, quem estivesse com ela na hora avisaria para todos.

Eu tinha dormido muito rapidamente, mas eu sentia que não tinha dormido quase nada quando o James me acordou no meio da noite para olhar Vanessa.

Aquela hora olhando ela tinha se passado incrivelmente devagar. Eu tinha encarado o relógio de pulso do Luke enquanto ele dormia, vendo os minutos se passarem como se estivessem com preguiça de se arrastar ao redor do relógio.

Assim que a hora se completou, eu acordei o Luke e voltei a dormir. E como eu só dormiria mais uma hora, eu iria fazer questão de aproveitá-la. Deitei com a cabeça na mochila, sem demorar muito para dormir. Apesar disso, uns trinta minutos depois, o Mitt estava me chamando e

falando que a Vanessa tinha acordado.

— O que vocês fizeram? — Ela chorava enquanto olhava para a perna dela. Ainda estava muito fraca para se sentar.

— Você foi picada por uma cobra. — James tentava acalmar ela.

— Não... Não pode ser. — Ela não conseguia conter o choro e falava meio embolado, como se tivesse se acordando aos poucos.

— Calma, vai ficar tudo bem. — Eu tentava acalmá-la.

Peguei um pouco de água da mochila do Luke e ajudei a Vanessa a beber alguns goles, pois ela precisava se hidratar.

— Eu não vou conseguir viver assim. — Ela ainda chorava.

— Nós vamos te ajudar. — Mitt olhava para ela com preocupação. Todos nós estávamos.

— Aposto que isso foi ideia sua. — Ela falou para o Mitt, com raiva.

— Não tivemos escolha. — James se intrometeu, seu tom de voz era triste.

— Deviam ter me deixado morrer. — Ela olhou para o lado, não queria ter que encarar nenhum de nós.

— Nunca fale isso! — Respondi sem acreditar no que tinha acabado de ouvir.

Ela não falou mais nada, não nos respondeu mais. Ficou encarando o horizonte, vendo o sol se levantar. As lágrimas caindo pelo lado do seu rosto. Aos poucos, nos distanciamos, tentando dar um pouco de espaço para ela.

Eu voltei para o lugar onde estava deitada antes, tentando pegar num sono novamente. Seria mais difícil

agora. Minha cabeça estava muito bagunçada, tinha muita tristeza e raiva dentro de mim, e não tinha mais como dar lugar ao sono. Eu tinha raiva por ter que ter feito aquilo com a Vanessa, e me sentia muito mal por ela, iria ser muito difícil. Mas sabia que não tínhamos tido escolha, não iríamos deixá-la morrer, mesmo que ela tivesse pedido isso na hora. Mesmo se ela tivesse acordada e consciente, teríamos feito tudo igual. Não iríamos deixá-la desistir da vida assim. E estaríamos ao seu lado para tudo que ela precisasse. Ainda éramos uma família e lutamos uns pelos outros.

Aos poucos, aquele turbilhão de pensamentos deixava minha cabeça. E apesar de ainda me sentir da mesma forma, o cansaço começava a me vencer novamente. Eu me rendia ao sono, deixando ele me levar embora daquele deserto que já tinha me tirado tanto.



CAPÍTULO 19

Acordei sentindo o sol quente no meu rosto. Assim que abri os olhos, vi que Mitt estava na mesma posição que o tinha visto ontem quando fui dormir. Estava sentado na areia, ao lado da Vanessa. E agora, colocava um pano dobrado em sua testa. Ela ainda usava o casaco dele como cobertor.

Os outros ainda estavam dormindo quando me levantei e andei até os dois. Mitt estava com olheiras por baixo dos olhos, que pareciam pesados depois de uma noite muito mal dormida.

— Ela está com febre? — Eu me ajoelhei ao lado da Vanessa, colocando a mão no seu pescoço para checar sua temperatura.

— Acho que sim. — Mitt respondeu no meio de um bocejo. — Mas já está melhorando.

Vanessa dormia com tanta paz que eu mal podia reconhecê-la. E conhecendo o temperamento dela, eu não sabia se ela seria capaz de nos perdoar pelo que tínhamos feito. Mesmo sabendo que não tivemos escolha. Não aceitaria o que tinha acontecido com ela, já tinha nos mostrado isso.

— Acho melhor você descansar um pouco. — Sugeri ao perceber que o Mitt estava quase dormindo sentado. — Vamos andar o dia todo hoje.

Ele levantou, tirando o excesso de areia da calça. Estava tão cansado que nem sequer se importou em falar mais nada. Apenas caminhou para perto de onde os outros

estavam dormindo e se deitou com a cabeça na mochila dele.

Observei Vanessa por alguns minutos, eu me sentia muito mal por ela. Olhei para a sua perna direita, a camisa que eu tinha colocado para ajudar a estancar o sangue já estava vermelha. Peguei outra camisa limpa, uma de mangas longas que eu provavelmente não usaria nas ilhas por causa do calor. Tirei a camisa suja de sangue da perna dela, com cuidado para não acordá-la, e coloquei a camisa mais limpa, usando as mangas da camisa para amarrar em volta do joelho dela.

— Você lembra aquele dia que você saiu do poço de iluminação? — Vanessa me perguntava, a voz dela entregava que ela ainda estava um pouco fraca. Ela já devia ter acordado há alguns minutos e eu não tinha percebido.

Apenas confirmei com a cabeça, sentando-me ao lado dela, após terminar os curativos. Coloquei a camisa suja

de sangue na areia, enquanto escutava a Vanessa.

— Então... Todo mundo ficou com raiva de você porque você poderia ter colocado todos em risco. Não foi?

— Eu me arrependo disso até hoje. — Respondi.

— Todos ficaram com raiva de você, porque você não pensou em ninguém na hora de subir até lá.

— É verdade.

— Então... — Ela parou um pouco. — Eu não fiquei com raiva de você por esse motivo. Eu fiquei com raiva de você porque eu queria ter subido até o poço de iluminação e visto o que você viu.

Eu não sabia o que dizer então apenas a escutei com atenção. Não sabia onde ela queria chegar exatamente, mas eu estava muito surpresa com a sinceridade dela.

— Muitas vezes, eu olhava para cima e ficava imaginando a imensidão que eu nunca conheceria. O mundo enorme que tinha lá fora, que eu nunca seria capaz de ver.

— Você está aqui fora agora. Estamos conhecendo tudo.

— Em troca de que? Olha tudo que está acontecendo.

Fiquei calada, não tinha como falar que ela estava errada. Eu concordava com ela. Muita coisa tinha acontecido nos últimos dias. Eu não tinha mais forças para discordar. Estava dando tudo errado.

— Eu costumava pensar. Por que eu tive que viver toda a minha vida escondida? Se nossos pais que erraram, porque eles não se esconderam também? Porque nunca vieram nos visitar? —Vanessa falou.

— Cansei de me perguntar sobre isso. Depois de um tempo eu só tentei aceitar.

— É fácil para você falar isso. Seu pai sempre esteve com você, eu nunca tive ninguém. Nunca conheci meus pais, e nunca vou conhecer.

Mais uma vez, teriam mil coisas que eu poderia ter respondido. Poderia até ter dito que não é verdade, meu pai estava lá para todos nós, não só para mim. Mas não conseguia falar nada, e no fundo, ela estava certa.

— Eu sinto muito. — Foi tudo o que eu disse.

— O que é que eu vou fazer agora?

Seus olhos se encheram de lágrimas. Ela parecia estar desesperada e ao mesmo tempo muito triste. Ela desabou, começou a chorar. Eu nunca tinha visto a Vanessa se abrir assim, ela nunca falava sobre sentimentos e para falar a verdade, eu não sabia exatamente como reagir. Tudo que eu podia fazer era mostrar para ela que ela podia contar comigo, ela tinha que sentir que iríamos ajudá-la a passar por tudo aquilo.

— Você não está sozinha aqui. Nós — Dei ênfase naquela palavra. — Vamos fazer alguma coisa, juntas. Você vai ficar bem.

Segurei a mão dela e deixei que ela exprimisse toda a frustração que estava sentindo. Apesar de tudo que tínhamos passado naqueles últimos dias, eu ainda conseguia ter um resto de esperança. Ainda achava que Vanessa iria superar tudo aquilo.

— Você quer comer alguma coisa? — Perguntei, quando ela se acalmou.

Fui até a mochila do Luke e peguei dois pedaços de pão e a garrafa de água que tinha no bolso da frente. Vanessa sentou com dificuldade, ainda estava pálida, mas a febre já havia passado.

Enquanto comíamos, os outros começaram a acordar e procurar o que comer também. As mochilas já estavam ficando vazias e precisávamos racionar um pouco melhor

se quiséssemos ter comida até chegarmos à praia.

— E aí? Como está se sentindo? — Vic se aproximou com um semblante preocupado. Ela ainda parecia estar meio traumatizada depois de tudo o que tinha acontecido recentemente.

— Estou um pouco melhor. — Acabei me espantando um pouco com a falta de sarcasmo na resposta da Vanessa.

— Nada de sarcasmo? — Não resisti à pergunta.

— Estou guardando para mais tarde. — Ela se esforçou para dar um sorriso.

— O que você fez com a Vanessa? — Talvez, ter se aberto para os sentimentos realmente ajudou ela a se sentir melhor. Parecia outra pessoa.

Não demoramos a terminar de comer, e minutos depois, o James começou a falar sobre uma ideia que tinha tido para fazer uma cama para transportar a Vanessa.

Nós tínhamos que amarrar algumas peças roupa e fazer uma espécie de retângulo com elas, amarrando ponta com ponta e fechando o círculo. Depois colocaríamos um casaco grosso em cima das roupas e levantaríamos a Vanessa pelas quatro pontas do retângulo. Então, precisaríamos de quatro pessoas para levantar ela ao mesmo tempo.

— Eu acho que não vai dar certo. — Luke falou assim que o James terminou de nos contar sua ideia.

— Como você sabe? — James falou irritado. — Nem tentamos ainda.

— Acho que vale a pena tentar. — Peguei meu casaco de neve para colocar em cima do retângulo de roupas.

Luke, Mitt e Vic entregaram algumas peças de roupas que poderiam ajudar. Nós tentamos escolher as peças mais firmes, para que não derrubassem a Vanessa.

— Eu realmente espero que isso dê certo. — Vanessa

comentou assim que a cama ficou pronta.

— Testem comigo antes. — Luke parecia empolgado ao falar aquilo.

— Você mesmo falou que não ia dar certo. — James riu, enquanto colocava a cama no chão para levantar o Luke.

— É melhor testar comigo do que com a Vanessa. — Luke respondeu. — Ainda acho que não vai dar certo.

Luke se deitou em cima do meu casaco, as roupas amarradas em volta dele. James e Victoria, que eram um pouco mais altos do que eu e Mitt, seguraram as pontas perto da cabeça. Eu e Mitt ficamos nas outras duas. Assim, quando levantássemos o Luke, ele ficaria inclinado confortavelmente, com os pés um pouco mais para baixo do que a cabeça.

— Agora. — Nós seguramos as quatro pontas ao ouvir o James.

Nós levantamos o Luke quase na mesma hora, com exceção do Mitt que demorou um pouco mais. Por pouco, o Luke não caiu com tudo na areia, mas conseguimos ser rápidos o suficiente para levantá-lo apesar do erro do Mitt, que ficou se desculpando depois.

— Acho que ficou ótimo. — Victoria falou, largando o tecido após deitarmos o Luke na areia novamente.

— É o melhor que conseguiremos fazer. — Disse o Mitt.

— Pelo menos está seguro. — Ela respondeu.

Nós pegamos as quatro pontas novamente, da mesma forma que tínhamos feito para carregar o Luke, e fomos até a Vanessa. Colocamos a cama improvisada ao lado dela.

— Se vocês me derrubarem, eu derrubo vocês comigo. — Vanessa falou rispidamente, e aquelas palavras me fizeram pensar que talvez ela estivesse voltando a si, e

que provavelmente já estava se sentindo um pouco melhor.

— Ninguém vai te derrubar. — Não consegui perceber a confiança na voz do James ao responder.

Mitt e James levantaram a Vanessa com cuidado, transportando-a para cima do meu casaco, para que pudéssemos levantá-la. Então, eu segurei firme no casaco e em uma das pontas, esperando os outros fazerem o mesmo. Nós a levantamos sem problemas. E para nossa sorte, ela era um pouco mais leve que o Luke.

— Não falta muito até chegar à praia. — Luke mantinha o mapa aberto enquanto andava, esforçando-se para entendê-lo. — Acho que se a gente apertar o passo, conseguiremos chegar ainda hoje.

— Você está brincando, não é? — Uma gota de suor invadiu meu olho. — Apertar o passo?

— Luke, guarda esse mapa. — Mitt estava ofegante, depois de quase cinco horas de caminhada carregando a

Vanessa.

— Eu só estou tentando ajudar. — Luke respondeu mal humorado, enquanto dobrava o mapa e o guardava novamente na mochila.

— Fica calado se quiser ajudar.

James continuava caminhando como se estivesse carregando uma pena, enquanto nós três já estávamos começando a nos curvar por causa do esforço que estávamos fazendo. Minha camisa estava molhada de suor e meus pés cada vez mais pesados se arrastando na areia.

— Eu só estava falando sobre o trajeto... — Luke tentou se defender.

— Você está falando sem parar há quase meia hora. — James o interrompeu.

— Luke... — Victoria parou de andar. — Falta quanto tempo para chegar à praia?

Ele começou a tirar o mapa da mochila novamente, mas parou assim que olhou para o horizonte.

— Está mais perto do que eu pensava.

Então, nós olhamos na mesma direção que ele e vimos, ao longe, uma linha azul por trás das montanhas de areia. Era mais claro que o céu, e os três elementos formavam o contraste perfeito. Era uma das visões mais bonitas desde que saímos do buraco, e ia ficando mais bonita quanto mais nos aproximávamos.

Duas horas de caminhada depois, nós estávamos muito mais próximos da praia. Podíamos ouvir o barulho das ondas se aproximando e indo embora, passeando por aquela imensidão azul.

Vanessa, que tinha passado mais tempo dormindo do que acordada durante o trajeto, agora observava o mar com a gente. Nós tínhamos trocado as posições para que ela pudesse ver o mar enquanto nos aproximávamos da

praia. Todos pareciam estar curtindo a vista, pois ninguém falava nenhuma palavra. Nem mesmo o Luke.

— Podemos ficar por aqui mesmo. — O Mitt falou, assim que chegamos à praia.

Nós deitamos a Vanessa com cuidado na areia, e assim que o fizemos, ouvi um suspiro de alívio vindo da Victoria. Todos nós estávamos muito cansados depois de tantas horas andando. Minhas pernas estavam tão doloridas que eu mal conseguia esticá-las quando me sentei na areia, ao lado do James.

— O que vocês estão fazendo aí? — Luke passou por nós correndo e jogou a camisa dele na cara do James. — Não vão entrar na água?

— Como você tem paciência para isso? — James me perguntou, tirando a camisa do rosto e jogando na areia.

— Ele ainda é uma criança. — Acabei rindo com a indignação do James.

— Ele parece que tem dois anos.

— Talvez cinco. — Sorri. O Luke conseguia ser muito irritante quando queria. — Mas até que ele está certo, vamos entrar na água?

Comecei a tirar a roupa, ficando somente com a roupa de baixo. Victoria tinha tido a mesma ideia e já caminhava em direção ao mar. O James tinha acompanhando cada passo da Vic, até o corpo dela sumir dentro da água. Apenas revirei os olhos.

Entrei no mar pela primeira vez na minha vida.

Aquela sensação refrescante, a água gelada que envolvia os meus pés enquanto eu caminhava mar adentro. Eu me sentia acolhida por uma imensidão azul, e consegui me sentir o mais leve que já tinha estado em anos. Como se a cada onda que voltasse para o horizonte, um peso fosse tirado de mim. E a cada onda que me abraçava, às vezes não tão carinhosamente devido a corrente forte, eu

me sentia melhor. Conseguia me sentir feliz por alguns instantes, apesar do peso do mundo lá fora.

As pontas dos meus pés tocavam a areia embaixo de mim. Às vezes, uma onda ou outra me levantava e então me deixava cair e tocar a areia novamente. Era um balanço que me tranquilizava. Eu poderia ficar ali por horas.

— O que será que os dois estão conversando?

James se aproximou, apontando para o Mitt e a Vanessa que ainda estavam na areia sentados, no mesmo lugar que estavam antes de nós entrarmos no mar. No primeiro instante, imaginei que seria uma discussão. Era tudo que os dois sabiam fazer. Mas, depois de alguns segundos observando, percebi que estavam sorrindo. Pareciam estar no meio de uma conversa civilizada. Aquele era um momento raro para os dois. Até pude ver a Vanessa rindo em certo momento.

— Eu não faço ideia, mas ainda não começaram a brigar. — Parei quando uma onda me atingiu. — Mesmo depois de alguns minutos de conversa.

— Acho que é um recorde. — O James riu.

— A Vanessa parece estar um pouco melhor.

— É verdade... Espero que ela se recupere bem.

Apenas confirmei com a cabeça.

Mergulhei quando avistei uma onda um pouco maior vindo à nossa direção. Aquela sensação era perfeita. Como se eu tivesse em uma bolha de ar dentro daquela quantidade enorme de água. Eu me sentia protegida. Em paz.

— ...Adores! — Voltei à superfície a tempo de ouvir Victoria gritar novamente. — Saqueadores!

Mesmo depois de ouvir a palavra por completo, ainda

não tinha entendido. Mas Victoria nos mandava sair do mar, e foi o que fizemos. Mesmo sem entender muito bem o que estava acontecendo. Até que eu avistei ao longe, um barco de velas. Era grande o suficiente para caber nós seis. Foi tudo o que consegui imaginar: nós seis, indo embora para as ilhas naquele barco.



CAPÍTULO 20

— Eles estão vindo para cá. — Victoria parecia desesperada, tanto que ela me passava aquele desespero com uma facilidade incrível. — Temos que sair daqui agora!

— O que são saqueadores? — Perguntei enquanto vestia minhas roupas com rapidez. Eu tinha um pouco de dificuldade por ainda estar molhada.

— São ladrões. — Victoria respondeu, pegando os pertences dela. — Eles roubam recursos das ilhas a

mando do Rei Yosef. São pessoas muito ruins. Eles podem nos matar.

— Tá bom. — Mitt corria para pegar a mochila dele.
— Já me convenceu, vamos sair daqui.

Por um momento, um pensamento rápido passou por minha cabeça. Eu sabia que o deserto estava em uma guerra silenciosa com as ilhas há muito tempo. Eles roubavam recursos das ilhas, a mando do rei, pois os recursos no deserto eram muito escassos. Então, depois de ligar os pontos, eu percebi: os saqueadores eram uma das causas daquela guerra.

Nós não demoramos a sair dali. O James carregou a Vanessa como se estivesse carregando a mochila dele, como se ela não tivesse peso algum, e eu peguei a cama improvisada dela, que tinha sido ideia dele de fazer. Ficamos escondidos atrás de um banco de areia, a uma distância segura, e tínhamos visão de toda a praia se olhássemos para baixo.

Os saqueadores tinham deixado seu barco no mar, e vinham remando outro barco consideravelmente menor. Eles vinham em nossa direção e meu coração acelerava a medida que eles se aproximavam. Eu podia sentir calafrios e eu sabia que não era por causa do clima, que já começava a esfriar. Tinha algo sombrio sobre aquelas pessoas. E mesmo se Victoria não tivesse falado quem eles eram, eu saberia que não eram pessoas boas.

Para nossa sorte, já estava ficando escuro e seria mais difícil eles nos verem.

— Vamos roubar o barco deles. — Falei com um impulso.

— Você está louca? — Victoria quase pulou em cima de mim.

— Você lembra da parte do “eles podem nos matar”? — Luke também era contra a ideia.

— Luke, você costumava ser mais corajoso. — James

provocou.

— Mas isso é loucura! — Ele respondeu.

— Pensem bem. — Comecei, e eles já me olhavam com raiva. — Como vamos chegar às ilhas se não conseguirmos um barco?

— Acho que a Lexi está certa. — Vanessa, surpreendentemente, concordou comigo. Olhei para ela com descrença. — É sério. A gente tem que chegar às ilhas de alguma forma.

— Eu sei velejar. — Nós olhamos para o Mitt, sem entender se ele realmente tinha falado aquilo ou se era nossa imaginação falando. — Bom, sei toda a teoria.

Bom, o Mitt sabia toda a teoria sobre como pilotar motos de neve, e ele tinha se saído muito bem na prática. Eu, por outro lado... Não tão bem. Apesar disso, eu ainda sentia que podia confiar no Mitt velejando um barco.

— Já é melhor do que o que nós sabemos. — Falei aliviada por alguém ter me dado algum tipo de esperança no meu plano desesperado.

— Eu também acho que é loucura. — James acabou me desanimando um pouco, mas já era de se esperar que ele não fosse gostar da ideia. Ele era muito cauteloso. — Mas eu acho que deveríamos tentar. Não temos muita escolha no momento.

Como sempre, tirando conclusões cedo demais. Apesar de que eu ainda não conseguia acreditar que o James queria ir para frente com a minha ideia.

Acho que todos sabiam que era loucura, mas também sabiam que iríamos ficar presos nessa praia se não tentássemos alguma coisa. E nossa comida estava acabando. Não tínhamos muitas opções no momento.

— Como vocês planejam fazer isso? — Victoria continuava tentando nos convencer a desistir.

— Bom... — Eu não tinha a menor ideia.

— Podemos esperar eles irem dormir? — Vanessa se pronunciou. — Vamos silenciosamente até o barco menor e pronto, não terá mais como eles nos alcançarem quando estivermos no meio do mar.

— Isso. — Falei, sem conseguir pensar em algo melhor que aquilo.

— Parece um bom plano. — Luke falou, e então olhamos para ele sem entender muito bem se ele estava sendo sarcástico. — Que foi? Todo mundo acha que é uma boa ideia. Eu estou com vocês.

Balancei a cabeça, ninguém nunca conseguiria entender a cabeça do Luke, nem que a estudassem por anos. Ele sempre fora muito corajoso, e normalmente ele pularia de cabeça em um plano como esses. Mas acho que dessa vez, depois de tudo que vinha acontecendo, ele estava com medo pelos outros. Ninguém queria sofrer mais do que já

tínhamos sofrido.

— Por favor, falem que estão brincando? — Victoria era a única que ainda insistia.

— A gente não tem escolha. — Mitt agora tentava convencê-la.

— É isso ou... Ficar nessa praia sem comida. — James ajudava.

— Tem comida no mar. — Ela rebateu.

— É verdade, mas não podemos ficar aqui quando já estamos tão próximos das ilhas. — Eu tentava convencê-la agora. — Temos que tentar chegar ao nosso destino. Além disso, ainda temos que voltar para buscar seu irmão e a Liz, o mais rápido possível. Não dá pra perder mais tempo.

Ela não falou mais nada, tinha finalmente entendido a urgência daquele plano.

Eu pude contar cinco pessoas saindo do pequeno barco a remo, três eram mulheres. Elas vestiam roupas pretas, com poucos detalhes de outras cores. Os homens tinham barbas grandes e todos eles pareciam ser muito fortes. Eram como ninjas do deserto, e enquanto eu os olhava, aos poucos mudava de ideia sobre os nossos planos de roubá-los. Era loucura.

Eram seis contra cinco. Seis jovens que não faziam ideia do que estavam fazendo, contra cinco saqueadores, aparentemente todos eles com o físico melhor do que o do James, que já era de se impressionar.

— Será que é uma boa ideia mesmo? — Mitt sussurrou, ao meu lado.

Eu estava observando o movimento dos saqueadores junto com o James e o Mitt, tentando pensar em como faríamos aquela loucura. Roubar um barco, de ladrões.

— Não, não acho que é uma boa ideia. — James

respondeu.

— Mas é uma ideia. — Falei.

Ninguém tinha pensado em nada melhor, e eu não pretendia ficar naquela praia para sempre. Tínhamos que chegar às ilhas, era para lá que o meu pai queria que fôssemos. Ele devia ter alguma razão para isso. Talvez ele achasse que as ilhas seria o lugar mais seguro que poderíamos ir, ou talvez tivesse algo lá, esperando por nós. Eu tinha pensado algumas vezes nessa segunda opção, e ela definitivamente me deixava mais ansiosa do que a primeira, mas era a menos provável. Tudo que eu queria, era que as ilhas nos aceitassem. Era o mínimo que poderíamos conseguir deles. Estávamos tão perto de chegar lá, tão perto da nossa nova vida, e eu não iria desistir agora.

— Gente, vocês acham que vai ficar tudo bem com a Vanessa? — Perguntei, observando-a dormir do outro lado do Mitt.

— Eu espero que sim. — James a olhou por cima dos nossos ombros, parecia preocupado.

— Ela vai ficar bem. — Mitt tinha uma certeza que eu não sabia de onde ele tirava. — O pior já passou.

Eu tentei acreditar nele, mas era muito difícil.

— São quantos dias de viagem até as ilhas? — Perguntei.

— Menos de três dias. — Luke respondeu atrás de nós, com a voz meio sonolenta, tinha acabado de acordar.

Depois de algumas horas, conversas sussurradas, e cochilos, alguns dos saqueadores começaram a se deitar para ir dormir. Eles tinham passado um bom tempo conversando sentados na areia, e eles falavam e riam mais alto à medida que a noite ia chegando ao fim. Agora, já tinham várias garrafas vazias aos seus pés, que eles tinham bebido durante a noite e que ainda bebiam, e eles pareciam se soltar cada vez mais enquanto a quantidade

de garrafas na areia aumentava. Eu não sabia o que tinha dentro daquelas garrafas, mas fazia com que eles dançassem e cambaleassem pela areia, como se estivessem muito mais felizes do que aparentavam estar quando chegaram ali.

Quase uma hora depois, os dois últimos saqueadores foram vencidos pelo sono. Finalmente, depois de tanto tempo esperando, poderíamos seguir com o plano. E por mais que aquelas horas observando eles só tivessem feito o nervosismo aumentar, eu ainda não tinha desistido da ideia. Nós iríamos roubar o barco, estava decidido.

— Ela vai se deitar no barco! — Luke falou quase alto o suficiente para acordar os homens que já dormiam.

— Silêncio! — O repreendi.

— Ela vai estragar o nosso plano. — Ele apontou para a saqueadora que caminhava em direção ao barco a remo.
— Olha lá.

Nós a olhamos, enquanto ela entrava no barco e arrumava um canto, já se deitando para dormir. Naquela hora, todo o nervosismo que eu estava sentindo se transformou em raiva. Eu já estava decidida, e aquele contratempo não ia acabar com os nossos planos.

— Vamos mesmo assim. — Victoria falou, e nós a olhamos surpresos. — Que foi?

— Você mudou de ideia? — James perguntou.

— Não... — Ela parou. — Mas vocês me acolheram mesmo depois de tudo, me deixaram vir, mesmo sem me conhecer direito. Então, se querem fazer isso, vou ajudar.

— Muito obrigada. — Agradei, aliviada por ela estar nos apoiando.

— Vamos lá? — Vanessa sentou com esforço, ela estava pálida.

— Vamos. — Luke já estava impaciente.

Nós colocamos as mochilas nas costas, eu peguei a cama improvisada que o James tinha feito e a coloquei por cima do meu pescoço, deixando-a atravessada nas minhas costas, por cima da minha mochila. E então, entreguei o meu casaco, que antes estava em cima da cama improvisada, para Vanessa vestir.

Mitt carregou a Vanessa e nós começamos a descer o banco de areia, andando em passos rápidos e silenciosos na direção da praia. Eu sentia a adrenalina passando por dentro do meu corpo e me movendo, fazendo com que eu quisesse ir mais rápido. Eu tinha medo de que se demorássemos demais, poderia ser tarde. E eu não conseguia fugir da sensação de que um deles estava prestes a acordar.

Tentávamos passar o mais longe possível dos saqueadores até o barco, mas era uma missão difícil, pois eles estavam dormindo espalhados pela areia. Minhas pernas tremiam por causa do nervosismo, e meu coração parecia estar prestes a sair pela boca, podia senti-lo bater

em minha garganta. Era como um alerta, tínhamos que ir mais rápido, e continuar em silêncio absoluto.

Chegamos ao barco, felizes por não termos acordado ninguém até o momento, e paramos um pouco. Precisávamos pensar no que faríamos para subir no pequeno barco sem acordar a saqueadora que ali dormia.

— Vamos entrar rápido. E depois a empurramos na água. — Sussurrei.

James segurava o barco, para que não balançasse enquanto começávamos a subir. Então, um de cada vez, começamos a subir no barco, fazendo o mínimo de barulho possível.

Eu tinha subido logo depois do Luke, e era muito difícil manter o equilíbrio e tentar não fazer barulho ao mesmo tempo, mas até o momento nós estávamos conseguindo. A mulher parecia estar dormindo um sono profundo, nem sequer se movia. Nós tentávamos nos

sentar relativamente longe dela, por mais que não tivesse tanto espaço dentro daquele barco.

Era um pequeno barco de madeira. E por dentro, rodeando todo o barco, tinha um banco, não tão confortável, mas com o espaço necessário para que todos nós pudéssemos sentar.

Antes de me sentar, ajudei o Mitt a acomodar a Vanessa. Ele a colocou dentro do barco com um pouco de esforço, e então ela se sentou ao meu lado. Ele entrou no barco logo depois.

A saqueadora dormia na ponta do barco, lado oposto ao que estava por cima da areia, onde o James estava. O barco estava metade por cima da areia e metade por cima da água. Eu só esperava que não fosse difícil empurrá-lo totalmente de volta para o mar. Nós deveríamos ter pensado nisso antes de subirmos no barco. O James parecia preocupado, talvez ele estivesse pensando no mesmo que eu. Ficaríamos presos na areia junto com

aqueles saqueadores. Não. Tentei exterminar aquele pensamento antes que ele virasse verdade.

Mas depois de algumas tentativas, tudo que vinha na minha cabeça era que o nosso plano daria errado, ficaríamos presos na areia.

Agora só o James esperava do lado de fora, ele ainda precisava empurrar o barco antes de subir, para que a parte que ainda estava na areia fosse para a água. Eu podia sentir o ritmo da minha pulsação acelerando e meu nervosismo para que o James conseguisse empurrar o barco só aumentava.

— Eu vou empurrar ela pra fora.

O Mitt sussurrou, dando sinal para que o James empurrasse o barco logo depois. Meu coração disparou, eu tinha a sensação de que algo ia dar muito errado.

— Espera. — Falei baixo, olhando para o Mitt.

Então, sem saber como faria para voltar, saí do barco e me juntei ao James. Coloquei uma das mãos na ponta e a outra mão um pouco mais para o lado. Nós começamos a empurrar o barco, com muito esforço para que ele se movesse. Eu usava toda a força que tinha dentro de mim, inclusive a raiva que sentia daquela saqueadora que agora dormia dentro do barco. Um peso a mais, querendo estragar os nossos planos.

O barco começou a se mover, olhei para o James, podia ver as veias no seu pescoço se sobressaindo de leve, por causa da força que ele fazia. Ele não teria conseguido sozinho. Fiz a coisa certa. Pelo menos por enquanto, nada tinha dado errado.

— Agora! — James falou, seus olhos verdes me encaravam, mas não era comigo que ele estava falando.

O Mitt entendeu o recado, e pouco antes do barco ficar totalmente sobre a água, ele carregou a saqueadora que ainda dormia, e a jogou com tudo para fora do barco.

Enquanto isso, eu e o James corremos para dentro do barco. Ele conseguiu subir com facilidade. Eu corria pelas águas rasas, minhas botas dificultando e fazendo meu peso aumentar enquanto tentava pular para entrar no barco também. Minha mão esquerda segurava a beirada do barco com força, eu não iria largar. Vi uma mão em minha frente, a segurei. Mitt me puxou para dentro.

Ouvi um grito, vindo de fora do barco. A saqueadora corria atrás de nós, encharcada.

— Vai! — Gritei.

Victoria e Luke remavam o mais rápido que podiam, eram movimentos repetitivos e seguiam o mesmo ritmo. Abaixavam o remo na água e nos impulsionavam para longe dali. Em poucos segundos, estávamos fora do alcance dos saqueadores. Estávamos a salvo.

— Eu não acredito que esse plano funcionou. — Vanessa falou e então nós começamos a rir.

O alívio que invadia o meu corpo depois de todo aquele nervosismo, eu só conseguia rir. Eu não estava acreditando no que tínhamos feito, e muito menos que tinha dado certo.

Os saqueadores estavam na beira da praia, todos acordados e com as mãos para cima. Pareciam muito irritados e sem saber o que fazer. E eu não sabia porque, mas aquilo me dava mais vontade de rir.

— Essa foi a maior loucura que eu já fiz. — Victoria disse, quando nos aproximamos do barco maior.

— Eu ainda não consigo acreditar que minha ideia deu certo. — Falei já me preparando para subir no outro barco.

O barco a velas era muito maior do que o que estávamos agora. Tinha grandes tecidos presos a mastros de madeira, e eles se abriam e fechavam de acordo com os ventos.

Nós prendemos o pequeno barco com umas cordas ao lado, logo depois que todos já tinham subido. James e Mitt tinham carregado Vanessa e a ajudado a subir no barco maior, acomodando-a confortavelmente perto de um dos mastros. No total, havia três. Três grandes tecidos, que alinhados da maneira correta, nos levariam diretamente para as ilhas.

— Não se fazem mais veleiros hoje em dia. Esse modelo aqui deve ter mais de duzentos anos... — Mitt tagarelava sobre o barco, enquanto Victoria o ajudava a puxar a âncora. — Posso estar enganado, mas acho que este aqui é dos anos 100.

— Sério? 2100? — Victoria perguntou ao perceber que ninguém mais estava prestando atenção ao que ele dizia, mas ela também não parecia tão interessada.

— Juro. — Mitt continuava. — Agora só fazem barcos motorizados, e a maioria deles andam sozinhos. Ou pelo menos foi o que ouvi. O Peter disse que as ilhas estão

trabalhando nesses novos barcos que andam sozinhos, mas não sei como funcionam ainda.

Ele continuou tagarelando por mais alguns minutos, enquanto falava para todos o que fazer para que o barco começasse a andar. Seus olhos azuis chegavam a brilhar enquanto ele falava informações desnecessárias sobre os barcos, que ninguém tinha interesse em saber. E aquilo de certa forma acabou me lembrando de outra pessoa. Uma pessoa que sempre tinha informações desnecessárias sobre qualquer tipo de coisa.

Alex.

Senti uma pontada no coração quando pensei naquele nome. A imagem dele surgiu na minha cabeça. Seus cabelos vermelhos, grandes olhos verdes, sempre cheios de brilho. A forma como suas bochechas ficavam vermelhas quando ele estava com vergonha, o que graças ao Luke era a maioria do tempo. Suas ideias mirabolantes que sempre acabavam dando certo. O jeito como ele

falava de nós, como se fôssemos uma família. Eu realmente acreditava naquilo.

E naquele momento, enquanto estávamos nos preparando para sair dali e finalmente ir para as ilhas, era inevitável não pensar no que estaríamos deixando para trás. Em *quem* estaríamos deixando para trás. Meu peito doeu mais uma vez ao pensar nele. Pensei na Liz, e no Tiago. Eu quase me sentia culpada por ter estado tão feliz há pouco. Nós tínhamos conseguido, mesmo depois da sensação de que alguma coisa poderia dar muito errado. Mas afinal, alguma coisa tinha dado errado. Não na minha ideia de roubar o barco, antes dali. E aquela sensação de que não iríamos conseguir, de que algo estragaria tudo, era verdade. Era tudo verdade, já tinha dado tudo errado antes.

Ao me dar conta do que estávamos fazendo quando o barco começou a se movimentar, nos tirando de vez do deserto, desabei no chão. Sentei-me ao lado da Vanessa, fazendo esforço para que as lágrimas não descessem.

— Nós vamos voltar para salvar a Liz, não é? —
Finalmente perguntei, depois de algum tempo encarando o mar.

— Com certeza. — Ela respondeu.

— Você se sente culpada?

— Não é nossa culpa.

— Certo. Mas... Mesmo assim. Não consigo ficar bem com o pensamento de que a Liz está ficando nesse lugar horrível.

Olhei para Vanessa, e seus olhos também estavam cheios de lágrimas. Me surpreendi, talvez ela também se sentisse culpada, com certeza ela se sentia mal pela Liz, ela era quase tão próxima dela quanto eu. Apesar de que Vanessa não costumava ser muito próxima de ninguém, sempre teve um jeito meio frio com as pessoas, mas lá no fundo, eu sabia que ela se importava com todos.

— Pense assim. — Ela começou. — Estamos indo para as ilhas para buscar ajuda. Porque sabemos que nunca iríamos conseguir resgatá-los sozinhos. Então não estamos nos distanciando dela, estamos nos aproximando da chance de salvá-la.

Ela tinha aberto meus olhos para algo que eu não tinha pensado antes, era outro ponto de vista, e eu concordava com ela. Ela estava certa. E pela primeira vez, eu estava feliz que ela estivesse certa e não eu.

— Então eu estou feliz porque estamos nos aproximando das ilhas. — Falei, pensando na possibilidade de tentar convencê-los a salvar a Liz assim que chegássemos.

— Também estou. — Ela sorriu.

— Mas vamos voltar assim que der. — Falei, só para confirmar.

— Prometo. — Ela disse.

Já estávamos em alto mar quando todos pararam de andar de um lado para o outro, direcionando velas enquanto o Mitt gritava o que tinham que fazer. Ele falava palavras que eu nunca tinha ouvido na vida, quilhas, armadoria... E eu não fazia ideia do que significavam.

— Estaremos nas ilhas em quatro dias. — James sentou ao meu lado, Vanessa já tinha caído no sono.

— Vamos levá-la para dentro? — Apontei para o que parecia ser uma sala, no interior do barco.

Ele apenas confirmou com a cabeça e levantou, carregando a Vanessa enquanto eu caminhava na frente. Abri a pequena porta que dava acesso ao interior do barco. Não era muito grande, tinha dois quartos bem pequenos e um banheiro, o que era uma mordomia para nós. Entrei em um dos quartos, tinha basicamente uma cama e um armário ao lado. Ele deitou a Vanessa na cama enquanto eu tentava abrir o armário, talvez os saqueadores tivessem deixado alguma coisa para trás.

— Tenta aquelas chaves.

Olhei para trás ao ouvir o James, tinha umas chaves em cima da cama, usei-as para abrir o armário. E ao contrário do que eu pensava, ele estava cheio. Roupas e garrafas. Aquelas mesmas garrafas que faziam as pessoas cambalearem. James olhou para mim, eu já imaginava o que estava prestes a dizer, pois o mesmo pensamento passou por minha cabeça.

— Vamos beber? — Ele falou.

— Será que é uma boa ideia?

Antes de ele responder, ouvimos gritos vindos de cima, por um momento, meu coração gelou. Será que algo tinha acontecido? James correu na minha frente, voando pelas escadas que nos levavam de volta para cima, subi logo atrás dele, na mesma velocidade.



CAPÍTULO 21

— Olhem para o mar! — Luke gritou, debruçando-se sobre o lado do veleiro e apontando para a água. — Olhem!

Ao ver que eles não pareciam preocupados, e sim entusiasmados, meu corpo se encheu de alívio. Por um instante, fiquei com raiva por eles terem gritado como se tivessem em perigo, mas percebi que eles não gritaram dessa forma. O meu cérebro interpretou assim, eu estava alerta, e depois de tudo o que passamos, qualquer grito poderia ser um motivo para desespero.

Meus olhos seguiram os do Luke, para tentar ver o que ele nos mostrava, caminhei até o lado do barco, que batia na minha cintura.

— James, vem aqui agora! — Eu disse, impressionada com o que via.

Meus olhos estavam arregalados, eu mal podia acreditar no que estava diante de mim. Eram gigantescas, algumas vezes maiores do que o nosso barco, e passavam por baixo de nós, talvez sem nem perceber a nossa presença ali.

Eram baleias.

Baleias cinza que nadavam bem embaixo dos nossos pés, três, para ser mais exata, duas enormes, muito maiores que o nosso barco e outra, um pouco menor que o veleiro, poderia ser uma família. Foi a primeira coisa que passou pela minha cabeça: um casal e o filhote. Eram incríveis e não pareciam se intimidar com nossa presença,

o filhote tinha dado uma volta completa por debaixo do nosso barco, antes de seguir viagem.

— Isso foi incrível. — Victoria falou, com um sorriso enorme, assim que as baleias sumiram de vista.

— Com certeza. — Concordei.

— Foi a coisa mais legal que já vi. — Luke ainda parecia impressionado.

Olhei para os lados, procurando por James.

— Acho que precisamos de uma comemoração por ter conseguido roubar este barco. — James saía da parte interna do barco, carregando duas garrafas.

Sorri com a ideia que ele trazia.

— O que é isso? — Mitt perguntou.

— Bom, eu não sei exatamente o que é... — James

começou. — Mas é a mesma bebida que aqueles saqueadores estavam bebendo.

— É álcool. — Victoria falou e nós a olhamos sem entender. Como se aquela palavra não significasse nada para nós. Ela revirou os olhos. — É uma bebida que faz você... Bem, faz você ficar bêbado. Você pode ficar meio louco, fora de si.

Nos entreolhamos um pouco assustados, eu não sabia se deveríamos beber, mas havia curiosidade no ar. Era uma mescla de medo e empolgação, mas a empolgação ganharia dessa vez.

— Você já bebeu? — Mitt parecia interessado naquela bebida.

— Nunca. — Victoria respondeu, ajeitando os cabelos pretos e curtos, que voavam no seu rosto. — É proibido, só pessoas a partir de vinte e um anos podem beber... Isso se não forem escravos, escravos não podem beber nunca.

Senti um aperto no peito quando ouvi aquela palavra, *escravos*. Pensei em Liz, em como ela estaria agora, eu esperava que apesar de tudo, estivesse bem. Lembrei do que a Vanessa tinha me falado mais cedo, estamos cada vez mais próximos de salvá-la, tentei me agarrar àquilo.

— Acho que devíamos experimentar. — Luke sugeriu e nós o olhamos.

— Você é muito novo. — Falei, e ele resmungou alguma palavra inaudível.

— Tecnicamente... Nós também não poderíamos beber. — Victoria tentou nos convencer. — Acho que não tem problema o Luke beber.

— Ele é três anos mais novo que eu. — Mitt comentou. — E eu acho que sou o mais novo aqui.

— Quantos anos você tem? — Victoria perguntou ao Mitt, mudando o foco da conversa.

— Tenho dezessete, faço dezoito daqui a uns oito meses, dia três de junho.

— Você é mais velho que eu! — Ela fez uma careta, como se tivesse perdido uma competição. — Só faço dezoito no dia oito de novembro.

— Só alguns meses. — Ele sorriu também.

— Será que vocês podem me deixar beber também? — Luke ainda parecia indignado com o fato de não poder beber e puxou o foco da conversa de volta para ele.

— Tá. — James falou enquanto abria uma das garrafas com um pouco de esforço. — Bebe logo, mas não reclame se for ruim.

Ninguém se opôs, depois de tudo que passamos, eu não me importava em dar bebida para o Luke. Eu não estaria colocando a vida dele em risco nem nada assim, e eu não achava que algo ruim poderia acontecer ao Luke por estar bebendo, afinal, ele não era tão mais novo assim. Sem

contar que Victoria tinha razão, nós também não poderíamos estar bebendo.

— Ah! — James exclamou após dar o primeiro gole, fazendo uma careta.

— Acho que é rum. — Victoria tentava abrir a segunda garrafa. — Se for, é uma bebida muito forte.

Peguei a garrafa das mãos do James, um pouco receosa, mas decidida a experimentar, virei devagar e bebi um gole. Senti minha garganta esquentar na hora, e a bebida desceu, rasgando-a, fiz uma careta, entregando a garrafa para o Mitt. Meus olhos lacrimejando.

— É muito forte! — Confessei, assim que consegui me recuperar.

Luke tossiu algumas vezes assim que bebeu o primeiro gole, mas foi orgulhoso o suficiente para tomar outro logo depois, não fez nenhuma careta da segunda vez.

— Você não precisa tomar mais se não quiser. — Eu disse, demonstrando um pouco de preocupação com ele.

— Deixa ele. — James falou, entregando a outra garrafa para o Luke, depois de tomar um gole.

Olhei para ele, reprovando-o com o olhar, mas preferi deixá-lo, James tinha mania de irmão mais velho com o Luke, sempre o influenciava, muitas vezes não era boa influência. Luke parecia gostar disso, talvez se sentisse mais próximo do James.

— Isso aqui desce... Que nem água. — Falei depois de alguns goles.

— E veio em boa hora. — James respondeu, entregando-me a garrafa.

Mitt dava risada, enquanto olhava para o horizonte, provavelmente não estava olhando para lugar nenhum, sua mente parecia estar longe.

— Não se esquece de mim. — Mitt falou, enquanto eu bebia mais alguns goles. — Nós estamos no mesmo barco, minha amiga. — E então passou a mão por cima dos meus ombros. Comecei a rir, cuspidando a bebida que estava em minha boca.

— Gente, acho que... Tem alguma coisa estranha. — Luke deu alguns passos um pouco incertos e sentou mais perto de nós, no teto da pequena cabine do barco. — Eu não estou sentindo meu rosto.

— Claro que está. — Victoria deu um tapa no rosto dele.

Ninguém estava esperando por aquilo, então a olhamos surpresos. Eu não conseguia processar muito bem o que estava acontecendo, e com certeza tinha um sorriso idiota no meu rosto que entregava esse fato.

— Tá vendo! — Luke falou depois de alguns segundos. — Não senti nada!

Nós rimos, tudo parecia muito mais engraçado. Minha barriga doía de tanto que eu estava rindo, e eu mal conseguia me conter.

— Acho que vou parar por aqui. — James me entregou a garrafa novamente.

— Mas você nem bebeu! — Reclamei, tentando parecer irritada. Mas sem sucesso.

— Claro que bebi. — Ele falou rindo, provavelmente da minha cara.

Bebi mais alguns goles, não estavam mais descendo rasgando como o primeiro, mas o gosto não era muito melhor. Era meio azedo e muito ruim, mas quanto mais eu bebia o gosto parecia melhorar, mesmo que só um pouco.

— Que loucura... — Luke falou e então deu uma longa pausa, como se quisesse falar mais alguma coisa.

O encaramos por um longo tempo. Eu esperava que ele

fosse falar mais alguma coisa, mas ele se deitou, olhando para as estrelas. Comecei a rir, percebendo que aquilo era tudo que ele tinha a dizer, e aos poucos, todos nós estávamos rindo novamente, inclusive o Luke.

Eu tinha uma estranha sensação de que meu corpo estava flutuando, não só por causa do barco. Minha visão estava turva, e assim que me levantei, o mundo girou por poucos segundos e então se acertou novamente, mas não por inteiro.

— Vamos ver quem ri primeiro? — Perguntei ao James, por mais que eu já estivesse sentindo vontade de rir mesmo antes de começar o jogo.

Ele concordou com a cabeça, apesar de sempre ter falado que esse jogo era muito infantil, ele já tinha parado de beber há um tempo, mas talvez ainda estivesse sob o efeito do álcool.

Eu o encarei, olhando para seus olhos verdes que não

piscavam nem um segundo. Os cabelos pretos, tão curtos que nem o vento conseguia bagunçá-los, olhei para os fios do cabelo dele, a maioria muito alinhados, alguns poucos brigando por espaço, um por cima do outro. E eu não sabia o porquê, mas uma imensa vontade de rir surgiu dentro de mim.

Ele olhava nos meus olhos, e apesar de eu estar me segurando muito para não rir, ele continuava sério. Ele iria vencer com muita facilidade. Até que um pensamento estranho me atingiu, enquanto olhava nos olhos dele, percebi que estava me olhando de uma forma diferente, como nunca tinha me olhado.

James então se aproximou ainda mais de mim e selou seus lábios nos meus, tudo aconteceu muito rápido. Por poucos segundos, retribuí o beijo, mas o empurrei logo depois.

— Isso não tá certo. — Olhei para ele, sem acreditar no que tinha acontecido.

— Desculpa. — Ele disse. — Isso foi um erro.

— Não pode se repetir. — Afirmar.

Ele era meu melhor amigo e não ia passar disso, eu tinha crescido com ele e não conseguia vê-lo de outra forma. Eu só esperava que ele estivesse falando a verdade e que realmente achasse que aquilo tinha sido um erro.

— Já! — Luke falou alto, do outro lado do barco, onde ele estava com Mitt e Victoria.

Quando olhei para eles, os dois seguravam as garrafas, cada um bebendo uma, eles as viravam e bebiam como se fosse água, terminaram as bebidas quase na mesma hora. Victoria largou a dela no chão, quebrando-a no deck, Mitt segurava a dele como se fosse algum tipo de prêmio, acima da cabeça.

— E Mitt Clearwater é o grande vencedor!

Luke falava um pouco embolado enquanto comemorava

com o Mitt, Victoria se juntava aos dois e comemorava também, mesmo tendo perdido. Eu estava prestes a me juntar à comemoração também, comecei a caminhar na direção deles, mas o mundo girou novamente e acabei caindo.

— Ei! Meu prêmio! — James pegou a garrafa da mão de um Mitt que lutava contra ele para ficar com seu prêmio, mas que acabou entregando-o rapidamente.

Eu ainda estava caída no chão quando o James me levantou, ele colocou minha mão sobre o seu ombro e sua mão na minha cintura, enquanto caminhávamos para dentro da cabine do barco. O mundo ainda não tinha parado de girar.

— Por que está tudo girando? — Eu tinha certeza que minha voz estava completamente embolada quando perguntei aquilo.

Não houve resposta, fechei os olhos enquanto

descíamos as escadas, eu estava começando a ficar muito enjoada e o balanço do barco não ajudava em nada, minha boca estava com um gosto ruim e eu não conseguia me livrar daquilo.

— Vou vomitar. — Falei me esforçando para não vomitar ali mesmo.

Estávamos prestes a entrar no quarto quando ele me ouviu e rapidamente mudamos de direção para o banheiro. Por sorte, estávamos perto o suficiente na hora certa. Levantei a tampa da privada, era a primeira vez que eu usava uma de verdade, mas eu a reconhecia, pois tínhamos uma improvisada que meu pai tinha construído na montanha.

Vomitei quase todo o álcool que tinha ingerido nas últimas horas. Senti alguém segurando meu cabelo. Olhei para cima ainda me sentindo um pouco enjoada, era Victoria que estava ali me ajudando.

— Ele me chamou. — Ela provavelmente se referia ao James.

Vomitei mais uma vez, antes de conseguir falar qualquer coisa. Eu não sabia porque, mas eu me sentia muito melhor agora, depois de ter vomitado. O mundo tinha parado de girar e eu estava sentada do lado da privada.

— Está se sentindo melhor? — Victoria perguntou, com a voz um pouco embolada.

Apenas confirmei com a cabeça.

— Bebe um pouco de água.

Ela me deu uma garrafa e bebi dois goles, queria poder beber água como bebi aquele álcool hoje, mas não tínhamos esse luxo.

— Você bebeu água? — Finalmente consegui falar alguma coisa, minha voz não estava mais tão embolada.

— Sim, já bebi. — Ela sorriu.

Victoria não parecia nem um pouco tímida essa noite, não depois do álcool. Me perguntei se aquele seria um dos efeitos.

— Vocês foram muito bons comigo. — Ela quebrou o silêncio. — Nunca vou conseguir agradecer.

— Não precisa agradecer.

— Só espero que a gente consiga encontrar meu irmão... E sua amiga.

— Eu também.

— Como ela é? Não tive tempo de conhecê-la.

— A Liz? — Eu não sabia se queria falar sobre ela agora, talvez as lembranças se tornassem ainda mais reais. O fato de que ela não estava conosco, tudo que teríamos que fazer para tê-la de volta, e a possibilidade de não

conseguirmos fazer nada, tremi com aquele último pensamento. — Ela é uma pessoa incrível, é como uma irmã para mim... Todo mundo gosta muito dela, ela é doce, gentil, e faz de tudo para que todos à sua volta fiquem bem. — Meus olhos se enchiam de lágrimas enquanto eu falava dela, pisquei várias vezes. Não deixei que as lágrimas caíssem.

— Ela parecia ser uma pessoa boa mesmo... Pude perceber isso.

— E o seu irmão? Como ele é?

— Ele é totalmente diferente de mim. — Ela riu, mas seus olhos castanhos estavam tristes. — Ele é muito mais sociável, eu sou mais tímida, todos gostam dele também. Ele gosta de falar muito, e isso costumava me irritar... Mas sinto falta da voz dele. — Ela deixa uma lágrima cair.

— Nós vamos encontrá-los, tenho certeza.

Eu tentava ser otimista, mas nem eu acreditava completamente nas minhas próprias palavras. Não tinha mais certeza de nada, nunca tive. Apesar disso, eu tinha esperança de encontrá-los, e não iria desistir com facilidade. Nem que eu tivesse que arriscar a minha vida para isso.

— Espero que você esteja certa. — Ela respondeu, depois de um tempo.

Eu também.

Pensei, mas não tive coragem de falar. Não queria passar mais insegurança para ela, queria que ela tivesse esperança de que tudo iria dar certo. E talvez um dia, seria ela quem iria fazer com que eu me convencesse disso.

— Que cheiro é esse? — Ouvi Vanessa falando alto.

Levantei, indo até a porta do quarto que ela estava dormindo para entender o que estava acontecendo, Mitt

estava deitado em cima dela, devia tê-la acordado.

— A gente estava bebendo. — A voz do Mitt saiu abafada, pois ele mantinha o rosto enfiado em um travesseiro.

— Você está brincando que você me acordou né? — Vanessa estava muito irritada. — Por favor, fala que você está brincando!

— Estou brincando. — Mitt riu, sem se importar muito com a irritação dela.

— Ah! — Ela urrou, enquanto James tentava arrancar o Mitt de cima da cama. — Como você consegue ser tão idiota?

— Eu não estou fazendo nada demais. — Ele parecia calmo, mesmo depois de ter acordado o dragão. — Por que você é sempre tão estressada?

— Você me acordou! — Vanessa praticamente gritava.

— Você me estressa! Por isso que eu sou estressada!

— Eu não te acordei, você já estava acordada! — Mitt parecia começar a se estressar agora, enquanto James o puxava para fora.

— Eu estava dormindo! — Vanessa ficava vermelha de raiva. — Seu idiota!

E lá estavam eles, brigando novamente. Vanessa parecia estar voltando a si, e eu não sabia se gostava disso. Apesar de que, dessa vez, ela parecia estar com a razão. Mas ela tinha começado a agir um pouco diferente depois do incidente com as cobras, e eu gostava daquela Vanessa, apesar da infelicidade que tinha acontecido para ela ter agido assim.

De qualquer forma, ela parecia estar se sentindo melhor agora, seu corpo tinha voltado a sua cor original: branca, mas nem um pouco pálida.

— Eu quero dormir lá! — O Mitt reclamava enquanto

o James o afastava para fora do quarto.

— Sinto muito, meu amigo. — James falou, fechando a porta do quarto.

Indiretamente decidido, nós tínhamos ficado com esse quarto e os garotos tinham ficado com o outro. Eu não me importava, estava exausta. Apenas me deitei ao lado de Vanessa, praticamente me jogando na cama, mas tomando cuidado com ela.

Eu ouvi as duas conversando por alguns minutos antes do sono me levar. Victoria estava preocupada com a saúde de Vanessa e fazia algumas perguntas, e aos poucos Vanessa perdia a raiva e dava lugar àquela Vanessa que eu havia gostado mais. Eu podia ouvir alguns risos, e uma conversa descontraída, mas deixei de prestar atenção rapidamente para que o sono me levasse. Estava muito cansada e ainda me sentia um pouco enjoada. Nunca tinha dormido tão rápido.

Abri os olhos devagar, sentindo uma dor de cabeça horrível, que fez com que eu os fechasse novamente. Enfie a cabeça no travesseiro, esperando que o mundo parasse de girar por completo, antes de eu pudesse abrir os olhos pela segunda vez. Tirei a cabeça do travesseiro, olhando em volta. Vanessa ainda dormia, mas Victoria não estava mais ali.

Levantei da cama aos poucos, a dor de cabeça agora era apenas um incomodo, não doía tanto. Eu ainda conseguia sentir o gosto do álcool na minha garganta. Era muito ruim.

O dia anterior passou rapidamente pela minha cabeça. Eu conseguia me lembrar de certos momentos, mas alguns deles estavam meio confusos. Lembrei-me do beijo, tinha sido meu primeiro beijo. E não que eu tinha me arrependido, mas eu não sentia nada pelo James, ele era apenas um amigo, melhor amigo. Tínhamos que esclarecer

isso logo.

— Bom dia. — James descia as escadas, indo direto para o quarto dos garotos depois de falar comigo.

— Bom dia. — Falei rápido, antes que ele sumisse dentro do quarto dele. — James, espera. — Eu precisava aproveitar que estávamos sozinhos para falar alguma coisa, era a oportunidade perfeita.

Ele parou no assoalho da porta.

— Sobre ontem. — Eu não sabia um jeito mais fácil de falar aquilo. — Aquilo que aconteceu...

— Não era para ter acontecido. — Ele completou as minhas palavras. — Somos amigos. Só isso.

— Ótimo. — Sorri aliviada, observando-o entrar no quarto.

Tinha sido muito mais fácil do que eu pensava.

Comecei a subir a escada, recebendo o sol forte na cabeça ao chegar ao deck. Mitt e Luke conversavam na frente do barco, e pareciam estar comendo algumas frutas que estavam na mochila do Luke.

— Como está o estoque? — Perguntei, assim que me aproximei dos dois.

— Não muito bom. — Luke respondeu, olhando para sua mochila.

— Não temos comida suficiente para chegar até as ilhas?

— Mal temos comida suficiente para terminar o dia hoje. — Mitt respondeu minha pergunta.

— Como assim? — Fiquei surpresa com a resposta.

Ontem mesmo eu tinha me sentido tão próxima de chegar ao nosso objetivo. Mas eu deveria saber, os problemas não pararam de aparecer em nenhum ponto da

nossa trajetória. Por que agora seria diferente? Voltei a me sentir distante das ilhas. A incerteza de que poderíamos não conseguir chegar lá me atingiu novamente, não fazia ideia de como faríamos para sobreviver mais dois dias sem comida, e praticamente sem água.

— São dois dias. — Mitt começou, seu tom de voz era bem diferente de ontem, ele estava mais sério. — Acho que vamos conseguir.

— Dois dias sem comer nada. — Luke parecia irritado. — É impossível.

— Para variar... Não temos escolha. — Dei de ombros, apesar de sentir raiva, porque os problemas não nos deixavam em paz.

— Lembra aquela vez que ficamos quase dois dias sem comida no buraco? — Mitt falou, e eu nem sabia porque ele ainda tentava.

— Sim. — Eu e o Luke respondemos, quase na mesma

hora, mas sem entusiasmo.

— Estamos vivos, não é?

Aquela tinha sido umas das piores experiências das nossas vidas. Eu ainda conseguia me lembrar da fome que tinha sentido e da fraqueza no corpo que não ia embora nunca. Mal conseguíamos ter forças para fazer atividades simples como conversar. Não gostava nem de me lembrar daqueles dias. E definitivamente, não queria ter que revivê-los.

— Aqueles dias sem comer foram horríveis! — Luke estava bastante irritado com a situação. — Você lembra como a gente ficou. Não tínhamos forças para nada. A Liz... — Ele deu uma pausa como se o nome dela fosse algo que doesse nele, e era. — Lembra que ela até desmaiou no final do segundo dia?

— É verdade... — Mitt falou. — Mesmo assim. Ainda acho que podemos conseguir. Estamos tão perto...

— E a Vanessa? — Perguntei preocupada. — Ela não está em condições de ficar sem comer, precisa se alimentar bem, como ela vai ficar?

— Ainda tem alguns pães aqui. — Mitt mostrou a mochila do Luke. — Eu posso guardar alguns pra ela, você tem razão... Mesmo que acabe a comida pra gente, ela não pode ficar sem comer.

Concordei, pegando um pedaço de pão da mochila. Meu estômago estava roncando, eu precisava aproveitar enquanto ainda podia comer, mordi o pão que já não estava tão macio assim, mas que ainda estava delicioso. Eu comia devagar, e sentia o pão se derretendo em minha boca.

— Vocês não estão vendo aquilo ali não? — James gritou do outro lado do barco. Ele apontava para o mar, tentando nos mostrar o que via.

Eu estava prestes a comer a última mordida, quando

ouvi o James falando, parei antes que chegasse a minha boca. Talvez a minha curiosidade fosse maior que a minha fome. Passei alguns segundos procurando o que James estava vendo, e então eu vi. Não sabia exatamente o que era, mas parecia uma ilha, ou uma cidade flutuante, definitivamente, era bastante artificial. E com certeza não era como o meu pai descrevera as Ilhas do Sul.



CAPÍTULO 22

— Ainda deveríamos estar longe das ilhas! — Victoria falou. — Será que calculamos algo errado? Já chegamos?

Terminei de comer, caminhando até a beirada do barco. O que quer que fosse aquilo, eu queria chegar mais perto para olhar. Era realmente muito bonito, tinha uma torre enorme bem no meio, e em volta, uma cidade com prédios e casas, como aquelas que existiam no passado. E que eu achava que tinham ficado no passado.

Até agora.

— Não acho que sejam as ilhas. — Falei, assim que pude ver com mais clareza.

— Que lugar é esse? — James estava com o mapa em mãos e lutava contra o vento para conseguir olhá-lo. — Não está no mapa!

— Eu não faço ideia. — Mitt estava boquiaberto.

— Parece uma cidade flutuante! — Podia ver os olhos castanhos de Victoria brilhando enquanto ela falava.

— É incrível. — Luke falou.

— Eu nunca tinha ouvido falar sobre esse lugar. — Comentei, ainda olhando para aquela cidade flutuante.

Parecia ter um anel preto por baixo da cidade, que fazia com que ficasse flutuando daquela forma. A cidade inteira ficava acima daquele anel, e por isso era mais alta do que o nível da água.

— Vamos até lá? — Victoria perguntou animada.

— Não acho que seja uma boa ideia. — Mitt falou, ele parecia estar procurando por alguém.

Olhei em volta, James tinha sumido, mas dessa vez, não me preocupei tanto. Estava tudo bem, ele reapareceu no deck com a Vanessa nos braços pouco depois. Os olhos dela brilharam quando ela viu o motivo para o James ter ido buscá-la.

— Vamos até lá! — Ela falou empolgada, mas tinha algo estranho em sua voz.

Pela primeira vez depois do que tinha acontecido, ela parecia realmente empolgada com alguma coisa. Mas eu não sabia se era uma boa ideia, apesar de não querer decepcionar a Vanessa, eu achava que deveríamos nos desviar daquele lugar e seguir viagem, sem mais problemas.

— Não sei se é uma boa ideia. — Mitt a decepcionou,

antes que eu tivesse a chance de falar.

— Tem algo estranho sobre esse lugar. — Completei.
— Por que não estaria no mapa?

— Talvez o seu pai nunca o tenha encontrado para mapear. — Vanessa falou com a voz meio fraca. James a tinha colocado sentada em cima da cabine interna. Ele estava sentado ao lado dela.

— E se não forem boas pessoas? — Mitt perguntou.

— Eu acho muito arriscado. — Comentei.

— Não tem como serem piores que o povo do deserto.
— Luke falou e então olhou para Vic, meio sem graça. — Sem ofensas.

— Não me importo. — Ela riu.

— Acho que devíamos nos aproximar... — Vanessa ainda insistia, ela não desistiria fácil. — E decidimos

depois que estivermos mais próximos.

Acabamos concordando, não era má ideia. Se algo de errado acontecesse, ou víssemos que seria perigoso, podíamos simplesmente sair de lá rápido, mudando o curso do barco.

Começamos a mover as velas, de acordo com o que Mitt falava para nós fazermos, para que conseguíssemos direcionar o veleiro para aquela cidade flutuante. Alguns deles pareciam estar pegando o jeito daquilo, mas eu não entendia muito bem o que estava fazendo.

— Lexi! Você tem que deixar a vela a quarenta e cinco graus. — Mitt começava a se irritar comigo. — Assim! — E então tentava me mostrar, fazendo todo o trabalho por mim, o que era ótimo.

— Mitt, eu não faço ideia de como fazer isso. — Larguei a vela, para que o Mitt conseguisse movê-la com mais facilidade.

— É muito simples. Precisamos aproveitar que o vento está atingindo a lateral do barco, porque assim colocando a vela a quarenta e cinco graus do vento, conseguimos vencer a resistência hidrodinâmica que é aplicada ao casco e...

— Que?! — Eu tinha entendido a parte do “é muito simples” e só.

— Esquece, já coloquei para você. — Ele deu de ombros, indo até o Luke que também parecia estar com problemas.

Balancei a cabeça, ainda me sentindo um pouco confusa, mas me arrependi instantaneamente. Senti uma pontada, a dor de cabeça ainda se fazia presente.

— Eu nunca o vi tão interessado em ajudar. — Vanessa comentou sobre o Mitt, assim que me aproximei dela, sentando ao seu lado em cima da cabine.

— Eu não sabia que ele era tão inteligente.

— Ele é inteligente, só não se esforça para na... Quase nada. — Ela revirou os olhos, mas pude ver o esboço de um sorriso no rosto dela.

Eles sempre costumavam brigar, pois Vanessa achava que o Mitt não fazia nada e que era muito preguiçoso. Talvez ela estivesse orgulhosa por ele finalmente estar ajudando de verdade. Aquela era a primeira vez que eu a via elogiando-o, ou quase isso.

— Como é que está a sua febre? — Perguntei para a Vanessa, preocupada. Ela parecia meio aérea enquanto conversávamos e eu a conhecia bem o suficiente para saber que podia ter algo errado. Além do mais, ela tinha estado com febre desde o acidente e sua temperatura estava oscilando bastante. — Você está melhor?

— Acho que estou sim. — Ela respondeu, mas quando testei sua temperatura, colocando a mão em seu pescoço, percebi que ela não falava a verdade.

— Você está pelando de febre. — Tentei não demonstrar tanto minha preocupação, mas era inevitável.

— Vai ficar tudo bem. — Vanessa tentou ser positiva, mas eu a conhecia melhor que isso, estava sendo mais positiva nesses dias depois do acidente, mas tinha algo estranho.

— Me deixa ver sua perna. — Pedi, tirando os curativos improvisados da perna dela. — Vanessa!

A perna dela estava roxa e não tinha cicatrizado tão bem como esperávamos, parecia ter uma infecção, mas eu não tinha certeza sobre isso, e também não saberia o que fazer se fosse. Eu não queria pensar no pior, então evitei todo tipo de pensamentos ruins.

— Está tudo bem. — A voz dela foi quase inaudível.

— Por que você não falou nada? — Não pude deixar de perguntar. — Você sabia que não estava bem...

— Você não saberiam o que fazer. — Eu recolocava o curativo improvisado dela enquanto ela falava. — Eu não sei se vou sobreviver, não tem nada que ninguém possa fazer. Lexi, sua mãe era médica, lembra aqueles livros que seu pai te deu? Eu li alguns deles, entendo o suficiente sobre infecções para saber que elas precisam ser tratadas, e se não forem...

— Nem fale isso. — Alerttei, eu não podia deixá-la desistir, iríamos dar um jeito. — A gente vai pensar em alguma solução, você não pode desistir assim.

— Dessa vez, não acho que está em nossas mãos, não tem nada que possamos fazer para mudar isso, quanto antes você aceitar, mais fácil vai ser. — Eu não estava acreditando que aquelas palavras realmente saíam da boca dela.

— Não! Não, não e não! Não vou aceitar coisa nenhuma. — Franzi o cenho. — Você vai ficar bem e ponto final.

Tudo que ela fez foi confirmar com a cabeça, não discutiu, mas eu sabia que ela ainda acreditava no que estava dizendo. Comecei a me perguntar se aquela tinha sido a razão para ela ter mudado tanto. Talvez por isso eu estivesse vendo um novo lado da Vanessa, que ela não costumava mostrar normalmente. Ela era tão mandona e estressada antes, e agora eu mal a reconhecia. Eu não podia deixar de questionar sua mudança de personalidade repentina. Ela acreditava que poderia não sair dessa, mas eu ia fazer de tudo para ajudá-la.

— Eles estão nos chamando!

Ouvi a voz da Victoria e olhei para a cidade flutuante, tentando entender o porquê de ela ter falado aquilo. Então, vi algumas pessoas andando pelas ruas, e umas duas olhavam diretamente para nós. Eles sorriam e acenavam para o nosso barco, fazendo gestos para que fôssemos até eles.

De repente uma luz surgiu em minha mente. Eu não

tinha a solução para curar a Vanessa, mas eu estava muito próxima de pessoas que poderiam ter. Não era certeza que aquela cidade flutuante teria as respostas e seria muito arriscado. Porém, eu não podia simplesmente desistir, tinha que tentar alguma coisa e não tinha muito tempo para isso.

— Vamos lá! — Falei finalmente. Mitt era o único que não estava querendo ir antes, mas agora parecia estar mudando de ideia.

Eles pareciam estar vivendo em paz ali, naquela pequena cidade no meio do mar. Será que era por isso que não estavam no mapa? Viver escondidos poderia ser o motivo para eles terem essa paz. Ninguém sabia sobre eles, então ninguém os prejudicava. *Eles não atraíam problemas*, era isso. Não estávamos no mapa a poucos dias atrás. Ninguém sabia sobre nós, pois passamos nossa vida escondidos no buraco. Mas assim que saímos e entramos no mapa, viramos um ímã para problemas. Talvez essa era a causa, e por um instante, desejei nunca

ter saído do buraco.

— Precisamos ancorar o barco e pegar o menor. — Mitt pegava uma âncora, que parecia pesada por causa do esforço que ele fazia para levantá-la, e a jogava no mar.

— Tem uma abertura no anel! Olha ali. — Luke apontou para o anel preto gigante que ficava em volta da cidade.

Aquele anel devia ter mais de um metro de altura, podia ver o quanto era alto agora que estávamos mais próximos.

— É por lá que vamos entrar. — Falei, e agora que tínhamos visto as pessoas, eu tinha quase certeza de que seria uma boa ideia entrar lá.

— Espera aí. — Mitt parou por alguns segundos. — Eu tenho quase certeza de que aquela abertura não estava ali antes.

— Como assim? — James riu. — Está dizendo que o anel se abriu do nada?

— Eu não sei... Mas sei que quando olhei, o anel estava todo fechado. — Mitt respondeu.

— Talvez eles tenham aberto para nós. — Respondi.

— Eles parecem pessoas boas. Olha ali, estão sorrindo e nos chamando. — Luke acenava para as pessoas que olhavam para nós.

— Vamos dar uma chance, qual o pior que pode acontecer? — Vanessa perguntou. Ela continuava insistindo e talvez ela estivesse com a mesma ideia que eu: eles poderiam curá-la. Era a última esperança dela.

— É verdade. Qual o pior que pode acontecer? — Perguntei, em um momento raro em que concordava com Vanessa de primeira.

— Ah... Não sei. Morte? Tortura?

— Mitt, cala a boca, nada disso vai acontecer. — James agora parecia irritado. — Eles estão sorrindo, parecem felizes, vai ficar tudo bem.

Mitt deu de ombros, começando a andar na direção do pequeno barco a remo, que estava amarrado ao barco maior. Então, o seguimos, apesar de que ele ainda não estava muito feliz em entrar na cidade flutuante. Eu não entendia o motivo de tanta desconfiança, Mitt não era assim. Mas talvez, depois de tudo que ele tinha passado, não podia dizer que aquilo era uma desconfiança e sim uma precaução. Estava cansado de problemas, todos estávamos.

Depois de passar por dentro da abertura do anel, remamos por um pequeno túnel e chegamos até uma porta grande de vidro, com uns três metros de areia à frente. Cravamos o barco na areia, para que não o perdêssemos.

— Vamos deixar o barco aqui mesmo. — Mitt falou enquanto carregava a Vanessa, tirando-a do barco, ela parecia mais fraca agora.

Caminhei até a porta, buscando por algum botão que a abrisse. Mas não era preciso, assim que me aproximei, a porta se abriu instantaneamente. Dei um passo para trás, assustada, a porta voltou a se fechar.

— Nossa! — Luke se aproximou da porta e o mesmo aconteceu, a porta se abriu pra ele. — Que legal!

Então ele se afastou, e a porta se fechou. Ele fez isso mais três vezes, abrindo e fechando a porta, como se aquilo fosse a coisa mais legal do mundo.

— Já chega. — James falou, rindo um pouco da reação do Luke.

Assim que entramos no local, meu queixo caiu, tive que me concentrar para fechar a boca e não parecer uma idiota. Aquele lugar era incrível. Um salão imenso, todo

branco, e o chão parecia ser de vidro, quase transparente, ao redor do salão, havia esculturas dos mais variados tamanhos, nas paredes, pinturas muito bonitas. Algo me chamou atenção, bem no centro do salão, eu podia ver uma mesa, com um homem sentado atrás dela. A pele dele era muito escura, eu nunca tinha visto aquele tom de pele antes na vida real, só em fotos que meu pai me mostrava, os olhos eram azuis, um azul não tão vivo quanto os olhos do Mitt, mas era quase hipnotizante.

— Sejam bem vindos a plataforma.

Ele estava usando uma roupa cinza, calça cinza e camisa de mangas compridas cinza. Não vi os sapatos, pois estavam enfiados embaixo da mesa.

— Não vão falar nada? — Ele perguntou.

Nós estávamos sem reação, estáticos. Eu não conseguia parar de encarar aquele homem.

— Que lugar é esse? — James perguntou finalmente.

— Este aqui é o salão de entrada, também conhecido como salão das relíquias. Sou o recepcionista. — Ele sorriu e seus dentes eram incrivelmente brancos. — É aqui que recebo as pessoas e as apresento à plataforma.

— Salão das relíquias?

— Estas pinturas e esculturas são relíquias do mundo antigo, encontradas em museus famosos e restauradas, para parecerem novas.

O recepcionista então abriu os olhos como se tomasse um susto. Seus olhos me atravessavam e encaravam alguém atrás de mim, Vanessa.

— O que aconteceu com você? — Ele se levantou, indo até ela.

— Longa história. — Ela respondeu, sua voz entregava que ela estava com frio, a febre tinha piorado.

O homem negro deu dois toques no seu antebraço e

uma tela apareceu. Tive que piscar duas vezes para ver se aquilo era real. Será que eu ainda estava sonhando depois das bebidas de ontem? Balancei a cabeça, tinha uma tela no seu braço, parecia um holograma, ele deu alguns toques e então começou a falar, mas não tinha ninguém ali.

— Preciso da equipe médica aqui. — Ele falou, e então balançou a cabeça como se alguém o respondesse. — Certo, estou no aguardo.

— Você não estava falando sozinho, estava? — Luke parecia muito confuso.

— Não. — O recepcionista riu.

— Então... O que... — Luke estava mais confuso ainda.

— Isso aqui é um emissor. — Ele nos mostrou, atrás do seu ouvido, um fino acessório azul claro. — Eu estava chamando a equipe médica, eles vão cuidar de você.

Eu nunca tinha visto nada parecido, respirei aliviada

quando ele nos explicou. Eles realmente iam cuidar da Vanessa. Ela estava nas mãos certas, ia ficar bem.

— Obrigada. — Vanessa agradeceu.

— Vai levá-la para onde? — James perguntou preocupado.

— Podemos ir com ela? — Eu também compartilhava da preocupação do James. Afinal, apesar de tudo parecer tranquilo, ainda não podíamos confiar totalmente.

— Temo que não. — O homem respondeu, mas não parecia triste por isso. — E não se preocupem, ela vai ficar bem.

— Eu não sei não... — Mitt reclamou.

— Vai dar tudo certo. — O homem falou. Mas aquela frase já havia sido dita muitas vezes, eu já não sabia se acreditava mais. Não poderia deixar de me preocupar.

— Chamaram? — Dois homens passaram por uma porta no final do salão. Eles estavam vestidos de branco e empurravam uma cama na frente deles.

Abrimos espaço para que eles vissem a Vanessa, que estava sendo carregada pelo Mitt.

— Não acho uma boa ideia. — Mitt continuava insistindo.

— Podemos dar uma perna nova para ela. — Um dos homens falou. — Não vai ser a mesma coisa. Mas ela poderá voltar a andar.

— Eu aceito. — Vanessa falou e o Mitt não teve mais como se opor. Era da vontade dela, então todos concordamos em deixá-la ir. E ela precisava mesmo dos cuidados médicos.

— Estamos te esperando, viu? — Falei para Vanessa antes de ela sumir com os dois homens pela porta.

— Então, vamos em frente? — O recepcionista perguntou, começando a caminhar na direção da porta antes que houvesse uma resposta.

Ele era muito maior que o James, devia ter quase dois metros. Eu estava errada sobre a espessura do anel, era maior do que eu pensava.

— Vamos agora até os banheiros, vocês estão impregnados com sujeira. Há quanto tempo não tomam um banho? — Ele falava enquanto passávamos por um corredor muito bem iluminado.

— Banho de mar conta? — Luke falou baixinho, nós rimos. O recepcionista continuou sério.

Fazia precisamente quatorze dias que não tomávamos um banho. Exceto pelos banhos de cachoeira e de mar, que até ajudavam um pouco. Eu não tinha parado para pensar nisso, fazia quase duas semanas que saímos do buraco, parecia uma eternidade.

— Aqui, algumas roupas para vocês vestirem. — O homem entrou em um quarto ao lado e voltou, trazendo roupas. Mais roupas cinza. — Estarei esperando aqui fora. — Ele bateu a porta do banheiro depois de sair.

O banheiro era imenso, mil vezes maior do que o pequeno banheiro do nosso barco roubado. Tinha várias cabines fechadas, provavelmente com chuveiros dentro. Nunca tínhamos usado um chuveiro de verdade, seria a primeira vez. Entrei na primeira cabine, estirando a toalha por cima da parede e fechando a porta. Apertei um botão na minha frente, o único que tinha, a água começou a descer com uma temperatura perfeita, nem muito fria nem muito quente. Entrei debaixo do chuveiro, esperando que ele lavasse não só o meu corpo, mas também os meus problemas, infelizmente, o segundo não ia acontecer.

Ouvimos alguém batendo na porta do banheiro quando já estávamos nos vestindo.

— Já vamos! — Falei.

A água tinha terminado antes que eu pudesse terminar o banho, por sorte, tinha conseguido tirar o sabonete antes. Eu não sabia se ficava irritada pela água simplesmente ter parado de cair ou feliz, por finalmente ter conseguido tomar um bom banho.

— Essas roupas são estranhas. — Mitt comentou por meio de um sussurro, para que o homem atrás da porta não o escutasse. — São diferentes daquelas que vimos nas pessoas da cidade. E por que não fomos para cidade ainda?

— Mitt, relaxa. Por que você está tão desconfiado de tudo? — Perguntei.

— Eu não sei, só estou com um pressentimento ruim sobre esse lugar.

— Esquece isso, eles são pessoas boas, estão nos recebendo bem. — Victoria falou.

— Espero que a comida aqui seja boa. — Luke mudou

de assunto. — Mal posso esperar para comer.

— Vamos logo. — James falou, caminhando até a porta e abrindo-a manualmente.

O recepcionista estava bem de frente para nós.

— Vamos para a checagem. — Ele falou.

Eu e James nos entreolhamos, aquela palavra, por alguma razão, provocou um arrepio na minha nuca. E James também pareceu ter sido atingido pela palavra, pois quando me olhou, estava um pouco confuso.

Nós continuamos caminhando pelo corredor. Algumas portas passavam por nós e eu me perguntava o que estaria por trás delas. Não conseguia evitar a curiosidade, todas as portas pareciam estar trancadas. Desejei que fossem como a da entrada, e que se abrissem apenas com a nossa aproximação, assim poderia olhar por dentro delas.

— Entrem nessa sala. — O homem negro colocou sua

mão direita na parede, e então a porta se abriu, deslizando para a esquerda. — A doutora Gwin estará esperando por vocês.

Fiquei parada por um instante, todos ficamos. Eu não sabia se deveria escutá-lo e entrar naquela sala, ou simplesmente atacá-lo e sair correndo. A segunda opção era atrativa, considerando que eu não fazia ideia do que fariam comigo ali dentro.

— O que exatamente vão fazer com a gente? — Mitt perguntou, eu o agradei com um olhar.

— São alguns testes de rotina, nada demais. — O homem sorriu e então se virou, voltando pelo caminho que tínhamos vindo. Sumindo no enorme corredor, a porta ficou aberta.

— Ele foi embora assim? — Perguntei. — E se a gente não quiser fazer esses testes?

— Eu não quero fazer. — Luke retrucou.

— Também não. — Victoria falou timidamente.

— E se não for nada demais mesmo? — James falou.

— Essa pode ser a nossa chance de ter uma vida tranquila, talvez tenhamos que fazer isso para subir para a cidade e viver como aquelas pessoas.

— Não sei... — Pensei no motivo inicial para eu ter concordado em vir para cá, precisava conseguir ajuda para a Vanessa, mas eu não tinha a intenção de viver ali. Ainda precisávamos resgatar a Liz e o Tiago. — E a Liz? Temos que voltar pra buscá-la.

— É verdade... — James pareceu voltar a si, colocando os pés no chão novamente. — Mas poderíamos pedir ajuda aqui, do mesmo jeito que pediríamos quando chegássemos às Ilhas. Se forem boas pessoas, vão nos ajudar a resgatar eles.

— Ainda acho que devíamos fugir agora. — Mitt lutava para nos convencer. Normalmente ele não era tão

insistente, aquilo me deixava preocupada. — E se for tudo encenação? E se eles não forem pessoas boas de verdade?

— Tudo bem, vamos embora. — Luke apoiou a ideia.
— Não quero fazer nenhum teste mesmo.

— Mas e a Vanessa? — Victoria perguntou. Eu também estava pensando nela.

— Pensaremos em uma forma de resgatá-la. Não vamos sair sem ela. — Mitt respondeu. *Como se fosse fácil.*

— Ela precisa de um tempo pra melhorar. — Conteí, por mais que ela não quisesse que ninguém ficasse sabendo, era por isso que eu estava ali, e eles mereciam saber da verdade. — Ela está com uma infecção na perna, precisa ser tratada.

Eles me olharam, assustados com a notícia.

— Por que você não falou nada antes? — Mitt

perguntou.

— Achei que a Vanessa não queria que ficassem sabendo, mas é justo que vocês saibam o motivo real para eu ter aceitado vir para cá. — Eles compreenderam o que falei, conheciam a Vanessa tão bem quanto eu.

— Então, acho que não deveríamos tomar nenhuma decisão ainda. — James disse. Eu acabei concordando, tínhamos que esperar a Vanessa ficar melhor. — Vamos esperar...

— Olá, crianças, sou a doutora Gwin.

James foi interrompido por uma mulher sorridente, toda vestida de branco e com os cabelos pretos presos em um coque. Ela nos convidava para entrar na sala, mas alguma coisa sobre aquela mulher fazia com que eu quisesse fugir. Até o sorriso dela me dava arrepios. Nós a seguimos, mas eu sentia que tinha alguma coisa de errado com aquela mulher.



CAPÍTULO 23

— O que vai fazer com a gente? — Perguntei, na defensiva.

— Nada demais. — Ela sorriu novamente, um arrepio subiu pela espinha. — Só alguns testes rotineiros.

Entramos em uma sala que tinha algumas cadeiras espalhadas em uma organização que não fazia muito sentido. Algumas de frente para outras, algumas de costas. Pareciam cadeiras muito confortáveis.

— Preciso que vocês passem os seus nomes e alguns dados para ela. — Ela falou, abrindo uma porta e sumindo de vista.

Procurei por outra pessoa e não encontrei, parecia que estávamos sozinhos ali.

— Venham aqui, crianças. — Uma voz meio arranhada saiu de trás de uma mesa.

Nós nos aproximamos devagar, a voz chamou novamente. Engoli em seco.

— Preciso que vocês me digam seus nomes.

Era uma senhora, curvada por trás da mesa, agora podíamos vê-la, ela não parecia tão má. Tinha cabelos encaracolados, presos em um rabo de cavalo muito bagunçado. E o mais legal, seus cachos eram totalmente brancos, eu nunca tinha visto um cabelo assim.

— Vocês sabem falar? — Ela repetiu, ficando um

pouco irritada. — Me digam seus nomes.

— Lexi. — Falei com um impulso.

— Só Lexi?

— Lexi... Trusckot. — Já fazia tanto tempo que não falava o meu nome completo. De certa forma, aquele nome tinha um peso, principalmente depois da morte do meu pai.

— Data de nascimento? — Ela já estava muito impaciente.

— Dia vinte e dois de abril, dois mil trezentos e sessenta e um. — Falei rápido dessa vez.

— Próximo. — A olhei por um instante, sem entender.

— James Peterson, quinze de maio de dois mil trezentos e sessenta e um. — James falou confiante.

E então, um por um, eles se apresentaram e deram os dias dos seus nascimentos. Mitt Clearwater, três de junho de dois mil trezentos e sessenta e dois; Luke Mulroy, seis de abril de dois mil trezentos e sessenta e cinco; Victoria Neustadt, oito de novembro de dois mil trezentos e sessenta e dois.

— Vejo que terminaram. — A doutora Gwin voltava depois de alguns minutos, com luvas brancas nas mãos, e empurrando a porta com os pés. — Venham comigo.

Olhei para Victoria por um instante antes de começar a andar, ela estava aterrorizada. Eu tinha percebido isso quando ela havia falado seu nome e até sua voz parecia estar tremida. Ela era tímida, mas eu sabia que aquilo não era por timidez, era por puro medo.

— Vai ficar tudo bem. — Sussurrei, enquanto passávamos pela porta, seguindo a doutora Gwin.

Era uma sala enorme, com umas dez camas, não tive

tempo e nem concentração para contar o número exato. Minha cabeça estava girando e tentando buscar ideias para sair dali, devíamos ter acreditado no Mitt desde o começo. Aquele lugar não era tão confiável quanto estávamos pensando.

— Escolham uma cama e se deitem. — A doutora falou e por um momento hesitei.

— E se a gente não quiser fazer isso? — Ouvi o James perguntar e respirei fundo, a voz dele era ríspida e impaciente.

A doutora abriu um sorriso ainda maior, caminhando na direção dele. Mas dessa vez, seu sorriso transmitia um pouco de impaciência. Eu me preparei para ter que ajudar o James. Fechei as mãos, com raiva, ela não podia nos obrigar a fazer aquilo.

— A gente não quer fazer exame nenhum. — Apoiei o James, falando também.

— Também acho. — Mitt sentou na cama, preparando-se para levantar.

— Vocês precisam se acalmar. — Ela riu como se tivéssemos contado alguma piada. — Não vai doer nada. Nós só queremos ajudar, são testes de rotina. Eu prometo. E depois daqui, vocês poderão subir para a superfície, para ter a vida que sempre sonharam.

Alguma coisa nela não me agradava, não conseguia me sentir convencida pelas palavras dela, por mais que ela falasse exatamente o que eu queria ouvir, será que era por isso?

— Bom... Vocês estão com sede? Podem beber esse suco aqui antes de começarmos. Vão ser poucos exames, nenhum deles dói.

Ela nos entregou um suco de cor roxa que parecia realmente delicioso. O cheiro era o mais perfeito que já havia sentido, não parecia vir de nenhuma fruta conhecida,

experimentei. Era muito gelado, mas não gelado demais a ponto de não conseguirmos sentir o gosto, era perfeito. A melhor coisa que já havia experimentado. Tinha um sabor doce e era como se fosse a mistura das melhores frutas que eu já havia comido.

— Agora preciso que vocês se deitem. — A voz da doutora, por alguma razão, parecia um pouco mais distante.

Eu me deitei, assim que acabei com o suco, pisquei os olhos várias vezes, e cada vez que piscava, sentia que os meus olhos abriam e fechavam mais lentamente. De repente, um sono imenso me atingiu e eu lutava para deixar os olhos abertos. Olhei para o James que estava na cama ao lado, ele já dormia. Não tive tempo para me desesperar. Fechei os olhos, sendo levada por aquele sono incontrolável.

“Eu estava na superfície da plataforma e olhava para o mar, acenando para um barco que passava. Eu me sentia plenamente feliz. Caminhando pela rua de asfalto, podia ver algumas crianças brincando, elas sorriam para mim enquanto eu passava. Eu estava indo a algum lugar, mas não sabia exatamente aonde. Bati na porta de uma das casas, era uma casa grande, a frente toda de vidro. Dei um passo para trás quando vi quem atendeu a porta. Ela usava um vestido florido, tinha os cabelos soltos e parecia mais velha. Era a Liz. Por um instante, fiquei muito confusa. Mas depois, chamei o nome dela, para que ela me visse, assim que percebeu que eu estava ali, suas feições mudaram. Eu olhei de volta para as crianças, percebendo que elas me encaravam, sequer piscavam os olhos, pareciam aterrorizadas. De repente, Liz começou a falar. Ela me mandava sair dali, ficava insistindo que eu tinha que fugir. E logo depois, algo muito estranho aconteceu: ela começou a gritar comigo, me mandava acordar.”

Pulei da cama, meu coração estava prestes a sair pela

boca. Eu podia sentir a minha pulsação acelerando, tudo girando por ter levantado rápido demais. Aquilo tinha sido só um sonho, mas parecera tão real. Algo me dizia que a Liz do meu sonho estava certa: nós tínhamos que sair dali *rápido*.

Olhei em volta do quarto, não fazia ideia de onde estava, mas sabia que não estava mais naquela mesma sala, era minha única certeza. Victoria dormia na cama ao meu lado, era um quarto pequeno, com duas camas beliche. Nós duas usávamos as camas de baixo, não tinha ninguém nas camas de cima.

— Victoria, acorda! — Balancei o braço dela, tentando fazê-la acordar. — Vic, acorda!

Ela abriu os olhos devagar, mas assim que me viu e se deu conta de onde estava, levantou com um susto.

— Que lugar é esse?

— Eu não sei, quando acordei já estávamos aqui. —

Respondi.

Procurei pelas nossas mochilas. Não conseguia me lembrar de onde as tínhamos deixado, mas uma onda de alívio me atingiu quando lembrei que havíamos deixado-as no veleiro.

— A gente tem que sair daqui. — Ela falou, parecia assustada. — Eles nos colocaram pra dormir e fizeram testes na gente! Tudo contra a nossa vontade!

— Eu sei, temos que fugir o quanto antes. — Respondi.

— E a Vanessa?

— Vamos dar um jeito de encontrá-la. Não vamos embora sem ela.

— Certo. — Victoria disse. — Vamos lá.

Ela levantou da cama, caminhando até a porta e eu fui atrás. Tínhamos que encontrar os meninos e então eles nos

ajudariam a encontrar Vanessa. Eu ainda não fazia ideia de como faríamos para encontrá-los, mas eu não ia desistir. Não tínhamos escutado Vanessa no deserto, e não escutamos o Mitt agora. Apesar de terem sido situações diferentes, e circunstâncias diferentes, eu não queria nem ver o que poderia acontecer dessa vez, só esperava que saíssemos daqui vivos.

Victoria colocou a mão na maçaneta da porta e a puxou, fazendo um pouco de força. Meus olhos se arregalaram assim que olhamos para o outro lado da porta, era o recepcionista. Parado na nossa frente com um sorriso de orelha a orelha.

— Prontas para o jantar? — Ele falou.

Engoli em seco, perdendo a capacidade de formar palavras, e apenas fiz que sim com a cabeça. Olhei para Victoria, ela tinha tido a mesma reação que eu, mas tentava disfarçar. Fiz um sinal para que ela começasse a andar, não teríamos escolha, mais uma vez.

— Hoje teremos frutos do mar. Estão fresquinhos, feitos para as boas vindas de vocês. — O recepcionista caminhava na nossa frente. — Não é todo dia que recebemos tanta gente!

— Que delícia! — Victoria falou, tentando parecer feliz com a notícia.

— Nunca comi. — Confessei, dando de ombros.

Eu não prestava mais atenção no que eles estavam falando. Assim que entramos na sala do refeitório, avistei os garotos sentados em uma mesa. Andei rápido na direção deles, James se levantou assim que cheguei e me deu um abraço forte, quase me levantando do chão.

— A gente tem que fugir. — Sussurrei no ouvido dele, aproveitando o abraço para ser mais discreta.

— Nós sabemos. — Ele respondeu com a voz abafada pelo meu ombro.

Depois de abraçar o Mitt e o Luke, eu me sentei à mesa, aliviada por estar com eles novamente. Apesar de terem sido poucas horas e eu estar dormindo na maioria delas, a sensação de não estar com eles era muito ruim. Aquele tempo era o máximo que já tínhamos ficado separados. E era por isso que eu não aguentava nem pensar na Liz, de tanta saudade que tinha, nós não conseguíamos viver separados, vivemos juntos durante a vida inteira.

— Vocês todos dormiram durante os exames? — Luke perguntou, arqueando as sobrancelhas.

— Sim... — Victoria respondeu. — E eu não faço ideia do que aconteceu naquela sala.

— Quem são esses homens parados nos cantos? — James perguntou e então vasculhei o ambiente, tentando entender sua pergunta.

Eu tinha estado tão distraída ao ver os meninos que

não percebi algumas coisas ao meu redor: a sala em que nós estávamos era enorme, apesar de estar muito vazia; tinham várias mesas redondas, mas apenas três delas estavam ocupadas, uma era a nossa, e as outras duas tinham menos da metade das cadeiras ocupadas; as pessoas sentadas ali pareciam confusas, talvez mais confusas do que nós, se é que isso fosse possível.

No centro da sala tinha uma grande mesa, cheia de comidas muito extravagantes. Era um jantar feito para muita gente, um banquete. Com certeza deveria ter sido feito para muito mais gente do que tinha naquele salão.

Mas o que realmente me chamava atenção, e que estava me dando arrepios, era o que o James tinha mencionado. Os homens vestidos de branco, parados nos cantos da sala. Eles estavam em duplas e não conversavam muito. Tudo que faziam era observar, principalmente, a *nossa* mesa.

— Eles estão olhando muito para cá. — Falei baixo.

— Melhor mudarmos de assunto.

— Eu falei desde o começo que não era para gente vir.

— Mitt falou quase sussurrando. — Tem alguma coisa muito estranha com esse lugar.

— Eu só vim por causa da Vanessa. — Comentei.

— Ela precisava disso. — Victoria completou.

— Então fizemos a coisa certa. — Mitt finalmente entendeu. — Precisávamos ter vindo, mas agora temos que ir embora.

— Os guardas estão nos encarando muito. — Victoria olhava para o prato vazio na frente dela, com medo de encará-los de volta. — Melhor falarmos de outra coisa.

— Será que eles estão armados? — Luke perguntou.

— Eu não acho que eles sejam guardas. — James estudava os homens, sem demonstrar medo. — Parecem

ser médicos, estão vestidos de branco!

— Silêncio! — Falei, tentando manter o tom de voz baixo.

— Eles podem ser guardas e se vestirem de branco. — Mitt disse. — Não tem nada a ver...

— Eu espero que sejam só médicos então. — Luke completou.

— Vocês estão com algum problema? — Ouvi uma voz atrás de mim, tremi de medo.

— Problema nenhum. — James respondeu e eu me virei na hora, era o recepcionista. Mas aquela não era a voz usual dele, ele parecia estar irritado e não se parecia nem um pouco com o homem sorridente que conhecemos hoje mais cedo.

— Vocês podem pegar os pratos que estão na frente de vocês e irem até aquela mesa se servir. — Ele apontou

para a mesa no centro do salão. — Peguem o que quiserem.

Levantei como se estivesse obedecendo a algum tipo de ordem. Com medo de que se não o fizesse, algo pior poderia acontecer. Eu não queria nem imaginar o que seria.

Quando peguei o prato nas mãos, lutei para não demonstrar que estava tremendo. Eu tinha a constante sensação de que estávamos em perigo e tinha uma vontade desesperada de sair dali o mais rápido possível.

Cheguei à mesa do banquete e apesar de todas as comidas parecerem deliciosas e meu estômago estar vazio, eu não sentia vontade de comer. Eu não conseguia confiar, meu estômago estava roncando, mas eu não queria ter que comer aquela comida. Não depois do suco que eles tinham nos dado. Se um copo de suco tinha nos feito dormir por horas, o que toda aquela comida faria?

— Pega qualquer coisa, Lexi. — James passou por mim, seu prato estava quase cheio. — Vamos ter que comer, eles não podem desconfiar. — Ele sussurrou essa última parte, em um tom quase inaudível.

— Certo. — Respondi.

Sentia meu corpo leve e minhas mãos ainda tremiam, mas dessa vez não era por causa do medo. Eu realmente teria que comer alguma coisa, estava prestes a desmaiar.

Na mesa, eu poderia dizer com quase certeza, tinha todos os tipos de frutos do mar que ainda existiam. Caranguejos, lagostas, ostras, e vários outros tipos que eu nem sequer sabia da existência. Depois de andar um pouco tentando decidir o que comer, acabei optando por um ensopado de camarão e algumas patas de caranguejo.

Fui a última a me sentar à mesa, quando sentei, eles já estavam devorando seus pratos como se fosse a melhor coisa que já comeram na vida, e devia ser mesmo.

Ninguém falava uma palavra, apenas tentávamos aproveitar a nossa primeira e última refeição ali. Afinal, independente do que acontecesse, não ficaríamos uma noite inteira naquele lugar, iríamos tentar fugir, e seria o quanto antes.



CAPÍTULO 24

Assim que terminamos o jantar, o recepcionista falou que tínhamos que voltar para os nossos quartos, pois já estava muito tarde e amanhã seria um longo dia. Não tivemos como conversar com os garotos por mais tempo, mas o James conseguiu me dizer mais ou menos onde era o quarto deles. Por sorte, estávamos no mesmo corredor.

— Isso é loucura! — Victoria falou assim que fechamos a porta do nosso quarto, depois de nos despedirmos do recepcionista.

— Mas temos que fugir mesmo assim! Não tem outro jeito.

— Eu sei. — Ela se sentou na cama. — Mas durante o jantar, eu estive pensando...

— Eu não consegui pensar em nada com aqueles guardas nos olhando.

— E se a gente estiver se precipitando? Talvez amanhã seja o dia que a gente sobe para a superfície. E sabemos que as pessoas que estão lá em cima são felizes, poderíamos ser uma delas.

— Nós não sabemos disso. — Rebatí. — Nós os vimos felizes antes de entrar aqui, mas não podemos ter certeza de que eles estão vivendo felizes lá em cima, pode ser tudo uma farsa.

— É verdade, mas não temos como saber. E se não for? E se eles forem pessoas boas?

— Vic, você mesmo falou que tínhamos que sair daqui ainda hoje. Por que agora está voltando atrás? — Perguntei.

— Eu sei. — Ela suspirou. — Eu só estava tentando não perder as esperanças, poderíamos estar errados sobre eles.

— Eu também queria que tivesse dado tudo certo. — Sentei na minha cama, jogando todo o meu peso de vez. — Eu queria que tivéssemos chegado aqui e que subíssemos para a superfície, queria que fosse tudo perfeito.

— Mas não é assim. — Ela falou com tristeza.

— Eu só espero que nas ilhas seja. — Apesar de saber que seria difícil, ainda tinha esperança. — Alguma coisa tem que dar certo para gente.

— Eu também acho. — Foi tudo que ela disse.

Nós esperamos duas horas antes de tentar sair do

quarto. Foram as duas horas mais longas da minha vida, uma mistura de medo e a ansiedade para fugir dali, nós não conseguimos deixar a inquietação de lado.

Tentávamos criar inúmeros planos e cada vez que achávamos uma falha em um deles, meu coração se apertava com a sensação de que aquela fuga não iria dar certo. Pensei no Alex, ele conseguiria nos tirar dali com seu primeiro plano, sentia muita falta dele, todos sentíamos. Ainda não conseguia acreditar que ele tinha morrido.

— Acho que está na hora. — Victoria falou assim que vimos a luz do corredor se apagar por debaixo da nossa porta.

— Certo. — Meu coração disparou instantaneamente.

— Vamos manter o último plano mesmo?

— Foi o melhor que tivemos. — Respondi. Na verdade, era o menos pior.

— Espero que dê tudo certo. — Ela falou, já abrindo a porta do quarto.

Nós saímos pelo corredor em silêncio absoluto. Não conseguíamos ver nem um palmo à nossa frente, estava tudo escuro. Eu caminhava devagar, com a mão na parede para conseguir me guiar.

Eu sabia que o quarto dos meninos era nesse corredor, mas o corredor era imenso. Era bem provável que todos os quartos ficassem aqui, nesse mesmo corredor. Seria uma missão quase impossível encontrá-los, *quase* impossível. Apenas cinco quartos mantinham as luzes acesas, e eu sabia que o quarto deles seria um desses cinco.

— Como vamos saber qual é? — Perguntei para a Victoria.

— Vamos tentar ouvir algum barulho vindo de dentro dos quartos. — Ela disse.

— Tentar reconhecer as vozes. — Completei, entendendo o que ela queria fazer.

Nós duas falávamos muito baixo, o suficiente para conseguirmos nos ouvir. Não podíamos arriscar sermos ouvidas por mais ninguém.

Chegando ao primeiro quarto, eu podia ver a silhueta da Victoria. Ela mantinha a cabeça grudada à porta e se esforçava para ouvir qualquer barulho, fiz o mesmo. Ficamos encostadas na porta por alguns minutos e não escutamos nada, nem um barulho sequer.

Passamos por mais dois quartos, no segundo, conseguimos ouvir poucas palavras de uma conversa sobre quem iria dormir na cama de cima do beliche. Não eram eles. E no terceiro, silêncio total, nem mesmo o som da respiração pesada por causa do sono.

Estávamos prestes a desistir, ainda faltavam dois quartos e não tínhamos como ter certeza se já tínhamos

passado pelo quarto deles.

— Eles podem ter desistido do plano, ou podem ter achado que a gente desistiu e foram dormir. — Sussurrei.

— Ainda temos mais dois quartos. — Ela respondeu.
— Calma.

— Eles poderiam ter deixado a porta aberta.

— Não acho que seja uma boa ideia deixar a porta aberta. Se qualquer pessoa passasse no corredor, poderia ver que tem alguma coisa estranha. — Ela falava num tom um pouco mais alto agora, também já estava impaciente.

— Vamos continuar procurando. — Mantive o tom de voz baixo.

Mas já não adiantava mais, Victoria tinha falado alto o suficiente para acordar alguém. Vimos uma luz se acender atrás de uma das portas, de frente para nós. Começamos a ouvir um murmurinho se formando lá dentro. Congelei,

teríamos que inventar alguma coisa para falar para quem quer que estivesse dentro daquele quarto.

Pensei em correr de volta para o nosso quarto, mas naquela escuridão não conseguiríamos encontrá-lo a tempo. Não tínhamos escolha a não ser ficar paradas, esperando que a luz se apagasse novamente e eles voltassem a dormir.

A porta se abriu, respirei fundo, tentando não me desesperar e me manter calma, era praticamente impossível.

— Vocês demoraram demais. — Era o Mitt, meu coração despencou de alívio.

Entramos correndo no quarto deles, sem pensar duas vezes. Também era um quarto pequeno, com duas camas beliche. Luke estava sentado na cama de cima e James e Mitt nos olhavam inquietos.

— Nós achamos que vocês iriam deixar a luz acesa!

— Falei, assim que a Victoria fechou a porta atrás de mim. — Como esperavam que fôssemos encontrá-los?

— A gente ia... — Luke começou a falar.

— Mas pensamos que poderia nos entregar. — James completou. — Se alguém passasse no corredor e visse que estávamos com a luz acesa, seria meio estranho não é?

— Mas como a gente ia encontrar vocês? — Victoria ainda parecia confusa.

— Na verdade, nós encontramos vocês. — Mitt respondeu orgulhoso, como se a ideia tivesse partido dele. — Nós sabíamos que vocês não conseguiriam ficar caladas, então ficamos atrás da porta para poder escutar quando falassem alguma coisa.

— E se a gente não falasse nada? — Victoria perguntou.

Mas pensando bem, nosso plano de ouvir o que estava

acontecendo por trás das portas também não funcionaria se eles não falassem nada.

— O importante é que deu certo. — Luke falou, pulando da cama e vindo ao nosso encontro.

— E se tiverem câmeras aqui, não vai parecer tão suspeito. — Falei, pensando se já não tinha parecido muito suspeito. Mas de qualquer forma, era melhor do que todos se encontrando no corredor, como o Luke tinha proposto mais cedo.

— Vamos lá? — James sugeriu.

— Nós pensamos em um plano. — Eu disse, antes que saíssemos pela porta. — Não é bem um plano, mas já é melhor do que nada.

Então, eles pararam para me ouvir. Eu e a Victoria explicamos para eles tudo o que tínhamos pensado em fazer, e eles nos ajudaram a modificar aquelas ideias e torná-las um pouco melhores. No final, tínhamos algo

quase razoável e eu acreditava levemente que poderia dar certo. Era a melhor chance que tínhamos.

Para começar o plano, iríamos tentar encontrar a enfermaria. A Victoria fingiria que estava desmaiada e nós correríamos pelos corredores perguntando onde poderíamos levá-la, nós seríamos guiados direto para a Vanessa, isso era o que esperávamos, não poderíamos sair daqui sem ela. Depois disso, tínhamos que dar um jeito de sair da enfermaria. Imaginávamos que não teria muita gente por lá, pois já estava muito tarde.

Foi aí que tivemos a melhor ideia de todas. Iríamos tentar encontrar a sala dos exames, onde tinham aquele suco roxo que nos deram para dormir. Essa tinha sido ideia do Mitt, ele conseguia ser muito inteligente quando queria. Usaríamos o isqueiro que tínhamos para fazer com que os sucos evaporassem e então colocaríamos todos para dormir. Teríamos que encontrar uma forma de nos proteger desse gás. Era o melhor plano que tínhamos. Mas eu, sozinha, conseguia encontrar muitas falhas. Não

tínhamos tempo para pensar em nada melhor, estava na hora de fugir.

— Vic, estamos contando com você, e sei que você vai conseguir. — Falei, tentando passar alguma segurança para ela e então me virei para o James. — Você a leva?

— Claro. — Ele foi até ela e a carregou com facilidade.

— Vai dar tudo certo. — Mitt sussurrou antes de abrir a porta.

Estávamos no final do corredor, todas as luzes apagadas. Começamos a andar, na esperança de que alguém iria aparecer para nos mostrar o caminho para a enfermaria. Era muito difícil enxergar o que estava à nossa frente, então andávamos bem devagar.

Passamos pelo meu quarto, que era um dos primeiros, e viramos à esquerda. Estávamos próximos do refeitório, fazendo o mesmo trajeto que tínhamos feito mais cedo,

quando fomos para o jantar.

As luzes do refeitório estavam acesas, mas não havia ninguém por lá. A porta era de vidro e nós tínhamos uma visão bem ampla de lá de dentro. Todas as comidas ainda estavam ali, na mesa principal. Não pude deixar de me perguntar o que eles faziam com aqueles alimentos, era um grande desperdício. Tantas pessoas sofrendo por algo que eles podiam ter tão facilmente. Mas eles não davam nenhum valor, talvez, quando perdessem, dariam.

— Como vamos encontrar a enfermaria? — Luke perguntou.

— Vamos continuar andando. — Respondi.

Nosso plano seria inútil se não encontrássemos ninguém pelo corredor. Mas parecia que todos tinham ido dormir. Eu estava ficando sem esperanças, quando ouvimos uma voz desconhecida.

— O que estão fazendo aqui? — Era um dos guardas

vestidos de branco. — Precisam voltar para os seus quartos!

Ele falava alto e sua voz era firme, assustadora. Talvez eu já estivesse assustada antes, e o fato de ele aparecer ali daquela forma só fez piorar. Mas o nervosismo para o plano tinha aumentado consideravelmente agora que eu via que tínhamos que seguir com ele. Não iríamos voltar para os quartos, não era uma opção.

— Você precisa nos ajudar! — Mitt parecia desesperado, e talvez ele realmente estivesse, mas por outro motivo.

— Nossa amiga desmaiou. — Tentei mostrar preocupação, mas não sabia se convencia. — Precisamos ir até a enfermaria.

— Venham comigo. — O homem ainda estava com raiva, mas acreditou nas nossas palavras e agora nos guiava para a enfermaria.

Respirava fundo enquanto o seguíamos, ninguém falava nenhuma palavra. A tensão era total, mas lutávamos para não demonstrar nenhum traço de nervosismo. Passávamos por uma parte do corredor que estava mais iluminada, apesar de que nem todas as luzes estavam acesas.

— Aqui, podem ir. — O homem abriu a porta da enfermaria, nos deixando entrar. — Mas não demorem, não podem vagar pelo corredor assim.

Nós entramos na enfermaria, que não era muito grande. Havia umas quatro salas menores, separadas por cortinas, para a privacidade dos pacientes que estivessem ali. Observando o local, pude ver que não tinha quase ninguém. Três médicos conversavam no canto e vieram ao nosso encontro assim que chegamos.

— O que aconteceu? — Uma mulher perguntou, era jovem e muito bonita.

— Nossa amiga desmaiou. — O Luke falou.

— Não sabíamos o que fazer, então a trouxemos aqui.

— E o Mitt completou.

— Traga ela pra cá. — A médica falou e nós entramos em uma das salas fechadas por cortinas.

Os outros dois médicos voltaram a conversar no mesmo lugar em que estavam antes, sem prestar muita atenção em nós. Victoria ainda fingia estar desmaiada e eu agradecia por ela estar fazendo um ótimo trabalho. Eu acreditaria se não soubesse a verdade.

Não pude deixar de perceber uma coisa sobre aqueles três médicos. As roupas deles eram idênticas aos uniformes dos guardas que estavam no refeitório mais cedo. Eu estava errada: não eram guardas afinal, eram todos médicos, meu coração congelou. Tudo começava a fazer um pouco mais de sentido agora. Era por isso que tivemos que fazer exames quando chegamos ali e por isso a quantidade exagerada de médicos. Nós estávamos em uma espécie de hospital, ou pior, de laboratório. Eles

tinham nos transformado em pacientes, estavam mentindo para nós o tempo inteiro.

Eu olhei para o James em pânico, tentava respirar fundo e tentava desesperadamente manter a calma. Eles não podiam perceber meu nervosismo, mas a cada segundo que eu passava ali dentro, minha vontade de sair aumentava.

— Eu vou examinar a amiga de vocês, podem voltar para os seus quartos. — A médica falou e olhou para nós, esperando que saíssemos dali.

Nós puxamos a cortina e saímos da pequena sala, que só tinha espaço para uma maca e uma poltrona para um acompanhante. Logo que saí, percebi que os outros médicos não estavam mais no mesmo lugar, tinham sumido. Sem pensar duas vezes, comecei a puxar as outras cortinas, sem fazer barulho, procurando a Vanessa.

— Por que demoraram tanto? — Vanessa sussurrou

assim que abri a cortina certa, entramos na sala que ela estava. Ela parecia muito melhor. Não estava mais pálida, sua pele tinha voltado à cor original.

— Demoramos menos de um dia. — Sussurrei de volta.

— Não, Lexi. — Vanessa parecia muito confusa. — Vocês demoraram quinze dias.



CAPÍTULO 25

Apoiei as mãos na cama da Vanessa, antes que pudesse cair para trás. Aquele número se repetia em minha mente enquanto eu me esforçava para entender o que ela tinha dito. Quinze dias. Não era possível, Vanessa tinha acabado de nos falar que demoramos quinze dias para encontrá-la na enfermaria. A deixamos nas mãos dos médicos hoje de manhã. Fizemos todos aqueles exames hoje de manhã, dormimos durante a tarde e acordamos a tempo para o jantar. Nada fazia sentido, por mais que eu lutasse para que fizesse, tínhamos dormido por quinze dias.

— Quinze dias! — Acabei falando um pouco alto. — Isso não é possível. Como assim nós dormimos por quinze dias?

— Você não pode estar falando sério. — Mitt falou, colocando as mãos na cabeça, ninguém estava conseguindo acreditar.

— Você acha que eu iria brincar com isso? — Vanessa estava um pouco irritada agora. — Eu esperei vocês por quinze dias, não sabia o que tinha acontecido, nem onde vocês estavam. Cheguei a pensar que...

— Iríamos te deixar? — James a interrompeu.

— Cheguei a pensar que tinham me deixado. — Ela completou.

— Nós nunca faríamos isso. — Eu falei. — Você sabe.

— Eu sei, mas eu já não sabia mais o que pensar. — Vanessa agora parecia estar começando a compreender a

nossa confusão e não estava mais irritada. — Quer dizer então que vocês dormiram por quinze dias. Por quê?

— Eu não faço ideia! — Luke falou, andando de um lado para o outro na pequena sala.

Nós nos entreolhamos por alguns instantes, Vanessa tinha mais chances de estar certa do que a gente. Só nos restava acreditar nela. Ela esteve acordada todo esse tempo esperando por nós. Nós estávamos dormindo, perdemos totalmente a noção do tempo.

Eu tentava pensar em razões para terem nos feito dormir por tanto tempo, mas não vinha nada em minha mente. Aqueles testes duraram muito mais tempo do que nós achávamos que tinha durado. Mas os motivos para tantos testes, eu não conseguia imaginar.

— Vanessa, nós vamos... — Comecei a falar.

— O que vocês ainda estão fazendo por aqui? — Um dos três médicos que estavam conversando quando

chegamos abriu a cortina. — Vocês têm que voltar para o quarto. Agora!

Não falamos nenhuma palavra, não tínhamos como falar nada com aquele médico nos olhando e ouvindo tudo. Precisávamos avisar a Vanessa sobre o gás, para que ela se protegesse de alguma forma. Assim que começássemos a evaporar o suco que nos fez dormir, toda a enfermaria iria sofrer com o efeito. Vanessa e Victoria também. Mas Victoria sabia sobre o plano.

Assim que saímos da enfermaria, começamos a procurar a sala de exames. Era bem perto de onde estávamos. Eu conseguia reconhecer o lugar. Seria mais fácil encontrar aquela sala do que o quarto dos garotos, disso eu tinha certeza, pois não havia tantas portas nesse corredor.

— Acho que é essa sala aqui. — Luke falou, já abrindo a porta.

— Está destrancada! — Falei, demonstrando alívio.

Nós fomos logo atrás dele, eu não conseguia mais esconder o nervosismo. Aquele pressentimento de que tudo ia dar errado não saía de dentro de mim. Minhas pernas estavam tremendo e não era por causa do frio que fazia naquela sala.

— Rápido, comecem a procurar. — James abriu uma gaveta. — Tem que estar por aqui em algum lugar.

Comecei a abrir todas as gavetas, procurei por prateleiras, vasculhei os móveis e nada. Não encontramos nenhum suco roxo, nem de nenhuma outra cor.

— E agora? — Perguntei.

— A gente desiste? — Mitt se sentou no chão, derrotado. — Não sei mais o que podemos fazer.

— Poderíamos tentar fugir ainda. — James ainda parecia esperançoso. Eu continuava me perguntando como

ele conseguia ser assim. — Vamos usar a força.

— Que força? Eu não sei se você viu o tamanho dos guardas daqui.

— Lexi, a gente não tem escolha. — James respondeu.

— A não ser que você queira voltar para os quartos.
— Luke continuava procurando o suco, mas já tínhamos olhado em todos os lugares possíveis.

— Eu não sei... — Mitt começou a falar. — Acho que o James tá certo. Vamos fugir mesmo assim. Só vimos um homem no corredor, nós podemos derrubar ele.

— E os médicos? — Luke perguntou, parecendo interessado.

— A gente passa escondido por eles. — Respondi, aceitando que não tínhamos mais escolha.

— Certo. — James andou em direção à saída.

Minha garganta estava seca de tanto nervosismo e a nossa situação tinha acabado de piorar bastante. Não sabia o que eles estavam pensando, não tínhamos chance alguma contra aqueles guardas, mas sei que eles não iriam desistir sem tentar, e eu também não.

— Gente? — Parei de andar quando ouvi o Luke e um barulho estranho de fumaça saindo exatamente de onde ele estava.

— O que você fez? — Perguntei, vendo uma fumaça sair debaixo dos pés dele.

— Absolutamente nada. — Luke me respondeu, olhando para baixo, assustado.

Nós corremos até ele para ver de onde vinha aquela fumaça. O chão onde o Luke estava pisando parecia ter se levantado de leve. Coloquei meus dedos na pequena brecha que se abriu, e o azulejo começou a sair, deslizando para o lado.

— Luke! Você é um gênio! — Falei assim que vi o que estava debaixo daquele azulejo.

— Sabia que estariam nessa sala! — James comentou empolgado.

Pelo menos seis garrafas daquele suco roxo, dispostas uma do lado da outra, dentro de um tipo de controlador térmico. Eu mal podia acreditar que tínhamos conseguido encontrá-las. Nós poderíamos voltar para o nosso plano atual. Um pouco de esperança ressurgiu dentro de mim, talvez as coisas dessem certo para nós agora.

— Essa é a primeira vez que ouço isso. — Luke sorriu. — Gostei. Sou um gênio.

— Se você for um gênio, eu sou uma pedra. — Mitt bateu na testa do Luke, rindo.

— Muito engraçado. — Luke deu de ombros.

Tiramos duas garrafas de dentro do controlador

térmico e deslizamos o azulejo de volta, encaixando-o perfeitamente no lugar dele, como se nunca o tivéssemos aberto.

— Pronto, agora cadê o isqueiro, Luke? — Perguntei, enquanto abria as garrafas.

— Isqueiro? — Luke colocou as mãos nos bolsos de sua calça, como se procurasse por alguma coisa. — O isqueiro... Está na minha mochila... No veleiro.

— Eu não estou acreditando nisso. — Levantei com raiva. — Você só pode estar brincando.

Eu estava me controlando para não esganar o Luke naquele exato momento. Ele tinha dado a ideia de usar o isqueiro, e agora, ele simplesmente não o tinha. O que ele achava que a gente ia fazer se ele não tinha o isqueiro? Produzir um com mágica, só se fosse.

— Eu tinha esquecido que as mochilas estavam no veleiro. — Luke tentava se explicar, mas só me deixava

mais irritada.

— Eu falei que você não era um gênio. — Mitt falou, mas não parecia estar brincando dessa vez.

— Como você pode ter ignorado esse detalhe? — Perguntei. — Como pode ter esquecido que o isqueiro não estava com você?

James não falava nada, simplesmente balançava a cabeça, desapontado. Tínhamos chegado tão perto, mas ninguém parou para pensar que não teríamos o isqueiro nas mãos. Eu não conseguia acreditar que tínhamos deixado esse detalhe passar.

— Calma... — Mitt murmurou algumas palavras sozinho, enquanto olhava para o azulejo que guardava as garrafas. — Talvez isso funcione.

— Isso o que? — Perguntei.

— Isso aqui. — Mitt reabriu o azulejo e apontou para

o controlador térmico. — Podemos esquentar o suco com isso aqui.

— É verdade! — Respondi. — Acho que pode funcionar sim.

— Vai ter que funcionar. — James começou a mexer nos botões, tentando esquentar a temperatura. — Chega de imprevistos por hoje, alguma coisa vai ter que dar certo.

Eu e Luke nos ajoelhamos ao lado deles, tentando ajudar como podíamos, mas eles já estavam conseguindo dar conta do recado. Em poucos segundos, a temperatura esquentou tanto que as garrafas que estavam ali dentro começaram a estalar como se fossem se quebrar, e o suco borbulhava.

— Não vai dar tempo de chegar até a enfermaria! — Mitt respondeu, vendo que as garrafas podiam estourar a qualquer momento. — Está esquentando rápido demais.

— Tira as garrafas daí! — Luke falou, enfiando a mão

dentro do controlador térmico e tirando as garrafas.

— Tive uma ideia. — Falei, puxando a camisa para cima e cobrindo o rosto.

Segurei a camisa no rosto com uma mão e peguei uma garrafa com a outra. Estava tão quente que deixei escapar um grito na hora que toquei, mas não tínhamos tempo, então continuei segurando a garrafa e subi em cima de um móvel. Tirei a capa do duto de ar e joguei a garrafa lá dentro, ouvindo-a se despedaçar. Então, corri para pegar mais uma garrafa, queimando minha mão novamente para conseguir levá-la até o duto. Repeti o processo mais uma vez, colocando a tampa de volta na última vez e tirando a camisa da frente do rosto.

— Isso deve funcionar. — Falei, enquanto eles me olhavam sem reação.

O duto de ar que tínhamos usado era vizinho à enfermaria, então se funcionasse mesmo, o ar já devia

estar chegando por lá.

— Brilhante. — James se levantou.

— Minha mão. — A adrenalina que tomou conta de mim na hora de pegar as garrafas antes que elas explodissem ia embora e uma dor muito forte me atingia.
— Minha mão!

— Lexi... — Mitt olhava para minha mão e parecia não saber o que dizer.

A palma da minha mão direita estava em carne viva. Quase toda a pele tinha saído e umas bolhas começavam a aparecer, mas não sangrava. Eu segurava meu braço, fazendo esforço para não gritar de dor.

— Vamos colocar água por cima. — James me olhava preocupado. — Talvez melhore.

Balancei a cabeça positivamente.

— Tenta conseguir água! — Falei desesperada para que aquela dor diminuísse de alguma forma.

— Aqui! — Luke veio correndo com um recipiente de água. — Achei isso aqui.

— Tem certeza que é água? — Perguntei.

— Acho que sim.

— É melhor ter certeza...

James começou a falar, mas não consegui esperar para ter certeza que era água. Peguei o recipiente de laboratório da mão do Luke e derramei na minha mão, respirando fundo enquanto tocava na queimadura. A dor que me atingiu foi tão forte que acabei gritando. Mas logo depois, comecei a sentir que a dor estava diminuindo consideravelmente e após alguns segundos eu só conseguia sentir arder um pouco. Não doía mais.

— Isso não era água. — Falei, olhando para minha

mão sem acreditar. — Com certeza não era água.

— O que era? — Mitt perguntou com um pano branco nas mãos. — Coloca isso aqui.

— Não faço ideia, mas ajudou muito. — Peguei o pano das mãos dele e comecei a enrolar por cima do machucado.

Luke sorriu, feliz por ter ajudado, ele estava decepcionado consigo mesmo por ter falhado por causa do isqueiro, era muito fácil ver isso, mas agora tinha nos recompensado, ele era a pessoa mais transparente que eu conhecia. Sempre sabíamos exatamente como ele estava se sentindo.

— Acho que está na hora. — Falei, depois de alguns minutos de espera.

— Lembrem-se de manter a calma, eu sei que vai ser difícil, mas qualquer desespero pode fazer com que tudo dê errado. — Apesar de o James estar certo sobre aquilo,

não conseguiu me deixar mais calma dessa vez.

— Que ótimo. — Mitt falou em um tom sarcástico. —
Estou bem mais tranquilo agora.



CAPÍTULO 26

Nós saímos da sala de exames em silêncio, correndo direto para a enfermaria. Era muito perto, o que diminuía a probabilidade de aparecerem guardas indesejados no nosso caminho. Eu estava segurando a camisa em cima do rosto, tapando meu nariz e boca, afinal sabíamos que qualquer contato com o gás poderia destruir nossos planos.

Entramos na enfermaria devagar, empurrando a porta de vidro e caminhando agachados até o lugar que a Vanessa estava. Para nossa sorte, ela estava acordada.

Victoria estava sentada em cima da cama dela, com um pano na frente do rosto. Ela tinha conseguido avisar a Vanessa sobre o nosso plano a tempo e eu me sentia completamente aliviada por isso.

— Vic, muito obrigada por isso. — Falei baixo, assim que as vi.

— Vamos logo. — Vanessa falou, parecendo um pouco nervosa. — Não sei quanto tempo dura o efeito desse gás.

— E funcionou mesmo? — Mitt perguntou. Ele estava curioso para saber o resultado da sua ideia.

— Estão todos dormindo aqui dentro. — Victoria respondeu. — Mas não sei se funcionou lá fora...

— Espero que sim. — Luke disse.

— Se importa? — Mitt foi até Vanessa, com a intenção de carregá-la.

Ela balançou a cabeça negativamente, esticando o braço direito por cima do pescoço dele para que ele a levantasse, mas eu podia ver nos seus olhos o quanto ela odiava aquela situação.

Assim que saímos da pequena sala, pude perceber que o plano realmente tinha funcionado. Eu estava com tanta pressa e nervosismo para encontrar Vanessa e Victoria que não tinha percebido antes, mas os dois médicos que conversavam mais cedo estavam caídos no chão, uma das cadeiras jogadas de lado, como se tivesse caído junto.

— Antes de sair da enfermaria, preciso de uma coisa.
— Vanessa falou, apontando para um armário. — Eles fizeram uma prótese para mim. Ainda não consigo andar direito, mas estou aprendendo.

— Que ótimo! — Mitt falou entusiasmado.

— Muito boa notícia! — Repeti o mesmo entusiasmo.

— Eu vou lá pegar.

Luke falou, indo até o armário rapidamente e em silêncio. Ele conseguiu pegar a prótese com facilidade e a trouxe de volta para a Vanessa. Todos ficamos empolgados com aquela notícia, era a melhor, e talvez a única coisa boa, que a plataforma fez por nós.

— Muito obrigada, Luke. — Vanessa falou, descendo com cuidado dos braços do Mitt, que ainda a ajudava a ficar de pé.

A prótese que ela estava colocando parecia ser muito tecnológica. Eu nunca tinha visto nada parecido, tinha algumas partes de metal, plástico e silicone por dentro, talvez para ficar mais confortável. Eu não sabia que existiam coisas assim. Para Vanessa, seria uma forma de andar novamente, e poderia salvar sua vida.

Assim que ela colocou a prótese, Mitt a soltou por alguns segundos e ela conseguiu ficar em pé. A olhávamos com muito orgulho, sabendo o quanto aquilo significava para ela.

— Isso é maravilhoso! — Comentei sorrindo, por mais que não desse para ver por causa da camisa na frente do meu rosto. — Estou muito feliz por você.

— Todos nós estamos. — James disse.

— Eu sei que é um ótimo momento e também estou feliz, mas não é por nada não... É que a gente tem que ir andando mesmo. — Luke falou, observando que um dos homens inconscientes estava se mexendo, como se estivesse prestes a acordar.

— Pensei que o efeito durava mais tempo que isso. — Falei, antes de sairmos da enfermaria de vez.

Vanessa ainda não conseguia caminhar sozinha, por isso ela apoiava os braços em mim e no Mitt e nós a ajudávamos a continuar andando.

Tirei a camisa da frente do rosto na hora que atingimos uma distância segura da enfermaria, os outros fizeram o mesmo. Estávamos livres do gás, o que era um grande

problema, pois os guardas que estavam nessa área também estavam.

Andávamos pelo corredor sem falar nenhuma palavra, com medo de que nossa respiração fosse alta o suficiente para que alguém nos ouvisse. Tentávamos dar passos leves e andar devagar, apesar de que a minha vontade era simplesmente sair correndo e deixar aquele lugar para trás.

— É aqui. — James apontou para uma porta que era um pouco maior que as outras.

Empurrei a porta com a mão que estava livre e entramos na sala, era a recepção. A primeira sala que vimos ao entrar na plataforma. A sala que tinha estátuas e pinturas ao redor de uma única mesa, com uma única pessoa sentada nela. E lá estava ele, o recepcionista, virado de costas para nós, prendi a respiração. Como podíamos ter nos esquecido dele? Olhei para o James em pânico, tínhamos um problema de mais de dois metros à

nossa frente.

Ele se virou.

Eu não fazia ideia do que poderíamos fazer, congelei. Fiquei sem reação. Estávamos tão perto da porta, mas ainda assim tão longe de passar por ela. Nunca conseguiríamos derrubar aquele homem que agora estava de pé, olhando para nós. Ele sabia o que estávamos fazendo ali. Algo me dizia que não éramos os primeiros a tentar fugir.

— Alerta de segurança máxima. — Ele falou e aquela definitivamente não parecia ser sua voz. Era uma voz automatizada e metálica.

Assim que ele proferiu aquelas palavras, grades de metal desceram na frente de todas as portas, nos trancando ali naquela sala.

Luke correu na direção do recepcionista e eu não sabia o que ele tinha em mente, mas sabia que não daria certo.

Antes de poder sequer tocar nele, o homem negro bateu no Luke, atirando-o com força na parede, com facilidade.

Deixamos Vanessa e Victoria onde estávamos e partimos para cima dele. Eu, James e Mitt ao mesmo tempo. Nós corríamos na direção dele que nem loucos, com raiva pelo que ele tinha feito com o Luke, que agora se levantava.

— O que vocês pensam que estão fazendo? — O recepcionista falava com uma voz estranha novamente e sorria, como se nada estivesse acontecendo. — Amanhã será um grande dia.

Eu pulei no pescoço dele, segurando na sua cabeça para não cair enquanto o James e o Mitt tentavam derrubá-lo de todas as formas, chutando as pernas dele.

O recepcionista sequer se desequilibrava e assim que conseguiu, me puxou pelas costas. Não vi muito do que aconteceu, mas fui arremessada por cima da mesa dele.

Batendo a cabeça no chão ao cair. Levantei com a visão meio turva, mas voltando ao normal aos poucos. Minha mão estava latejando, o efeito daquele líquido estava acabando e a queimadura voltava a doer.

— Lexi! — Vanessa gritou preocupada quando eu caí. Olhei para cima, a tempo de vê-la arremessar um quadro de uma mulher morena que estava na parede, conseguindo acertar a cabeça do recepcionista.

O homem pareceu nem sentir dor ao ser atingido pelo quadro. A sua única reação foi olhar para a Vanessa, finalmente percebendo-a na sala. Então, ele colocou as mãos em um peso de papel que estava em cima da mesa e o arremessou na direção das meninas. O peso em forma de bola de metal passou por um triz da cabeça da Vanessa.

— Ela não! — Mitt pulou nas costas dele, puxando sua cabeça com força para o chão.

Mas assim que ele caiu, o mais estranho aconteceu. O

Mitt estava parado ao lado do homem, sem reação alguma. Nenhum de nós acreditava no que tinha acabado de acontecer. Olhei para o James tentando entender como aquilo era possível.

A cabeça do recepcionista simplesmente saiu do corpo, ficando nas mãos do Mitt, que a segurava em estado de choque. Podíamos ver vários fios saindo da cabeça, ainda ligados ao corpo dele. Ele não era humano, não sabíamos o que era, mas com certeza podíamos afirmar que o recepcionista não era humano.

— O quê? — Mitt olhou aterrorizado para a cabeça e então a largou no chão.

— Ele não era humano. — Concluí, me levantando devagar, agora que minha visão finalmente voltava ao normal. Podia sentir um galo se formando em minha cabeça por causa da queda.

Nós ainda nos olhávamos sem entender o que tinha

acabado de acontecer. E assim que voltamos para ajudar Vanessa, as grades começaram a subir de volta e as portas se abriram. Estávamos livres.

— Vamos embora antes que as portas voltem a fechar.
— James nos apressou e começamos a correr na direção da saída.

Quando passamos pela porta automática, percebemos que o nosso barco a remo não estava mais no mesmo lugar que o deixamos.

— E agora? — Luke perguntou.

— Nem que eu vá nadando, não volto para lá de jeito nenhum. — Respondi, olhando para aquela água escura e me preparando para entrar. — Alguém tem alguma ideia melhor?

— Parece que não. — Vanessa respondeu depois de alguns segundos, respirando fundo, podia ver o medo nos olhos dela.

Olhei para ela preocupada.

— Você consegue nadar? — James perguntou.

— Eu vou tentar, também não quero voltar lá para dentro. — Ela apontou para a prótese. — E é a prova d'água de qualquer jeito.

— Todo mundo sabe nadar? — Victoria perguntou parecendo um pouco insegura.

— Mais ou menos. — Mitt respondeu. — Mas acho que a gente consegue chegar até o veleiro.

— Você sabe? — Perguntei, esperando que a resposta fosse positiva.

— Mais ou menos. — Ela ainda parecia bastante insegura.

James então começou a andar pelo pequeno espaço com areia, na direção da água, e nós o seguimos. Eu e Mitt

ainda ajudávamos Vanessa a andar, mas não sei como faríamos na hora que entrássemos na água. Ninguém tinha confiança suficiente para ajudar alguém a nadar, afinal tínhamos praticado poucas vezes. Eu mal tinha confiança para ir sozinha.

Diferente de como era na praia, onde a água ia ficando mais funda à medida que entrávamos, aqui a água já era funda desde o começo, afinal estávamos no meio do oceano. O túnel era largo o suficiente para caber um barco de pequeno porte, e pelo que eu me lembrava da hora que chegamos aqui, ainda faríamos algumas curvas antes encontrar o final dele.

Vanessa estava nadando com muita dificuldade e se esforçava muito para conseguir se manter na superfície. Eu a olhava, mas sentia que não podia fazer nada para ajudá-la, pois tinha medo de que se me aproximasse ela poderia me puxar para baixo, eu iria me afogar.

— A prótese está pesando muito. — Vanessa falou,

assim que conseguiu ficar na superfície por tempo o suficiente para isso.

— Ela vai se afogar. — Victoria a olhava, mas parecia estar com o mesmo pensamento que eu, também estava com medo de se aproximar muito, ninguém sabia nadar direito.

— Não consegue tirar? — Mitt perguntou.

Vanessa parecia estar realmente se afogando agora, pois ficou alguns segundos sem subir. Sem pensar duas vezes, Mitt foi até ela, puxando-a para cima enquanto ela se apoiava nele para continuar na superfície.

— O barco! — James olhava para a primeira curva, apontando para o que parecia ser o nosso barco à remo.

Então Luke, James e eu começamos a ir em direção ao barco, com toda a velocidade que conseguíamos, e mesmo desajeitados e sem saber nadar direito, chegamos lá em pouco tempo.

— Mitt, eu não estou conseguindo tirar. — Vanessa gritava para ele soltá-la, mas ele não a largava. — Você vai se afogar comigo!

— Não vou te soltar!

Nós subimos no barco e começamos a remar na direção dos dois. Victoria tinha vindo logo atrás de nós e já estava no barco também. Eu remava tão forte que meus braços estavam queimando por dentro, mas eu não iria parar até chegarmos neles. Eu não conseguia mais ver o Mitt, e Vanessa lutava para que ele a largasse, mas ele insistia em levantá-la, sem deixar que ela se afogasse.

— Aqui! — Luke gritou para Vanessa segurar sua mão.

James e Luke puxaram Vanessa para dentro do barco, e então, Mitt conseguiu finalmente voltar para superfície da água. Ele lutava para respirar quando o puxamos para o barco, tossindo para tirar aquela água de dentro dele.

— Você é louco! — Vanessa parecia irritada e

começou a gritar com o Mitt enquanto ele se recuperava. — Por que não me deixou lá? Eu poderia ter te matado. Você não conseguiria ter me salvado se não tivessem encontrado o barco. Teríamos morrido! Nós dois!

— Eu não podia deixar você se afogar. — Mitt respondeu assim que recuperou o fôlego.

— Você não pode fazer isso. — Vanessa continuava esbravejando aquelas palavras contra ele. — Quando alguém está se afogando, você fica longe! E você mal sabe nadar. É óbvio que nós dois teríamos nos afoga...

E de repente aconteceu. Olhei para os dois, impressionada. Mitt a beijou. Não foi um beijo rápido e sem sentimento algum. Ele pegou a Vanessa nos braços e deu um beijo demorado nela. E ela pareceu ter retribuído, mesmo que no começo tenha sido uma surpresa. Depois do beijo, Vanessa o olhou como se não o estivesse reconhecendo. Ela nunca tinha olhado para ninguém daquele jeito antes. Era como se, por causa de um beijo,

agora visse o Mitt de outra forma.

— Alguém pode me explicar o que acabou de acontecer? — Luke perguntou assustado.

— Eu não suportaria a ideia de deixar você se afogar e não fazer nada. — Mitt finalmente respondeu. Eles ainda se olhavam e Vanessa não falava mais nada, o que era muito raro para ela, que sempre tinha tanto a dizer sobre tudo.

— Eu odeio ter que atrapalhar o momento, mas a gente tem que ir. — James falou e me entregou um dos remos.

Voltamos a remar, tentando manter o ritmo para conseguir chegar ao veleiro e ir embora daquele lugar o quanto antes. Não demoramos muito para chegar ao anel e assim que passamos por ele, lá estava o nosso veleiro, no mesmo lugar em que o havíamos deixado.

Meu coração se encheu de alívio em saber que finalmente tínhamos conseguido fugir da plataforma, e que

estariamos a salvo quando chegássemos às ilhas. Eu realmente acreditava nisso agora. Meu pai tinha um motivo para nos mandar para lá e eu confiava nele, apesar de não saber que motivo era esse. Eu tinha uma sensação boa sobre as ilhas e agora estávamos muito perto de chegar lá.



CAPÍTULO 27

Nós paramos o barco a remo na lateral do veleiro, prendendo-o por algumas cordas e subindo por uma escada que ficava presa ao barco maior. Enquanto subíamos no veleiro, eu agradecia mentalmente porque pelo menos uma vez, tudo tinha dado certo. Nós tínhamos conseguido fugir e estávamos todos bem, prontos para chegar às ilhas.

Eu não podia deixar de pensar na Liz e no Tiago. Nós não iríamos descansar enquanto não pudéssemos fazer alguma coisa para resgatá-los. Esse seria nosso primeiro

objetivo assim que pisássemos nas ilhas. Mas agora, ainda tínhamos que nos concentrar em chegar lá.

— Mitt, nos tire daqui, por favor. — Falei, para que ele começasse a pilotar o barco.

— Vou precisar de ajuda. — Ele respondeu.

Então James, Luke, Vic e eu nos levantamos para ajudá-lo. Apesar de ser a segunda vez que faríamos isso, eu ainda não sabia o que fazer e apenas segui as ordens do Mitt. Ele entendia muito bem de qualquer tipo de veículo e eu confiava nele para isso.

— Inclina mais um pouquinho para a esquerda. — Mitt falou, quando passou por mim.

— Se você continuar sorrindo assim vai ficar com câimbra. — Falei, percebendo que ela não parava de sorrir desde que tinha beijado a Vanessa.

— Cala boca. — Ele respondeu, antes de ir ajudar o

James. Acabei sorrindo também, estava feliz por ele.

Depois de fazer o que ele pediu, vendo que o veleiro já começava a se movimentar, voltei a me juntar à Vanessa. Ela e Victoria estavam sentadas em cima da cabine.

— Mas você tem certeza que se passaram quinze dias?
— Victoria perguntava.

— Claro. Eu estava acordada! E foram as duas semanas mais longas da minha vida.

— Você ficou fazendo o que? — Questionei, sentando na cabine ao lado da Vanessa, que agora estava no meio.

— Quando eu cheguei lá, tive que fazer uma cirurgia.

Eu e Vic olhamos para a Vanessa, assustadas.

— Como assim? — Vic estava boquiaberta.

— Eles confirmaram que minha perna estava infeccionada e se não fizessem a cirurgia poderia ser pior. Eu poderia ter morrido... — Vanessa falava, com um olhar distante, então lembrei da nossa conversa antes de entrarmos na plataforma. Tivemos muita sorte de encontrar aquele lugar, apesar de tudo. — Então eu aceitei fazer a cirurgia para curar a infecção e depois de uns dois dias, eu me senti muito melhor. Eu tinha energia de novo e minha perna já estava quase que totalmente cicatrizada. A medicina deles é muito avançada.

— Eu ainda não tenho certeza se a plataforma era um lugar tão ruim assim como pensávamos. — Victoria falou, enquanto observava a plataforma ao longe. — Mas eu sei que não me sentia bem lá dentro, com todos aqueles guardas e médicos.

— Tem algo estranho acontecendo por lá. — Concordei. — Mas pelo menos eles fizeram isso por você, salvaram sua vida.

— E nos outros dias? — Victoria perguntava curiosa.

— Eles me colocavam para fazer exercícios, para me ajudar a melhorar rápido e ajudar na cicatrização. E também, quando fizeram a prótese para mim, eles me ajudavam a reaprender a andar. — Vanessa parou, parecendo ter se lembrado de alguma coisa.

Os garotos agora se reuniam à nossa volta, o barco já estava andando rumo às ilhas. Tudo que precisávamos fazer era esperar.

— O que foi? — Luke perguntou confuso.

— De vez em quando eu escutava umas conversas estranhas dentro da enfermaria. Eles falavam sobre um laboratório no andar de baixo. E agora que parei para pensar, acho que eles estavam falando sobre inteligências artificiais.

— Por que acha isso? — Mitt parecia interessado na conversa agora. — Por causa do recepcionista?

— Também, e eles ficavam falando sobre construir partes do corpo, material genético... — Vanessa tentava se lembrar das conversas enquanto falava. — No começo achei que estavam falando sobre a minha prótese. Mas mesmo depois que me entregaram a prótese, o que foi extremamente rápido por sinal, as conversas continuaram.

— Eles falaram sobre a gente? — Perguntei, tentando processar tudo aquilo que ela nos dizia.

— Não que eu tenha percebido. — Ela respirou fundo. — Mas teve uma pessoa que eu vi por lá... No começo eu demorei a me tocar de que era ela, afinal eu só a tinha visto por fotos. Mas acho que vi a Anika.

— Pera aí. — Mitt arqueou as sobrancelhas. — A Anika?

— Gente, quem é essa? — Victoria nos olhava sem entender.

— É a líder das montanhas do Norte. — Conteí. —

Tecnicamente, foi dela que nós fugimos.

— Você tem certeza que era ela? — Mitt ainda se esforçava para acreditar.

— Aqueles cabelos ruivos dela são inconfundíveis. — Vanessa fez que sim com a cabeça. — Lembra que o Peter falava que eles viviam impecáveis? Ele não mentia, estavam perfeitamente simétricos, na altura do pescoço e a franja, um pouco acima dos olhos, também perfeita. Ela me dava arrepios.

— O que ela estaria fazendo por lá? — James olhava para Vanessa, incrédulo.

— Eu não sei, ela só passou por mim na enfermaria e foi direto para a sala da Doutora Gwin. Elas pareciam já se conhecer, pela forma como se falavam, mas não deu para ouvir muito coisa.

— Isso é muito estranho. — Falei, tentando fazer aquelas palavras terem algum sentido, mas não conseguia.

— Eu não consigo entender o que a Anika estaria fazendo por lá. Achei que ninguém da montanha soubesse sobre a plataforma. Meu pai era o chefe do exército negro. Ele nos contaria sobre um lugar assim se soubesse que existia, não é?

Eles me olharam, ninguém tinha uma resposta para mim. A única coisa que eu podia concluir era: a plataforma era um lugar que não estava no mapa e existia uma razão para isso. Algo estava acontecendo dentro daquele laboratório e ninguém podia saber. Algo relacionado a inteligências artificiais, o mais estranho de tudo era que Anika, líder das montanhas do Norte, provavelmente estava envolvida e sabia de tudo.

— Mas calma. — Luke olhava de um lado para o outro, muito confuso. — Como ela não te reconheceu?

— Anika? — Vanessa sorriu com a pergunta dele. — Por que ela saberia quem eu sou? Nós passamos a vida escondidos dela. Ela não sabe da nossa existência.

— Pelo menos é isso que nós esperamos. — Afirmei.

— Já não tenho certeza de mais nada.

Não tinha como ter certeza de que ninguém sabia sobre nós na montanha, mas eu realmente esperava que isso fosse verdade.

— Eu acho que vou dormir. — Mitt se levantou. — Essa conversa me deixou ainda mais cansado do que eu já estava.

— Acho melhor todos nós irmos dormir. — Falei. — Já está bem tarde.

Então, nos organizamos para dormir. Voltamos aos quartos, ainda nos separando entre meninas e meninos. Eu e as meninas ainda conversamos um pouco antes de finalmente nos deixarmos levar pelo sono. Tudo que tinha acontecido na plataforma era muito estranho e precisaríamos de bastante tempo para digerir e tentar entender.

No outro dia, acordei bem tarde. E mesmo ainda estando muito cansada, decidi levantar. Eu estava nervosa e ansiosa, e dessa vez não indicava que algo ruim aconteceria. Muito pelo contrário, eu estava com uma sensação muito boa para o dia que tínhamos pela frente.

— Bom dia. — Falei para James, que estava encostado na lateral do barco, olhando para o horizonte.

— Boa tarde. — Ele sorriu.

— Nunca pensei que diria isso, mas chegaremos às ilhas amanhã. — Parei ao lado dele e encarei o horizonte também.

— Eu sabia que chegaríamos.

— Você e seu otimismo. — Olhei para ele. Seu cabelo estava um pouco maior desde que deixamos o buraco. Estava grande o suficiente para conseguir ser bagunçado

pelo vento. — Quando a gente chegar às ilhas, temos que ter uma coisa em mente. Ainda precisamos resgatar a Liz... E o Tiago.

— Eu sei, não vamos descansar até termos a Liz de volta. — Ele segurou a minha mão. — É uma promessa.

Apenas apertei a mão dele de volta.

— Obrigada. — Falei.

— Nós somos uma família, sinto tanta falta da Liz quanto você.

— Eu só espero que ela esteja bem. — Voltei a olhar para o mar.

Ele me abraçou de lado, como meu pai fazia sempre que nos víamos. Aquele abraço me trouxe uma sensação de conforto muito grande, como ele sempre conseguia me confortar. O James me passava confiança como ninguém. E eu me sentia bem ao seu lado. Ele era o melhor amigo

que alguém poderia ter.

— Não acredito. — Algo prendeu minha atenção enquanto eu olhava para o mar.

— Que foi? — James me perguntou.

— É a borboleta dos meus sonhos. — Apontei para ela, a borboleta azul que me acompanhava. — Eu já sonhei com ela algumas vezes, ela sempre me guia e me acompanha nos sonhos.

— É só uma coincidência. — James riu, dando de ombros.

— Mas olha só o que tem atrás dela. — Falei, assim que vi.

As ilhas do Sul, ou pelo menos uma delas, estavam bem de frente para nós. Parecia uma linha no horizonte, mas estava perto o suficiente para sabermos que aquele era o lugar que estivemos procurando. Tínhamos chegado

antes do que previmos e eu não podia estar mais feliz por isso.

— Chegamos às ilhas! — James exclamou me levantando do chão em um abraço. — Chegamos!

— Vamos chamar todo mundo! — Falei empolgada.

— Acordem! Acordem! — James entrou nas cabines gritando. Eu fui logo atrás dele. — Nós chegamos!

— Chegamos? — Luke perguntou com voz de sono.

— Finalmente chegamos! — Gritei enquanto eles se acordavam confusos, mas depois começavam a se animar também.

Nós olhávamos fixamente para a ilha, sem piscar. Eu mal podia acreditar no que estava diante dos meus olhos. Eu não achava que esse dia sequer chegaria para nós, e aqui estávamos.

— É muito mais bonito do que eu pensava. — Falei, enquanto nos aproximávamos.

— Nós conseguimos. — Vanessa olhou para mim com os olhos brilhando.

— Eu sabia. — James completou.

— Vamos ancorar o veleiro aqui mesmo e descer para o barco a remo. — Mitt já se movimentava para parar o veleiro.

Eu e James ajudamos Vanessa a descer para o barco menor enquanto os outros ajudavam o Mitt a ancorar o maior. Em poucos minutos, todos nós estávamos acomodados no pequeno barco, com nossas mochilas nas costas, mais do que preparados para a nova vida nas ilhas.

Quanto mais perto chegávamos, mais eu me admirava com a beleza do lugar. A praia tinha alguns metros de areia antes da parede de coqueiros que se estendia por

todo o litoral. Atrás dela havia mais árvores, e estas se misturavam com pequenas casas de madeira.

Nós remamos rapidamente até o raso, movidos por nossa ansiedade de chegar o quanto antes. E apesar de ver uma pequena vila, quase camuflada por entre as árvores, não víamos nenhum ser vivo no local.

— Não tem ninguém aqui. — Victoria falou.

— Será que isso é normal? — Luke perguntou, descendo do barco com James e cravando-o na areia.

— Vamos dar uma volta. — Falei, enquanto descíamos do barco. — Eles podem estar mais para dentro.

Então, começamos a adentrar a floresta, não ouvíamos nenhum barulho, nem víamos ninguém por lá. E aquela antiga sensação de que as coisas poderiam dar errado voltava. Tinha algo estranho por ali e eu não sabia se queria ficar lá para descobrir.

— Acho melhor a gente voltar para o barco. —
Vanessa comentou, ela andava com a ajuda do Mitt.

Eu estava prestes a concordar com ela, quando senti algo passar a centímetros do meu rosto. Olhei para o chão: era uma flecha.

— Corram! De volta para o barco! — Gritei e nós começamos a correr.

Mas não tínhamos mais tempo, estávamos cercados. Flechas vinham de todos os lados e homens com roupas camufladas apareciam à nossa volta, saindo de cima das copas das árvores e de trás delas, paramos. Eles então vieram para cima de nós com brutalidade, nos amarrando uns aos outros pelas mãos e nos forçando a andar, ainda mais para dentro da floresta.

Eu olhei para o James, que estava atrás de mim. Ele parecia confuso, assim como os outros. Eu sabia que sermos aceitos aqui era algo que poderia não acontecer,

sabia disso desde antes de sairmos do buraco. Fomos idiotas de um dia acreditar que tudo ficaria bem e que finalmente teríamos um lar. Eu não conseguia parar de pensar no meu pai, ele tinha feito com que acreditássemos numa mentira. E agora, ninguém mais poderia nos salvar. Estávamos caminhando direto para a nossa morte e não tínhamos como fazer nada para mudar isso.

Então naquele momento, eu pensei na Liz e no Alex. Depois de tudo que tínhamos passado, morrer daquele jeito não era aceitável. Independente do que acontecesse, nós iríamos continuar lutando.

FIM

AGRADECIMENTOS

Este capítulo final significa muito pra mim, porque assim como eles, eu também cheguei às Ilhas. E como a Lexi, também nunca pensei que chegaria. Não achei que conseguiria terminar esse livro.

Para falar a verdade, perdi as contas de quantas vezes desisti e depois recomecei. Foram mais de dois anos cheios de inseguranças e medos para terminar o livro, e eu nunca vou deixar de dar valor a essa jornada e quem caminhou comigo nela.

Obrigada Cintia Lima, minha única e melhor beta. Obrigada Mirian Montenegro, minha irmã cheia de ideias brilhantes e grande incentivadora. Obrigada Ana Luzia Montenegro, por todo o incentivo. E obrigada aos meus pais, por tudo, não sei o que seria de mim sem vocês na

minha vida.

Eu amo vocês!

BIOGRAFIA

Lila Montenegro nasceu na Bahia, em 1996. Ela tem vinte e um anos, e *Depois do Fim do Mundo* é o seu primeiro livro. Atualmente, está cursando ciências da computação na UFBA (Universidade Federal da Bahia) e pretende escrever mais livros no futuro.

Depois do Fim do Mundo é o primeiro livro da trilogia *Novo Mundo*.